

Da autora best-seller de
A DISTÂNCIA ENTRE NÓS

THRITY UMRIGAR

A DOÇURA DO MUNDO



ROMANCE

GOBOLIVROS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

THRITY UMRIGAR

A DOÇURA DO MUNDO

TRADUÇÃO: FABIENNE WYLER DAS MERCÊS

GOBOLIVROS

copyright © 2007 by Thrity Umrigar
Copyright da tradução © 2014 by Editora Globo S.A.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

Título original: If Today Be Sweet

Editor responsável: Eugenia Ribas-Vieira

Editor assistente: Sarah Czapski Simoni

Editor digital: Erick Santos Cardoso

Preparação: Jane Pessoa

Revisão: Laila Guilherme e A Florista Editorial

Paginação: Marco Souza

Capa: Marianne Lépine

Foto de capa: Natalia Klenova / Deposit Photos / Glow Images

1ª edição, 2015

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

U43d

Umrigar, Thrity

A doçura do mundo / Thrity Umrigar ; tradução Fabienne Wyler das Mercês. - 1.ed. São Paulo : Globo Livros, 2015.

Tradução de: If Today Be Sweet

ISBN 978-85-250-6081-5

1. Romance indiano (inglês). I. Mercês, Fabienne Wyler das. II. Título.

14-17727 CDD: 828.99353

CDU: 821.111(540)-3

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos por Editora Globo S.A.

Av. Jaguaré, 1485 — 05346-902 — São Paulo — SP

www.globolivros.com.br

Sumário

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[Prólogo](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

Este pertence a Eust e Homai

*Ah, enche a Taça: — de que vale repetir
Que célere passa o Tempo sob os nossos Pés?
Não nascidos no Amanhã e falecidos no Ontem,
Por que nos afligirmos com eles, se Hoje pode ser Doce?*

OMAR KHAYYAM

PRÓLOGO

NÃO ESTOU MAIS AQUI. Está acontecendo. Ela já não percebe minha presença na sala, não sente o beijo de despedida que lhe dou na testa. É assim que deve ser. E eu não fico triste nem me sinto diminuído por isso. Me sinto até orgulhoso. Fiz a minha parte. Afinal, foi o meu empurrão, a minha alfinetada, que a fez sair de cima do muro. Todos esses meses de agitação e desgaste, de tormento e preocupação, fazem parte do passado. Posso ver em seu rosto o alívio da decisão. Transparece em seu andar, em sua postura, no ângulo de sua cabeça. Repito: ela é a mulher que eu amei, a mulher com quem me casei. Ela sempre passou uma imagem de fragilidade, e Deus sabe que ela é arisca como um pardal, mas lá dentro, no fundo, é dura de roer. E foi isso que me fez amá-la — a sua força, a bússola interna que a guia em meio a tantas tempestades. Afinal de contas, ela tomou conta de minha velha e rabugenta mãe até o dia de sua morte, não foi? E se ela pôde sobreviver à convivência com mamãe, pode sobreviver a qualquer coisa. Isso foi o que fiquei dizendo a mim mesmo durante os terríveis primeiros meses. Que a minha mulher era uma sobrevivente. E que ela acharia seu caminho no mundo sem a minha ajuda.

Ainda assim não posso negar: é bom estar aqui. Tenho saudades de todos — de minha querida mulher, de meu filho, de minha nora e de meu precioso neto. Até mesmo de outros aqui reunidos para celebrar o Ano-Novo. Se conseguisse descobrir como fazer, eu pediria para um deles me servir uma dose pura de uísque. E colocar na minha boca um desses kebabs feitos por minha mulher. Mas este não é meu lugar. Não pertencço mais a este lugar. Não cabe a mim receber o Ano-Novo nem festejá-lo. E quando a solidão se torna insuportável, olho para o rosto do meu filho. Para seus olhos. Eles vagueiam pela sala. Mesmo enquanto leva um kebab de carneiro à boca, mesmo enquanto bebe seu vinho, sussurra ao ouvido de sua mulher e bate nas costas de seu melhor amigo, enquanto faz todas essas coisas, seus olhos vagueiam pela sala. Ele está me procurando. Ele sente a minha falta. Tenho que desviar o olhar do sofrimento que vejo naquele rosto amado. Eu gostaria de correr meus dedos por aquele rosto mais uma vez. O que há com esses humanos — e aqui

me pergunto: eu ainda sou humano? — que injetam essa tristeza duradoura na mais alegre das ocasiões? E assim, apesar de minhas melhores intenções, descubro-me interferindo uma vez mais. Devagar e suavemente, giro o queixo do meu filho até que seus olhos repousem sobre seu próprio filho. Meu neto. Com sete anos, é lindo como o próprio mundo. Vejo a névoa da tristeza e da falta de compreensão deixar os olhos do meu filho. Eles tornam-se claros e focados novamente ao se fixar em sua criação. E ele vê o que eu vejo — vê alguns traços de semelhança entre mim e seu filho. Apesar de eu ser — ter sido — um filho da puta feio e cheio de rugas, ele vê alguma coisa minha no rosto liso e sem marcas do filho. Eu também vejo isso. Não apenas isso, vejo a cara de meu pai — o nariz pontudo, os olhos alertas — no rosto do garoto. Vê se pode? Meu velho pai, de Udwada, morto há vinte anos, brincando de esconde-esconde por trás do rosto do menino de pele clara e cabelo cor de areia da América. E aí tenho que imaginar — quão morto eu realmente posso estar enquanto meu filho e o meu neto existirem? Gostaria de ter pensado nisso hoje cedo e ter dito à minha mulher. Eu a teria animado, teria lhe dado algo a que se agarrar.

Mas isso é só vaidade. Pensamentos sem nexos de um homem morto com autocomiseração. O fato é que a minha amada não precisa que ninguém lhe mostre esses detalhes. Ela é a arquiteta de sua própria vida. Daqui a uma hora, ela chegará para meu — nosso, seu — filho e lhe comunicará sua decisão. Ele ficará surpreso, talvez até chocado, mas a aceitará. E logo ele terá orgulho dela, orgulho de sua independência, de sua determinação, do seu mais puro instinto de sobrevivência. Ele aprenderá, como eu, a enxergar além de seu diminuto corpo de cinquenta e dois quilos, e a perceber sua vontade de ferro, sua bússola moral e seu coração pulsante e forte de um gigante.

Eu sou — fui — Rustom Sethna e fui casado com uma mulher que era uma tola. Uma mulher que me adorava, que dependia tanto da minha força que acabou se esquecendo de medir o próprio valor, que nunca soube que carregava o mundo, o meu mundo, na palma de sua mão.

Mas esta não é a minha história. A minha já terminou. Esta agora é a história dela. É ela que a levará adiante, a levará para o novo ano.

Eu fiz a minha parte para dar forma à sua história. E disso estou orgulhoso. Mas foi ela quem criou o capítulo final, e não houve nenhum ghost-writer — desculpe o trocadilho, mas sou um cavalheiro parse, e trocadilhos infames são como leite materno para nós — para ajudá-la nisso.

Sim, houve um tempo em que a minha amada ficou irresoluta, incapaz de se decidir, e, sim, eu fiquei impaciente e dei um empurrão bem forte para ela descer do muro. Mas a queda livre, o salto no escuro, o belo voo para seu novo futuro, ora, isso tudo foi coisa dela.

TEHMINA “TAMMY” SETHNA sentou-se numa espreguiçadeira ao lado da nora, Susan, e se aqueceu ao calor do sol que trouxera consigo de Bombaim.

Era uma semana antes do Natal, e Ohio desfrutava de um veranico. As duas mulheres sentaram num silêncio cúmplice no gramado da frente, Tehmina usando um suéter azul-marinho por cima de seu *sabwar kameez* estampado em batique. Seu cabelo grisalho estava preso com dois grampos de tal forma que a brisa leve e preguiçosa que corria os dedos pela relva não podia despenteá-los. Não havia vestígios de neve em lugar nenhum.

— Vinte e um graus — disse Susan pela quinta vez. — Dezembro em Cleveland, e está fazendo vinte e um graus. É brincadeira... inacreditável.

Tehmina sorria, radiante.

— Não lhe falei? — Ela perguntou.

Susan olhou para a sogra por cima dos óculos escuros.

— Bem, você me convenceu — ela disse, descontraída. — Importou todo esse sol da Índia. Mas, mãe, se continuar assim, nós não vamos deixá-la voltar para lá. O prefeito de Rosemont Heights vai criar uma lei ou algo assim proibindo-a de partir.

Alguma coisa dentro de Tehmina se derreteu, tornando-se mel, com as palavras de Susan. Ela olhou para a mulher mais nova à sua esquerda. Os raios de sol haviam massageado e levantado a boca de Susan, geralmente curvada para baixo, em um sorriso. As mãos de Susan — Tehmina ainda se lembrava da primeira vez em que viu aquelas mãos e como havia se maravilhado de ver como as mãos das americanas eram grandes, masculinas e brutas — descansavam junto ao corpo, abertas, frouxas, relaxadas. O olhar perturbado que ela exibia quase o tempo todo e que fazia Tehmina ficar nervosa e sobressaltada perto de Susan, esse olhar tinha sido substituído por felicidade e contentamento.

Tehmina lembrou-se de como Susan se comportara durante as suas visitas anteriores aos Estados Unidos — relaxada, cheia de graça, feliz. Algo estava diferente dessa vez, estava faltando alguma coisa, e Tehmina sabia

exatamente o que — quem — estava faltando. Seu querido e saudoso Rustom não estava com ela dessa vez. Rustom com seu sorriso largo e sua confiança sem limite; Rustom, que podia pisar em qualquer lugar — num novo restaurante, num novo apartamento ou até mesmo num novo país — e fazer com que ele e as pessoas à sua volta se sentissem imediatamente em casa. Rustom, que conseguia fazer sua branca e loura nora dar risadinhas e corar como se fosse uma adolescente novamente. Rustom, que fazia seu filho sério e severo, Sorab, se orgulhar de seu velho pai.

Tehmina puxou o lábio inferior com o polegar e o indicador. Diferente de mim, ela pensou. Minha presença agora se impõe a Susan e a Sorab. Não como antigamente. Tantas vezes Rustom e ela haviam visitado as crianças nos Estados Unidos, e sempre tinha sido bom.

A luz mudou nas árvores do outro lado da rua e fez Tehmina se lembrar de algo. Um incidente no ano anterior.

— Você sabe o que estamos fazendo? — Rustom tinha berrado para todos de dentro da piscina do hotel em San Diego. — Estamos fabricando lembranças para o futuro. Alguma coisa feliz para vocês se lembrarem, quando nós, os velhos, não estivermos mais aqui.

Sorab imediatamente passou o braço no pescoço do pai. Os dois estavam de pé, com água até o joelho, enquanto Tehmina e Susan estavam na borda, em espreguiçadeiras. O pequeno Cavas, a quem todos chamavam de Cookie, estava tirando uma soneca perto de Susan. Tehmina olhou para a água azul e para o marido e o filho. A água cintilando em seu rosto e peito cor de oliva. Ela reparou sem querer que o abdômen de Rustom era mais firme que o do filho. Sorab está comendo carne de porco há muito tempo, pensou. Preciso lembrá-lo outra vez sobre seu colesterol.

— Do que você está falando, de quando não estiverem mais aqui? — Sorab perguntou, apertando o braço e puxando a cabeça de Rustom para o seu ombro. — Do jeito que você está indo, papai, vai sobreviver a todos nós.

Rustom se sacudiu para se soltar do abraço do filho.

— Quando chega a sua hora, é a sua hora — ele sorriu. — Move-se a mão que escreve e, tendo escrito, segue adiante — ele concluiu, nadando para

longe de Sorab.

Sorab grunhiu.

— Você e o seu Omar Khayyām — disse e, virando-se para Susan: — Eu posso jurar que meu pai tem um poema de Omar Khayyām para cada situação.

Tehmina agora se mexe na cadeira para olhar para nora.

— Você se lembra de nossa viagem à Califórnia no ano passado? — ela perguntou. — Você se lembra do que meu marido falou na piscina? Sobre a mão que escreve e, tendo escrito, segue adiante? Você acha que ele teve um pressentimento ou uma premonição de sua morte?

Susan olhava para o vazio. Mesmo por trás dos seus óculos escuros, Tehmina podia sentir que a nora ficara tensa. Um silêncio gelado caiu entre elas. Quando Susan falou, sua voz estava embargada:

— Mãe, você lembra o que Sorab lhe disse? Sobre você não ficar pensando no passado? De que serve ficar pensando nas coisas tristes se isso apenas a deprime?

Tehmina ia começar a responder. Ela queria dizer: Quando você tiver conhecido e amado Sorab pelo tempo que amei meu marido, então você saberá o que é ter falta de alguém a ponto de sentir que seus próprios órgãos a estão traíndo. Seu coração, sua pele, seu cérebro, todos se transformam em traidores. Todas as coisas que achava que lhe pertenciam, você descobre que partilhava com outra pessoa. Como explicar para você, Susan, o que a morte de um marido significa? É um choque tão intenso quanto experimentar o primeiro inverno em Ohio, com aquele vento cruel estapeando o seu rosto dormente de frio.

Ela também queria dizer: É isso que está errado em vocês, americanos, *deekra*, vocês pensam em demasia no riso e na brincadeira, como se a vida fosse um filme de Walt Disney. Algo inventado por uma criança. Enquanto, na Índia, a vida é um melodrama de Bollywood — cheio de perdas e tristezas. E assim todos preferem Disney a Bollywood. Até o meu Sorab foi seduzido por sua vida *à la* Disney, por toda essa busca de felicidade, busca de dinheiro, busca disso e daquilo. Mas este ano eu aprendi uma nova lição. Talvez o jeito da Índia seja, afinal, o melhor. Veja quanto dinheiro vocês gastam em

psicólogos e terapias de apoio e tudo o mais? Até o meu próprio filho fica me dizendo para tomar aquele comprimido — como se chama? — Prosaico ou algo do gênero. Isso porque os seus períodos de luto não duram o tempo necessário. Por que conversar com um terapeuta, a quem você tem que pagar para ouvi-la, quando você pode falar com um avô ou uma tia ou um tio? Ter que pagar a alguém para ouvi-la é um pouco como visitar uma prostituta, não é?

No silêncio frágil, Susan riu, um som tão tenso que ricocheteou como uma tira de elástico.

— Vamos lá, mãe, anime-se. É um dia lindo demais para desperdiçar com tristeza.

Tehmina sentiu seu rosto crispar de raiva. Para disfarçar, ela deu um bocejo forçado.

— Você está certa. Mas todo esse sol está me deixando sonolenta. Acho que vou entrar por alguns minutos.

— Mãe — a mão vermelha de Susan tocou a de Tehmina —, sinto muito. Sou uma idiota. Desculpe. Sei que a morte de papai é difícil para você. É só que... bem, é difícil para o Sorab também. E ver você para baixo faz com que ele se sinta tão triste que, bem, me deixa chateada.

Tehmina pegou a mão de Susan entre as suas e as encostou no seu rosto.

— Eu sei, minha querida. Eu sei. E prometo tentar com mais afinco. É que o meu Rustom era como uma viga mestra para mim, e eu sinto como se algo dentro de mim tivesse ruído neste último ano.

As duas mulheres se encararam, ambas segurando as lágrimas. O céu da tarde de repente ficou frio e invernal, e Tehmina se arrepiou. Reparando nisso, Susan saiu da espreguiçadeira.

— Você está com frio — ela disse. — Escute, por que não vai para dentro um pouco? Eu esperarei o Cookie chegar no ônibus escolar. E aí podemos tomar chá de hortelã com biscoitinhos. Afinal de contas, não é sempre que posso estar em casa no último dia de aula do meu filho.

O rosto de Tehmina se iluminou diante da ideia de que o neto em breve chegaria em casa. Ela relaxou o corpo na espreguiçadeira verde e branca.

— Que bom que fizemos todas as compras esta manhã — ela disse. — O pequenino vai gostar de encontrá-la em casa, em vez de deparar apenas com sua velha avó.

As duas tinham passado a manhã no shopping. Susan havia tirado o dia de folga para fazer algumas compras de Natal.

— É tão bom estar em casa no meio da semana. Parece que nunca há tempo para fazer tudo o que...

A batida da porta de um carro e o ruído dos freios do vizinho abafaram o resto das palavras de Susan. Tara Jones deu ré com seu carro na garagem ao lado e saiu para a rua. A sua janela estava baixada, e, de onde estavam, as duas mulheres podiam ver as manchas vermelhas na pele de Tara e os seus cabelos castanhos, desgrenhados como sempre.

Susan estremeceu.

— Essa mulher — ela resmungou enquanto Tara acelerava e arrancava sem sequer acenar. — Eu mal posso esperar que o Antonio venda a casa na primavera, assim ela terá que se mudar. Deus sabe que ela está aqui faz poucos meses, mas parece que estamos aguentando sua música alta e seus gritos com as crianças há anos.

— A música, eu posso tolerar — Tehmina replica, pensando na música bombardeando os alto-falantes nas ruas de Bombaim a cada festival hindu. — O que não posso aguentar é quanto ela é má com as crianças. Aqueles garotos tão doces... Eu gostaria que Antonio fizesse algo a esse respeito.

Susan bufou.

— Antonio. Não vamos falar no Antonio. Desde que ele e Marita se mudaram para o campo, ele age como se não tivesse nada a ver com essa casa. Como se ela não estivesse mais em seu nome. Como se a Tara fosse uma completa estranha que tivesse invadido a sua casa, e não a meia-irmã de Marita. Ele age como se não tivesse nenhum controle da situação.

Tehmina estava em casa no dia em que Antonio, um homem na casa dos setenta, bem sociável e simpático, apareceu para falar com Sorab. Por anos Antonio foi dono de um restaurante italiano na vizinhança, do qual os Sethna eram clientes assíduos, devido ao número reduzido de restaurantes familiares

em Rosemont Heights, uma cidade dominada por cadeias de restaurantes, como Applebee's e Cracker Barrel. Aliás, foi durante uma refeição lá que ele mencionou de passagem que estava procurando uma nova casa e Antonio havia sugerido que dessem uma olhada na casa vizinha à sua, em Evergreen Estates.

Quando Tehmina trouxe para a sala uma bandeja com chá e biscoitos, os dois homens estavam sentados um diante do outro, com os joelhos quase colados. Sorab tinha o semblante sofrido, que sempre exibia quando tinha que abordar algum assunto mais difícil.

— Então, como é a casa nova, Tony? — Sorab começou.

— Fantástica, fantástica. — Antonio respondeu, se recostando na cadeira. — Tem vinte metros quadrados de terra em torno da casa, e se veem cervos toda manhã. A minha mulher adorou. — Ele aceitou a xícara de chá de Tehmina com um sorriso. — Vocês precisam vir nos visitar logo — ele disse. — Especialmente enquanto Tammy ainda está na cidade. Também será bom para o jovem Cookie poder correr à vontade. Gastar um pouco daquela energia, hein?

— Adorariamos — Tehmina disse graciosamente, entregando a Antonio a sua xícara de chá.

Sorab pigarreou.

— Hum, então quando você vai pôr a casa à venda, Tony? — ele perguntou. — Não é bom deixar a casa vazia durante o inverno.

— Isso mesmo. E por isso eu concordei em deixar a meia-irmã de Marita se mudar para lá por alguns meses, o suficiente, espero, para que ela possa se recuperar. Desde que foi despejada de sua última casa, ela e aqueles garotos não têm para onde ir. Não é bom uma mulher jovem e duas crianças pequenas ficarem sozinhas no mundo. Parece que havia um namorado, mas nem me pergunte. — Antonio revirou os olhos. — Com os jovens, quem pode dizer? Como eles dizem? Vem fácil, vai fácil.

Sorab olhou de relance para a mãe.

— É, sei. É só que... eles não são exatamente como o resto da vizinhança, você sabe do que estou falando, Tony?

Antonio fitou Sorab por um segundo e então deu uma gargalhada. Mãe e filho se entreolharam confusos, enquanto Antonio riu e riu até os olhos se encherem de água.

— Qual é a graça? — Sorab começou a perguntar, mas Antonio apenas sacudiu a cabeça sem conseguir parar de rir.

— Não são exatamente como o resto... desculpe, desculpe — Antonio, finalmente disse, secando as lágrimas dos olhos. — É só que... Deus, homem, que diplomata você daria, Sorab. — Ele se inclinou na direção de Sorab, apoiando a mão no joelho. — Você me conhece, não é? Tolerância zero para bobagem. Então vou lhe contar a verdade. Ouça, você e eu sabemos exatamente o que essa mulher é. Tem uma expressão para isso... sem classe.

Vendo Tehmina recuar, ele acenou respeitosamente para ela.

— Desculpe-me, Tammy, querida. Mas estou falando aqui de homem para homem com o Sorab.

Ele fixou seus olhos cinzentos novamente no rosto encabulado de Sorab.

— Então o negócio é o seguinte: eu prometi a Marita que deixaria sua irmã parasita viver aqui até vender a casa, para ajudá-la a se pôr de pé novamente. Como você sabe, mudar para o campo foi ideia minha. Marita não queria deixar a vizinhança. Bem feito por ter me casado com uma mulher quase quinze anos mais nova do que eu. De qualquer maneira, ela tinha certeza de que ficaria muito entediada no campo. Disse que só mudaria com uma condição. Então eu deixei a Tara ficar aqui, apenas para fazer minha mulher feliz. Um acordo, pode-se dizer.

— Mas, Antonio — Sorab interrompeu. — Tara pode ser bem difícil. Ouvir rap *alto* noite adentro. E, meu Deus, o jeito como ela grita com as crianças... — Ele estremeceu.

— Pirralhos mimados, é o que são. — Antonio anuiu, como se concordasse. — E vocês têm a minha autorização para mandá-la baixar o volume da música. — E aí a linha do seu lábio sempre sorridente ficou tensa. — Sinto muito, Sorab. Mas tenho que pensar na harmonia da minha casa. De qualquer maneira não posso pôr na rua uma mãe solteira e suas crianças,

posso? Além disso, olhe, isso é só por alguns meses. Com sorte, posso me livrar dessa casa assim que o tempo melhorar.

Agora Tehmina imaginava quanto dessa conversa com Antonio teria Sorab repetido a Susan.

— Antonio disse que venderia a casa na primavera — Tehmina disse com cautela.

— Bom, mal posso esperar a primavera chegar — Susan retrucou. — E depois, olhando o milagroso céu azul de dezembro, sorriu. — Mal posso esperar a primavera chegar — ela repetiu. — Apesar de hoje estar parecendo que já chegou.

Tehmina carregou consigo a lembrança daquele sorriso enquanto entrava em casa e tirava duas fatias de *daar-ni-pori* da geladeira, colocando-as no forno para esquentar. E ela pensou: Graças a Deus Susan tinha um fraco por doces, tal como a família do homem com a qual se casou. Eles tomariam o chá com a torta aquecida.

Quando Cookie invadiu a cozinha quinze minutos depois, pareceu a Tehmina que o dia tinha ficado ainda mais radiante.

— Mamãe está em casa, mamãe está em casa, mamãe está em casa! — o menino gritava. — E a vovó também — ele acrescentou, ao se atirar contra a barriga de Tehmina para o seu abraço da tarde. — Eeeeeê. Vamos ligar para o papai e pedir para ele vir pra casa também.

Tehmina sentiu uma rajada de amor tão forte que, por um minuto, achou que alguma janela estava aberta. Que garoto bom, ela pensou, afetuoso e feliz como um cachorrinho.

— Você dá o melhor abraço do mundo — ela sussurrou enquanto beijava os cabelos de Cavas.

Em retribuição o menino a apertou ainda mais, até Tehmina fazer de conta que ficou sem ar.

— Onde está sua mamãe? — ela perguntou, e em seguida disse: — Sobe, troca suas roupas e volta direto pra cá, tá?

— Tá — Cavas concordou. — Espere por mim bem aqui.

Tehmina saiu da cozinha para procurar Susan. Ela franziu o cenho. A porta da frente ainda estava aberta.

Ela achou Susan na rua com os dois garotos Jones.

Susan se virou e veio em sua direção antes que ela pudesse cumprimentar Jerome e Joshua.

— Isso é inacreditável — ela disse a Tehmina, como se os garotos não estivessem ali. — Parece que a mãe deles não está em casa e os dois estão trancados do lado de fora. Estamos na esperança de que ela volte logo.

Tehmina olhou os garotos de relance. Jerome tem sete anos, a mesma idade de Cavas, enquanto Joshua tem cinco. Os dois garotos têm rosto de passarinho, com olhos castanhos e nariz afilado. Nesse exato instante, o nariz de ambos escorre, e Josh tenta se livrar da meleca fungando e passando as costas da mão. Os rostos brancos dos garotos têm listras escuras, como se tivessem passado a tarde limpando chaminés. Olhando para seu pescoço, Tehmina vê linhas negras, e seus dedos coçam de vontade de pôr os dois em água quente e esfregar o cascão de seu pescoço.

Engraçado, Tehmina pensa, como as crianças brancas pobres sempre parecem mais sujas do que as crianças pobres da Índia. Ou a sujeira não aparece tanto sobre a pele oliva ou o que ela sempre ouviu dizer, de que a limpeza é quase sagrada na cultura hindu, era verdade. Ela lembrou que, quando passava de carro pelas favelas de Bombaim, via muitas vezes grupos de faveladas voltando para casa carregando na cabeça grandes potes de cobre com água. Desse mesmo pote, elas provavelmente cozinhavam, lavavam seus pratos e davam banho em suas crianças. Então como é que aqui nos Estados Unidos, onde todo mundo tem água corrente e tudo o mais, ainda existem crianças com a aparência de Jerome e Joshua?

A indignação de Tehmina se transformou em pena.

— Estou fazendo um lanche para o Cavas — ela disse a Susan. — Talvez esses meninos também estejam com fome.

Susan lançou um olhar de incredulidade para a sogra. Como você pode fazer isso comigo?, o olhar parecia dizer, mas Tehmina desviou os olhos. Nesse instante, Josh se pronunciou.

— Estou tão faminto que poderia comer uma casa — ele disse em voz alta.

Jerome dá um tapa no ombro do irmão.

— Não, você não está — ele disse. — E, além disso, mamãe estará em casa logo. — E, como para convencer as duas adultas que os estavam observando, Jerome acrescentou: — Joshy está sempre faminto. Minha mãe diz que ele deve ter lombriga ou algo do gênero.

Dessa vez Tehmina olhou direto para a nora, esperando silenciosamente que ela faça a coisa certa. Susan olhou de volta para a sogra e baixou os olhos.

— Vamos fazer o seguinte — ela disse aos dois garotos. — Por que vocês não entram e tomam um chocolate quente enquanto esperamos por sua mamãe? O que você acha, Jerome?

Todos aguardaram em silêncio, enquanto Jerome olhou para Susan tentando se decidir por um instante.

— Você é bonita — ele disse de supetão, como se essa tivesse sido a pergunta dirigida a ele. — Certo, vamos nessa.

— Muito obrigada, mãe — Susan murmurou enquanto os garotos disparavam na frente delas.

Mas Tehmina podia ouvir o sorriso em sua voz. Eu preciso me lembrar disso da próxima vez que Susan se irritar comigo, disse Tehmina para si mesma. Quando confrontada com uma pergunta, responda com um elogio.

Os garotos sentaram nas banquetas altas da bancada da cozinha, esperando pelo chocolate quente.

— Eu gosto dos quadrinhos bonitos que você tem nas paredes — Josh declarou. — Nós não temos quadros em casa.

Jerome desmentiu o irmão.

— Temos, sim — disse ele. — Vou contar pra mamãe que você falou uma grande mentira. Você tem uma imagem de Jesus no jardim do Éden bem em cima da sua cama.

— Aquela não conta — Josh retrucou. — Eu quis dizer quadros de lagos e pássaros e flores e coisas assim.

Nesse momento Cavas entrou na cozinha, usando um jeans azul e segurando com força seu livro do Calvin e Haroldo.

— Oi, Jerome. Oi, Joshy — ele os cumprimentou, como se achar os dois garotos na sua casa fosse a coisa mais natural do mundo.

— Venha se sentar, Cavas — Tehmina disse, apontando para as banquetas altas da bancada da cozinha. — Seu chocolate quente estará pronto em um minuto.

Os dois garotos riram e se cutucaram nas costelas.

— Caaaavas — Jerome repetiu. — Ela te chamou de Caaaavas.

— Vovó — Cavas disse entre dentes, seus olhos se enchendo de lágrimas de vergonha. — Pare com isso, por favor! — Ele virou-se para as visitas. — Meu nome de verdade é Cookie.

Os dois garotos riram ainda mais.

— Se você é um Cookie, eu vou comer você — disse John, avançando contra Cavas.

— Que tipo de cookie é você? — Jerome perguntou. — De chocolate? Açucarado?

Josh lambeu os lábios.

— *Adoro* cookie açúcarado — ele disse. — Nham, nham, nham.

— Chega, meninos! — A voz de Susan os interrompeu como um chicote. — Esse é apenas o apelido de Cavas, vocês entendem? Sabe, como quando sua mamãe chama você de docinho ou de fofura.

— Minha mamãe diz que meu apelido é Confusão — disse Josh, todo orgulhoso.

De repente, Tehmina sentiu algo fino e metálico e pontudo perfurar seu coração. *Confusão*. Que tipo de mãe chama o filho de Confusão? Ela vai até a geladeira e tira dois empanados de carne de carneiro que sobraram do jantar do dia anterior. Sorab havia pedido que guardasse os empanados para ele comer esta noite de novo, mas ela sabia que o filho iria entender. Ignorando o olhar inquisidor de Susan, ela esquentou os empanados no micro-ondas e os colocou sobre dois dos *chappatis* que ela havia assado esta manhã.

— Aqui — ela disse. — Comam.

Jerome olhou para o empanado no prato diante dele e fez uma careta.

— Eca — ele disse. — O que é *isso*?

— É um empanado de carneiro. É bom. Você vai gostar. Experimente.

— Carneiro? O que é *isso*? E o que é um *empanado*?

— É um hambúrguer — explicou Susan. — Dá uma mordida. Se você não gostar, não precisa comer.

Ela sacode a cabeça de leve, de maneira que apenas Tehmina percebe o movimento.

— Eu adoro os hambúrgueres do McDonald's — disse Josh. — Quando eu for mais velho, vou trabalhar no McDonald's e comer três Big Macs todos os dias.

— Dá uma mordida, *beta* — Tehmina, adulando-o, enrolou o empanado no *chappati* e o levou à boca de Josh. Esse menino estava cortando seu coração cada vez que abria a boca.

Ele deu uma dentada no sanduíche.

— É gostoso — ele disse, e deu uma segunda mordida antes mesmo de engolir a primeira.

— Devagar, mais devagar — disse Susan. — Não quero ninguém passando mal na minha cozinha.

Por alguma razão os três garotos acharam isso muito engraçado: “Ninguém passando mal na minha cozinha”. Enquanto devorava o sanduíche, Jerome disse:

— Eu não quero passar mal na sua cozinha.

Tehmina se encostou na geladeira, sorrindo para os garotos. Nada lhe dava tanto prazer quanto alimentar pessoas. Era como se, alimentando as pessoas, ela saciasse sua própria fome. Rustom sempre dizia: “Você não pode recusar jamais a um ser humano duas coisas: comida e educação”. Como sempre, o seu querido Rustom estava certo sobre isso também. Tehmina suspirou.

Ouvindo seu suspirar, Cavas virou-se para a avó.

— Vovó — ele perguntou —, onde está o seu chá?

Tehmina deu um risinho.

— Ah, meu Deus — ela respondeu. — Com todo esse corre-corre esqueci de fazer o chá.

— Corre-corre — Jerome repetiu, rindo para si mesmo. — Corre-corre, reco-reco, puxa-puxa.

Cavas balançou a cabeça para Jerome.

— Você é bobo — declarou. Virou-se para Tehmina. — Vovó — ele chamou —, quero que você beba seu chá na caneca que lhe dei de aniversário.

Tehmina e Susan trocaram olhares divertidos. Esse era o jeito de Cavas pedir desculpas à avó por sua explosão mais cedo. O coração de Tehmina palpitou de orgulho e prazer. Ela queria correr para Cookie e lhe beijar os cabelos, mas não sabia se isso o envergonharia ainda mais diante de seus amigos. Em vez disso, Tehmina se contentou em pegar a caneca de café onde se lia VOVÓ Nº 1.

Ela e Susan mal tinham sentado para tomar o chá quando se ouviu o inconfundível ronco do carro de Tara. Tehmina viu os olhos de Susan se estreitar.

— Bom, parece que sua mãe chegou — ela disse aos garotos.

— Eu não quero ir pra casa — Josh disse. — Quero ficar aqui.

Tehmina queria abrir suas entranhas, esconder Josh ali e mantê-lo quente e seguro para sempre. Nunca mais alguém o chamaria de Confusão. Nunca mais Tara gritaria ou berraria com aquela criança. Mas Susan tinha outros planos.

— Nada feito, soldado — ela disse, ficando de pé. — Sua mãe vai ficar preocupada quando notar que você não está no jardim. Vamos, eu o levo até lá.

— Eu vou junto — disse Tehmina.

Ela nunca tinha dado uma boa olhada na vizinha, nunca havia notado nada além da pele manchada e dos cabelos desgrenhados. Agora ela queria olhar fundo nos olhos da mulher que recebera duas dádivas de Deus e se referia a elas como Confusão. Queria saber o que acharia nos olhos dessa mulher.

— Aí estão vocês! — Tara gritou ao avistá-los atravessando o gramado em direção à entrada da garagem. Ela deu um tapa de leve na cabeça de Jerome quando ele se aproximou. — Seu moleque! — ela disse. — Eu saio por dois minutos e você se mete Deus sabe em que travessura. Quantas vezes já lhe disse para não entrar na casa dos outros?

Susan começou a falar:

— Sendo justa com o Jerome, ele não aceitou o convite de pronto. Só aceitou quando insistimos que ele não esperasse você aqui fora. Afinal, mesmo um dia ensolarado como este ficaria frio para uma criança.

Tara estava vidrada em algum ponto atrás do ombro de Susan.

— Eu não estive fora tanto tempo — ela murmurou. Apontou o carro com a cabeça. — Com essa lata-velha, eles sabem que não vou muito longe.

— Para ser precisa, as crianças ficaram em nossa casa, provavelmente, por mais de meia hora — Susan disse, sem alterar-se. — Isso é muito tempo para deixar duas crianças pequenas sozinhas.

Tara estreitou os olhos.

— Olhe aqui, dona, não preciso de ninguém controlando as minhas idas e vindas. Agradeço e tudo o mais, mas, da próxima vez, deixe os meus filhos esperar...

Os lábios de Susan quase desapareceram, e sua voz era calma e firme.

— Espero que não haja uma próxima vez, Tara — ela disse. — A verdade é que é contra a lei...

Tara rosnou.

— Ei, eu sei muito bem o que a lei diz. Não preciso de ninguém me dizendo o que ela diz. Vivi a minha vida toda neste país, e pode ter certeza de que sei o que significa e...

Tehmina sentiu Susan ficar tensa ao seu lado.

— O que você quer dizer com isso? — ela perguntou, e sua voz era tão fria quanto a geada de dezembro. — O que morar ou não neste país a vida inteira tem a ver com seguir a lei?

— Ei, ei, fique fria, dona. Eu não quis dizer nada com isso. Quero dizer, nem tinha pensado que você é casada com um estrangeiro... isso é problema

seu, não meu. — Ela olhou para Tehmina e sacudiu a cabeça. — Eu não tenho nada contra indianos, chineses ou negros. Eu... eu apenas não gosto de levar esporro, só isso.

Ao lado da mãe, Josh começou a choramingar.

— Mamãe, tô com frio — ele fungou. — Vamos, mãezinha, vamos entrar.

Susan deu meia-volta, pegou Tehmina pelo cotovelo e Cavas pela mão.

— Sim, está na hora de entrarmos. Já perdemos tempo demais da nossa tarde com tudo isso.

— Ei, dona, olhe, sem ressentimentos! — Tara gritou. — Obrigada por ter tomado conta dos meus garotos para mim.

Tehmina queria se virar e responder, mas a mão de Susan apertou seu cotovelo com mais força.

— Continue a andar, mãe — ela murmurou entre dentes.

De volta à cozinha, o chá tinha esfriado.

— Lá se foi o belo e tranquilo dia de folga. — Susan suspirou. — Acabo de desperdiçar uma hora do meu dia. Ela se vira para o filho. — Sobe e lê um pouco, meu amor. Depois a gente vai sair e fazer mais algumas compras de Natal antes que seu papai chegue em casa, tá?

Tehmina queria perguntar a Susan se ela achava que Tara quisera discriminar Sorab; queria agradecer por ela ter saído em defesa do marido. Queria saber mais sobre esse tipo de racismo, o quanto era comum e se Susan estava suscetível a ele por ser casada com um homem de pele escura. E se a nora tinha percebido e sentido essa discriminação, isso com certeza significava que Sorab — a despeito de suas roupas passadas, suas unhas feitas, seu sotaque americano, seu relógio de ouro, seu emprego bom, seus diversos diplomas —, certamente seu Sorab já havia sofrido isso também. O estômago de Tehmina deu um nó só de pensar que uma pessoa ignorante e tola como Tara podia destilar um veneno capaz de afetar até mesmo um fio de cabelo da cabeça do seu precioso filho.

— Essa mulher é uma selvagem — ela disse a Susan. — Por que Deus dá a pessoas como Tara crianças tão boazinhas, eu jamais saberei.

Susan estremeceu.

— Serve para mostrar que qualquer tolo pode ter um filho. O triste é que aqueles garotos vão crescer selvagens. Você já pode perceber a truculência no mais velho. Eu não os quero andando mais com o nosso Cavas. — Ela se virou para encarar a sogra. — Você tem um bom coração, mãe. E eu realmente aprecio isso, mas quero que me ouça: não quero ver esses garotos aqui nunca mais. Espero que você possa respeitar minha decisão.

O rosto de Tehmina entristeceu. Antes que pudesse responder, Susan tornou a falar.

— Sinto muito, mãe — ela disse. — Mas eu *realmente* preciso lhe pedir isso.

— Claro — ela murmurou, mas a sua cabeça estava longe.

Tehmina ouviu o que Susan teria dito se não fosse tão educada: Quando você está na minha casa, segue as minhas ordens. Por um instante, sentiu saudades de seu apartamento espaçoso em Bombaim, um apartamento que estava vazio enquanto ela decidia onde gostaria de passar o resto de sua vida, em que país gostaria de passar seus dias: se nos Estados Unidos ou na Índia. Em seus sonhos mais ousados ela não imaginara que teria de fazer a mesma escolha que Sorab tinha feito alguns anos antes. Nem em seus sonhos mais ousados ela havia imaginado que Rustom iria ter um ataque cardíaco fulminante, deixando-a para viver sua vida sem ele.

Quando Susan se afastou com um sorriso satisfeito, Tehmina pensou: Você acha que me conhece, minha nora, mas não conhece. Por exemplo, aposto que você não sabe que sou uma viajante espacial. Mas eu sou. E eu viajo. Na minha cabeça, viajo pelo tempo e pelo espaço de um modo que você não pode nem imaginar. De Ohio a Bombaim e de volta a Ohio; Da terra dos vivos para a dos mortos, onde mora o meu Rustom; do meu quarto com papel de parede nesta casa para o meu quarto pintado em Bombaim, do qual conheço cada centímetro. Onde os lencinhos bordados são guardados na gaveta de baixo, na cômoda dos armários; quais livros estão na mesa de cabeceira; a cor da moldura do retrato pintado do Senhor Zoroastro que o Rustom me deu de aniversário nos meus quinze anos.

Sim, eu posso ser mais velha que você, Susan, e meus joelhos podem ranger quando me levanto pela manhã, mas posso correr mais rápido e voar mais alto do que você jamais imaginou.

EVA METZEMBAUM BUZINOU quatro vezes antes que Tehmina saísse de casa e acenasse.

— Meu Deus, Tammy — Eva disse enquanto ela entrava no carro. — O que há com você? Está mais lenta que uma lesma esta manhã. Achei que ia ter de saltar do carro para buscá-la. — Eva olhou para a saliência sob seu vestido vermelho, na altura da barriga, tão larga quanto uma prateleira em que poderia apoiar um cotovelo. — Não que um pouco de exercício fosse me matar — ela acrescentou.

Tammy sorriu. Ela adorava isso em Eva, como ela podia fazer graça de tudo num minuto e, no seguinte, fazer graça de si mesma, como o brilho de uma faca. Na Índia, Tammy teria ficado com vergonha de ser vista em público com uma mulher tão grande quanto um pequeno iate. Mas aqui, nos Estados Unidos, Eva Metzemberaum tinha se tornado a única a quem ela confiava praticamente qualquer coisa.

Elas se encontraram pela primeira vez havia cinco anos em uma das visitas de Tehmina, quando Eva tinha se aproximado dela em uma das festas da vizinhança, a havia cumprimentado e perguntado:

— Você joga bridge? Cartas? Qualquer coisa?

Tammy fez que não.

— Não, sinto muito, mas não. Quer dizer, faz muito tempo, eu sabia jogar cartas. Mas faz tanto tempo que não sei se ainda me lembro como é.

— Tólice. É como andar de bicicleta. Nunca se esquece. Vamos fazer o seguinte: um monte de mulheres se encontra nas tardes de terça para jogar. Por que não se junta a nós esta semana?

Instintivamente Tehmina olhou em volta buscando o marido ou o filho. Ela não sabia o que responder para essa mulher enorme e redonda, de batom vermelho-vivo, que se postara do lado dela feito uma roda-gigante.

— Eu... eu não sei quais são os nossos planos para a próxima terça-feira, senhora...?

— Senhora Metzemaum. Mas nem destronque a sua língua tentando acertar, querida. Me chame apenas de Eva.

— E eu me chamo Tehmina. Mas quase todos me chamam de Tammy.

— Ah, sei quem você é. Conheço o seu filho também. Deixe-me lhe dizer que eu simplesmente adoro ele. Um amor. Outro dia mesmo, quando eu voltava do Costco carregada de caixas e sacolas, imaginando como ia levá-las para dentro de casa. Meu Sol, meu marido Solomon, estava na garagem mexendo no seu Chevette antigo, mas você pensa que *ele* ia ajudar a esposa a descarregar o carro? Esquece. — Eva fez um gesto para corroborar a ideia e então, sem expressão, parou para olhar para Tehmina. — Por que será que estou lhe contando tudo isso? O que eu queria lhe dizer?

— Você disse que conhecia meu filho... — Tehmina lembrou.

Eva concordou. Ela tinha dentes enormes.

— Isso mesmo. Eu lhe digo, desde a menopausa que a minha memória não é mais a mesma. Ou isso é o gim-tônica que meu Sol faz para mim todas as noites. Você gosta de gim-tônica, Tammy? O que você quer dizer com nunca ter experimentado um? Eu prefiro abrir mão do oxigênio a abrir mão dos meus gins-tônicas. Vamos combinar, querida. Quando você vier ao nosso clube de cartas na semana que vem, vou pedir ao meu Sol para preparar um ou dois jarros para todas as meninas.

Essa mulher muda de assunto como o sol se esconde e surge por detrás das nuvens, pensou Tehmina.

— Então você conhece meu filho Sorab? — Ela perguntou com cuidado, tentando trazer a conversa de volta para o seu filho.

— Sorab? — Eva pronunciou Sourab. — Claro. Ele é um *mensch*, eu lhe digo. Nós vivemos naquela casa cinza ali, vê? — Eva apontou para uma casa grande e moderna que, aos olhos destreinados de Tehmina, se parecia com todas as demais casas do condomínio. — E o seu Sorab e o seu menininho estavam dando uma volta noturna e me viram lutando com as caixas. E aí, de repente, ele estava me ajudando a levar minhas compras para dentro. Até o seu netinho... tão bonitinho, Tammy... pegou uma caixa enorme, duas vezes o tamanho dele, e subiu vacilante pelo caminho da garagem. — Eva olhou em

volta, onde os vizinhos estavam reunidos em torno das churrasqueiras, e baixou a voz. — Você pode imaginar algum entre eles sendo tão prestativo? Não, eles teriam continuado seu caminho, fingindo olhar para o outro lado. — Ela deu um sorriso luminoso para Tehmina. — Perguntei ao seu Sorab: você tem certeza de que não é judeu? E ele riu e disse que estava apenas sendo cordial, nada mais. Um verdadeiro cavalheiro, seu filho.

Tehmina estava envergonhada e orgulhosa ao mesmo tempo. Ela decidiu que gostava muito dessa enorme mulher de boa índole. Qualquer um que fosse fã de Sorab era seu amigo.

Rustom veio andando na direção delas, trazendo um pratinho de papel cheio de comida.

— Querida, você não vai se servir? — ele perguntou. — Quer que eu lhe traga um prato?

— Ainda não — disse Tehmina, voltando-se para Eva. — Este é meu marido, Rustom — ela disse. — Rustom, esta é Eva.

Tehmina observou com fascinação a gordura do braço nu de Eva balançando enquanto cumprimentava vigorosamente Rustom.

— Meu maridinho está por aí em algum lugar — disse Eva, gesticulando com indiferença. — Não que você vá vê-lo. Ele está provavelmente embaixo do capô de um carro em algum lugar. Bom, se você vir um cara baixinho com manchas de óleo nas mãos, é meu Solomon. Mexer com carros é a sua paixão.

Tehmina sorriu meio sem jeito, não sabendo como deveria reagir à descrição do marido feita por Eva. Mas Rustom não parecia desconcertado.

— Seu marido trabalha com isso?

— Ah, céus, não. Ele era o dono de uma pequena revendedora, mas agora está aposentado. Por isso ele passa o tempo consertando seu Chevrolet 1941. Eu juro por Deus que ele casaria com esse carro se fosse possível. Mas para mim está bom. Isso o mantém entre os vivos, sempre digo. — Eva lança um olhar confiante para Tehmina. — Você sabe como é, Tammy. Homens ficam felizes com suas coisas, seus carros, seus cortadores de grama, seus barcos. Enquanto nós, mulheres, precisamos de *gente*.

Rustom ergueu as sobrancelhas e, fazendo uma pequena reverência para Eva, disse lentamente:

— Bom, com licença, senhoras. Vejo que têm muito que conversar. E quanto a mim, vou responder ao chamado dos meus... carros e martelos.

Tehmina corou, pronta para explicar o humor seco do marido para essa enorme mulher carinhosa. Mas, para seu alívio, ela viu que Eva estava gargalhando e sacudindo a cabeça para Rustom, que se retirava.

— Ele é danado, esse aí — ela disse, com todos os seus múltiplos queixos dançando ao som de sua risada. — Posso garantir. Aposto que ele deixa você sempre alerta, Tammy.

Agora, lembrando daquela velha conversa, Tehmina sentiu uma onda de afeição por sua amiga. Graças a Deus Eva precisava de gente. Com Rustom ausente, Tehmina mais do que nunca precisava estar com alguém que gostasse de gente. Apesar de se odiar por ter pensamentos menos generosos sobre Sorab e Susan, algumas vezes Tehmina sentia que ambos estavam se deixando absorver em seus trabalhos, casas e carros e estavam se tornando escravos de suas posses. Tehmina se lembrava dos antigos desenhos animados de ficção científica que eram exibidos antes do filme principal em Bombaim, quando era pequena. Muitos deles tinham robôs atendendo a desejos de seus mestres. Mas aqui, nos Estados Unidos, parecia acontecer o inverso: os humanos haviam se tornado robôs e realizavam os desejos de seus aparelhos eletrônicos.

Mas, afinal, o que é que você sabe? Ela se condenava. Quando foi a última vez que pintou seu apartamento em Bombaim? Aqui as crianças pintam dois quartos a cada verão. E veja como Sorab cuida da manutenção de seus carros: encera, limpa, aspira. Você é uma *ghaati* de Bombaim... quem é você para julgá-los?

Mas, então, uma lembrança veio à tona feito leite azedo dentro de Tehmina. Um bufê na casa deles há duas semanas. Doze convidados, e Tehmina tinha passado o dia todo na cozinha, fazendo arroz com curry e camarão e *sali boti*. Talvez suas mãos tivessem tremido, porque estava cansada ou porque bebera dois copos de vinho, mas, qualquer que tivesse sido a razão, alguns bocados de arroz caíram do seu prato no tapete da sala de estar quando

ela se sentou no sofá com o prato equilibrado no colo. E Susan se levantou imediatamente — Tehmina reparou que os lábios da nora estavam finos e crispados em sinal de desaprovação — e trouxe um aspirador de pó portátil. Para humilhação de Tehmina, a nora havia aspirado o tapete em torno de seus pés. Ela ficou ali sentada, enraizada no sofá, cheia de vergonha, não sabendo onde colocar os pés e se devia se levantar ou permanecer sentada.

Sorab finalmente percebeu seu desconforto.

— Ei, Suse, já está bom — ele disse com brandura. — Sei que o transtorno obsessivo-compulsivo está a toda, mas tenta se controlar, meu bem.

A resposta de Susan foi abafada pela gargalhada de Percy Soonawalla. Percy era um velho amigo de infância de Sorab que cresceu dentro da casa dos Sethna e que agora era um bem-sucedido advogado da imigração.

— *Arree*, chefia, isso é o que acontece nesses casamentos inter-raciais, *yaar* — ele disse, olhando para a sua quarta mulher, Julie. — Todas essas mulheres americanas têm o gene do TOC. Enquanto seus maridos indianos, que não valem nada, têm o gene do *bindass*. — Ele virou-se para a mulher. — Você sabe o que *bindass* significa, amor? Significa... como o diabo gosta, livre... da maneira como a maioria dos homens parses são.

Eva Metzbaum olhou de relance para Tehmina enquanto engatava a marcha a ré na entrada da garagem com seu Buick marrom-claro.

— Ei, Tammy, comeu alguma coisa estragada no café da manhã hoje? Por que essa cara tão azeda?

Tehmina sacudiu a cabeça.

— Não, perdão. Estava só me lembrando de algo, nada mais.

— Bom, se pensar faz a sua cara ficar feia como uma ameixa seca, o melhor é não pensar, acho. Melhor deixar a cabeça oca, que é o que meu Sol diz que eu tenho.

Tehmina concordou. Eva tinha sempre um jeito de animá-la.

— Como está o Solomon? — ela perguntou.

— Solomon? Ah, ele está ótimo. O velhote continua em forma. Agora que está frio demais para trabalhar no seu precioso carro do lado de fora, ele fica vagando dentro de casa, lendo suas revistas sobre automóveis e se

metendo sempre no meu caminho. Mas, quando o verão chegar, ele nem lembrará que eu existo. Acho que daqui a uns cem anos, quando eu reencarnar como um hamster ou algo assim — vocês da Índia acreditam em reencarnação, não é? —, vou encontrar o Solomon embaixo do capô de seu precioso carro.

— Você sabe, Eva, há alguns anos você teria me chocado. Mas agora eu a conheço bem demais. Um dia sem Solomon, e você estaria perdida.

— Ah, eu não discuto isso — Eva disse. — Sol é normal. — Ela deu um sorriso maroto. — Tem a cara de um castor, talvez, mas é um bom homem.

— Shhh. Que coisas malucas você diz! — Tehmina riu.

— Bom, mocinha, pronta para o Mercado do Produtor? E, depois, se tivermos tempo, podemos parar na Target? A que horas o Cookie chega da escola?

Tehmina ficou desanimada.

— Não tem escola — ela disse. — Mas Susan não quis deixá-lo em casa comigo nem na semana do Natal. Então ela o inscreveu em algum curso para enriquecimento curricular.

— Ah, enriquecimento curricular — Eva disse, estalando a língua. — No meu tempo, a única coisa enriquecida era o arroz. Mas os pais de hoje... não aceitam mais criar crianças alegres e saudáveis. Não, a criança tem que dançar como Fred Astaire e saber matemática como Einstein. — Ela pousou a sua mão pesada e enrugada sobre as mãos de Tehmina, cobrindo-as como uma cuia. — Não é apenas você e sua nora, Tammy. É a mesma doideira em todo lugar. Ninguém acha que os avós sabem o suficiente para ensinar nada aos netos. Veja o meu filho, David, e sua mulher lá na Flórida. Eles tratam o filho como se ele fosse o Messias.

— Mas isso é uma coisa que eu não entendo, Eva — Tehmina retrucou. — Por que as crianças nos Estados Unidos são tão isoladas? Veja o nosso condomínio, por exemplo. Todas essas enormes casas novas e nenhuma calçada. Como podem planejar essas casas em todos os detalhes, pé-direito alto, banheiras decoradas e tudo o mais, e esquecer de fazer calçadas? Eu lhe digo que, em Bombaim, até as vizinhanças mais miseráveis têm calçadas, e o

fato de elas serem todas rachadas e quebradas e todo mundo andar pelas ruas é outra história.

— Ah, eu a entendo, Tammy, eu a entendo — Eva disse. — Na minha época, nós, crianças, vivíamos nas ruas. Fosse verão ou inverno, era onde passávamos nossa vida, nas brincadeiras de rua. Veja meu neto. Joga tanto no computador que eu digo a ele que, quando tiver quinze anos, só terá cotocos em vez de dedos. E, se convidá-lo para dar uma volta, ele vai olhar para você como se o estivesse convidando para assaltar um banco. Revoltante.

Era muito bom poder falar com alguém sobre isso e não ser mal interpretada. Susan e Sorab, ambos, fazem uma expressão de dor e caem na defensiva se ela diz qualquer coisa que considerem uma crítica aos Estados Unidos.

— E é tão engraçado — Tehmina continua. — Todas as casas com crianças pequenas aqui em Evergreen Estates têm, em seu próprio jardim, exatamente os mesmos brinquedos... você sabe, o balanço, o escorrega e tudo o mais. Então por que esses pais não se reúnem e comprem apenas um ou dois desses conjuntos e instala em algum espaço? Aí todas essas crianças poderiam brincar umas com as outras. Quero dizer, o meu Cavas tem uns poucos amigos nesse condomínio, mas há tantas outras crianças que ele nem vê. Acho que ele nunca brincou com as crianças do vizinho.

Eva suspirou dramaticamente.

— Se você e eu governássemos o mundo, Tammy... Nós tomaríamos conta de todos os pequenos, não tomaríamos? Meus irmãos e eu éramos pobres como o pó de Nova Jersey, mas vou lhe contar... tínhamos uns aos outros e éramos felizes. Não havia uma única criança na vizinhança de quem não fôssemos amigos. E, se fizéssemos algo errado, era um Deus nos acuda. Toda mulher na nossa rua sabia que tinha o direito divino de nos castigar. E se isso significasse um ou dois cachações, bom, não adiantava reclamar para os pais. Eles só diriam que você provavelmente fez por merecer.

Tehmina sorriu, sonhadora.

— Nova Jersey parece ser igual a Bombaim — ela disse.

Ela ficou na dúvida se devia ou não contar a Eva a alteração que tivera com Tara havia alguns dias. E aí Eva perguntou:

— Então o que você acha, querida? Devemos tentar ir à Target depois do Mercado do Produtor?

Tehmina não tinha que pensar duas vezes.

— Eu adoraria — ela disse. — Quem sabe, essa pode ser a minha única oportunidade de fazer umas compras de Natal para as crianças sem eles por perto?

Eva freou por causa de um esquilo que atravessava a rua.

— Natal — ela disse. — Qual o objetivo de um feriado que deixa as pessoas tão nervosas? Me diga, você alguma vez viu um cristão feliz no dia de Natal? Os únicos animados são aqueles fanáticos, e eles são tão loucos que não sabem fazer nada melhor do que ser felizes o tempo todo. O resto deles corre para seus analistas no dia seguinte, e para quê? Para que possam perder a cabeça novamente no próximo fim de ano.

— Na Índia, quando eu era uma estudante, desejávamos ter um Natal com neve. — Tehmina sorriu. — Você sabe, a gente via os cartões de Natal com árvores, luzes e neve. Nenhum de nós havia visto neve. A gente até montava todo ano uma pequena árvore na minha escola. E você sabe o que a gente usava para imitar a neve? Algodão.

Eva gargalhou.

— É, até aqui você vê crianças judias correndo por aí querendo ser Jesus Cristo e Maria. Lavagem cerebral é o que é, se você quer saber minha opinião. — Eva suspirou. — Eu gostaria de poder ir a algum lugar para fugir desses cristãos doidos por uma semana. Eles conseguem localizar um judeu a um quilômetro e já querem convertê-lo.

Tehmina riu.

— Eva, você fala da boca para fora. Você deve ter mais amigos cristãos do que qualquer outra pessoa que eu conheça.

— E alguma vez eu neguei isso? Eu não tenho nada contra os cristãos. Não, eu sou contra a propaganda sensacionalista que envolve o feriado. Quero dizer, você esteve em alguma loja recentemente? Todas aquelas pessoas

espumando pela boca enquanto correm por aí comprando coisas. Alguma dessas pessoas parece feliz? Alguma delas está pensando em Cristo? Não, vou lhe dizer no que elas estão pensando: estão pensando no Playstation e nas TV de plasma e nos sistemas *surround*. Isso é religião?

— Eu sei, eu sei, Eva. Penso como você. Susan e Sorab, ambos trabalham tanto! Quero dizer, eu vejo meu filho voltar para casa algumas noites, e meu coração pulsa cheio de medo. Imagino: será que a Susan não vê como ele parece cansado e exausto? Será que não se importa? E aí eu noto que ela tem o mesmo olhar. E me pergunto: por que estão se matando dessa maneira? Por que não podem comprar uma casa menor, com um jardim menor e tudo o mais? Por que Sorab tem que trabalhar tantas horas?

— Porque eles entraram na engrenagem. — Elas entraram no estacionamento do mercado, e Eva manobrou devagar, procurando uma vaga. — Você sabe o que é uma engrenagem, certo? Bom, já tentou saltar dessas coisas enquanto estão em movimento? Muito difícil. Não, o jeito de fazer isso é esperar parar totalmente antes de saltar. E, neste país, ninguém nunca quer apertar o botão de parar.

Tehmina se virou para Eva.

— Eva, esse é meu maior medo. Como você sabe, as crianças querem que eu fique aqui. Sorab, especialmente, está preocupado que, com Rustom morto, não haverá ninguém em Bombaim para cuidar de mim. Somos uma família pequena... sem muitos tios ou primos. E eu bem me lembro quão sozinha fiquei nos meses que se seguiram à morte de Rustom. — Ela fez uma pausa, fazendo força para não lembrar dos dias difíceis que se sucederam ao enterro do marido. — E ainda assim... Bombaim é o meu lar. Aqui, receio que serei sempre uma estrangeira, que nunca vou me acostumar com todos esses jeitos.

Eva manobrou para dentro de uma vaga e estacionou. Mas não desligou o carro. Em vez disso, olhou Tehmina com atenção.

— Tammy — ela finalmente disse —, você é parte da minha família para mim. Então posso falar com você com franqueza, como eu faria com a minha irmã Rose? O que quero dizer para você é: Meu Deus, Tammy, não seja idiota.

Seu filho e a mulher dele querem você aqui, então fique. E como você pode se achar uma estrangeira aqui? Uma estrangeira é uma pessoa que vem para os Estados Unidos, tira umas fotos da Estátua da Liberdade, anda de bonde em São Francisco e depois volta para casa acreditando que conhece os Estados Unidos. Isso é ser estrangeira. Já você e seu falecido marido estiveram aqui tantas vezes que você sabe o preço do leite na mercearia. E, se você vivesse aqui, eu a ensinaria a dirigir. Seu filho pode lhe comprar um carro, para que você possa ser independente.

— Eva, não é isso. É só que... em Bombaim, estou na minha casa, vivendo a minha vida. Dois dias por semana sou voluntária no Shanti Center, um lar para órfãos. Eu ajudo um senhorzinho meu vizinho a fazer as compras de mercearia uma ou duas vezes por semana. Toda semana encontro meus velhos amigos. Temos estado juntos por mais de quarenta anos, sabe? — Ela se debruçou para a frente e olhou com firmeza nos olhos azuis de Eva. — Veja, lá em Bombaim, eu me sinto uma pessoa... uma pessoa cuja vida tem um significado, cuja vida segue um caminho. Aqui, a despeito de tudo o que Sorab faz, não consigo me sentir mais do que um adorno, um enfeite. Algum tipo de pacote que deixaram na porta dele. Eu acho... O que quero dizer, Eva, é que... não sou necessária aqui. Fora a preocupação ocasional, as crianças serão perfeitamente felizes sem a minha presença.

Eva suspirou.

— É engraçado, a vida é tão engraçada — ela sussurrou.

— Como?

— Ah, nada. Eu estava apenas pensando... se meu David e sua esposa nos pedissem para mudarmos para mais perto deles, eu faria a minha casa inteira caber na mala e mudaria no dia seguinte. Mas eles estão tão ocupados criando o filho mimado... escola particular, aulas de música, acampamento para os bem-dotados... Quem teria tempo ou energia para gastar com os pais? Você tem sorte, Tammy, por seu filho querer que você esteja perto dele.

Tehmina engoliu em seco.

— Eu sei. Acredite, eu sei. Dez vezes por dia digo a mim mesma como sou uma velha ingrata. É por causa de Sorab que não sei o que fazer. Parte de

mim quer ficar e ajudar. Você sabe, ajudar a tirar ao máximo a carga dos meus filhos. Quero cozinhar para o meu Sorab, estar em casa quando o Cookie chega da escola. Eva — Tehmina concluiu chorando —, isso não é uma decisão que eu esperava ter que tomar na minha idade. Já foi bem difícil quando meu filho nos deixou aos vinte e um anos. Não esperava que algum dia eu também tivesse que segui-lo para um novo país.

O lábio inferior de Eva tremeu.

— Ai, amor. Tá tudo bem. Ah, minha querida Tammy, isso é muito difícil, eu sei. Você sabe, dizem que nós judeus somos nômades. Estamos acostumados a viver como pássaros, suponho, indo de um lugar para o outro. Mas você... A maioria das pessoas só tem um lugar para chamar de lar. Eu a entendo, meu bem, juro que sim. É uma enorme decisão a tomar.

— E Rustom não está aqui para me ajudar a tomá-la. Essa é a parte esquisita. Eu fico esperando que ele decida por mim. E aí eu lembro... ele é o motivo de eu ter que tomar essa decisão.

— O outro se torna a sua pele. — Eva murmurou. — Se você ficar casada por muito tempo, o outro se torna parte de você, como uma pele.

Tehmina concordou, com gratidão.

— Isso é o que eu não consigo explicar a ninguém. Susan, Sorab, todos esperam que eu... Esta semana Susan foi ríspida porque mencionei o nome do meu marido.

Eva estalou a língua.

— O que você pode esperar, Tammy? Sua nora, nada contra ela, mas ela é uma góí. Esses brancos... eles são bons em fazer os ônibus rodar no horário. Todo o resto, que exija um coração batendo, esqueça.

— Mas você *é* branca! — Tehmina protestou.

— Sim, mas não branca como a Susan. Não como a minha nora. Sou mais como você, Tammy. Sei que o mundo é feito de sangue, pus, suor e merda. E eu não tenho medo disso. Gente como a sua nora acha que o mundo é feito de açúcar e tempero. E o mais estranho é que, para pessoas como ela, essa é a face que o mundo revela.

Pensando no rosto pálido e cansado de Susan ao chegar em casa do trabalho, Tehmina se sentiu ligeiramente desconfortável com a descrição que Eva fazia de sua nora. Claro que o que Eva estava dizendo não era verdade. Certamente Susan tinha sofrido, ela de fato tinha conhecido também o lado menos luminoso do mundo. Tehmina sacudiu a cabeça e voltou sua atenção para a mulher sentada ao seu lado.

— Eva — ela disse —, quero lhe pedir um favor, uma coisa que venho querendo pedir há muito tempo.

Eva pareceu surpresa.

— Você queria ir a outro lugar? — ela perguntou.

— Não. Não é isso. Eu queria lhe pedir para me chamar de Tehmina em vez de Tammy. Afinal, esse é o meu nome.

Eva congelou. Aí pôs o braço em torno de Tehmina.

— Desculpe — ela disse. — Nós americanos somos tão arrogantes! Não conseguimos pronunciar o nome da pessoa, e aí esperamos que mudem seu nome por nós. Aconteceu com tantos dos meus antepassados também. E aqui estou eu... — Ela sacudiu a cabeça. — De qualquer modo, será uma honra chamá-la pelo seu nome, Tehmina. E garanto que as senhoras no nosso clube de cartas farão o mesmo.

— Não me importa como elas me chamam — Tehmina disse. — Eu só... era apenas você que eu queria que usasse o meu verdadeiro nome. Só isso.

Eva lançou-se para fora do carro.

— Fico lisonjeada. Tá combinado. Será Tehmina. Agora vamos nessa. Vamos comprar umas frutas e uns legumes antes que fiquem todos revirados.

Tehmina adorava ir ao Mercado do Produtor. Ali ela se sentia humana e tranquila. A água suja parada no chão, os gritos dos vendedores de pele bronzeada e suada brigando por clientes para experimentarem suas mercadorias, e até mesmo o cheiro de fruta apodrecida e peixe fresco, tudo lhe parecia familiar. Fazer compras no Mercado do Produtor era como fazer compras em Bombaim — barulhento, apinhado, fervilhando de atividade. Tocar as frutas e os legumes, pechinchar com o vendedor, experimentar os pedaços de frutas cortadas que eles ofereciam, tudo a fazia se sentir humana,

como se o mercado estivesse enraizado numa parte do mundo que ela ainda reconhecia e na qual morava. Como contrastava com o aseado, refrigerado, antisséptico e fortemente iluminado supermercado onde as crianças compravam seus alimentos. Um lugar onde tomates e abobrinhas vinham embalados em bandejas plásticas e onde as pessoas olhavam para você de um jeito esquisito se pegasse uma fruta e a levasse ao nariz. Não que cheirar a fruta fizesse alguma diferença — nenhuma das frutas e dos legumes nas mercearias dos Estados Unidos tinha aroma ou sabor mesmo. É como se o país estivesse tão dominado por tamanho e cor — as bananas e os pêssegos e as maçãs eram maiores que qualquer coisa que Tehmina já tivesse visto em Bombaim — que havia se esquecido que frutas eram mais do que elementos decorativos. Morder uma maçã americana ou uma laranja era experimentar o sabor do desapontamento. Nada explodia em sabor, nada era tão doce ou tão perfumado quanto as frutas em Bombaim. Até as rosas nos Estados Unidos não eram perfumadas, um fato que Tehmina relutava em aceitar.

Agora, ziguezagueando pelos corredores estreitos do mercado, Tehmina se sentia tomada por um ânimo e uma estranha e profunda satisfação. Sentia como se houvesse se reunido à raça humana, como se tivesse iniciado uma atividade que a conectava com o resto do mundo. Dos mercados de Istambul aos bazares de Bombaim, isto é o que as mulheres fazem: elas pegam e apalpam a comida que mais tarde cozinharão, falam e discutem e brincam com homens e mulheres que lhes vendem a comida. Diferentemente dos supermercados, nenhuma camada de plástico protege as frutas e os legumes, até eles mesmos ficarem com sabor de plástico; nenhum homem barbeado e de jaleco branco imaculado olha para ela em desaprovação silenciosa quando toca em alguma coisa e a coloca de volta no lugar. Os supermercados pareciam ter sido construídos para uma raça de seres perfeitos; o Mercado do Produtor havia sido construído na escala humana, um lugar para seres humanos normais e falíveis.

Havia outra coisa que Tehmina e Eva apreciavam quando iam ao mercado.

— Olhe aquela ali — Eva agora dizia, cutucando Tehmina. — Acho que a vejo todas as vezes que venho aqui.

Ambas sorriram ao ver uma pequena e velha mulher de pele escura com seu casaco de peles branco, parecendo tão imperial quanto uma rainha, inspecionando as pimentinhas e as cenouras como se fossem seus súditos. Ao seu lado um homem maltrapilho, com os óculos seguros por fita adesiva e buracos no casaco de inverno. Isso era fascinante no Mercado — era o desfile da humanidade, como se um tipo de democracia brotasse entre o alho e a couve-chinesa. Tehmina pensou novamente no supermercado onde Sorab e Susan faziam compras. Tão sem graça, as pessoas que faziam compras lá eram todas iguais, lembravam as casas de seu condomínio. Todos no supermercado pareciam saudáveis, limpos e bem esfregados, sem nenhuma característica individual nem a colorida peculiaridade que os compradores do Mercado exibiam em seus visuais interessantes e coloridos.

Tehmina adorava deixar o subúrbio anêmico das ruas de Rosemont Heights e vir a Cleveland. Por que as crianças não compraram uma casa no centro de Cleveland? Ela agora lamentava, apesar de saber a resposta. Sorab tinha lhe dito no mês anterior, na noite seguinte ao dia de Ação de Graças, quando eles foram ao Public Square para a cerimônia em que se acendem as luzes da árvore de Natal. Apesar do ar um tanto frio da noite, Tehmina sentira-se aquecida. Talvez tenha se aquecido com a sidra e o chocolate quente que Sorab comprara para todos enquanto eles tremiam durante os intermináveis discursos dos líderes da cidade, enquanto aguardavam o momento em que a Public Square iria irromper numa explosão de luzes vermelhas e verdes. Mas Tehmina sabia que era mais do que isso. O que aquecera seu coração fora a multidão de dez mil pessoas, todas reunidas, todas se esbarrando ligeiramente, uma massa de corpos buscando o calor, a proximidade e o aconchego uns nos outros. E que multidão! Animada, barulhenta e bem-humorada. Eles saudavam com energia as bandas do colégio e o DJ local, que era o mestre de cerimônias; eles vaiavam com força cada vez que um novo político subia ao palco. A multidão era formada por pessoas de todas as raças e cores, de todas as classes, então os homens em casacos de lã de qualidade confraternizavam com os sem-

teto que passavam seus dias na Public Square, homens cujos sapatos eram furados. Havia dez mil deles na cerimônia das luzes da árvore, mas para Tehmina pareceu que eram um só. Uma massa, um organismo, todos se moviam juntos com o som da música, inspirando o ar gélido juntos, expirando nuvens de ar gelado juntos. Foi maravilhoso. Era revigorante. E fez Tehmina se sentir totalmente diferente do que sentia em Rosemont Heights. No meio dessa multidão, era fácil desaparecer, deixar o corpo para trás e se tornar tão etérea, ilimitada e incorpórea como o céu. Uma parte do todo. Enquanto, em Rosemont Heights, ela estava sempre consciente de seu corpo, do peso de sua cabeça quando se movia sobre o pescoço, do peso de suas mãos penduradas ao lado das coxas, do tato de sua pele morena. Ela sabia que havia outro casal birracial morando em Evergreen Estates. E que um médico sino-americano morava na rua seguinte. Mas, tirando isso, o condomínio de casas era uniforme. Nenhum homem com buracos nos sapatos e bafo de uísque morava em Evergreen Estates. E, se morasse, ninguém riria ou conversaria com ele como esses homens bem-vestidos estavam fazendo agora.

Ela se virou para Sorab, modulando a voz com cuidado, de maneira que ele pudesse escutá-la acima da música, mas Susan não.

— Tem gente morando no centro de Cleveland? — ela perguntou.

— Algumas pessoas agora moram! — ele berrou no seu ouvido, acima da música. — Acho que, em sua maioria, jovens solteiros. Não tem muitas famílias.

— Por que não? — ela perguntou, esperando que o filho não percebesse o tom esperançoso de sua voz. — É um lugar tão bonito!

Sorab fez uma careta.

— As escolas são horríveis, *Mamma*. Não daria para pôr o Cookie nas escolas de Cleveland. — Então, seguindo o olhar dela até o ponto em que a Torre do Terminal tocava o céu, completou: — Os prédios são lindos, tem razão. Mas você precisa ver este lugar nos dias em que o pessoal que trabalha nos escritórios vai embora. Parece uma cidade fantasma. Ninguém fica aqui, exceto os bêbados. Não é um lugar para ter uma família.

As palavras escaparam de seus lábios irrefletidamente.

— Me lembra o sul de Bombaim. Alguns dos prédios antigos e majestosos. Como o prédio do Faculdade Elphinstone e da Estação Ferroviária Victoria. E a Torre do Terminal não faz você se lembrar da velha torre da Universidade de Bombaim?

Sorab deu de ombros.

— Na verdade, não. Quero dizer, é um estilo diferente de arquitetura. — Sua expressão então se suavizou. — Se eu soubesse que isso ia deixá-la com saudades de Bombaim, a gente teria ficado em casa esta noite. — Ele sorriu. — O propósito era animá-la.

— Ah, eu estou feliz de estar aqui. Muito feliz. — Ela pegou a mão enluvada dele e apertou com força. — Como não estar feliz quando o meu filho está comigo?

Agora Tehmina suspirou fundo e, apesar de Eva parecer distraída ao lado da tabuleta que dizia LIMAS, DEZ POR UM DÓLAR, ela reparou.

— Tá tudo bem, Tam... Tehmina? Por que está ofegando como uma velha locomotiva?

— Ah, estou só pensativa. — Ela se vira para Eva, seu rosto úmido pelo nevoeiro da memória. — Gostaria que você viesse me visitar em Bombaim. Tem... temos o Crawford Market, sabe? Você tem que ver. Ó meu Deus, você tem que ver as frutas desse lugar, Eva. As mangas por si só... e uma fruta que temos chamada fruta-do-conde e outra chamada sapoti. Sabe, o sapoti é semelhante a um kiwi. Mas a polpa é doce como açúcar.

Eva estalou a língua.

— Você sempre fica sentimental quando vem ao Mercado do Produtor. — ela disse. — Mas eu sabia que isso ia animá-la. Nada como nossa casa, né, Tammy?

Tehmina ia responder quando sentiu que alguém a empurrava devagar. Ela saiu do caminho, mas o segundo empurrão veio acompanhado de uma voz conhecida.

— Ei, ei, dona — a voz jovem falou, e Tehmina olhou para baixo e viu que era um dos meninos da vizinha. Era o mais novo, olhando para cima com

um enorme sorriso no rosto. Tehmina reparou nos seus cílios longos e em seus olhos castanhos.

— Bem, olá — Tehmina disse calorosamente, esperando que ele não reparasse que ela havia esquecido seu nome. — Como vai você? E seu irmão?

— Estou bem — uma voz baixa e tímida disse atrás dela, e ao virar-se na direção da segunda voz, ela lembrou o nome de ambos. Jerome e Josh. Claro.

— Eu sabia que era você assim que a vi — disse Josh, parecendo tão contente consigo mesmo que Tehmina teve que se segurar para não ceder ao impulso de se abaixar e plantar um beijo em sua cabeça. — Eu a vi primeiro, não o Jerome. — Ele olhou em volta. — O Cookie tá aqui?

— Fico muito feliz que tenha vindo falar comigo — Tehmina respondeu. — E não, o Cookie está... ele tem uma aula.

— Mas não tem escola — Jerome disse, parecendo intrigado.

— Eu sei. Mas o Cookie tem uma aula particular — Tehmina olhou para Eva, buscando socorro. — Esta é minha amiga Eva. E estes são meus dois amigos, Joshy e Jerome. Eles moram... na casa vizinha à nossa.

Ela e Eva se entreolharam rapidamente. Eva conhecia o Antonio, apesar de Tehmina não ter certeza se alguma vez ela encontrara Tara ou os meninos.

Os meninos ficaram encabulados de repente, murmurando seus olás. Eva olhou em volta.

— Quem está com vocês? — ela perguntou. — Onde está a sua mamãe?

Jerome olhou para Eva, desconfiado, mas Joshy respondeu:

— Ela entrou no mercado para comprar cachorros-quentes. — Ele baixou a voz. — O Jerome tem medo de entrar lá, porque é onde eles vendem os animais mortos e coisas assim.

— Eu não tenho medo — Jerome respondeu imediatamente. — Fiquei aqui para proteger você.

— A-hã. Você tem medo também. Mamãe disse que você é um grande medroso.

Jerome estava pronto para bater no irmãozinho, e Tehmina soube que era hora de intervir.

— Eu também odeio entrar ali — ela disse. — Tenho muito medo. É por isso que sempre trago a minha amiga Eva comigo.

Jerome olhou o corpão de Eva e concordou.

— É porque ela é mais velha que você — ele disse, sério.

Tehmina virou para a amiga a fim de ver se ela tinha ficado ofendida, mas Eva estava com o lenço na cara, abafando uma risada. Só o sacudir dos braços a delatava.

— Isso mesmo — ela disse. — Tenho pelo menos quatrocentos anos.

Os meninos deram uma risadinha.

— Não, você não tem — disse Jerome. — Você é engraçada — ele acrescentou.

— Bom, quantos anos você acha que eu tenho?

Jerome ficou olhando para ela por um longo minuto.

— Você tem uns trinta e oito — ele disse, enfim.

Tehmina e Eva caíram ambas na gargalhada.

— Um galanteador, esse menino. — Eva virou-se para Tehmina. — Crianças e flores — ela disse. — Como alguém pode questionar a existência de Deus enquanto houver crianças e flores?

Joshy puxou um lado da túnica de Tehmina.

— Estou com fome — ele disse com urgência.

Jerome deu um tapa nas costas do irmão.

— Você está sempre faminto — ele disse com desdém. — Minha mãe diz que ele tem uma lombriga ou algo assim. Ela diz que ele é um mendigo, sempre pedindo por comida.

Tehmina pensou nos milhões de brincadeiras que tinha de inventar para fazer Sorab comer o jantar quando ele era criança e como ela se sentia satisfeita, como se a sua barriga enchesse, com cada garfada que o filho dava. Ela não podia imaginar uma mãe negando comida ao filho.

— Você tomou café hoje? — ela perguntou com cuidado, querendo e temendo a resposta.

— Comi um bolinho — Josh respondeu. — Mas isso foi há séculos.

— Você quer uma banana? — Eva perguntou, pegando uma de sua sacola plástica azul.

Josh fez uma careta.

— Bananas são viscosas — ele disse. — Você tem um doce?

— Não é bom comer tanto açúcar logo cedo, filhote — Tehmina começou, mas reparou que os meninos não estavam prestando atenção. Ela seguiu o olhar de Josh e notou que ele tinha visto a mãe se aproximando. A cara do menino se iluminou.

— Mamãe! — ele gritou.

Alguma coisa morreu dentro de Tehmina quando ela viu a hostilidade amarga no rosto de Tara. Os olhos da mulher pareciam maus ao se aproximar, e, apesar das manchas vermelhas, seu rosto parecia cinzento sob a fumaça de seu cigarro. Eu realmente não gosto dessa mulher, Tehmina pensou, surpresa. Era tão raro ela não gostar de alguém. Mesmo assim, pelo bem dos garotos, ela armou um sorriso simpático.

— Olá, Tara — disse.

Tara olhou para ela como se tivesse pegado Tehmina em flagrante, sequestrando suas crianças.

— Oi — ela resmungou e então imediatamente voltou sua atenção para Jerome. — Eu avisei para vocês ficarem junto da saída lateral — ela disse, tirando-lhe o dedo da boca com um tapa. — O que você está fazendo, andando por aí e falando com... gente. — Ela lançou um olhar de desdém para Tehmina.

Tehmina podia sentir o rosto em brasas diante de um insulto tão evidente.

— As crianças estavam só sendo educadas — ela disse, percebendo o gelo na própria voz. — Eles me reconheceram e vieram me cumprimentar.

Tara olhou para a mulher mais velha com insolência, deixando seu olhar descer lentamente do topo da cabeça de Tehmina até seus pés e, depois, olhando direto na cara dela. Tehmina lutou para não se acovardar diante do olhar opressor de Tara.

— Ah, é? — ela disse com indiferença. — Bom, eles não têm permissão para falar com estranhos.

Tehmina ouviu Eva ao seu lado emitir um som que parecia um grunhido. Mas, antes que os adultos pudessem dizer alguma coisa, o impaciente Joshy os interrompeu.

— Mamãe, estou com fome — ele disse. — Podemos ir ao Mickey D's?

Tara reagiu como se o garoto tivesse pedido um cheque de mil dólares.

— Acabo de gastar três pratas na droga dos seus cachorros-quentes — ela disse enquanto agarrava Josh pelo braço, puxando-o para si e começando a se afastar. — Vocês, moleques, acham que dinheiro dá em árvores. Se o seu pai-que-não-serve-para-nada pagasse a pensão, eu talvez pudesse pagar por...

O resto de suas palavras foi engolido quando Tara se afastou, puxando Josh com ela. Jerome lançou um olhar rápido e desamparado para Tehmina e depois os seguiu.

— Eca — disse Eva. — O que foi *isso*? Aquela mulher é uma... você sabe, a palavra que rima com *ducha*.

Tehmina concordou.

— Ela é uma mulher ruim — Tehmina disse, e ficou surpresa ao perceber que sua voz estava trêmula de emoção. — Ela não merece aqueles meninos bonzinhos. No começo desta semana ela os deixou sozinhos por meia hora quando chegaram da escola. O último dia de escola, se me lembro bem. Susan e eu... nós os levamos para casa. Susan não ficou contente com isso. Ela não quer ter nada com essa Tara. Algumas vezes nós a ouvimos, tarde da noite, berrando e se esgoelando com essas crianças.

— Pobrezinhos — Eva disse, sacudindo a cabeça. — Sabe, vocês deviam fazer uma queixa contra essa mulher na delegacia de proteção de crianças e adolescentes ou algo assim. Sobre perturbar a paz. E aquele Antonio, estava maluco ou o quê quando alugou a casa para essa mulher horrível?

— Ele não alugou. Quer dizer, Tara é meia-irmã da mulher dele. Ele só a está deixando ficar durante o inverno, até vender a casa na primavera. Pelo menos foi o que ele disse.

— Ai, família — Eva disse, se abanando com um saco de papel pardo.

Tehmina percebeu que, mesmo fazendo frio no mercado, a amiga estava transpirando. Em contraste com o casacão e o cachecol que Tehmina usava, Eva só vestia um suéter de lã. No minuto seguinte, Eva tirou do bolso seu enorme lenço, tamanho masculino, e secou o rosto todo.

— Mas que calor é esse? — ela disse. — Solomon diz que eu pareço um salmão grelhado. E estamos em dezembro, em Ohio.

Como Eva podia estar com calor?, Tehmina pensou. Aquele único dia mais quente no início da semana já ia longe. Ela percebeu que todos os feirantes usavam protetores de orelha e luvas sem dedos. Mas, antes que pudesse dizer alguma coisa, Eva continuou:

— Será que já não sofri o bastante com os meus sogros, para não falar dos meus pais, Deus guarde a alma deles? E, mesmo agora, acha que eu tenho algum sossego com sete irmãos e irmãs? Qualquer coisa que não dê certo na vida deles, e logo me telefonam, tão ligeiros quanto uma pulga num cachorro. E agora até os filhos deles pegaram a mania de ligar para a tia Eva assim que precisam de qualquer coisa — ela sorriu. — Certo, chega de lamúrias. Você sabe o que a minha pobre mãe costumava dizer? Esse mundo perverso estava aqui ontem e estará aqui amanhã. Não há necessidade de derramar lágrimas por ele.

Elas retomaram suas compras, Tehmina indo de banca em banca e perguntando se eles tinham abóbora vermelha, que ela precisava para fazer *dhansak daal*. Mas a maioria dos vendedores, gregos, mexicanos ou italianos, olhava para ela sem sinal de reconhecimento, e então ela decidiu que esperaria até que as crianças a levassem à loja indiana. Em vez disso, Tehmina comprou berinjela japonesa, quiabo, abóbora, pimentões, uma dúzia de tangerinas, um maço de coentro fresco e uvas. Talvez ela pudesse poupar as crianças da viagem ao supermercado no final da semana.

— Tehmina! — Eva exclamou por fim. — Melhor você ir mais devagar, meu bem. Se você comprar mais alguma coisa, a gente vai ter que chamar um táxi para levar as coisas até o carro. E você quer deixar algum tempo para a gente poder passar na Target, né?

O sol estava quente quando elas deixaram o velho prédio do Mercado do Produtor e se dirigiram para o carro de Eva. Talvez tenha sido o sol nos olhos de Tehmina que fez com que eles se enchessem de água. Mas, enquanto ajudava Eva a pôr as sacolas de legumes no porta-malas, Tehmina identificou o que estava sentindo. Era felicidade. Pela primeira vez em meses ela se sentia realmente livre e feliz.

Mesmo assim, algo a estava chateando. Concentrando-se no ponto escuro dentro dela, Tehmina reconheceu o que a perturbava: foi o encontro com Tara, a solitária nuvem negra num perfeito céu azul.

MULHERES.

Sorab Sethna sentiu que estava se afogando num mar de mulheres. Sua nova chefe, Grace Butler, era apenas a última das fêmeas posta na Terra para fazer da sua vida um inferno. Vejamos essa manhã, por exemplo. Grace ordenou que ele fosse ao escritório dela para rever os seus velhos planos para sair de férias na semana após o Natal. Não importava que tivesse feito o pedido havia quase um ano. Não importava que ele viesse tirando essa mesma semana fazia oito anos, e que todos os seus colegas e chefes anteriores soubessem disso e nunca lhe tivessem negado esse pedido. Afinal, Sorab quase nunca tirava todos os dias de férias a que tinha direito. Sua última avaliação anual tinha sido tão brilhante quanto a anterior. Na verdade, Sorab costumava pensar na expressão *avaliação brilhante* como uma única palavra, costurada pelo elogio constante que ele colhia de seus superiores. Os demais executivos que gastassem o tempo olhando por cima dos ombros e se afligindo com quem estava quase os alcançando. Eles que gastassem as noites planejando a melhor maneira de pedir um aumento a seu chefe. Sorab nunca pedira um aumento na vida; na verdade, nem sequer perguntara sobre seu novo salário ao trocar de emprego, certo de que seria mais generoso do que o anterior. E, apesar de ser o menino de ouro em todas as agências onde trabalhou, Sorab também escapou de desenvolver uma úlcera por conta das traições, das tramoias e dos planos que derrubaram tantos outros. Ele esperava nada além de justiça e respeito dos demais e de alguma maneira, milagrosamente, recebia isso. Quando menino, na escola da Catedral, em Bombaim, seu pai, Rustom, costumava lhe dizer: “Nunca negue a outro homem o seu sucesso, filho. Lembre-se de que cada um de nós tem seu próprio destino. Todas as nossas vidas seguem em paralelo, o sucesso de alguém não nos puxa para baixo nem seu fracasso nos impele para cima. Você se concentre no seu relatório e no seu trabalho”. Sorab tinha levado a lição de seu pai ao pé da letra, primeiro na Catedral, depois na faculdade nos Estados Unidos e agora no mundo corporativo. Ele ainda se lembrava de seu horror quando ouviu pela primeira

vez sobre o escândalo de Tonya Harding e Nancy Kerrigan nas Olimpíadas. Seu primeiro pensamento havia sido: por que Tonya simplesmente não trabalhou mais para vencer Nancy de maneira honesta?

Trabalho árduo triunfa sobre todas as coisas. Sorab sabia que isso era tão verdadeiro quanto o fato de ele ser o único filho de Rustom Sethna. Canfield & Associados, onde Sorab era agora vice-presidente, contratava executivos recém-saídos das escolas de negócio de prestígio. Eles eram jovens, de queixo quadrado e aspecto agressivo. Acima de tudo eram solteiros, o que significava que podiam trabalhar sem restrições de horário, o que era impraticável para Sorab. Mas, mesmo assim, ele não estava preocupado. Sem falsa modéstia, sabia que neurônio por neurônio, ideia por ideia, ele saía ganhando na comparação com qualquer um deles. Várias vezes Sorab havia deixado homens quinze anos mais novos boquiabertos e de queixo caído em reuniões de equipe.

Pelo menos esse era o histórico de Sorab na Canfield até Grace Butler ter assumido o cargo do gentil Malcolm Duvall, havia seis meses. Agora, com frequência, Sorab se pegava sentado no seu escritório rabiscando e tendo pensamentos sombrios sobre Grace Butler em vez de se concentrar no relatório diante dele. A maneira com que o tinha interrompido em uma de suas apresentações e dito: “Bom, está tudo ótimo e certo, Sorab, mas isso é *tão* século xx. O que você sugere, sabe, para fazer os cabelos da minha nuca ficar arrepiados?”.

Era assim que ela falava, através de clichês. Quem, além de cabeças de vento que mascam chicletes em *sitcoms*, realmente fala assim? “Foda.” Essa era outra das palavras favoritas de Grace Butler. Nem todos os executivos juniores andavam por aí dizendo *foda* ou *irado*. O que durante o reinado de Malcolm Duvall era apenas bom agora era *foda*. O que costumava ser ótimo agora era *uma puta ideia*.

E o que ela fizera durante a reunião executiva dessa manhã estava além do repugnante. Sorab havia mencionado que estaria fora na última semana de dezembro, e Grace se voltara para ele com tal expressão como se Sorab tivesse

acabado de confessar uma série de assaltos a banco por todos os Estados Unidos.

— Mas isso é impossível — Grace disse. — Ah, meu Deus, essa é uma das semanas mais importantes para nós. Um executivo sênior não pode estar ausente nesse período de jeito nenhum. Além disso, eu mesma estou planejando tirar uma folga mais perto do feriado.

Sorab olhou em torno da sala de reuniões sem saber exatamente o que fazer. Será que Grace realmente queria discutir sua folga durante a reunião da equipe? Mas, antes que pudesse responder, ela o tirou do aperto.

— Vejo você no meu escritório logo após a reunião, certo? — ela disse. — Precisamos resolver isso.

Será que foi sua imaginação ou Gerry Frazier, o novato que Grace trouxera da Weatherhead School of Management, lançou um sorrisinho para Grace?

Ele estava fervendo quando chegou à sala de Grace. Mas conseguiu manter-se impassível.

— Belas flores — ele disse, apontando para o enorme buquê de rosas amarelas na mesa dela.

— Obrigada — Grace respondeu. — Foi Bryan quem mandou. Tivemos uma briguinha ontem à noite. Acho que é seu jeito de pedir desculpas.

Bryan era o namorado de Grace, e, apesar de Sorab nunca ter sido apresentado a ele, nutria uma simpatia instantânea pelo desconhecido Bryan a cada menção de seu nome. Mas não agora. Tolo idiota, pensou Sorab. Devia ter se mandado enquanto podia.

Grace abriu a boca, e Sorab sabia que tinha de se antecipar ao que viria: confidências sobre o relacionamento entre ela e Bryan, seguidas de um discurso sobre os imprevisíveis e exasperantes modos masculinos, um assunto que não parava de inspirar Grace. Ela possuía o hábito enervante de alternar intimidade e distanciamento. Sorab sempre ficava espantado de ver como uma mulher que dirigia uma agência com tanta discrição, que trazia suas cartas tão próximas ao peito, falava de sua vida pessoal com os colegas como quem conversava com um analista. Não pela primeira vez Sorab sentiu saudades do

aristocrático e formal Malcolm Duvall — o caladão de sotaque britânico, com seus limites claros entre o público e o privado, seu comportamento firme e sóbrio. Como Malcolm pôde escolher essa mulher loura, caprichosa, de saias curtas demais e coração de pedra, como sua sucessora? Embora Joe Canfield, fundador da agência e agora diretor do conselho, fosse o responsável pela decisão final, Sorab sabia que Joe nunca teria indicado Grace sem a aprovação de Malcolm. Será que o bom e velho Malcolm deixou de ser imune à substituição do conteúdo pela aparência? E será que ele, Sorab, era um caipira terceiro-mundista, tão irremediavelmente ultrapassado, tão imperdoavelmente *desi*, tão absolutamente... Ah, meu Deus, tão absolutamente *século XX*... que Joe preferira Grace?

— Bryan é um sujeito legal. — Grace dizia. — Mas às vezes, Deus, eu apenas...

— Grace. — A voz de Sorab soou mais alto do que ele queria. — Eu preciso dizer que não gostei... quer dizer, gostaria que você tivesse esperado para revermos as minhas férias até estarmos...

— Ah, pare de se lamentar, Sorab, não seja tão *dramático*. Você está sempre pensando que estou pronta para atingi-lo. Veja só, são coisas assim que me fazem imaginar se você está realmente pronto para assumir o departamento quando Kurt se aposentar.

Sorab encarou a mulher sentada diante dele.

— Eu não vejo nenhuma relação entre isso e a direção do departamento — ele disse por fim. — Só queria deixar claro...

— É, bom, só queria deixar claro que eu não acho que você deva fazer planos para as suas férias sem falar comigo. Bryan quer me levar para esquiar durante alguns dias, e não posso acreditar que você...

— Grace — Sorab disse com cuidado. — Eu solicitei essas férias há quase um ano. Essa é a maneira como sempre fizemos aqui na Canfield. A folha da programação circula em janeiro e...

— Bem, veja, outro exemplo da maneira de pensar da velha guarda. Sempre voltando ao que sempre se fez. O que estou tentando fazer aqui, Sorab, é sacudir as coisas. Vocês todos, da velha guarda, têm sido

complacentes por tempo demais. E posso lhe adiantar agora mesmo que as coisas vão mudar por aqui.

Velha guarda? Será que ela sequer me enxerga ou vê a cor da minha pele?, Sorab pensa. Ela está me colocando no mesmo balaio de todos aqueles homens brancos de meia-idade que trabalham aqui desde sempre? Ela acha que eu uso calças verdes xadrez e vou jogar golfe todos os finais de semana? E então ele se distraiu com outro pensamento, mais doloroso.

— O que você está querendo dizer, Grace? — ele perguntou, tirando qualquer emoção da sua voz. — O que vai ser diferente?

Sorab notou de imediato que ela estava evitando os olhos dele. Em vez disso, Grace olhava para o relógio de parede atrás de Sorab.

— Olhe, não quero entrar nesse assunto agora. Já passa muito das seis, e eu *realmente* preciso sair daqui. Mas, já que caímos nesse assunto... acho que devo ser franca, Sorab... não estou gostando da ideia de vê-lo assumir o departamento quando o Kurt se aposentar no ano que vem. Você, não sei, me parece distraído ultimamente, e eu apenas sinto... isto é, não estou convencida de que você está pronto para o cargo.

Inexplicável e mortificadamente, Sorab sentiu vontade de chorar. Ele sentou apertado na cadeira de couro marrom, tenso e com vergonha de como seu corpo parecia pronto a traí-lo, a capitular diante das palavras vergonhosas e inverídicas de Grace. Mas a verdade era que, em sua carreira toda, ninguém nunca lhe dissera que não servia para um cargo. Todos os seus patrões o tratavam como um menino prodígio, a pessoa a quem buscar quando se tinha um problema para resolver. A última vez que um superior havia expressado desapontamento em relação a ele fora na terceira série. Quando o diretor Francis D'Mello resmungara para o menino sentado diante dele e perguntara por que diabos havia participado de uma guerra de bexigas de água. E mesmo isso, a menor das reprimendas, havia sido demais para Sorab aguentar, e ele passou a evitar os meninos mais endiabrados de sua turma depois disso. Agora ele sentia uma mistura de emoções: raiva pelas acusações de Grace, náusea diante de sua dubiedade e, o pior de tudo, desespero infantil de querer que ela se acalmasse e reconhecesse que estava errada.

Ele limpou a garganta.

— Não sei o que dizer — ele começou, e podia ver nos olhos ligeiramente estreitados de Grace que ela havia percebido um ligeiro tremor na sua voz. — Eu acho... acho que não previ isso, Grace. E, com franqueza, não sei ao certo ao que você se refere quando diz...

Grace pulou da cadeira.

— Deus, sinto muito, mas realmente tenho que ir. Bryan comprou entradas para a orquestra desta noite. Ouvi dizer que o maestro convidado é foda. — Ela olhou para Sorab. — Veja bem, não estou dizendo que decidi coisa nenhuma. Mas eu queria que você soubesse que estou mantendo todas as cartas na mesa. Várias pessoas mencionaram o Gerry para mim, e há outros bons candidatos a considerar.

Gerry? Gerry Frazier? Será que ele ouviu direito? Aquele novato metido, arrogante, desinformado, fofoqueiro, falso, de olhar vazio? Gerry parecia com Dan Quayle, com bronzeado e músculos. Diabos, outro dia mesmo Sorab ouviu Bill Dixon dizer: “Meu Deus, Gerry. Se você passar mais tempo no escritório do que na academia, talvez aprenda alguma coisa”. Gerry apenas deu seu sorriso habitual, aquele que fazia as secretárias desmaiar. A ideia de ter Gerry no comando do departamento era tão absurda quanto a de ter Paris Hilton no comando do Pentágono.

Grace fechou a sua maleta de couro bege.

— Bom, estou indo. Vamos fazer o seguinte: que tal almoçarmos juntos esta semana? E me avise sobre o que decidiu sobre suas férias.

De volta à sua sala, Sorab trancou-se e fez o que nunca tinha feito: chutou a lata de lixo. A embalagem do sanduíche de galinha que tinha almoçado caiu no chão. A lata de Coca deixou um rastro líquido. Sorab pegou sua maleta. Ele deveria encontrar Susan para um jantar no Tropez hoje à noite, e agora ia ter que dirigir feito um maníaco para não se atrasar. Tudo porque teve que ficar sentado na sala da perigete esquizofrênica e ouvi-la fazer o que fazia de melhor: nada. A palavra começada com P surgiu em sua mente como uma chama, mas ele jogou areia e a apagou. Sorab odiava quando palavras feias eram dirigidas a mulheres. E pensar em mulheres o fez se lembrar do

rosto escuro e magro de Juanita, a mulher de meia-idade, de origem hispânica, que fazia a faxina do escritório todas as noites. Ele não podia deixar essa bagunça no chão para Juanita limpar. Abaixando-se, pegou a embalagem e a latinha que tinha rolado para debaixo de sua mesa e as jogou no cesto de lixo.

No carro, pensou se devia avisar Susan que estava atrasado. Olhando para o relógio, ele calculou que poderia chegar a tempo se dirigisse rápido e se não pegasse nenhum sinal vermelho. Pegou o celular e ligou para seu melhor amigo, Percy Soonawalla, no escritório de advocacia. Depois do encontro com Grace ele precisava jogar conversa fora, simples e descomplicadamente, com outro homem.

— Michelle? — ele disse ao celular. — Oi, é o Sorab. O Percy está?

Um minuto depois, a voz reconfortante e familiar de Percy era ouvida.

— E aí, chefia. *Kem che?* Ainda no trabalho? Quer se encontrar para um drinque rapidinho?

Sorab sorriu. O velho e bom Percy. Eles eram amigos desde a terceira série na Cathedral, e, após a morte da mãe de Percy, ele vivera na casa dos Sethna. Dois anos depois que Sorab veio para os Estados Unidos, Percy o seguiu. Agora o amigo era um advogado da imigração em um dos maiores escritórios de advocacia da região.

— Não posso — ele respondeu. — Vou encontrar a Susan para jantar.

— Ah, merda. Estive o dia todo seco por um uísque.

Sorab suspirou.

— Sei o que quer dizer. — Ele fez uma pausa. — Você se lembra daquela tarde no Anil quando estávamos no nono ano? Eu queria poder tomar um porre daqueles de novo. Talvez me ajudasse a deletar da memória a última reunião com minha adorável chefe.

— E por que não pode? — veio a resposta de pronto. — Caramba, foi para isso que viemos para os Estados Unidos, não foi? Para sermos livres para correr atrás das mulheres e encher a cara sempre que quisermos. Afinal, não é isto a busca da felicidade: o direito de entornar umas doses de uísque, de olhar as nossas irmãs americanas louras e de pernas longas por baixo das saias, de comer carne e ovos em tal quantidade que faça elevar nosso colesterol a novos

níveis? Porra, não chamam isso de terra prometida por nada. Estou lhe falando, Sorab, você precisa aprender a curtir os seus sagrados direitos constitucionais — Percy continuou. — É por isso que você vai acabar com uma úlcera, chefia, por falta de diversão. Se eu fosse você, dava um cano na Susan esta noite e saía para beber comigo.

E provavelmente essa é a razão de você estar na quarta esposa, Sorab pensou. Às vezes, ele ainda não podia acreditar nisto: como Percy, que não era nenhum Gary Cooper, lidava com as mulheres como outros homens lidavam com seus jantares. E o mais estranho era que, a cada vez que Percy se casava com uma nova mulher, sua felicidade era tão grande e contagiosa que ele conseguia convencer a todos seus amigos, e a si mesmo, de que dessa vez a tinha achado a tal, a sua alma gêmea, seu verdadeiro amor. E, um ou dois anos mais tarde, estava reclamando da pensão e dos arranjos do divórcio.

— Sabe qual é o seu problema, chefia? — Sorab disse uma vez para ele. — Você tem a síndrome da Elizabeth Taylor, você não parece compreender que se pode dormir com alguém sem necessariamente ter de casar com ela.

Percy deu de ombros.

— Me declaro culpado. Acho que sou um romântico incorrigível.

Agora ele ouvia Percy lhe dar uma prensa.

— *Chal ne, gadhera* — Percy disse. — Você vai ou não vai beber comigo?

— Não posso — Sorab respondeu. — Susan está me esperando no Tropez. E, por falar nisso, preciso desligar assim que chegar lá, tá? Graças à minha chefe sem consideração, estou atrasado. E a Susan odeia esperar sozinha em restaurantes.

— Não posso culpá-la — disse Percy. — Então o que aconteceu com a Diaba hoje?

— A merda de sempre. Fez de conta que estava surpresa com as minhas férias na semana depois do Natal. Quando até a faxineira sabe que faço isso todos os anos. E, para piorar, ela disse...

Mas a ideia de contar a seu camarada sobre a ameaça da Grace de se recusar a promovê-lo era muito vergonhosa para Sorab. Afinal, eles eram garotos da Catedral, e os garotos da Catedral são sempre bem-sucedidos. Os

indianos com quem Percy e ele conviviam — doutores, advogados, engenheiros, homens de negócios — tinham todos vindo para os Estados Unidos e construído sua fortuna. Muitos deles eram casados com americanas; muitos dos seus filhos frequentavam Yale e Stanford; a maioria tinha mansão no subúrbio. Sorab fazia tempo dizia no seu círculo que logo seria promovido a chefe de seu departamento e, algum dia, da companhia. Até que a periguetela loura vidrada no Bryan resolveu acabar com ele. Merda. Agora ele parecia com o Percy, fazendo aliterações.

— Ei. Você ainda está aí? — A voz de Percy era clara e urgente ao telefone.

Sorab suspirou.

— Sim. Estou aqui. Sabe, chefia, acho que você está certo. Trabalhando por conta própria, se divorciando quando as coisas não dão certo e tentando a sorte de novo.

Percy percebeu algo na voz do amigo, como este sabia que aconteceria.

— O que tá rolando, Sorab? Alguma coisa errada na sua casa?

— Ah, não. Quer dizer, está tudo razoavelmente bem. É só que Susan e eu... quer dizer, é dureza, você sabe como é, ter mamãe com a gente por tanto tempo. Quer dizer, é sua primeira visita desde que papai morreu. E, não sei, mas não tem a mesma graça sem ele. E Susan fica me perguntando quais os planos da mamãe, se ela vai ficar aqui pra sempre ou não, e eu não tenho a menor ideia. É como se toda vez que tento saber... é como tentar pegar um peixe com as mãos, sabe? Ele escorrega por entre meus dedos. Então, você sabe, bem, algumas vezes isso causa atrito entre mim e a Susan.

Sorab podia ouvir Percy franzindo a testa ao telefone, como ele fazia quando prestava atenção em alguma coisa.

— É. Eu andei pensando em lhe perguntar sobre isso. Estava esperando passar as festas. Se ela ficar, vou ter que submeter uns formulários pedindo no mínimo uma extensão, dependendo do que sua mãe decidir. Você sabe como é aquela droga do INS, os continentes podem se juntar novamente antes que tenhamos uma resposta deles. Ela realmente precisa se decidir logo, Sorab.

— Eu sei, eu sei. Mas, para ser franco com você, chefia, não sei o que é, se mamãe está deprimida ou algo assim. Ou talvez ela estivesse acostumada com papai tomando todas as grandes decisões. Mas ela parece paralisada. Um dia tenho a impressão de que ela poderia viver e até ser feliz aqui. Mas no dia seguinte ela diz uma coisa sobre sua amada Bombaim e como está ansiosa por suas reuniões de bridge quando voltar em fevereiro, e não sei o que pensar. Isso também está deixando a Susan doida.

— Mulheres — Percy disse. — Mulheres. Isso prova que, não importa a idade, elas são sempre assim: indecisas, imprevisíveis, irresolutas. E não é engraçado que todo mundo sente falta de Bombaim desde que não esteja morando lá? Mas, escute, vou falar com ela, tá? Vocês vão à festa de Homi e Perin na semana que vem, certo? Imagino que você vai trazer mamãe para a festa? Bom. Vou tentar falar com ela, então. Como seu advogado, tenho que saber.

— Isso seria ótimo. Talvez ela seja menos esquiva com você.

— Talvez eu devesse conversar com a Diaba também, dizer a ela para tratar meu melhor amigo com mais respeito.

Sorab deu uma risada histérica.

— Respeito? Aquela mulher não saberia soletrar essa palavra.

— Que pena que você não possa se divorciar de sua chefe. Acho que deviam criar uma nova categoria de pessoas de quem se pode divorciar: patrões, professores, oficiais da imigração, familiares, crianças, animais de estimação, proprietários, Tom DeLay, Donald Trump, os funcionários que dão boas-vindas na porta do Wal-Mart. Afinal, por que a felicidade do divórcio se restringe às esposas?

Sorab sorriu.

— Sinto que nasce aí uma nova ação.

— É, uma ação de toda uma categoria, que inclui noventa por cento de todos os americanos.

Sorab entrou na rotatória do Tropez e parou o carro diante da placa negra que dizia: VALET PARKING.

— Sabe de uma coisa? Você tem o mesmo senso de humor bobo que tinha no ginásio. Lembra como você deixava o pobre senhor Singh doido com seus versinhos e trocadilhos?

Ele entregou a chave do carro a um rapaz de camisa bege.

— Ei, você acaba de fazer um trocadilho. Singh é doido, entendeu? Singh quer dizer amendoim, e você disse...

— Entendi, entendi — Sorab gemeu. — Então escute, estou no restaurante. Ligo pra você depois, tá?

— Vai lá. Divirta-se com sua adorável mulher. E lembre a ela que meu convite está de pé: se ela se cansar de você, sempre poderá se casar comigo. Estou certo de que Julie não vai se importar de eu ter mais uma esposa. Quero dizer, os muçulmanos e os mórmons podem...

— Eu digo a ela — Sorab interrompeu. Ele deu uma olhada procurando Amy, a moça de cabelos escuros que habitualmente lhe mostrava onde sentar. — É isso aí, Percy... obrigado por tudo. Como sempre.

— De nada. Nós, caras, temos que ficar unidos contra essas mulheres perversas com seus métodos capciosos. Escute, não se preocupe, vou falar com *Mamma Tehmina*. Vamos resolver isso tudo, tá?

Ao desligar, Sorab avistou Susan numa mesa próxima à janela. Como de costume, ela havia trazido um livro para ler enquanto esperava por ele. No primeiro encontro oficial deles, Sorab tinha ficado espantado ao ver Susan aparecer carregando um romance e havia interpretado mal suas razões. Você realmente achou que o encontro seria tão chato que teria que ler?, ele lhe havia perguntado. Mas, depois de todos esses anos juntos, Sorab sabia quanto Susan era tímida e como odiava sentar no restaurante ou em qualquer espaço público sozinha. O livro era um refúgio bem-vindo.

Susan ergueu a cabeça e localizou Sorab do outro lado do salão. Fechando o livro, ela acenou. Inexplicavelmente, Sorab sentiu um nó na garganta. A velha e boa Susan. Tão sólida, tão íntegra, em comparação com a superficialidade quebradiça de Grace Butler. Susan jamais usaria uma palavra como *foda*. Susan era o lar, o ancoradouro, o refúgio da ostentação do mundo.

Ao atravessar o restaurante para encontrar a mulher, ele sentiu seu corpo relaxar pela primeira vez naquele dia.

— OI, MEU BEM — Sorab disse, inclinando-se para beijar o rosto da mulher. — Desculpe pelo atraso. Eu já estava de saída quando a Grace decidiu que tinha de falar comigo naquele instante.

Susan sorriu.

— Sem problemas. Imaginei que você estava seguindo o fuso horário de Bombaim.

— Isso foi uma indireta?

Sorab olhou para a mulher com mais atenção. Ultimamente era difícil saber o que ela realmente estava pensando. Aquela antiga cumplicidade, em que ele podia ler sua mente e completar suas frases, parecia ter desaparecido. E, de repente, ele sentiu a perda da intimidade de forma aguda, tão forte quanto o sentimento da perda de seu pai, oito meses depois de sua morte.

— Ai, pelo amor de Deus, Sorab. Foi só uma *brincadeira*. Eu lhe disse que estava tudo bem. Deixe de ser tão sensível.

Não era dessa forma que havia imaginado esta noite. A razão de jantar com Susan era justamente para passar mais tempo a sós, juntos, longe da presença benigna porém intrusiva da mãe. Mas, passados dois minutos, ele já estava na defensiva, se sentindo da mesma maneira que em casa ultimamente. Merda, ele pensou. Podia ter ficado em casa e economizado umas cinquenta pratas. É mais barato se sentir infeliz em casa. Sorab se lembrou de seu encontro com Grace Butler mais cedo e teve a mesma sensação de que a conversa lhe escapava rapidamente. Como as mulheres conseguem isso? Ele se admirava. Como conseguiam fazer um homem se sentir culpado por tirar umas férias bem merecidas? Como conseguiam fazer com que um homem, prestes a gastar uma boa quantia num jantar, se sentisse um merda por chegar cinco minutos atrasado? Ele olhou em volta à procura de um garçom, tentando não deixar Susan perceber quanto suas palavras o haviam irritado.

— Meu bem — Susan disse, segurando as mãos dele entre as suas. — Ouça, eu... — Mas aí o garçom apareceu. Um cara novo, que Sorab não conhecia, se aproximou para anotar o pedido de bebidas.

— Margarita, com gelo — disse Sorab. — E com sal.

— Duas — Susan acrescentou, as mãos dela ainda segurando as de Sorab. Ela se virou para ele tão logo o garçom se afastou. — Ouça, vamos apenas começar de novo, tá? Acho que começamos com o pé esquerdo.

Ele fez um esforço consciente para sacudir a tristeza que o envolvia.

— Tá. — Ele sorriu. — Então imagina que acabei de entrar no restaurante, tá? E aqui estou eu me abaixando para beijá-la. E estou dizendo: “Desculpa, meu bem. O trânsito tá uma merda esta noite”.

— E aí eu digo: “Deus, Sorab, você está lindo de morrer esta noite”. E se a gente pulasse o jantar e, você sabe, hum?

— Na sua casa ou na minha? — ele disse, feliz com a brincadeira.

Os olhos de Susan estavam verde-dourados naquela luz.

— Acho que terá que ser na minha. Na sua tem um menininho, uma avó velhinha e um peixinho dourado.

A voz dele era rouca.

— O que faremos na sua casa?

Susan lambeu os lábios.

— O que você quiser. Tudo. Satisfação garantida.

Apesar da expressão exageradamente vulgar, Sorab sentiu a virilha se tensionar.

— Querida — ele disse —, eu começo a achar a ideia de pular o jantar uma boa pedida.

Eles riam quando o garçom voltou com as bebidas e anotou o pedido dos pratos.

— Rapaz, eles sabem fazer margaritas aqui. — Susan suspirou e tomou um longo gole. — Você sabe, eu gostaria de ter um lugar só meu... um refúgio para quando o Cookie e... tudo mais fica difícil de aguentar.

Ele escutou o que ela não tinha dito.

— Mamãe foi difícil hoje? — perguntou com gentileza, receando a resposta.

— Não, não de verdade. Quero dizer, ela esteve fora fazendo compras com a Eva Metzbaum quase o dia todo. Elas foram ao Mercado do

Produtor. Deus sabe por quê. Ela voltou com um monte de frutas e legumes. E por acaso eu passei no supermercado hoje, depois do trabalho. Então a gente agora tem sacas de tangerinas e meia tonelada de quiabo.

Apesar do esforço de Susan em manter o tom casual, Sorab percebeu a frustração na voz dela. E se sentiu ligeiramente irritado com sua mãe. Por que diabos ela teve que ir ao mercado por conta própria? Ela estava sempre dizendo que Sorab e Cookie não comiam frutas e legumes suficientes. Será que essa era a maneira de lhe esfregar isso na cara? Sua mãe podia ser dissimuladamente agressiva, e ele sabia disso. Todas as malditas mulheres parses eram assim.

Para Susan ele disse:

— Ela provavelmente só queria ajudar. Você sabe como ela quer achar uma maneira de participar da família.

Susan respirou fundo.

— Eu sei, Sorab, eu sei. É só que... por que ela não pode ajudar em coisas úteis? Quer dizer, coisas que espero que ela faça... limpar a banheira após uma chuva, ou passar um aspirador de vez em quando, essas coisas ela não faz. Você sabia que tenho que lavar a banheira todo dia antes de tomar banho? E eu já disse tantas vezes “Mãe, se você quiser ajudar, por favor, passe o aspirador”. Mas ela fica esperando até que eu finalmente tire o aspirador do armário. E aí ela insiste em tomá-lo de mim.

Sorab sentiu a onda de calor familiar que lhe vinha à nuca a cada vez que Susan fazia críticas a Tehmina. Ele ouviu a frustração na voz da esposa, mas, por trás de seu olhar, havia a lembrança de uma imagem mais antiga, de sua mãe na cozinha, debruçada sobre a bancada cortando cebolas, seu rosto vermelho do vapor da panela de pressão e do ardor das cebolas. Você se dá conta de que minha mãe passou a juventude toda cozinhando e cuidando de cinco pessoas?, ele queria dizer a Susan. Papai, eu, meus avós e, mais tarde, Percy. E isso sem contar as crianças de ruas e os cachorros vira-latas que ela alimentava. Claro que ela merecia descansar um pouco na casa de seu filho. E quanto a não lavar a banheira toda vez, minha mãe mora num apartamento que não é pintado há vinte anos. Não é por maldade, Susan, é que isso nem lhe

passa pela cabeça. E eu tenho vergonha de lhe pedir para fazer isso. Sem falar que abomino a ideia de ver minha mãe, com a bacia toda ferrada, abaixada na banheira procurando os cabelos grisalhos que possam ter caído. Não quero que ela se sinta como uma visita na nossa casa. Quero que ela acredite que esse é seu lar.

— O quê? — disse Susan. — Você acha que estou sendo cretina?

Não pela primeira vez, Sorab ficou assombrado e arrepiado com a sensibilidade de Susan. Ainda que a esposa pudesse se tornar mais complexa e misteriosa para ele, conseguia entendê-lo com extrema facilidade.

— Não, cretina, não, de jeito nenhum. É só que...

É só que... existem umas coisas, alguns pensamentos pouco claros que pulam como peixe para fora da rede de palavras. Algumas diferenças eram tão grandes que estavam além da linguagem, além da explicação. Como Susan tinha ficado com certa inveja quando ele lhe contou que sua mãe sempre tivera empregados. E que a peixeira, o menino jornaleiro, o padeiro e o açougueiro, todos passavam pela casa todas as manhãs para fazer entregas. Como Susan deve ter achado que a vida de sua mãe era luxuosa e fácil. Mas não é assim que ele se lembra da vida dela, em absoluto. O que lembra da sua infância é do constante tilintar da sineta da porta e de vozes altas, e de sua mãe cansada, com o rosto vermelho, e das queixas dos vizinhos, do barganhar com os vendedores, das discussões com os criados e da sequência de visitas inesperadas e dos familiares que apareciam sem aviso, cheios de exigências. E, de alguma forma, como um maestro de uma orquestra infernal, sua mãe tinha que dar conta de tudo isso. Tinha que domar os chocalhos desgovernados, acelerar o rufar da percussão e confortar o lamento magoado que saía do violino. Ele nunca perguntou e sua mãe nunca falou, mas Sorab sabia que Tehmina trocava de bom grado os criados e vendedores que vinham à sua porta por um lava-louça incapaz de reclamar, por um aspirador que não pedisse aumento, por um supermercado onde os preços são fixos, por uma secadora de roupas que não lhe respondesse, por um processador que cortasse as cebolas sem deixar um rastro de lágrimas.

Sorab olhou para Susan, que se esforçava por entendê-lo, e sentiu o abismo entre eles, tão enorme quanto a distância entre Bombaim e Ohio. Como explicar à sua mulher a fenda que se abria em seu coração cada vez que havia um conflito entre as duas mulheres que ele mais amava no mundo? Como lhe descrever seus primeiros anos nos Estados Unidos, quando se sentiu sem raízes, como apenas os imigrantes podem se sentir, com a cabeça nos céus da América e os pés plantados em Bombaim, como se estivesse com um pé em cada continente? Ele ansiava por seus sonhos naqueles dias, porque neles podia olhar pela janela de seu apartamento e ver o velho Embaixador de seu pai estacionado na rua cheia de neve. Ou sua mãe cozinhando peixe e arroz com curry para ele na cozinha exígua do seu apartamento em Ohio. Em seus sonhos, a ponta de seus dedos ainda tocava sua antiga vida. Sorab queria contar a Susan sobre isso, como por anos ele esperava que sua vida não tivesse obstáculos, como desejou ter seus entes queridos sob o mesmo teto. E como, depois que sua mãe e seu pai começaram a visitá-lo em Ohio, ele tinha finalmente se sentido completo, inteiro, perfeito.

— Em que está pensando, amor?

Sorab sacudiu a cabeça rapidamente.

— Em nada. Quer dizer, eu lamento que as coisas não estejam tão tranquilas dessa vez entre você e mamãe, sabe?

Os lábios de Susan desapareceram em uma linha fina. Será que ela sempre usou essa expressão glacial de contrariedade?, Sorab pensou. Ou simplesmente era mais frequente e visível ultimamente?

— Eu também lamento — Susan disse. — Eu... não sei o que deu nela nessa visita. Ela está tão... teimosa ou algo assim dessa vez. Tento ajudar, mas ela não parece tão disposta e disponível quanto no passado.

— Ou talvez ela esteja apenas sofrendo — Sorab respondeu de pronto. Sua voz foi dura, mas ele não se importou. — Você já pensou nisso? Afinal, a mulher acabou de perder o marido com quem viveu por quase quarenta anos.

Susan olhou para Sorab, boquiaberta. Seus olhos brilharam, úmidos.

— Isso não é justo. Isso realmente é um golpe baixo, Sorab. Você acha que eu não me dou conta da perda que ela sofreu? Caramba, acha que tem sido

fácil viver com você se arrastando pelos cantos nos últimos oito meses? Ah, eu sei que você tenta esconder, querido, mas sei que sente falta de seu pai. E aí vai a novidade: eu também tenho saudades do papai Rustom.

— Susan — Sorab começou —, desculpe.

— Estão prontos para fazer o pedido? — perguntou o novo garçom, e por um instante Sorab o odiou. Que cara mais sem noção.

— Vamos lá — ele disse a Susan. — O que você quer?

Ele se virou para a esposa assim que o garçom se afastou.

— Querida, me escute. Eu sei que as coisas estão difíceis neste momento. Eu... eu sinceramente não sei o que fazer para as coisas serem mais fáceis para todos. É tão difícil! Você sabe que eu gostaria que mamãe decidisse o que quer de uma vez por todas. Essa droga de incerteza está me matando.

— Por falar nisso — Susan interrompeu —, se ela decidir se estabelecer nos Estados Unidos, vamos ter a Rosalee fazendo a faxina toda semana, em vez de quinzenalmente, como de costume, tá? Isso é algo em que vou insistir, Sorab. Não me importo se...

— Achei que já tínhamos decidido que íamos fazer isso — ele disse, ciente do tom glacial de sua voz. — Por que está voltando a esse assunto, Susan?

— Porque sei que você acha que eu sou neurótica com a casa. E sei que você não entende minha necessidade de ter um banheiro limpo e uma casa arrumada.

— Susan, pare de me tratar como se eu fosse um caipira terceiro-mundista. Você acha que eu não faço questão de um banheiro limpo? É só que prezo mais a paz no lar, por exemplo, do que essas coisas. Às vezes você não se dá conta de que trata mamãe como se você fosse uma princesa de pele branca e ela sua lacaia.

— Escute só, preste atenção no que você está dizendo! — A voz de Susan estava alta, mas ele resistiu à vontade de pedir que baixasse o tom, sabendo que isso só a deixaria ainda mais furiosa. — Estávamos falando da casa, e, do nada, você começa a falar sobre raça e política internacional. Querido, eu casei com você sabendo que você era, como você diz?, um caipira

terceiro-mundista, tá? E o que a cor da sua pele tem a ver com o fato de que não quero cabelo na droga da banheira quando vou tomar banho, eu não sei. — Susan estava engasgando com as palavras e usando o guardanapo de tecido para secar as lágrimas quentes que se acumulavam embaixo dos olhos.

— Que inferno. Brigar com você era a última coisa que eu queria fazer esta noite. Tudo o que estava tentando lhe dizer é que... — Ele a encarou, sem palavras, triste e sem saber o que fazer para reverter a situação. — Talvez convidar a mamãe para morar com a gente não seja uma boa ideia — ele finalmente resmungou. — Talvez ela precise voltar para a casa dela no final dos seis meses.

— Para que ela fique solitária naquele apartamento enorme? E para você se ver doido de preocupação cada vez que ela pegar um resfriado ou algo assim? Ou você pretende correr para lá toda vez que algo der errado? Lembra como você ficou transtornado durante as greves de Bombaim? E aquilo aconteceu quando o seu pai ainda era vivo. — A voz de Susan abrandou-se. — Sorab, eu amo a sua mãe, e você *sabe* disso. Ou deveria saber depois de todos esses anos. Nós vamos... nós vamos dar um jeito, tá? Se ela decidir que quer ficar, a gente vai encontrar uma maneira de isso dar certo, eu prometo. Parte do problema é que, com as festas, estamos todos um pouco estressados. Vamos deixar passar as próximas semanas.

Sorab suspirou fundo.

— Isso é outra coisa. Grace me chamou no escritório dela hoje e fingiu que estava chocada com as minhas férias na semana depois do Natal. Pediu para eu reconsiderar.

Os olhos de Susan faiscaram.

— Ela lhe pediu para o quê?

Ele se sentiu grato pela maneira instintiva com que Susan saiu em sua defesa. Essa é a vantagem de se estar casado, ele pensou. Tem sempre alguém do seu lado na luta contra o mundo.

— É, ela quer que eu não me ausente nesse período. Parece que tem planos de esquiar na semana depois do Natal.

— Eu vou lhe dizer o que você deve reconsiderar. Você deve reconsiderar se quer continuar trabalhando para a idiota da sua chefe. A mulher está tornando a sua vida um inferno, Sorab. Talvez seja hora de procurar um novo emprego.

A gratidão transformou-se em irritação.

— Bons empregos não nascem em árvores, querida — ele disse. — E as ações nesse emprego são...

— Pro inferno com as ações! — A voz de Susan estava alta o suficiente para fazer com que o casal de idosos na mesa à direita se virasse para olhá-los. O homem mais velho lançou para Sorab um olhar que era um misto de compreensão e surpresa. — Meu Deus, Sorab, o que você está se tornando? Houve um tempo em que você teria dado conta de dez Grace Butler num piscar de olhos. Quer dizer, você nunca precisou procurar um emprego, meu bem. Deixa o pessoal saber que você está buscando, e virão procurá-lo. E por que diabos você se importa com a droga dessas ações?

— Elas não são uma droga de ação! — ele resmungou automaticamente. — E eu não sou mais tão jovem, Susan. E agora temos que pensar no Cookie também.

— *Estou* pensando no Cookie, e ele merece um pai que seja feliz no trabalho e caminhe por aí com a cabeça erguida. É disso que o Cookie precisa, e não de um fundo para financiar seus estudos. E quanto a não ser mais tão novo, quantos anos você tem? Cento e quatro anos? Cinquenta e quatro? Você tem trinta e oito, pelo amor de Deus! Seu pai escalou uma montanha na Argentina quando tinha cinquenta.

— Meu pai era um rei — disse Sorab. — Não sou como ele, tenho medo.

— Mentira. Você é igual a seu pai. Eu sei disso e vou lhe dizer uma coisa: seu pai também sabia. Ele tinha muito orgulho de você. Você sabe o que ele me disse uma vez? Que você era o homem mais honrado que conheceu.

Sorab fitou o painel atrás de Susan, sem ousar falar. Essas lágrimas idiotas. Ele podia sentir os olhos de Susan pousados nele enquanto tentava se recompor.

— Obrigado — ele disse por fim. — Agradeço que tenha me contado.

Susan concordou.

— Você sabe que ele tinha orgulho de você. — Ela esperou até que o lábio inferior dele parasse de tremer. — Querido, ouça. Sei que você está sob muita pressão, mas não permita que nem a Grace nem ninguém faça você duvidar de si mesmo. — Ela sorriu. — Lembre-se que eu tinha cento e um pretendentes e escolhi você. Será que isso não lhe diz quão maravilhoso você é?

Eles agora estavam em território conhecido.

— E, é claro, eles eram atraídos por sua extrema humildade e modéstia — ele sorriu.

— E a minha aparência deslumbrante. Não vamos nos esquecer da aparência.

Ele a fitou nos olhos.

— Amor, nunca me esquecerei da sua aparência. — E deixou o olhar cair sugestivamente no seu decote.

Susan caiu na gargalhada.

— Pare com isso, seu doido. Você está me deixando envergonhada.

Sorab fez sinal para o garçom trazer mais duas margaritas. Virando para ela, disse:

— Gostaria de envergonhá-la de verdade. Na cama, esta noite.

— Deus nos livre do horrível senso de humor dos parses — ela resmungou.

— Amor, existem algumas coisas sobre as quais nunca brinco. — Ele riu abertamente.

— Essa é outra coisa. Se mamãe resolver ficar conosco, faço questão de mudarmos para uma casa maior. Vamos procurar uma com uma suíte para sogras, tá? Você sabe como é horrível fazer sexo sabendo que ela está no quarto ao lado.

— Amor, mamãe já esqueceu o que é fazer sexo, muito menos como soa. Se ela algum dia nos ouvir, provavelmente vai achar que estamos usando o aparelho de ginástica ou algo assim.

— Não se engane. Seu pai era um homem apaixonado e de sangue quente. E eu vi uns retratos de sua mãe quando jovem. Era bem bonitona. Tenho certeza de que tiveram uma boa vida sexual.

Sorab se sacudiu.

— Pare. Não quero falar disso. Algumas coisas são terríveis demais para serem visualizadas.

— Besteira. — Susan riu. — Por que será que todo mundo tem dificuldade para imaginar os pais na cama?

— Bem, e você? Você pode ver sua mãe e seu pai, você sabe, fazendo aquilo?

— Só depois de duas margaritas — Susan disse, tomando outro gole.

Sorab jogou a cabeça para trás e riu, e por um minuto ele pareceu dez anos mais novo. Isto é o que eu amo na Susan, ele pensou: o humor rápido e sarcástico. Ele estendeu a mão e apertou a dela.

— Eu a amo, você sabe disso, né?

Ela retribuiu o aperto.

— Eu sei disso. Apesar de às vezes pensar se *você* sabe quanto eu o amo.

Eles estavam sorrindo um para o outro quando o garçom veio recolher os pratos. Xô, Sorab pensou. Some. Desaparece. Em vez disso o garçom perguntou:

— Sobremesa?

— Um sorvete de coco queimado — Sorab disse. — Duas bolas.

Isso era outra grande vantagem de estar casado. Algumas coisas, algumas tradições, você simplesmente conhecia.

— Suse — Sorab disse —, vou falar com a mamãe, tá? Para ver o que ela quer fazer. Aliás, conversei com Percy hoje, e ele disse que falaria com ela também, na festa do Homi. Então não se preocupe com isso. Sei que você tem muito que fazer até o Natal.

— No último Natal o papai Rustom ainda estava vivo — Susan disse delicadamente. — Este ano parece estranho.

Sorab encostou-se na cadeira.

— Eu sei. Eu também não sei o que fazer... Fico pensando se devia dar a mamãe um presente pelo papai este ano ou se isso só vai piorar as coisas. Sabe, ele comprava alguma coisa pra ela todo ano no Natal. Deus sabe como as tradições começam, sabendo que somos parses e tudo o mais. Mas você sabe como papai era... qualquer desculpa servia para dar um presente ou fazer uma festa.

— Me deixe pensar sobre isso. Se eu me lembrar de algo que ache que ela vai gostar, eu compro pra ela, tá?

— Obrigado. Eu ainda nem comprei o meu presente pra ela. Sei que tem o xale que vamos dar. Mas eu queria dar uma lembrança minha. Você sabe como ela é sentimental. Talvez eu compre um porta-retratos e ponha uma foto de nós quatro.

— Isso é parte do problema. Não quero comprar nada pesado para o caso de ela voltar para a Índia em fevereiro. Se ela ficar, aí não faz diferença.

— Sei. Percy disse que vai esclarecer tudo isso quando falar com ela.

Eles tomaram o sorvete em um silêncio tranquilo.

— Bom, por mais que eu quisesse ficar aqui a noite toda, acho que a gente devia voltar para aquele nosso garotinho — Susan disse por fim. — Espero que ele não tenha dado muito trabalho para mamãe na hora de ir dormir.

— Estou tão cheio que, se o chão estivesse encerado, era capaz de sair rolando. — Ele se levantou e ajudou Susan a vestir o casaco azul-escuro.

— No ano que vem você vai controlar seu colesterol — ela disse, enquanto saíam para a noite gelada de dezembro.

O dia inesperadamente quente que tiveram naquela semana já era uma memória distante.

— Ano que vem — Sorab repetiu, enquanto abria a porta do carro para Susan. — Difícil acreditar que o ano já acabou.

Ele pensou na morte do pai, como havia estado por seis horas num avião depois de saber que Rustom enfartara, a corrida louca do aeroporto até o Breach Candy Hospital. Rustom ainda estava vivo quando ele chegou, como se

tivesse usado cada grama de sua formidável força de vontade para se manter vivo para ver o filho uma última vez.

— Tome conta de Tehmina — o velho homem havia sussurrado.

— Não precisava nem dizer, papai. Você sabe que vou. Agora descanse — Sorab respondera. Foi a última conversa que tiveram.

— Meu bem — Susan baixou o vidro de sua janela e olhou para Sorab, que estava de pé do lado de fora —, o ano que vem vai ser melhor, eu prometo. Confia em mim, tá? Tudo vai dar certo.

Ele esperou a mulher sair da vaga antes de caminhar até o seu próprio carro. A boa e velha Susan, ele pensou. O bom e velho otimismo americano. Foi por isso que ele veio para este país, para se aquecer no calor de seu “poder de fazer”, de seu otimismo, de sua maneira jubilosa de se livrar do passado e da história. E por um longo tempo isso o tinha contaminado, e ele se sentira como se feito de ouro, intocável, transcendente. Mas a morte de seu pai o fizera perceber que o destino é mais forte do que a fé e que nem mesmo os Estados Unidos podia protegê-lo das voltas e dos caprichos da vida. E agora, pela primeira vez, na escandalosa presença de Grace Butler, até o sonho americano começava a perder seu esplendor e parecer um tanto embaçado. O país inteiro estava agora começando a parecer um *reality show*, uma produção hollywoodiana.

Parece que não era mais suficiente, para os cidadãos, ser Joe Blow ou Sorab Sethna. Agora todo mundo tinha que ser Tina Brown ou Tom Cruise ou Steve Jobs. Tudo tinha que ser de ponta. Todos precisavam de uma reestruturação total. Tudo agora tinha que estar disponível vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana; todos estavam conectados e tinham Bluetooth; todos eram vencedores do *American Idol*. Não bastava viver a vida; agora você tinha que ser um *Sobrevivente*.

Sorab ficou de pé no meio do enorme estacionamento, vendo os flocos de neve dançar no halo dourado das luzes de rua. O vento frio golpeava seu rosto e o fazia se sentir punido e liberto. Afinal, ele pensou, talvez venha a ser um Natal nevado. No início da semana ele duvidara. E talvez o ano que vem *fosse* melhor, como Susan prometera. Mais ninguém lhe fizera essa promessa.

Nem os políticos, nem os redatores, nem os sonhadores músicos de rock, nem as bonitas e cansadas estrelas de Hollywood. Nem mesmo sua mãe, envolta nas brumas do pessimismo, do fatalismo e da superstição, que formavam o caráter do indiano, jamais ousara lhe fazer semelhante promessa. Só Susan podia, e lhe fizera, tal promessa.

Então Sorab entrou no carro e se dirigiu para casa, para aquela promessa.

ESSE MENINO ESCORREGA mais que uma garrafa de azeite aberta, pensou Tehmina. E eu estou velha demais para correr atrás dele assim.

— Cavas — ela arfou —, pare com essa *nataak*, por favor. Já passou muito de sua hora de ir para a cama. Seu papai e sua mamãe vão fazer picadinho de mim se chegarem e descobrirem que você não está dormindo.

Cavas fez uma dancinha, longe do alcance de Tehmina.

— Meu nome não é Cavas — ele cantarolou —, é Cookie. E não use palavras em gujarati quando falar comigo. Sou um menino americano e só entendo inglês.

— *Arre wah*. Seu pai é indiano, e você é meio indiano também. Nunca se esqueça disso, *deekra*.

O sorriso no rosto de Cavas se transformou numa carranca.

— Não, não sou, não — ele disse, batendo o pé. — Indianos são velhos e falam engraçado. Mamãe disse que sou um menino totalmente americano.

Tarde demais. Tehmina viu que a conversa estava incitando o neto. Ela precisava acalmá-lo antes que ele tivesse um ataque de raiva.

— Escute, Cavas... quero dizer, Cookie — ela disse no seu tom mais apaziguador. — Se você vier para a cama em dois minutos, sabe o que vou fazer? Vou deixar você comer um eclair do Cadbury. Que tal?

Cookie olhou para ela, pensativo.

— Você também conta uma história pra mim?

— Claro. Que tal uma do livro do Akbar e Birbal que lhe dei no ano passado?

— Não. Aquele é um livro chato. Quero uma do Even Steven.

Ele é apenas um menino de sete anos, Tehmina disse a si mesma. Lembre-se do que Sorab disse outro dia; ele está numa fase em que finge odiar tudo o que é fora do padrão. “Ele está apenas tentando se enturmar com os amigos, mamãe”, Sorab dissera. “Meninos dessa idade são muito preocupados em serem aceitos. Por isso não tome nada como pessoal, *ally, achcha?*”

Mas, mesmo assim, Tehmina tinha que admitir que o desprezo de Cavas por tudo o que era indiano lhe parecia uma rejeição bem pessoal. No ano passado, quando o avô ainda era vivo, Cavas parecia fascinado pelas histórias contadas por Rustom sobre Akbar, o rei, e seu ardiloso ministro, Birbal. Ele até ouviu com atenção quando o avô lhe contou quem era Omar Khayyam. Mas agora tudo era diferente, ela lembrou a si mesma. Por que o pobre Cavas seria imune às mudanças que entraram na vida de todos desde a morte de Rustom?

Tehmina se recompôs.

— Um, dois, três — ela contou. — Se não estiver na cama quando eu contar até sete, não vai comer chocolate.

— Tá bom, tá bom! — Cavas gritou, enquanto atravessava o quarto e se metia debaixo das cobertas. — Agora, cadê o meu chocolate?

Ao procurar o doce no bolso do vestido, Tehmina sentiu uma pontada de culpa. Ela sabia que Susan ficaria chocada se descobrisse que ela estava subornando seu filho com um doce para ele ir para a cama. Principalmente depois de ele ter escovado os dentes. Ela foi até o banheiro e pegou um copo d'água.

— Agora gargareja direito quando terminar o doce — ela pediu.

Tehmina esperava que ele soubesse que não devia mencionar o chocolate aos pais. Ela queria lhe sugerir que esse devia ser um segredo entre eles, mas seu orgulho a impediu.

— Você vai ler para mim? — Cavas perguntou de debaixo das cobertas. Mas o neto estava bocejando sem parar, e Tehmina sabia que ele não aguentaria até o final.

Ela se odiou por perguntar, mas mesmo assim perguntou:

— Você não gosta mais das histórias de Akbar e Bibal? Ano passado você adorava esse livro.

— Só gosto quando *nana* Rustom o lê para mim — Cavas disse, e o coração de Tehmina estremeceu com suas palavras.

— Ele lia bem, hein, *deekra*? — ela disse, afagando o cabelo do menino. — Seu *nana* o amava muito mesmo. Ele escolheu esse livro especialmente para

você.

— Vovó — disse Cavas —, por que o *nana* não pode mais ler para mim?

Tehmina olhou para o neto sem saber o que dizer. Sorab havia corrido para Bombaim logo depois do enfarte de Rustom, deixando Cavas e Susan em casa. Como será que Susan explicou a viagem repentina do pai? O que será que Sorab disse quando voltou?

— *Nana* está no céu — ela disse por fim. — Ele agora lê para os anjos, em vez de ler para você. Mas toda noite, quando reza e vai dormir, ele olha para baixo e lhe dá um beijo de boa-noite.

Cavas concordou.

— Eu sei, papai disse que o *nana* fica de olho na nossa casa enquanto dormimos. Uma vez, durante uma trovoada, eu estava com medo e papai disse que o trovão era a gargalhada do *nana* para uma piada que Deus tinha contado.

Tehmina sorriu.

— Seu avô tinha uma gargalhada muito forte — ela disse. — Anu, nosso vizinho em Bombaim, costumava dizer que Rustom podia acordar até os mortos com uma gargalhada.

O menino franziu o cenho.

— Por que você sempre fala de Bombaim? Estamos tentando, de verdade, que você se sinta em casa, vovó, mas você continua falando de Bombaim.

Tehmina olhou para o neto com horror. Por um minuto, parecia que o menino estava incorporando o espírito da mãe. A voz de Cavas tinha o mesmo timbre que a de Susan quando frustrada com a sogra. E o mesmo modo agressivo de demonstrar os sentimentos.

Tehmina sabia que o menino apenas imitava a mãe. Mas, de repente, tudo o que ela não conseguia dizer à nora, toda a vergonha e desconforto que Susan lhe impunha com a sua presença, ela agora dirigia ao menino.

— Por que Bombaim é a minha casa, você entende? — ela disse sem tentar conter a ferocidade na voz. — Da mesma forma que esta é a sua casa. Eu passei a minha vida toda lá. E mesmo que outros só vejam a suja e imunda cidade, onde os ônibus quebram e a eletricidade não funciona, os nascidos em

Bombaim veem além, veem a cidade de coração grande e generoso. E isso é o que a maioria das pessoas não consegue ver.

O lábio inferior de Cavas tremia.

— Então volta para a sua cidade fedorenta! — ele vociferou. — Eu não me importo. E... — ele acrescentou de propósito — eu não vou sentir falta de você. Só vou visitar a minha avó Olsen.

Vendo a expressão de raiva de Cavas, o rosto todo molhado de lágrimas e seu pequeno peito arfante, Tehmina sentiu seu próprio peito se encher de amor e de remorso. O menino é refém da minha indecisão, ela percebeu. Crianças precisam de estabilidade, e o pobre menino não sabe onde estarei daqui a dois meses. Por que os adultos pensam que as crianças são imunes aos dramas familiares que se desenrolam diante deles?

— Cavas... quero dizer, Cookie — ela disse —, só porque amo Bombaim não quer dizer que eu não ame você. Na verdade, amo tanto você que sou capaz de...

Ela parou sem saber como prosseguir, sem saber se devia deixar o garotinho deitado ao seu lado ver as quinas pontudas e ásperas de seu coração. Fazia tanto tempo que tinha criado Sorab que ela esquecera de como agir diante de uma criança pequena. E Cookie era bem mais emotivo, se enfurecia e chorava como Sorab nunca fizera. Seu filho tinha sido um bom e comportado menino indiano, enquanto o neto era tão... como era mesmo a palavra? ... *americano*. Sim, essa era a palavra que melhor descrevia Cavas. Ela nunca se sentira tão aflita e dolorosamente indiana como quando estava perto de Cavas. Rustom, por sua vez, tinha simplesmente aceitado o neto em seus próprios termos. Sem maiores esforços, ele se adaptara à vida nos Estados Unidos, aparando a grama com Cavas, correndo atrás dele, plantando vegetais lado a lado com Susan, indo até o supermercado com Tehmina e, de vez em quando, pondo no carrinho produtos das prateleiras abarrotadas, como fizera sua vida toda. E Rustom até dirigia nos Estados Unidos — razão de grande orgulho para o filho. Dirigia no lado certo da rua, apesar de ter dirigido todos esses anos na Índia do lado “errado”, como dizia Susan. E, para o maior espanto de Tehmina, ele nunca sequer entrou na faixa errada.

Tehmina sentiu os olhos de Cavas nela e se deu conta, de repente, de que ele esperava que ela terminasse a frase.

— Eu o amo tanto, como se você fizesse parte do meu próprio fígado.

Vendo a imediata reação de Cavas, ela descobriu que traduzir sentimento de gujarati para o inglês não funcionava.

— Eca! — ele gritou. — Que nojento, vovó!

Ela se inclinou e o afagou com o queixo.

— Eu o amo tanto que posso lhe dar um trilhão de beijos e ainda lhe dar mais alguns.

— Isso não é nada — Cavas disse prontamente. — Papai me dá um quaquilhão de beijos todas as noites. — Uma expressão cautelosa tomou conta de seu rosto. — Sabe o que pode fazer por mim para provar o seu amor?

— O quê? — Tehmina perguntou, sabendo que estava caindo numa armadilha. Ela se sentia impotente no seu amor por esse menininho de lábios vermelhos e pestanas negras.

— Você pode deitar comigo até eu adormecer. — Ele deu seu sorriso mais ingênuo. — E... — ele acrescentou, sussurrando ao seu ouvido — se fizer isso, eu até deixo você me chamar de Cavas.

Como ela conhecia bem aquele ar sedutor. Parecia que Sorab tinha dado aquele mesmo sorriso havia apenas uma semana, quando ela detectara um cheiro de cigarro nas roupas dele na volta da faculdade e soube imediatamente que ele tinha fumado; e quando ele quisera ir a um piquenique noturno com os colegas do faculdade e admitira, por insistência dela, que haveria garotas presentes; ou quando Rustom vinha dirigindo pela Flora Fountain e quase saiu da estrada ao identificar seu único filho tomando parte em um protesto estudantil contra a Universidade de Bombaim. Rustom viera para casa e ficara na varanda, andando de lá para cá, até ver a silhueta do filho entrar no prédio às sete da noite.

— Como foi seu dia, filho? — ele perguntara casualmente, mas Tehmina percebeu algo cortante na sua voz. — Tudo bem na faculdade?

— Ah, tranquilo. — Sorab bocejou. — Só o de sempre. Mas estou cansado hoje.

— Eu nunca soube que contabilidade e marketing podiam ser tão exaustivos — Rustom retrucou, e, dessa vez, não restavam dúvidas sobre o tom cortante de sua voz.

Sorab ficou alerta.

— Eu... bem, você sabe quão difícil...

— O que sei é que não posso passar pela Fountain sem ver o meu único filho agindo como um *mawali* qualquer nas ruas de Bombaim — Rustom disse com calma, ignorando o olhar apaziguador que Tehmina lançava para ele. — E eu também sei que meu filho mente para os pais.

Em vez de ficar na defensiva ou aturdido, Sorab deu um sorriso tímido para o pai.

— Foi exatamente por isso que eu não falei nada, papai. Eu sabia que você não ia aprovar.

Apesar de sua raiva, a falta de maldade de Sorab pareceu desarmar o pai.

— Então você admite que estava nas ruas em vez de estar na faculdade? — ele perguntou.

Tehmina podia ouvir a raiva tomando conta da voz de Rustom.

— Claro. Mas me pergunte por que eu estava lá, papai. — E, sem dar chance de o pai falar, Sorab continuou: — Estávamos protestando contra a decisão da Universidade de Bombaim de alterar o currículo da faculdade. Eles querem que todo o país se torne uma nação fundamentalista hindu e estão alterando todos os livros de história para glorificar a maioria hindu. Estão dizendo que, se o Paquistão pode ser um país islâmico, por que a Índia não pode ser hinduísta? Você pode imaginar, pai? Essas pessoas não acreditam em secularismo e estão nos fazendo uma lavagem cerebral com sua falsa moral religiosa. É como se os mulçumanos, os parses e os católicos simplesmente não existissem.

— Sim, e sem nós, os parses, para construir, a Bombaim deles ainda seria um amontoado de ilhas flutuando soltas no mar! — Rustom rugiu.

Tehmina estava encantada com a facilidade com que o filho tinha pulverizado a raiva do pai. E, como se ele tivesse sentido o alívio dela, Rustom repreendeu o filho.

— Mas isso não é desculpa para interromper sua educação com toda essa bobagem — ele disse. — Melhor deixar toda essa agitação e esse protesto para os encrenqueiros profissionais.

Sorab olhou o pai nos olhos.

— Mas, papai — ele disse —, lutar pelo que acreditamos é parte da educação também. Foi você que me ensinou isso.

Lembrando desse incidente, Tehmina teve uma pontada de remorso. O que acontecera com aquele menino calmo e decidido? O que acontecera com a sua maneira clara de ver o mundo? Ela havia pensado que a ida do filho para os Estados Unidos iria alargar os seus horizontes, faria com que se erguesse sobre os ombros dos pais e enxergasse mais longe do que eles jamais haviam enxergado. Mas, em vez disso, aconteceu o contrário. De alguma forma estranha, Sorab parecia ter encolhido, e seu mundo, se estreitado. Ele parecia pessoalmente mais feliz, sim, mas... talvez esse fosse o problema. Morar nesse condomínio, onde muitas casas eram idênticas e até os carros e os balanços no quintal se pareciam, fizera com que Sorab trocasse a intensa paixão de sua infância por um contentamento sem graça. Tehmina não podia entender... como um menino que crescera nas ruas populosas e tumultuadas de Bombaim, que abria caminho a cotoveladas em meio à multidão barulhenta para pegar o trem para a faculdade, que tinha comido *pani puri* e bebido caldo de cana em barracas na beira da estrada, que tinha testemunhado todo o carnaval da experiência humana — os milionários, os leprosos, as joalherias, as favelas —, como um garoto assim se encapsulara num mundo limpo, antisséptico e tímido, livre de germes, bactérias, paixão e miséria humana? Onde até os canudinhos eram embalados em plástico e as pessoas na academia passavam um spray nos assentos cada vez que se levantavam de um aparelho, como se o suor humano fosse mais perigoso do que a química do spray? (Ela sabia, ela havia visitado a academia no condomínio.) E como ele podia esperar que sua mãe de sessenta e seis anos vivesse nesse mundo?

A pior parte era não poder alcançar Sorab. Ele havia desaparecido como um caracol na sua casca. Durante o jantar, no dia em que encontrara Tara, por exemplo, ela havia tentado contar ao filho como a vizinha havia deixado dois

meninos sozinhos em casa e como Susan e ela os tinham levado para dentro. Se Susan não estivesse presente, ela talvez lhe tivesse contado que a esposa deixara bem claro que não queria mais interações com a família vizinha e como Tehmina tinha ficado de coração partido só de pensar naqueles pobres garotos naquela casa. Ela talvez até abordasse a ideia de juntar alguns livros e brinquedos que já não serviam a Cookie para dá-los de presente a Josh e Jerome. Mas, do jeito que as coisas eram, Sorab a teria escutado por alguns instantes, sacudido a cabeça, revirado os olhos e dito: “Algumas pessoas não deviam se tornar pais, para início de conversa. Vou ficar contente quando essa mulher se mudar da casa do Antonio”.

Tehmina de repente pensou em Percy, o melhor amigo de Sorab, a quem ela e Rustom haviam virtualmente criado depois que ele perdera a mãe quando ainda era um menino. Sorab e todos os outros no seu grupo implicavam com Percy por causa de seus múltiplos casamentos, e Tehmina ficara chocada e triste com a frequência com que o garoto trocava de esposa. Mas agora lhe ocorria um pensamento sobre Percy. Ele não mudou tanto quanto os outros por causa dos Estados Unidos. Ela ouvira a raiva na voz de Percy quando descreveu um caso de imigração onde um refugiado político havia deparado com a frieza e crueldade do governo. Ela o ouvira discutir com paixão as injustiças sofridas por seus clientes devido às leis que entraram em vigor depois do terrível Onze de Setembro. De alguma forma, o mundo de Percy parecia mais amplo e real do que o mundo de Sorab, restrito a casa, família e trabalho.

Ela ofendera seu próprio instinto maternal com este último pensamento. Não estou sendo justa, discutiu consigo mesma. É o trabalho de Percy que o obriga a lidar com o mundo exterior. Enquanto meu Sorab, trabalhando numa firma grande de propaganda e marketing, tem o trabalho limitado pelas preocupações de seus clientes. Por que ele deveria se preocupar com coisas como a imigração? E não é que ele não fosse generoso. Tehmina sabia que Sorab havia feito um cheque de quinhentos dólares quando houve o tsunami. E, quando ela estava em Bombaim, Sorab sempre lhe pedia que o avisasse se surgisse algum caso que merecesse ajuda. Há quatro anos, ele e Susan e outros

parses locais conseguiram que a filha de Dina Madan viesse para a Cleveland Clinic para operar o coração, o que lhe salvou a vida. Dina tinha trazido a pequena Malika ao enterro de Rustom e a fizera cumprimentar Sorab. “Eis o homem que salvou sua vida, *deekra*”, ela disse à garotinha. “Ele é um grande homem, tal como seu pai era.”

— Vovó, você vai ou não vai se deitar comigo?

A voz de Cookie a trouxe de volta ao presente. Ela olhou para o rosto meigo, tão parecido com Sorab, apesar da pele clara e do cabelo castanho-claro. Se eu não tivesse conhecido Rustom, você não teria nascido, ela pensou maravilhada, e, apesar da trivialidade do pensamento, isso aqueceu seu coração.

— Você pode me chamar de Cavas se quiser — Cookie repetiu. — Mas só por esta noite.

Ela se forçou para parecer impressionada com tão magnânima oferta.

— Está bem, Cavas — ela disse, entrando debaixo das cobertas com ele. — Vou deitar com você só um minuto. Mas em silêncio, tá? Boa noite.

Ficaram em silêncio por um segundo. Aí Cookie perguntou:

— Você conheceu minha mãe quando ela era pequena?

— Não, Cookie, claro que não. Ela vivia aqui nos Estados Unidos, enquanto nós... nós vivíamos na Índia.

O menino ficou pensativo por um instante. Aí deu de ombros.

— Foi o que pensei.

— O que fez você pensar nisso?

Ele deu de ombros novamente, e Tehmina teve que aceitar isso como resposta.

— Você se lembra de alguma coisa de Bombaim? — ela perguntou.

Ela sabia que estava arriscando ter Cavas totalmente desperto outra vez, mas não podia evitar. Fazer com que o neto reconhecesse seu amor pela Índia era como ter uma casquinha de ferida e cutucá-la com a unha. Como você é tola, ela ralhou a si mesma. O menino só tinha três anos quando esteve na Índia. É claro que não vai lembrar.

— Eu me lembro do vovô — o menino respondeu. — Ele me levou ao escritório um dia. Havia um grande quadro de papai, mamãe e eu na parede.

Tehmina piscou os olhos para dissipar as lágrimas. Aquela foto agora ficava em cima da TV, no apartamento dela em Bombaim. Ela decidiu não contar isso ao neto.

— Vovô era divertido — Cookie disse.

Tehmina percebeu de imediato que a criança era boa demais para dizer... E você não é. Será que ela tinha imaginado o leve tom de acusação na voz dele?

Ela suspirou.

— Todos amavam o vovô. Eu também. E ainda amo.

Cavas deve ter percebido alguma coisa em sua voz, porque se debruçou sobre ela e beijou sua bochecha.

— Eu amo você, vovó — ele cantarolou, como fazia quando falava com um cachorrinho ou com crianças mais novas que ele.

— E você é bem mais legal do que a antiga babá. Boa noite.

Ele se encolheu todo e se acomodou junto ao corpo de Tehmina.

— Boa noite, gatinho — Tehmina sussurrou, beijando-lhe a cabeça. Mas era *seu* coração que ronronava.

NEVE.

Nevou a noite toda, silenciosamente e com uma eficiência cruel. Bolas de algodão densas flutuavam e pousavam no esqueleto das árvores, atribuindo-lhes uma beleza de fazer cair o queixo. A beleza era tão deslumbrante que os motoristas que voltavam de suas corridinhas de última hora aos centros comerciais, escorregando e derrapando para fora da estrada, não sabiam se culpavam as pistas molhadas e escorregadias ou a distração criada por aquelas árvores magnificamente cobertas de neve. Ou talvez fosse a visão de inúmeros cristais brancos rodopiantes, explodindo como fogos de artifício nos parabrisas, que faziam seus olhos se arregalar, fascinados e cansados.

Sorab estava na cama, acordado. Feliz por estar em casa. Sua cabeça estava um pouco pesada, por causa das duas margaritas que tomara mais cedo. O ronco suave de Susan, que normalmente o irritava, o enchia de uma delicada e melodiosa paz nessa noite, como se ele sentisse que essa respiração familiar era um tipo de prece, um prêmio. Estou em casa e com a minha família, ele pensou, e, como sempre, as palavras o encheram de divagações.

Sob a réstia de luz dourada da lâmpada da rua que entrava em seu quarto, os cabelos de Susan brilhavam como cetim sobre o travesseiro. Ele olhou para seu rosto magro e familiar, o nariz afilado e reto, os lábios finos, as maçãs do rosto salientes, as sobrancelhas arqueadas. Mesmo depois de todos esses anos, a beleza simples de Susan, característica do meio-oeste, ainda o afetava. Sorab desviou o olhar para ver os grossos flocos de neve, brancos como caspa, caindo do lado de fora de sua janela. Ele tremeu, e, no minuto seguinte, seus pensamentos viajaram para aquelas filas disformes de pessoas nas calçadas de Bombaim, dormindo no piso duro em todos os tipos de clima. Puxando seu edredom para cobrir as orelhas — ele havia aprendido no seu primeiro inverno em Ohio que cobrir as orelhas era fundamental para se manter aquecido neste país frio e duro —, ele pensou nos lençóis desbotados e puídos que os sem-teto de Bombaim usavam para cobrir seu corpo magro e trêmulo. Que sorte ele teve na vida! Primeiro por ter nascido na classe média na Índia.

Só isso já era como ganhar na loteria. E, depois, por ter vindo para os Estados Unidos, o lugar que povoava seus sonhos pelo menos desde os doze anos. É claro que naquele tempo o país não significava para ele mais do que provavelmente um par de jeans da Levi's, um chiclete da Wrigley, Coca-Cola, gibis do Archie e rock'n'roll. Acima de tudo, rock. A música fora o que o conquistara e lhe plantara a semente e o guiara para longe da felicidade perfeita e complacente de sua vida normal em Bombaim, atrás de um desafio novo, um novo horizonte, um novo lar. Outros podem ter visto os Estados Unidos como a terra do leite e do mel. Ele a via como o lar do rock'n'roll. O menino, cujo pai adorava música clássica, estava pronto para mandar Beethoven se virar e contar as novidades para Tchaikóvski.

Ele ainda lembrava da inveja estampada na cara de seus amigos da faculdade quando anunciou que tinha sido aceito numa universidade americana.

— Pô, cara — seu amigo Hanif disse. — Estados Unidos. *Zuou!* Isso é melhor do que... o quê?... pegar a Cindy Crawford.

E realmente foi. Melhor do que dormir com a Cindy Crawford, melhor que transar com Juliette Binoche, melhor que ir a um concerto do U2, melhor que uma caneca de chocolate quente diante de um fogo crepitante. Ele sempre pensou que fosse um ambicioso, um sonhador, mas a sua vida se tornara mais audaciosa e grandiosa do que jamais imaginara. E, como se ser aceito nos Estados Unidos não bastasse, havia todas as outras coisas. Um filho, tão perfeito e puro quanto a lua. Uma mulher que por vezes era espinhosa e, sim, que sorria menos do que ele gostaria, mas que o amava e era leal e passional nesse amor. Uma carreira que, até surgir Grace Butler, tinha decolado como um foguete. Um lar que era bonito e confortável e, mais importante, grande o suficiente para que ele pudesse oferecê-lo para dividir com a mãe.

Sua mãe. Uma agulha fina de preocupação começou a entrar no tecido de contentamento que Sorab estava tecendo para si. Mamãe realmente precisa se decidir, ele pensou, lembrando da conversa com a esposa no restaurante. Essa falta de definição é difícil para Susan. Dois meses vão passar voando, e haverá tanto que fazer se ela decidir ficar — dar entrada na papelada da imigração,

procurar uma casa maior, decidir o que fazer com a casa de Bombaim. Além disso, Deus, como seria bom saber se teremos algum outro hóspede na primavera. Susan e eu precisamos de tempo para nos ajustarmos, merda. Cookie, também, provavelmente. Eu preciso prepará-lo para a separação, caso ela decida voltar, mas como posso fazer isso se não sei o que lhe passa pela cabeça? Mamãe é tão discreta... Será que ela sempre foi assim? Ou será que mudou com a morte de papai? Como é que eu não sei a resposta para isso? Vou ter de ver com Susan o que ela acha. Isto é, se eu conseguir perguntar alguma coisa sobre a mamãe. O que há com ela ultimamente? Essa expressão de lábios finos e cara de poucos amigos? Será que ela sempre foi assim e eu é que não reparei antes? Como é que não sei a resposta para isso? Vou ter de ver com a mamãe o que ela acha.

Ele caiu em si. Que filho da mãe; ele riu para si mesmo. Tentando entender o sexo frágil. Se conseguisse, eles lhe dariam o prêmio de genialidade da Fundação MacArthur. Você está cercado de mulheres manipuladoras e cheias de segredos, não é verdade? Se não for sua mulher e sua mãe, será a sua adorável chefe no trabalho. Peraí, fica melhor dizer a sua fantástica-fabulosa-divinamente-gostosa-e-adorável chefe. Por que ficar num adjetivo só para descrevê-la se pode usar dez?

— Sorab, o que há com você para gritar assim? — Susan perguntou, sonolenta.

— O quê?

— Por que não para quieto na cama? Caramba, você não está me deixando pregar o olho, meu bem.

— Desculpe. Achei que você estava dormindo. Tá tudo bem. Pode voltar a dormir.

Ele ficou deitado sem se mexer por alguns minutos. Então perguntou:

— Meu bem, você ainda está acordada?

— Agora estou. — A voz de Susan era um misto de suspiro e sibilo.

— Está nevando, quero dizer, está realmente muito, muito bonito. Você quer ficar comigo na janela, olhando?

Susan grunhiu.

— Ah, pelo amor de Deus, Sorab, você está falando sério? Agora que finalmente me aqueci.

Sorab sentou no escuro, sem dizer nada. Mas estava escutando, atento. Ele não sabia o que esperava escutar, mas identificaria, se ouvisse. Ele estava lutando contra o desapontamento que se avolumava na garganta quando Susan disse:

— Tá bom, vamos nessa. Mas só um pouquinho, tá? Jesus, devo ser louca.

Quando Susan jogou as cobertas para o lado, Sorab sentiu como se ela tivesse jogado a melancolia que começava a baixar sobre ele. Seu passo era leve quando sentiu o chão de madeira frio sob o pé. Eles ficaram na janela vendo a neve cair languidamente. Sorab abraçou Susan.

— Parece antigamente — ele disse. — Lembra-se, na faculdade, quando a gente acordava cedo e ia até o rio apenas para ver o sol nascer?

Susan bocejou.

— Sim, querido. Mas isso faz um século, quando éramos jovens, bonitos e desempregados.

Ele sorriu.

— Bons tempos, hein? Desemprego soa muito bem ultimamente.

Susan apertou-lhe a mão.

— Veja aquele bordo no quintal do Ruby. Parece um cartão-postal. Aposto que mamãe vai querer tirar umas fotos pela manhã. — Ela encostou-se no marido. — Você tinha razão, meu bem — ela murmurou. — Está lindo.

— Valeu a pena levantar?

— Me pergunte pela manhã.

Ele beijou-lhe a cabeça.

— Bom, já que você está bem acordada, posso tentar compensar a sua companhia, querida?

— Como você faria isso?

— Permita-me demonstrar?

A neve é tão diferente da chuva, pensou Tehmina. A chuva em Bombaim era como um intruso desajeitado de pisada forte, que esbarrava e caía sobre os

móveis, fazendo barulho, derrubando a louça, deixando sua presença doce e compassada ser sentida nas ruas castigadas. Mas a neve aqui! Tehmina se deslumbrava com sua delicadeza, sua discricção, seu subterfúgio. Puxa! Podia-se dormir a noite toda e nem sequer saber se neveu até de manhã.

Chuva e neve. A maneira perfeita de descrever as diferenças entre Bombaim e os Estados Unidos, ela pensou. Uma era ruidosa, caótica, tumultuada e irregular. A outra era calma, antisséptica, gentil e educada. Que ironia! Em Bombaim, onde tudo é perigoso, as pessoas vivem a vida *bindaa*, sem medo, quase sem pensar. Aqui, onde não há razão para temer nada, as pessoas têm medo da própria vida. Como podem sobreviver assim, avaliando e pesando tudo? De terrorismo a vírus da gripe, essas pessoas têm medo de tudo. Um país inteiro em pânico devido à escassez de uma vacina contra a gripe. E lacrando seus vidros de comprimidos para dor de tal forma que um adulto com artrite jamais conseguiria abri-los. Até seus canudinhos são embalados em plástico. Enquanto em Bombaim, meu Deus, respiramos um ar nojento e comemos em barraquinhas à beira da estrada, onde os pratos são lavados em águas escuras feito lama. E olhe para mim... uma mulher de sessenta e seis anos forte, saudável e cheia de vida. O velho dr. Mehta costumava dizer: “Se algum dia houver uma praga ou uma catástrofe global, Tehmina, juro que aqueles americanos vão morrer feito moscas. Eles não têm imunidade contra nada. E nós, indianos, com nossa constituição de ferro, vamos governar o mundo”.

Era o mesmo com os cintos de segurança. Meu Deus, como Sorab e Susan olharam para ela quando se recusara a usar o cinto na sua primeira visita ao país. Como... como se tivessem se desapontado pessoalmente com ela, como você ficaria com um parente que insistisse em se matar bem diante de seus olhos.

Tehmina se virava na cama, tentando evitar a lembrança que começava a surgir. No ano passado, quando passaram férias na Califórnia, Susan e ela tinham levado Cookie às compras, enquanto os dois homens ficaram no hotel. As mãos de Susan estavam carregadas de sacolas de presentes, e Tehmina segurava o neto pela mão, enquanto esperavam o sinal fechar. Aguardavam na

calçada com um grupo simpático de turistas bronzeados de sorvete na mão. Terra da liberdade, que nada!, pensou Tehmina, com sarcasmo. Não tinha um único carro à vista, mas mesmo assim todos esperavam como um rebanho pelo sinal que os mandasse ATRAVESSAR OU NÃO ATRAVESSAR. Em Bombaim, mil pessoas já teriam cruzado a rua umas seis vezes. Talvez tenha sido esse pensamento que a impulsionara para a frente e, no segundo seguinte, uma Tehmina impaciente puxara o neto pela mão e havia começado a atravessar a rua. Atrás dela, ouvira a respiração de Susan, arquejante:

— Mãe!

Mas era muito tarde para parar. Quando ela alcançou a outra calçada, já sabia que tinha feito algo errado. Algo pouco civilizado. Algo bem típico de Bombaim. Algo indiano. Algo nada apropriado.

Apesar do sol quente da Califórnia, o rosto de Susan estava pálido quando ela atravessou a rua e encarou a sogra. Tehmina reparou que seu lábio inferior tremia.

— *Beta*, perdão — ela começou, mas Susan não a ouviu.

— Eu não acredito que fez isso, mãe! — ela começou. — Não acredito que você expôs seu único neto a esse tipo de perigo.

Perigo? Não havia nenhum carro à vista.

— Querida Susan, a rua estava vazia e...

— Isso não importa. — Agora Tehmina reparou, surpresa, que havia lágrimas nos olhos de Susan. — A questão é que você está ensinando hábitos ruins para o meu filho. O que acontece se ele disparar pela rua quando estiver na escola? Afinal, não estamos com ele vinte e quatro horas por dia. E se um carro aparecer do nada? Você sabe como as pessoas dirigem por aqui.

Tehmina sentiu uma confusa mistura de emoções — raiva, vergonha, culpa e descrença. As pessoas olhavam para elas com a boca crispada, em desaprovação. Mas quem desaprovavam? Susan, por fazer um escândalo por uma bobagem? Ou Tehmina, por ser uma idiota, uma matuta ignorante que não sabia como atravessar uma rua?

— Perdão — ela repetiu. — Eu... eu... o que fazer, meu bem? Você sabe, estamos tão acostumados a atravessar a rua assim em Bombaim que eu

nem parei para pensar. Você sabe que a última coisa que faria na vida seria machucar Cookie.

À menção de seu nome, Cookie começou a chorar.

— Mamãe, para — ele disse. — Para de gritar com a vovó.

Susan fechou a boca, em desaprovação.

— Ah, droga. Vamos todos sair do sol e voltar para o hotel, tá? — Ela olhou para o filho, e sua expressão se suavizou. — Não estou gritando com a vovó, amor. É só que mamãe ficou zangada com a vovó porque me deu um susto, certo? Sabe o que mais? Vamos tomar um banho na piscina quando voltarmos, tá?

Susan tentara manter uma conversa trivial no táxi, durante o caminho para casa, e Tehmina respondia, feliz pela distração. De outro modo teria que lidar com a vergonha e a tristeza que pesavam sobre ela. Fazia muitos anos que ninguém se dirigia a ela e ralhava da forma como a nora havia feito. E em público. Não havia limites nesse país que separassem o público e o privado.

Mais tarde, naquela noite, quando ela e Rustom estavam deitados na cama, Tehmina descrevera o ocorrido e sua humilhação. Para sua surpresa, sua voz falhara e seus olhos ficaram lacrimosos ao repetir as palavras de recriminação de Susan. Mas ela não devia ter esperado que Rustom tomasse seu partido. Tantas vezes, ela reparara, Rustom defendia energicamente a nora, ficando do lado dela até mesmo contra o seu próprio filho. Era o jeito de Rustom de garantir, acima de tudo, a harmonia e o bem-estar na família do filho, ela sabia.

— Velha doida — ele disse, com a voz rouca. — É claro que Susan ficou irritada, o que você pensa que isso aqui é? Sua Bombaim gasta e caindo aos pedaços? Essas pessoas estão acostumadas com disciplina e boas maneiras. E aí vem você, senhora Ghaati de Bombaim em pessoa, quebrando todas as leis de trânsito e, ainda por cima, corrompendo nosso Cookie. E você queria que Susan ficasse ali e aceitasse isso? Teve sorte de ela não a ter empurrado para o meio da rua, no trânsito.

— Mas essa é a questão. Não havia trânsito — ela começou acaloradamente, mas então viu o brilho no olhar do marido e começou a rir.

— Como é que pode? Você toma o partido de todo mundo, exceto de sua mulher? — ela perguntou.

Rustom a abraçou.

— Porque você é a pessoa mais forte que conheço. As outras pessoas precisam de defesa. Mas você... você é um pilar de força. Você não precisa da minha proteção.

Engano seu, Rustom, ela agora pensava. Errado, meu amor. Olhe agora como, sem você, eu me debato. Não consigo tomar a menor das decisões sem você.

Tehmina saiu da cama e, descalça, foi até a pequena escrivaninha encostada na janela. Abrindo a gaveta, ela tateou no escuro até sentir a pequena e fria moldura de metal.

Com a mão no interruptor acima de sua cama, Tehmina hesitou. A última coisa que queria era que a luz do seu quarto incomodasse as crianças no seu merecido descanso. Ela se decidiu então pela luz do abajur ao seu lado. Sentada na cama, enrolada no edredom, de forma que apenas as mãos ficassem para fora, Tehmina abriu o porta-retratos duplo. Havia comprado essa moldura no Akbarally pouco antes de vir para os Estados Unidos, sabendo que, para sobreviver a essa longa viagem para longe da terra em que seu amado marido morreria, para a terra em que seu amado filho vivia, trabalhava e respirava, ela precisaria carregar Rustom consigo. Hesitara ao escolher quais retratos levar. Um do casamento? O de Rustom segurando Sorab pela primeira vez, trinta minutos depois de seu nascimento? O do passaporte, em que o marido parecia anormalmente sério e carrancudo? Acabou por escolher um retrato do jovem Rustom aos vinte anos e outro tirado poucos meses antes de sua morte. Quanto tempo, quantas vidas haviam passado entre os dois retratos. E, entre os dois cliques da máquina, eles haviam tido um filho, tinham-no criado num regime de amor paterno, orgulho e preocupação, sentido aquela mesma trilogia de emoções — amor, orgulho, preocupação — quando ele veio para os Estados Unidos, tinham ficado entristecidos mas não chocados quando anunciara que estava casando com uma americana, tinham aceitado e aprendido a amar Susan assim que a

conheceram, ficaram delirantes de alegria com o nascimento do neto. E, no mesmo período, haviam comparecido ao funeral de seus pais, perdido alguns amigos íntimos para diferentes males, sobrevivido ao susto do câncer de próstata do Rustom. (Até hoje Tehmina acreditava que Rustom realmente tinha câncer de próstata quando fez o teste, mas que suas preces fervorosas alteraram o resultado da biópsia.)

Muito de sua vida, Tehmina havia vivido com esse homem que agora olhava para ela de sua prisão de vidro. Levantando a moldura à altura do rosto, ela pressionou seus lábios contra os lábios cheios e sensuais de Rustom. Era difícil acreditar que alguém tão cheio de paixão, de sangue quente e maior que a própria vida, como Rustom, pudesse estar confinado numa moldura tão pequena e barata. Era difícil acreditar que todo aquele gosto pela vida, toda aquela grandiosidade, toda a magnificência pudessem sucumbir a um ataque cardíaco, que a carne e os ossos desse homem estavam em decomposição no poço da Torre do Silêncio, da mesma forma que a carne e os ossos de outros homens medíocres e medrosos. De que servira, pensou Tehmina, todo o seu trabalho duro, seu sucesso, sua paixão, sua fome de vida, a energia contagiante que corria em suas veias, a incansável inteligência de sua cabeça, se tudo podia ser tomado aos sessenta e sete anos tão abruptamente quanto alguém pode roubar os ponteiros de um relógio? Para não mencionar as dores de parto de sua mãe ao dar à luz Rustom, os sacrifícios que seus pais fizeram para mandá-lo para boas escolas, as noites passadas em claro ao lado de sua cama quando tinha febre na infância, ah, sim, todo o amor que eles — e depois Tehmina — haviam lhe dado e as dores que ela aceitara para fazê-lo feliz depois de casados, o preparo de *rava* açafraão para seu jejum todos os sábados, o aprendizado do *dhansak*, que tinha o mesmo sabor que o de sua mãe, fazer amor com ele, mesmo quando não sentia vontade... Será que nada disso tinha sido suficiente para mantê-lo vivo além dos sessenta e sete anos? Tanto era necessário para fazer um homem — a quantidade de arroz e açúcar e lentilhas que precisava ser cultivada para seu consumo, o número de galinhas e cabras e cordeiros que tinham que ser assassinados para que pudesse ter carne no seu curry. E era mais do que isso, na realidade. Remonta à criação do mundo, à

separação dos continentes, à ascensão das espécies que podiam andar eretas, que tinham o polegar em oposição, e prosseguiu até a descoberta do fogo, do punho cerrado, da primeira pedra a ser atirada. Quantos milhares não contabilizados morreram tentando descobrir quais as frutinhas que eram venenosas e quais não eram? Quem foi o primeiro homem ou mulher que descobriu que o arroz precisa ser cozido por vinte minutos ou que o milho tem melhor sabor quando cozido? Quantos impérios nasceram e se desmantelaram, quantos milhões morreram buscando temperos? E todo esse trabalho, todo esse conhecimento, todo esse sangue e suor e todas essas lágrimas, todas essas conquistas, todo esse triunfo, toda essa glória e todas as misérias da história da humanidade, para quê? Para que um homem, um homem tão grande quanto uma montanha, tão extenso quanto o oceano e tão generoso quanto um continente, para que esse homem pudesse morrer aos sessenta e sete anos?

— Tehmina — disse Rustom. — Amada, me perdoe por dizer isso, mas você está sendo um tanto exagerada, minha querida. Um homem tão generoso quanto um continente? Por favor, amor, estou corando com a sua verborragia.

Tehmina olhou o quarto à sua volta. Ela havia escutado claramente a voz de Rustom, como se ele estivesse ali, deitado ao seu lado. Mas não havia mais ninguém. Estou ficando doida, ela pensou. Não admira que as crianças estejam preocupadas comigo.

Mas então ela viu Rustom, sentado de pernas cruzadas e com as costas retas, no canto do quarto. Quando ele viu que Tehmina o havia localizado, Rustom se levantou num único movimento suave, sem emitir nenhum som característico de meia-idade, como acontecia a Tehmina a cada gesto. Apesar de estar nevando lá fora, Tehmina notou que Rustom estava vestido como se estivessem indo ao cinema numa noite quente de Bombaim, calça escura e uma camisa de meia manga azul-clara que revelava seus braços fortes e musculosos, morenos e lustrosos como couro. Apesar da luz fraca no quarto, ela viu a cicatriz familiar que lhe corria pelo braço esquerdo, e seus dedos ansiaram por tocá-la, como ela já havia feito um milhão de vezes antes.

Entretanto o medo tomou conta de Tehmina quando o falecido marido atravessou o pequeno quarto de hóspedes e parou diante dela.

— Rustom — ela sussurrou. — Como? O quê? O que você faz aqui? Querido, você está...

— *Baap re*, mulher. Você devia ver a sua cara agora. Parece que viu um fantasma. — Rustom riu de sua piada.

Apesar de tudo, Tehmina sorriu com relutância à provocação afetuosa que percebeu na voz do marido. Isso era tão típico dele, se erguer dentre os mortos e aparecer no seu quarto do outro lado do mundo, fazendo troça dela por causa de seu espanto. Isso é o que ela amava nele, e o que sentia falta, a maneira tranquila como ocupava os espaços onde quer que estivesse e a crença benigna de que o mundo lhe daria o que era seu, retribuindo-lhe com amizade e generosidade. E um pouco disso passou para ela, porque, enquanto ele viveu, tinha sido fácil se iludir, achando que esta era a vida a que tinha direito, que o mundo era uma casa vazia, pronta para recebê-la e ser ocupada. Enquanto Rustom viveu, a vida transcorreu sem esforço e sem problemas. Como dirigir um Mercedes-Benz, pensou Tehmina, com vidros com película para afastar a miséria lá fora e os amortecedores para evitar os trancos da vida. E agora, sem Rustom na direção, ela de repente sentiu como se estivesse viajando no velho Ambassador que o seu pai tinha, com as portas barulhentas e com aqueles trancos que, a cada buraco, a faziam sentir a base da coluna. Ela saíra do estado de graça na mesma velocidade e espanto com que Rustom tivera o ataque cardíaco.

Porém aqui estava ele novamente, em seu quarto em Rosemont Heights, empurrando-a de mansinho, enquanto entrava debaixo de suas cobertas. Por um instante, Tehmina ficou nauseada ao pensar em dividir a cama com um defunto. Mas então ela sentiu o calor do corpo de Rustom roçando o seu e o cheiro daquela mistura familiar de loção pós-barba Old Spice e suor que lhe embrulhava o estômago, sentiu os pelos das pernas de Rustom fazendo cócegas nas suas, e seu corpo todo pareceu se afundar mais na cama, ao sentir que deixava de lado o fardo, o pesar, que ela não se lembrava de estar carregando.

Ela agora percebia como vinha sendo durona desde do dia em que vira o marido pela última vez na Torre do Silêncio. Via agora o que o desgosto fizera a seu corpo, e como a fizera sentir que seu coração era um saco de náilon cheio de pedrinhas pontiagudas, e mantivera seu estômago em uma náusea permanente, como a depressão havia tornado sua língua menos rápida, havia pousado nas suas pálpebras e desenvolvido uma textura espinhosa à sua pele.

Mas tudo agora se dissolvia ao tocar o pescoço de Rustom e sentir o tecido de sua *sadrá* branca sob os dedos. Quantas *sadrás* de musselina ela havia costurado para ele esses anos todos? Quando recém-casados, ela insistira em passar a ferro as camisas finas, até que o marido finalmente tinha batido o pé e lhe dissera que havia casado com ela por amor e companhia e que, se quisesse alguém para lavar e passar suas roupas, ele teria casado com sua *dhobi*. Isso também era parte do esplendor de Rustom: apesar de estar sempre bem-vestido, ele não era nada vaidoso. Seu senso de justiça, sua indignação contra o status inferior das mulheres, faziam dele objeto de uma implicância saudável por parte de seus amigos e faziam de Tehmina objeto da inveja sorrateira de suas mulheres. Quantas vezes uma dessas mulheres não tinha puxado Tehmina para um canto em alguma festa e expressado seu encantamento ao ver Rustom ajudando-a na cozinha?

— Qual o segredo, Tehmina, *jaar*? — elas cochichavam. — Como conseguiu treiná-lo tão bem?

— Não é nada que eu tenha feito — ela respondia, sem deixar o orgulho transparecer na voz. — Ele já veio assim para mim. Meu Rustom é a pessoa mais justa que conheço. Ele acredita em direitos iguais para as mulheres.

Agora, no entanto, afagar a gola de sua camisa trouxe outra lembrança indesejada. De seu marido bem-vestido, deitado no chão da Torre do Silêncio, despido de suas roupas normais e vestido apenas com uma simples *sadrá* e um pijama. Mesmo morto Rustom parecia poderoso, os músculos de suas pernas escuras avolumando-se sob o pijama de algodão fino. Mas quando os contritos coveiros apareceram para levar o corpo do marido para a viagem final, onde as aves de rapina circulavam sobre o poço, Tehmina teve de admitir que nem Rustom podia vencer a morte e que a morte dera um jeito de transformar o

rosto moreno e bronzeado em algo cinza como giz e lhe havia aberto a boca numa careta retorcida; o raio da morte tinha mais energia do que a que seu corpo carregava. De repente Rustom pareceu pequeno e patético, sujo e desalinhado quando os coveiros o levantaram diante dos protestos soluçantes dela. Quatro meses depois, ela ainda tentava esquecer esse insulto final, quando, enfurecida, entendeu que tudo o que os coveiros viam era um corpo, um corpo sem vida que não diferia muito — exceto talvez na altura e no peso — de todos os outros que eles carregaram. Eles eram totalmente imunes à singularidade de Rustom — como sua risada parecia incluir uma oitava inteira, como sacudia a perna ou tamborilava os dedos, impaciente, quando tinha que esperar numa fila, como tinha uma piada ou uma citação de Omar Khayyam para cada ocasião, como fazia uma imitação maravilhosa de Charles Chaplin. Como a própria morte, como as aves de rapina que sobrevoavam o poço, os coveiros eram indiferentes a tudo isso. E foi essa indiferença, a constatação dessa indiferença, de que o mundo continuaria a girar sem Rustom nele, que fez Tehmina endurecer na dor e na raiva. A rigidez se tornara uma carcaça em torno de seu corpo, até virar sua própria pele.

— Tehmina — Rustom agora sussurrava. — Tehmi, abra os olhos. Me escute. Tenho um recado para você.

Ela abriu os olhos e viu os dele, tão familiares e castanhos, fitando-a.

— Tehmina, querida — disse Rustom —, o que quero lhe dizer é para você ser forte. Coragem, *jannu*. Foi por essa mulher que me apaixonei, a minha mulher corajosa e franca. Quem é essa ratinha assustada no lugar dela? Eu não reconheço essa mulher. Então, por favor, *jannu*, seja feliz. Você sabe, né? A vida continua.

— Você pode ficar? — ela sussurrou. — Então eu serei feliz. — Mas ela viu o olhar sentido e a expressão distante do marido e imediatamente se arrependeu do que disse. — Você vai poder ao menos me visitar novamente? — ela experimentou. — Voltar para me ver?

Dessa vez Rustom sorriu, um sorriso tão bom e amável e sem pressa que Tehmina sentiu que toda a história, todo o imenso Universo, cabiam naquele sorriso.

— Tehmina — ele disse —, não seja tola... O que você quer dizer com *venha me visitar*? Como posso fazer isso quando estou sempre ao seu lado?

Tehmina pensou: Então essa é a sensação que a felicidade dá. Ela havia esquecido a sensação, mas a reconheceu prontamente, como o rosto da colega de escola que não se via há trinta anos.

— Você vai ficar comigo esta noite? — ela perguntou, aconchegando-se ao seu peito.

— Já lhe falei. Estou aqui. Agora durma — ele disse, e afagou seu cabelo. E, assim, Tehmina adormeceu.

TEHMINA DESPERTOU de um sono pesado, com o telefone tocando no quarto de Susan e Sorab que ficava ao lado do seu. Seus olhos se abriram para a escuridão do quarto, e seu coração se acelerou involuntariamente — um telefonema no meio da noite geralmente traz más notícias, não é verdade? No mesmo instante, buscou o corpo quente de Rustom, mas ele se fora, provavelmente espantado com o toque do telefone. O colchão estava frio, como se Rustom tivesse saído assim que ela adormecera. A apreensão venceu o desapontamento quando ela se virou na cama para acender a luz do despertador. Quatro da manhã. Quem poderia estar ligando às quatro da manhã? Pensou logo na avó de Susan, uma velha frágil e mal-humorada de oitenta anos, cuja voz lembrava um caminhão descendo uma estrada de cascalho. A velha Ruthanne tinha pouca estatura, e sua osteoporose a havia dobrado quase ao meio. Mas o que ela não tinha em tamanho compensava em personalidade. Apesar de muito curvada, seus olhos não perdiam nada, e a rispidez na voz não desaparecia nem quando contava piadas grosseiras que pegavam o ouvinte de surpresa por serem ditas por uma doce velhinha com um leve sotaque de Oklahoma. Aquela voz fazia você esquecer seu aspecto físico e enxergar o espírito contido nele. Verdade seja dita, ela era a parenta de Susan de quem Tehmina mais gostava, e o coração dela já começava a doer com a ideia de que a velha senhora estivesse morta. Agora ela não teria oportunidade de presentear-lá no Natal com o suéter azul que estava tricotando. Sem pensar, ela começou a recitar uma prece Ashem Vahu pela alma de Ruthanne.

Tehmina podia ouvir a voz abafada de Susan através da parede fina que separava os quartos. E se preparou para o choro que viria quando a nora desligasse. Tehmina sabia que Susan adorava Ruthanne. Com frequência, ela admitia com tristeza que sua avó era a única pessoa interessante na família, e Tehmina sempre se perguntava se seria educado concordar ou discordar dela. Certamente o pai de Susan, Fred, um homem alto de bochechas rosadas, não era nada parecido com sua exuberante mãe, apesar de sempre ter sido gentil

com o marido e com ela. Na verdade, tinha sido Fred que insistira com Rustom para que aprendesse a jogar golfe na sua primeira visita aos Estados Unidos. Ele era divorciado e vivia no Texas e era um grande apreciador da comida de Tehmina, apesar de ter se gabado, em seu primeiro encontro, de ser um homem que só gostava de carne com batatas.

— Uau! Isto é certamente melhor que o Burger King, Tammy — Fred havia lhe dito na primeira vez em que comera um de seus pratos, mas Tehmina não tomara isso como um elogio. Susan, no entanto, estava maravilhada e sorria de alegria ao ver seu pai, conservador e rígido, disposto a experimentar algo diferente de sua dieta de hambúrguer e batatas assadas.

Agora Tehmina se recordava da primeira vez em que encontrara Ruthanne. Fora na recepção do casamento de Susan e Sorab. Ruthanne notara o orgulho com que Tehmina olhava para o filho cada vez que ele passava por ela.

— Esse seu menino me lembra meu finado marido — a velha senhora dissera ao se aproximar de Tehmina. — Um homem bom, decente e maduro. Que bom que minha neta resolveu casar com ele.

Tehmina virou para Ruthanne, agradecida. Um de seus receios de Sorab se casar com uma mulher branca e americana era se ele seria aceito pela família da noiva. Apesar de Tehmina ser muito jovem para lembrar direito como era quando os ingleses governaram a Índia, ela havia escutado o bastante para acreditar que todos os brancos se achavam superiores às demais raças. E a ideia de que alguém pudesse achar que seu filho bonito e inteligente não fosse perfeito era suficiente para deixá-la irritada.

— Obrigada — ela respondera a Ruthanne. — Meu Sorab é... posso lhe garantir que ele será um bom marido para a sua Susan.

Ruthanne deu uma gargalhada irreverente.

— Ah, querida, não estou preocupada com isso — ela disse. — Um rapaz bem constituído como ele é... Ah, ele já está fazendo a minha Susan muito, muito feliz. Posso dizer pelo sorriso de gato estampado na cara dela. É, seu filho sabe como manter uma menina satisfeita, isso é certo.

Tehmina corou, mal acreditando no que ouvira. Por sorte Sorab veio em seu socorro. Pegando o corpo curvado de Ruthanne por trás, ele passou os braços em torno dela.

— Agora, vovó — ele sorriu —, é melhor você se comportar com a minha mãe aqui. E nada de suas piadas sujas, tá? E se eu pegá-la dando em cima do meu pai outra vez, bom, vamos ter que cortar a sua cerveja.

Tehmina estava maravilhada com a facilidade com que Sorab tinha pegado o jeito de Ruthanne falar e como a provocava. Com um aperto no coração, ela se deu conta de que Sorab não pertencia mais apenas a eles. Ele agora pertence também a essa outra família.

— Não é no pai que estou interessada — Ruthanne disse. — É no filho. — E sua risada soou tão alta e melodramática que até Tehmina, que estava ligeiramente escandalizada, se sentiu compelida a rir junto.

Quando bateram à porta de seu quarto, Tehmina já havia rezado uma dúzia de preces Ashem Vahu pela alma recém-desencarnada de Ruthanne.

— Sim, querida? — ela respondeu. — Pode entrar. Estou acordada.

Susan estava à porta com uma expressão sombria, mas Tehmina percebeu com imediata surpresa que ela não chorava.

— Sinto muito, *beta* — ela começou, mas Susan a interrompeu com um olhar de estranhamento.

— É para você, mãe — ela disse. — É a tia Persis, telefonando de Bombaim. Acho que ela esqueceu que horas são aqui.

Tehmina podia ver o esforço de Susan para não soar irritada.

— Persis? — ela questionou, saindo da cama. — Ligando a esta hora? Ela ficou doida? — E então, mudando de ideia, disse: — Está tudo bem com ela?

— Ela está ótima — Susan respondeu, seca. — Mas parece que há um problema com a sua casa. Ela está esperando para falar com você. Pode atender no meu quarto, assim você não precisa descer.

Agora ela podia ouvir a sonolência na voz de Susan.

Correu atrás de Susan murmurando desculpas. Aquela Persis era uma idiota. Por que entregara suas chaves a ela? E o que era tão urgente que não

podia esperar pela manhã? Ao entrar no quarto, percebeu que o telefonema também acordara Sorab. Ele tinha posto o travesseiro na cara para se proteger da luz, mas estava se revirando e resmungando sobre o telefonema. Ela decidiu encerrar o telefonema o mais rapidamente possível.

— Persis? — ela disse baixinho. — *Su che?* São quatro horas da manhã aqui, *bhai*.

— Sinto muito mesmo. — A voz do outro lado soluçou. — Eu... não sei o que fazer, Tehmina, fiquei tão chocada que nem pensei na diferença do fuso horário.

Agora Tehmina sentiu uma ponta de pânico.

— O que foi? — ela repetiu. — Estão todos bem?

— Estão todos muito bem — Persis respondeu. — Exceto o meu sobrinho sem-vergonha. Juro que, quando ele acordar, vou arrancar o couro dele. *Badmaash*, trair minha confiança assim.

Persis tinha ligado para ela nos Estados Unidos às quatro da manhã para reclamar do sobrinho? Sua vizinha tinha enlouquecido? Era a demência precoce que atacava tantos homens e mulheres parses?

— Persis — Tehmina disse com cautela.

— Não, não, Tehmi, não se zangue comigo, por favor. Me deixe explicar. O meu sobrinho Sharukh, de Pune, veio nos visitar. Mas o que fazer, Tehmi, minha irmã e as crianças estavam nos visitando na mesma semana. E Sharukh tinha tantos problemas com a bebida, você se lembra, Tehmi? De qualquer maneira, ele me jurou que estava limpo e que não bebia havia mais de três meses. E o meu pequeno apartamento estava cheio de gente. Então, como uma *bevakooof*, eu disse que ele podia ficar no seu apartamento. Sei que foi errado, eu devia ter pedido sua permissão, Tehmi. Mas pensei: é só por duas noites, e o seu apartamento está vazio e fica a apenas dois andares abaixo do meu. Você sabe, dessa forma a família poderia ficar toda junta.

Pelo canto do olho, Tehmina podia ver Sorab se revirando na cama, procurando uma posição confortável. Ele estava murmurando algo sobre uma dor de cabeça forte e uma ressaca.

— Persis — ela sussurrou no telefone. — Se você está me ligando sobre isso, não há problema nenhum...

Persis soou ainda mais perturbada.

— Não, não, você não entendeu. Aquele meu sobrinho ingrato, ele... Ah, meu Deus, Tehmi, estou tão envergonhada... Ele roubou sua TV e o seu som. Deve ter feito isso no meio da noite. Pôs no carro e vendeu. Resultado: ele ainda bebe. Eu descii hoje para deixar a empregada entrar como sempre, e você pode imaginar meu choque. Percebi imediatamente que algo não estava certo. E, como um rufião de beira de estrada, lá estava Sharukh, apagado na cama. E eu lhe garanto, Tehmi, que o sacudi tanto que ele teria acordado mesmo que estivesse morto como o mar Morto. Confessou tudo para mim antes de apagar novamente. Mas ele assustou a pobre Hansu, e ela se recusou a ficar a sós na casa com ele ali. Então tive que deixá-la ir embora hoje sem limpar seu apartamento. Apesar de que, com os empregados de hoje, nunca se sabe, e provavelmente bastaria qualquer desculpa para deixar de fazer o trabalho. Como se o meu Sharukh fosse fazer algo com ela. Roncava alto como um trem de carga.

Tehmina sentia a cabeça zozna. Se ao menos Persis parasse de falar por um minuto... Isso era para ela aprender a não confiar o seu apartamento para alguém tão leviano quanto Persis.

— E o que mais está faltando? — ela perguntou, tentando fazer Persis concentrar-se no roubo.

Persis uivou tão alto que Tehmina ficou com medo de que Sorab ouvisse.

— Ah, meu Deus, Tehmi, esse é o problema todo. Não sei. Ainda nem olhei o apartamento inteiro. E aquele meu sobrinho *besharam* ainda está dormindo, então não posso nem perguntar a ele. Você me perdoa, Tehmi. Estou tão envergonhada! Minha irmã disse que devíamos chamar a polícia, mas Sharukh é o único filho do meu falecido irmão. Como posso entregá-lo para a polícia, Tehmi?

Apesar de sua irritação, Tehmina sentiu seu coração amolecer.

— Claro que você não pode entregar seu próprio sangue e carne para a polícia — ela disse, e ouviu Persis suspirar, aliviada. — De qualquer maneira a

TV e o som eram velhos. E não há nada para perdoar. Estou grata que você esteja de olho no meu apartamento para mim e que garanta que ele seja limpo e aspirado todos os dias. — Ela pensou por um instante. — Escute, Persis. Você ainda tem o endereço eletrônico do Sorab, não é? Bom. Vamos fazer o seguinte: depois que você descobrir o que mais Sharukh rou... quer dizer, o que mais está faltando... me manda uma mensagem. Assim você não precisa gastar seu dinheiro com outro telefonema. E agora vai descansar. Tira isso tudo da cabeça. Só me faz um favor: pega a chave de volta com o Sharukh.

Enquanto desligava, ela pensou: E se ele fez uma cópia da chave? Será que ela devia escrever a Persis e pedir que mudasse o segredo da fechadura? Perdida em seus pensamentos, ela se virou sem pensar para o filho.

— Sorab — ela disse —, parece que o sobrinho de Persis roubou algumas coisas do meu apartamento. Você acha que devo trocar o segredo da fechadura?

Sorab deu um grito. Arrancando com violência o travesseiro que cobria a cabeça e puxando as cobertas, ele se sentou, com um olhar de maluco no rosto sonolento.

— Eu não dou a mínima se você vai trocar o segredo da fechadura ou não — ele sibilou, a voz trêmula de raiva. — Estou cansado de ter que assoar cada vez que alguém espirra em Bombaim.

— Sinto muito, *beta* — Tehmina começou, mas Sorab continuou como se não a tivesse escutado.

— São quatro horas da porra da manhã. Eu tenho que levantar em menos de duas horas. Todo dia vou trabalhar como um maldito zumbi. Essa mulher é maluca para ligar no meio da noite? Vou lhe avisar, mamãe, não sei quanto mais disso eu posso...

— Sorab. — Era Susan, e Tehmina ouviu um tom cortante na sua voz. — Cala a boca. Não diga nada de que vá se arrepender pela manhã.

O quarto ficou em silêncio. Sorab piscou várias vezes e baixou os olhos para as mãos, como se estivesse tentando se reconhecer no homem que se tornou. Susan estava olhando para o marido como se o estivesse vendo pela primeira vez. E Tehmina, Tehmina olhava para o chão, esperando que ele se

abrisse para engoli-la. Sorab nunca havia falado com ela dessa maneira antes. Mais do que suas palavras, foi o seu tom, a amargura em sua voz, que fizeram com que ela percebesse quanta frustração o filho vinha acumulando. As lágrimas que se acumulavam em seus olhos não eram de autopiedade, mas de remorso e autorrecriação e empatia. Seu coração sangrava pelo filho. Pois ela ouvira, como se ele tivesse realmente falado... Sorab estava farto de viver assim, no estado de suspensão que ela impunha a todos com sua indecisão. Para ele, o roubo em Bombaim era apenas um sintoma, um lembrete de que fatos ocorridos em um apartamento a quase treze mil quilômetros ainda podiam respingar em sua vida aqui. E, para ser sincera, seu primeiro impulso ao ouvir as notícias de Persis não tinha sido correr de volta ao apartamento, lavar os lençóis em que o bêbado do Sharukh havia deitado, fazer um inventário de suas roupas, verificar que o rapaz era tão estúpido que não sabia o valor do quadro de Hussein pendurado na sua sala de estar? Talvez Sorab tivesse adivinhado seu pensamento traiçoeiro e visto que, à menor menção do apartamento de Bombaim, a mãe estava disposta a largar ele e sua família e correr de volta para o precioso apartamento que ele, Sorab, para a eterna incompreensão de Tehmina, havia deixado de vez para trás.

Sorab se engasgou, e o som despertou Tehmina de seu devaneio.

— Sinto muito — ela sussurrou. — Estou tão...

— Não. — A voz de Susan se fez ouvir. — Você não tem que pedir desculpas de nada, mãe. É este aqui — e ela cutucou as costas de Sorab com firmeza — que precisa se desculpar.

Tehmina apreciava o que Susan estava tentando fazer, mas gostaria que ela não envergonhasse Sorab ainda mais. Conhecia o filho bem demais para saber que ele já estava cheio de remorsos. E, como era de esperar, Sorab olhou para ela com olhos úmidos.

— Eu nem sei o que estou dizendo, mamãe — ele resmungou, agindo como se tivesse sete anos novamente. — Estou apenas muito cansado, e a falta de sono está me deixando maluco. Mas estou realmente arrependido de...

— Por favor. — Tehmina andou até Sorab e lhe afagou a cabeça. — Por favor, querido. Sei que você trabalha muito e precisa de seu sono. Nada para se

desculpar. Eu devia ter mais juízo e não ter entregado o apartamento à doida da Persis.

— Bom — Susan começou a dizer, e Tehmina sentiu que ela estava se preparando para argumentar e querendo que a sogra sentisse que não tinha feito nada de errado.

Mas, por mais que apreciasse a defesa de Susan, ela sabia que a nora não precisava defendê-la de seu próprio filho.

— Nós todos precisamos voltar para a cama — ela interrompeu, andando na direção de seu próprio quarto. Na porta, olhou para trás. — Eu amo vocês dois. Boa noite — ela disse, sorrindo e querendo que Sorab visse que não havia nada a ser perdoado.

Ela foi direto para o banheiro. Podia aproveitar para usá-lo enquanto estavam todos acordados. Esse inverno frio fazia com que urinasse com muita frequência, fato que já tinha virado uma piada na família. Sorab passara a chamá-la de B.B., que significava Bexiga de Bebê.

De volta ao quarto, Tehmina se deitou. Podia ouvir as crianças falando baixo entre si no outro quarto e sentiu vontade de pedir para Susan parar de fofocar e deixar o pobre rapaz voltar a dormir. Mas, na solidão de seu quarto, sua decisão instintiva de perdoar o filho por suas palavras ásperas, de ignorar a dor do choque que ele lhe causou, enfraqueceu um pouquinho. Em seu lugar, sentiu uma frieza, um sentimento gelado de tristeza e desapontamento. Sorab nunca havia falado com ela nesse tom. Era a medida da pressão que ele sentia, de tantas cargas que ela lhe havia imposto. E agora um turbilhão de emoções a assolava — a culpa de aumentar os problemas de Sorab. Tristeza por suas palavras impacientes, que agora a picavam como mosquitos, choque por ter sua casa invadida por um ladrão bêbado e repulsa por Sharukh ter emporcalhando os lençóis limpos de sua cama.

Sua cama. A cama que ela partilhara com Rustom durante quase todo o seu casamento. Fechando os olhos, Tehmina lembrou-se de como era bonita, em teca escura e polida, com a cabeceira entalhada. Eles tinham tão pouco dinheiro no início do casamento quando Rustom fizera essa compra extravagante. Como ela havia gritado com o marido... E ele havia ficado de pé,

sorrindo, sem pudor, esperando uma brecha na descompostura que ela estava passando nele para abraçá-la.

— Está certo, está bem, querida — ele murmurara. — Os negócios estão aquecendo, é a vontade de Deus. E quero que a cama onde todos os meus filhos vão nascer seja majestosa como um trono real.

— Mas, Rustom — ela protestara, preocupada com o dinheiro que já haviam emprestado com os pais dele.

— Mas, *fut*, nada — ele dissera, com firmeza, pondo o dedo sobre os lábios dela. — Deixe disso, mulher. Você não quer experimentar essa cama maravilhosa na qual gastei o meu dinheiro suado?

Tehmina sorriu pela lembrança, porém seu sorriso foi tingido por algo amargo. Rustom sempre dissera que queria pelo menos cinco filhos. Ele mesmo tinha sido filho único e havia jurado que não ficaria num único filho, que era uma coisa injusta que os pais faziam, pois crianças precisavam de irmãos. Ela também ficara feliz de concordar. Mas o destino havia decidido de outra forma. Como era aquela frase de Omar Khayyam? Ela pensou por um instante e então se lembrou. Mas, em vez de ouvir a si mesma recitando, Tehmina ouviu a voz de Rustom:

*Ó Amor! Pudéssemos tu e eu contra o Destino conspirar
Conter todo Esquema das Coisas tristes!
Quebrar tudo em pedaços... e então
Recriá-lo próximo do Desejo do Coração!*

Tehmina não sabia o que tinha dado errado, por que ela e Rustom não haviam conseguido ter mais filhos depois que Sorab nasceu. Até aquele nascimento fora um milagre, quando já estavam casados havia três anos. Todos os médicos que consultaram disseram que não havia nada de errado com nenhum deles. Por um tempo, a mãe de Rustom, Bikhumai, fez Tehmina engolir uma série de tônicos e poções de gosto horrível. Bikhumai achava que o fato de não conseguirem conceber mais era um insulto pessoal, como um sinal de que Deus estava descontente com ela. Por um ano, a mulher deixou de comer chocolate, como uma oferenda para apaziguar Ahura Mazda. Então a

sogra se absteve do sorvete, que todos sabiam que ela adorava. Mas, quando anunciou que estava renunciando ao pão até que Deus achasse que ela merecia que seu filho fosse abençoado com outra criança, Rustom bateu o pé, firme.

— Essa loucura tem que parar já, mamãe! — ele rugiu, num jantar de domingo na casa de seus pais. — *Bas*, se for para termos mais crianças, teremos. Nesse meio-tempo, curta seu neto. Será que o meu Sorab não é suficiente para que você continue com essa *nataak-nakbra* toda?

Apesar do tom severo de Rustom e do fato de ele ter dado um murro na mesa de jantar, algo no seu tom de voz soou a Tehmina que isso era uma raiva simulada, que o marido encenava seu papel num ritual consagrado pelo tempo.

E, como a sogra entendia qual era o seu papel no mesmo ritual, Bikhumai fingiu que tremia diante da fúria do filho e jurou que voltaria a comer as coisas de que mais gostava se ele não ficasse furioso com ela. E, assim, dando sequência à sua atuação, ficou indignada e acusou Rustom de ser injusto ao dizer que ela não amava seu único neto o suficiente, e jurou que se um único fio de cabelo de Sorab fosse partido, ela... ela ficaria fora de si de tanta tristeza. Passados quinze minutos desse tipo de protestos e declarações de amor eterno a Sorab, Bikhumai finalmente ficou em silêncio, exausta. Olhando para Tehmina, Rustom deu uma piscadela. O resto da refeição transcorreu alegremente, e Tehmina nunca mais teve que encarar os remédios caseiros da sogra.

Tehmina se virou na cama, que, de repente, tornou-se estreita e fria comparada com a generosa cama de teca em que ela e Rustom dormiram todos os dias de sua vida de casados. Ela se lembrou da sensação provocada pelo braço forte de Rustom envolvendo-a quando a aninhava toda noite, as costas dela contra o seu peito rijo, sua perna morena e peluda enroscada nas dela. Da mesma maneira que fizera hoje mais cedo, quando a visitara nesse quarto. Não importava quanto ela estivesse cansada ou inquieta, deitar contra o corpo de Rustom nunca deixara de lhe trazer conforto e o sentimento de ser bem-vinda, como um trem numa estação. E isso era do que ela mais sentia falta, agora percebia — da sensação de estar protegida. Enquanto Rustom viveu, ele sempre esteve entre ela e o mundo, como um muro, protegendo-a de

suas exigências, suas farpas e mágoas. Mesmo depois de Rustom ter neutralizado a interferência da mãe na questão de uma nova gravidez, ele havia ido além e isolado Tehmina de toda a fofoca e conjectura. E da maneira mais sutil o marido deixava escapar insinuações que faziam parecer que a falta de outra criança era devida à sua incapacidade de engravidar a mulher. Apenas uns comentários sussurrados sobre como ele se recusara a fazer mais alguns exames que o médico pedira. E, se isso não era suficiente para convencer o ouvinte, ele acrescentava algo sobre como a pobre Tehmina tinha ficado devastada e como, graças a Deus, ela havia aprendido a disfarçar seu desapontamento. Nenhum outro homem parse que Tehmina conheceria teria feito isso. Nenhum. Tehmina sabia de vários homens que, apesar de sua baixa contagem de espermatozoides, automaticamente culpavam a mulher pelo útero infértil e que, na cara de pau, angariavam a simpatia e a pena que inevitavelmente eram concedidas.

Ele sempre a havia protegido assim, desde o dia em que ela o conheceu numa festa na casa de Nilu Sukharwala. Tehmina tinha crescido em Calcutá, filha única de um médico, e através de um programa escolar começara a se corresponder com Nilu, que vivia em Bombaim, desde que elas estavam na quinta série. Agora, no seu aniversário de vinte e cinco anos, ela havia implorado ao pai, Hoshang, que a deixasse ir a Bombaim se encontrar com Nilu. Sua correspondente já viera visitá-la em Calcutá no ano anterior e fizera a cabeça de Tehmina dar voltas com as histórias sobre Bandra, onde as atrizes de cinema viviam, e sobre a praia de Juhu, onde se rodavam alguns filmes de Bollywood, e Colaba, onde se podia comprar de tudo. O que fechou a questão foi uma carta da mãe de Nilu, prometendo a Hoshang que eles tomariam conta de sua filha como se ela fosse um membro da família. E Hoshang finalmente dera sua permissão, mas, mesmo na estação de trem, ele parecia nervoso, até que conseguiu que um casal gujarati mais velho, viajando na mesma cabine de Tehmina, promettesse que iria tomar conta dela. Tehmina ficou envergonhada, mas, assim que o trem partiu, o inesperado prazer da liberdade, de estar longe de casa pela primeira vez, foi mais forte que todo o resto.

Pareceu a Tehmina que Nilu tinha convidado a todos em Bombaim para sua festa. E no final das contas os pais de Nilu eram bem mais tranquilos do que a carta da sra. Sukharwala deixara transparecer. Eles mesmos estariam num jantar, deixando as duas moças em casa com o irmão mais velho de Nilu, a quem todos chamavam Smits, e com Geeta, a empregada que havia ajudado a preparar a comida.

O barulho, o calor, a música, as risadas e as conversas altas, a alegria do grupo, a maneira descontraída e informal com que os rapazes e as moças falavam entre si, era tudo embriagante para Tehmina. Estou em Bombaim, ela ficava repetindo a si mesma. Eles são todos naturais de Bombaim. Tudo o que ouvira sobre eles parecia verdadeiro: eram mais maduros, mais sofisticados, mais urbanos que sua roda em Calcutá. Sua cidade natal de repente lhe pareceu desmazelada e envelhecida, comparada com a exuberância, a empolgante desenvoltura com que essas pessoas agiam e falavam. Apesar de saber que isso era um exagero, ela ficou de olho na porta da frente, esperando algum astro do cinema aparecer a qualquer instante. E, assim, foi a primeira a ver Rustom entrar na sala pouco depois das oito da noite. Ela viu um homem alto e magro numa camisa azul de meia manga, seus olhos cortando o espaço em busca da anfitriã. Tehmina o viu passar a mão pelo cabelo escuro e espesso num gesto que ela reconhecia como falta de confiança. Ela o viu dar um sorriso de desculpas para uma mulher com quem esbarrou enquanto atravessava a sala cheia de gente. Podia ver que ele, como ela, não esperava encontrar tanta gente na festa e estava um pouco deslocado. Agora Rustom virava a cabeça, tentando localizar Nilu ou Smits. Ele deve ter sentido os olhos de Tehmina, porque olhou para ela, levantou as sobrancelhas como que para cumprimentá-la e depois desviou o olhar rapidamente. Mas, no segundo seguinte, estava olhando novamente para ela, dessa vez enfrentando seu olhar, de maneira que Tehmina se sentiu obrigada a ir até ele.

— Oi — ela disse, irritada por ouvir sua voz falhando. — Me chamo Tehmina. Está procurando pelo Smits ou pela Nilu?

— Ah, Tehmina. Então você é a famosa amiga de Calcutá?

Ela corou.

— Nem tão famosa assim. — Sua voz foi morrendo ao se distrair com uma pintinha que ele tinha no canto dos lábios. A pintinha mais fofa que ela já tinha visto.

O homem pigarreou.

— Então, Tehmina, me diga, como achou Bombaim?

Assim de perto ele não parecia tão deslocado quanto parecera havia um minuto.

— Você pega o trem em Calcutá e salta na estação Estação Ferroviária Victoria.

Ele ficou desnortado.

— Ih, não, o que quis dizer foi... — Ele percebeu que ela deu uma piscadela e abriu um sorriso franco. — Você me pegou nessa.

Tehmina de repente sentiu que a vida só seria doce e valeria a pena ser vivida se conseguisse fazer esse homem sorrir novamente.

— Desculpe. Estou sendo boba.

Dessa vez o sorriso foi mais lento, mais calculado, e havia um brilho no seu olhar.

— Bem, olá, boba. Prazer em conhecê-la. Me chamo Rustom Sethna.

— E eu... Mas já me apresentei. Você já sabe quem sou. — Se controla, Tehmina disse a si mesma. Você está agindo como uma tola.

Rakesh, um dos amigos de Smits, veio meio trôpego até ela.

— *Ae*, Tehmi, tem certeza de que ainda não quer que eu lhe traga nada para beber? Nem mesmo uma coca-cola?

O rapaz tinha sido inconveniente a noite toda e ela o havia aguentado, mas agora Tehmina estava odiando sua intromissão, sua embriaguez. Queria fechar os olhos e vê-lo desaparecer ao abri-los novamente. Na verdade, queria que todos desaparecessem quando reabrisse os olhos. Todos, menos o homem atraente e sorridente ao seu lado. Ela lançou para Rustom um olhar que era um misto de desculpa e desespero. E, como se ele tivesse lido sua mente, Rustom a pegou pelo cotovelo e a levou embora.

— Ei, valeu pela oferta, *yaar* — ele disse a Rakesh. — Mas já fiz um pedido de bebida para a minha prima.

— Sua prima? Ah, tá. Desculpe aí, chefia. — Rakesh pareceu tão desapontado e confuso que Tehmina teve que morder os lábios para segurar uma gargalhada.

— Bom, agora que somos parentes, seria bom eu saber que tipo de bebida você toma. — Rustom sorria enquanto eles se afastavam.

— Vou beber o mesmo que você — ela disse sem pensar.

— Tá certo. Olhe, vou achar o Smits só para dar um alô. E aí volto com o seu copo. Onde você vai estar?

— Bem aqui — Tehmina respondeu. — Tal como o menino no navio em chamas.

Ela sabia que estava sendo descuidada, flertando desavergonhadamente com um estranho. Mas não se importou. Ela estaria de volta a Calcutá em quinze dias e nunca mais veria esse rapaz tão bonito. Seu coração se afligiu com tal ideia.

— Você conhece a história? Minha mãe costumava ler essa história para mim pelo menos uma vez por semana quando eu era criança. Eu adorava essa história.

— Eu também. Apesar de chorar todas as vezes que a lia.

Havia algo no olhar de Rustom que ela não conseguia compreender.

— Então você acredita nesse tipo de lealdade e dedicação?

— Sim, com certeza.

— Meus amigos costumavam pensar que o menino era um tolo. — Ele olhava para Tehmina com tal intensidade que ela se sentia transparente.

Ela se sacudiu, em parte para esconder seu desconforto.

— Eu acredito em manter a minha palavra.

Ele sorriu novamente, como se ambos tivessem resolvido alguma coisa.

— Bom, então fica aqui, tá? Volto num piscar de olhos.

Seus joelhos estavam tão bambos que ela não poderia se mexer nem que quisesse. Tehmina viu quando Rustom encontrou Smits e os dois homens se abraçaram, e Smits dera um tapa nas costas de Rustom. Ela observou enquanto Smits saiu em busca de Nilu e notou o olhar de enorme prazer com que a amiga cumprimentou Rustom. Instintivamente, Rustom se voltou para

achá-la e lhe deu uma piscadela. Tehmina corou e desviou o olhar. E lá estava ele alguns minutos depois, segurando dois copos de cerveja e caminhando em sua direção.

— A comida cheira divinamente — ele disse.

— Espero que sim. Nilu e eu passamos o dia na cozinha.

— E que pratos preparou? Quero experimentar todos.

— Nós fizemos tudo juntas. Mas fiz o *pallow* e o *daar* sozinha.

Ele soltou um gemido.

— Meu Deus. É o meu favorito. Mas lhe digo o seguinte: aposto que o seu *pallow-daar* não é tão bom quanto o da minha mãe.

— E qual é a aposta?

— A aposta é... — Ele pensou por um minuto. — Certo. A aposta é que, se você cozinhar tão bem quanto a minha mãe, eu a levo para tomar chá no Sea Lounge. Se não for tão bom, você paga a ida ao Sea Lounge.

— O que é Sea Lounge? — ela perguntou.

— O Sea Lounge? Ah, claro, esqueci que você não é de Bombaim. É um restaurante no Taj. Eles têm o melhor sanduíche de frango grelhado.

Até ela sabia que o Taj era o melhor hotel cinco estrelas de Bombaim. Pensar em ver esse homem de novo fez com que Tehmina esquecesse qualquer dúvida sobre gastar tanto do dinheiro que seu pai lhe dera. Ela só teria que deixar de fazer algumas de suas compras.

— Feito. Tá valendo. Desde que a senhora Sukharwala me permita sair.

Rustom riu.

— A mãe do Smits? Não se preocupe com ela. É uma mulher muito moderna.

O seu riso a deixou desconfortável.

— Meu pai... em Calcutá... Eu não costumo sair com... quer dizer, meu pai não me permite sair com estranhos.

Alguma coisa brilhou em seus olhos novamente.

— Eu entendo, Tehmina. De verdade. Não quis sugerir nada. — Ele sorriu. — Mas somos primos, lembra? Então você não estará saindo com um estranho. E minhas intenções são as mais honradas, juro.

— Certo — ela disse. — Agora venha provar a comida.

Anos mais tarde, eles tentariam lembrar quem ganhara a aposta. Rustom dizia que ela havia ganhado, mas Tehmina lembrava de Rustom dizendo que o seu *pallav-daar* era bom, até excepcional, mas não tanto quanto o de sua mãe. De qualquer maneira, eles se encontraram no Sea Lounge dois dias depois e pediram o sanduíche de frango grelhado, um rolinho de galinha e dois chás.

— Este é um restaurante maravilhoso — disse Tehmina enquanto se sentavam próximo às janelas panorâmicas que davam para o Portal da Índia.

— É o meu lugar favorito para relaxar — Rustom disse. — Adoro vir aqui depois de um dia de trabalho apenas para tomar uma cerveja ou algo assim.

Tehmina percebeu quão pouco ela sabia sobre esse homem à sua frente. Ela tentara arrancar informações de Smits, mas ele só estava interessado em falar sobre o tempo do ensino médio e sobre todas as peças que haviam pregado nos professores. E tudo o que Nilu sabia sobre Rustom era o fato de ele ser um dos solteiros mais disputados na cidade e se parecer muito como o ator Shashi Kapoor; e Tehmina não achava isso também?

— Em que você trabalha? — ela perguntou.

— Acabo de abrir um negócio próprio. Eu costumava trabalhar para uma construtora. Agora tenho uma pequena fábrica. Fabrico dobradiças e maçanetas e outros acabamentos de metal.

— Entendo.

Soava terrivelmente maçante. Tehmina tentou sem sucesso imaginar esse rapaz tão cheio de vida se preocupando com acabamentos de metal. Ele parecia o tipo que trabalharia com barro ou madeira, ela pensou, algo que fosse fresco e quente e viesse da terra e cheirasse bem.

— Deus, Tehmi — disse Rustom —, você tem um rosto incrível... como se fosse feito de vidro. Sinto que posso ler seus pensamentos e ver suas emoções por detrás de sua pele.

Estranhamente, ela acreditou nele.

— No que eu estava pensando agora?

— Você estava pensando em como meu trabalho é terrivelmente maçante.

Ela ficou aturdida.

— Não, não é verdade.

— Vamos lá, Tehmi — ele riu —, não minta. — Depois ficou sério. — Mas, olhe, adoro o que eu faço. E fazer ferragens para uma porta... é para mim o trabalho mais importante que um homem pode ter.

Ela começou a rir, mas ele levantou a mão para fazê-la parar.

— E eu não estou brincando. Pense nisso. O que seria das civilizações sem as portas? Pense no que uma porta fechada pode esconder... lágrimas, relações íntimas, escândalos, assassinatos, mistérios, segredos de família, segredos nacionais. Países gastam milhões tentando passar pelas portas fechadas do outro, não é? Assim como os amantes. Por outro lado, pense no que simboliza uma porta aberta... um convite para a casa de alguém, para o coração de alguém, um acesso à cozinha, à sala de jantar, a um cofre bancário, até — aqui sua voz ficou bem baixa — um quarto. E o que é que faz com que seja possível que todas essas portas se abram e se fechem? — Ele fez uma pausa e olhou para ela com expectativa.

Tehmina estava enfeitiçada com as palavras de Rustom.

— O quê? — ela disse estupidamente.

— Dobradiças! — ele gritou, triunfante. — É a humilde dobradiça que permite à pessoa decidir se deixa o mundo lá fora ou o deixa entrar. Entende por que digo que é tão importante?

Ele continuou assim por mais dez minutos, seu rosto transbordando animação, as palavras brotando sem parar. Tehmina não conseguia entender quase nada do que Rustom dizia, mas não se importava. Ela estava gostando de olhar para aquele rosto doce, encantada como se fosse o rosto de algum astro de cinema numa revista que ela ficava olhando por horas na cama.

Rustom se calou ao bater o punho direito na palma da mão esquerda.

— Olhe para mim — ele disse. — Que estúpido eu sou. Tenho uma moça bonita diante de mim e a estou fazendo cair no sono falando do meu trabalho idiota.

Tehmina não sabia se devia reagir ao elogio ou assegurar que estava achando interessante. Rustom evitou que ela tivesse de decidir, ao chamar o garçom e pedir a conta.

— Vamos lá — ele disse. — Deixe-me lhe mostrar o Portal da Índia. É uma construção lindíssima. — Ele a encarou. — E há uma lenda que diz que, se você ficar debaixo do arco e fizer um pedido, ele se torna realidade. — Sua voz virou um sussurro. — Eu sei o que vou pedir. E você?

No dia em que voltou para Calcutá, Rustom foi levá-la à estação. Ele embarcou para se certificar de que ela e a mala estivessem bem acomodadas. Tehmina achou graça porque ele procurou até achar na cabine um casal que lhe agradasse e, então, lhes pediu que tomassem conta dela, tal como o seu pai fizera. Ela prometeu escrever a primeira carta e a começou logo depois que o trem deixou a estação. Ele prometeu que escreveria de volta e iria vê-la em Calcutá em breve.

Dois meses depois de Tehmina voltar para casa, Rustom bateu à sua porta uma tarde. Tehmina sabia que ele estava vindo, mas estava assustada e envergonhada demais para contar aos pais. Hoshang, curioso, deixou entrar o rapaz que dizia ter chegado de Bombaim para um assunto muito urgente. Depois que a mãe de Tehmina o recebeu e lhe fez uma xícara de chá, Rustom falou sobre a razão de sua visita. Ele tinha vindo pedir a mão de Tehmina em casamento.

Hoshang Vakil recusou a proposta na mesma hora. Ele jamais concordaria em casar sua única filha sem conhecer os futuros sogros.

— Você devia ter trazido seu pai e sua mãe com você para fazer o pedido, *deekra* — ele recriminou Rustom. — Afinal, o casamento é entre famílias, não apenas entre o casal, não é?

Levou mais um mês antes que as duas famílias se encontrassem. Quatro meses depois desse encontro, o casamento se realizou em Calcutá. Houve uma segunda recepção em Bombaim. Por causa dessas duas recepções, Rustom e Tehmina sempre comemoraram o aniversário de casamento duas vezes.

Depois do casamento, eles se mudaram para um pequeno apartamento no segundo andar de um prédio em Nana Chowk. Sua primeira compra

importante tinha sido a extravagância de Rustom com a cama, que entregaram numa tarde. Fora naquela cama que Sorab havia sido concebido.

No aniversário de vinte e um anos de Sorab, eles o levaram ao Sea Lounge. Fazia tempo que haviam trocado o pequeno apartamento de Nana Chowk por um mais espaçoso, de três quartos, em Colaba, de onde se podia ir a pé até o Taj.

E, durante o jantar no Sea Lounge, eles discutiram sobre quem havia ganhado a aposta que os levou a um segundo encontro. Eles não se importavam se Sorab não estava nem um pouco interessado.

— Ei, eu só quero saber quem pagou pelo chá — perguntou finalmente o aniversariante entediado.

Nisso, eles estavam de acordo.

— Ela pagou. — Rustom sorriu, com grande satisfação. — De qualquer maneira não importa quem ganhou, *jaar*. Sua mamãe estava tão encantada comigo que ela teria me comprado o Qutub Minar se eu pedisse.

Tehmina caiu num sono agitado. No seu sonho, Persis estava sentada diante dela no Sea Lounge, bebendo uma xícara de chá. Olhando pela janela panorâmica do restaurante, Tehmina via as águas acinzentadas do mar da Arábia. O sol quente da tarde dançava sobre a água, com centenas de barcos ancorados. Era um visual que Tehmina já vira uma dúzia de vezes. Mas dessa vez havia um novo objeto, e a estranheza dele fez com que Tehmina se empertigasse tão rápido que espirrou chá no próprio braço. Porque, navegando entre os barcos, ao sabor das ondas, havia uma cama. Uma cama de teca grande e esculpida. Tehmina se virou para Persis, mas descobriu, para seu pavor, que não podia falar. Ela se virou de volta para a janela e viu que Persis olhava para o mesmo ponto no mar. Mas sua companheira não pareceu notar nada de estranho. Em vez disso, Persis estava falando de chaves de casa e contas de telefone e outros assuntos desconexos. E então Tehmina notou outra coisa esquisita: Persis falava com a voz de Rustom. Ou seja, a voz aguda de Persis estava alterada com a textura da voz de barítono de Rustom. Como castanhas cruas no sal. Tehmina queria falar, queria mostrar a Persis as coisas bizarras que estavam acontecendo à sua volta, mas ela não conseguia emitir

nenhum som. Assim deve se sentir um cego, ela pensou, mas imediatamente se recriminou pela imprecisão da analogia.

— Rustom — chamou Tehmina enquanto olhava em volta, em desespero. — Cadê você? O que faz a minha cama... a nossa cama boiando na água?

E como que em resposta uma onda mais violenta ergueu-se, e o bonito objeto escuro desapareceu da vista. E, apesar de Tehmina ter tido apenas uns minutos para se acostumar com a ideia de sua cama de casal estar boiando no mar da Arábia, ela agora sentia saudades da visão, sentia um vazio no coração do tamanho do buraco em que sua cama afundara no mar. Ela nunca tinha se sentido tão só assim na vida.

O som de seu próprio choro baixinho acordou Tehmina. Persis e o Sea Lounge foram sumindo à medida que seus olhos se acostumavam e reconheciam a escuridão fria de Ohio. Mas a sensação de desolação, de luto, de estar muito só, permaneceu, bem como a lembrança da perda da fala e da incapacidade de comunicar a imensidão de seus sentimentos a nenhuma pessoa viva. Ela sentiu o rosto molhado e percebeu que fora o calor das lágrimas que sentira no braço, e não o chá quente espirrado que a assustara no seu sonho.

Tehmina mergulhou mais fundo em si mesma, entrou na escura via de mão dupla de seu coração e pegou a pedra mais pontiaguda. Sorab. Gritando com ela. Usando um linguajar rude. A veia saltada na testa. Sua voz amarga e assustadora em sua explosão. Seu filho. Levantando a voz para ela. Não era por ela que sentia pena. Na verdade, não. Não, Tehmina tinha pena dele, porque ela o conhecia e sabia que ele sofreria de remorso e culpa e vergonha, se autoflagelaria por suas palavras descuidadas, incapaz de perdoar a si mesmo. Sabia que suas palavras ficariam presas na garganta como um comprimido amargo. Enquanto, para ela, perdoar os filhos era tão fácil quanto engolir manteiga. Não exigia nenhum esforço. Deslizava. Contudo... perdoar, sim. Mas esquecer... Ah, isso era outra história. A lembrança da voz amedrontada de Persis ao telefone. E depois a voz de Sorab, sonolenta e histérica. Seguida da voz indignada e surpresa de Susan. E então o suave cochicho que a seguiu do

quarto do casal até o seu. Ela rezou para que Sorab não pedisse desculpas pela manhã. Porque ela não conseguiria dizer o que queria. Porque o que queria dizer era: *Beta*, uma vesícula pede desculpas ao resto do corpo por uma noite insone? O coração pede desculpas por não funcionar direito? Você é meu coração e minha vesícula e todo o resto do meu corpo. Você e eu somos um só. Então, como uma parte de mim pode pedir desculpas ao resto de mim?

Casa, ela pensou, e a palavra solitária chamuscava como fogo. Preciso ir para casa.

Mas ela não estava mais certa de onde ficava sua casa.

— Ei, ei, COOKIE! Me espera.

Eles estavam prestes a entrar no carro de Sorab quando Josh veio correndo pela entrada da garagem na direção deles. Tehmina notou que, embora estivesse frio do lado de fora, o menino estava sem casaco e uma gosma verde lhe escorria do nariz. Apesar do carinho que sentia pelo menino, ela instintivamente puxou o neto para junto de si, de forma que ele não entrasse em contato com o menino sorridente diante deles. Deus sabe que germes Josh teria. E crianças passavam vírus e germes entre si com informalidade e generosidade, tal como um indiano distribui balas no Diwali. Não havia por que deixar Cavas chegar perto de mais do vizinho.

Mas Josh pareceu não perceber a maneira com que Tehmina se interpôs entre eles.

— Oi, Cookie. — Ele deu uma risadinha, cutucando o braço de Cavas com o dedo indicador. — Como vai? Minha mãe diz que você é um brownie, e não um cookie. Tal como seu pai.

Atrás dela, Tehmina ouviu Susan prender a respiração. Mas, antes que algum adulto pudesse intervir, Cavas respondeu. Flexionando seus músculos e fazendo sua pose favorita do He-Man, ele disse:

— Eu falei que sou um Cookie gigante e que, se você não tomar cuidado, vou devorar você.

Os dois meninos acharam isso superdivertido.

— Vou devorar você — Josh repetiu, estourando numa gargalhada. — Não se eu devorar você primeiro.

Sorab se debruçou para fora do carro.

— Tá, meninos doidos, temos que ir. — Ele se virou para Cavas. — Certo, soldado, para dentro do carro.

— Ei, aonde estão indo? Posso ir junto?

Cavas imediatamente virou para Sorab com o olhar pidão que todos temiam e respeitavam.

— É, papai. Deixa o Joshy vir com a gente.

Susan limpou a garganta.

— Acho que não será possível, meninos — ela disse. — Esse é um passeio de família... Você sabe, estamos indo ao shopping fazer compras de Natal. E tenho certeza de que sua mãe tem outros planos.

Josh pareceu abatido.

— Minha mamãe disse que só vou ganhar um saquinho de carvão neste Natal. — Mas então seu rosto se iluminou. — Mas mamãe nem está em casa. Apenas o Ernie está de olho na gente. E ele não vai se importar se eu for com vocês.

— Quem... quem é Ernie?

Em resposta, Josh disparou, fazendo o caminho de volta da entrada da garagem. Na porta da frente de sua casa, ele se virou.

— Esperem por mim. Volto já. — Eles podiam ouvi-lo gritando dentro de casa. — Ernie, Ernie! — ele berrou. — Posso ir ao shopping com o Cookie?

Susan se virou de frente para os outros dois adultos.

— Como foi que a gente entrou nessa? — ela perguntou. — Vamos lá, vamos entrar no carro e partir.

Mas, no segundo seguinte, um homem alto e musculoso em uma camiseta branca e jeans veio na direção deles, com Josh pendurado no braço. Tehmina reparou que ele tinha os dois braços cobertos por tatuagens. Seu cabelo grisalho estava preso num rabo de cavalo, e seus olhos cinzentos eram sonolentos e desafiadores.

— Então? — ele indagou, como se estivesse retomando uma conversa interrompida.

Houve um breve silêncio. Então Sorab saltou do carro.

— Acho que está havendo um mal-entendido — Sorab disse num tom formal e afetado do qual ele lançava mão toda vez que enfrentava alguma situação delicada. — Nós apenas mencionamos ao Josh que estávamos indo ao shopping e... e... parece que, bom, Josh gostaria de...

— Eu quero ir com eles, eu quero ir com eles! — Josh gritou, pulando sem parar.

Ernie socou as costas de Josh com força suficiente para que o garoto oscilasse.

— Bom, você não vai. Então pode parar de se lamentar, agora! E volta para dentro de casa. Espera até sua mãe saber que você quase entrou num carro com... estranhos. — De alguma maneira, o modo com que seus lábios se curvaram para dizer “estranhos” pareceu uma acusação.

— E onde *está* a mãe deles? — Pelo tom gelado de Susan, Tehmina tinha certeza de que ela também percebera o insulto.

Ernie olhou para ela sem esboçar qualquer reação.

— Isso, dona, não é da sua conta.

— Ei, amigo — disse Sorab. — Veja como fala com a minha mulher.

As mãos de Ernie continuavam nos bolsos de seu jeans, mas de algum modo ele conseguiu contrair os bíceps de maneira intimidadora.

— E vocês parem de se meter na nossa vida. E nunca mais tente atrair nossas crianças para dentro do seu Saab luxuoso.

Tehmina viu o rosto do filho ficar vermelho. Mas, antes que ele abrisse a boca, Susan o segurou pelo braço.

— Deixe, meu bem — ela resmungou. — Não vale a pena conviver com gente assim. Vamos, vamos entrar no carro e partir.

Ernie sorriu, revelando um dente de ouro.

— Isso mesmo. Apenas entrem no seu lindo carrinho e se mandem. — Ele olhou para baixo, para Josh, que, com os olhos úmidos, ora olhava para um adulto, ora para o outro. — E você... Se sabe o que é bom para você, entre naquela casa maldita agora. Agora!

Eles fizeram parte do caminho mudos.

— Não gosto desse homem — disse Cookie por fim. — Ele é mau. Parece o Scar, do *Rei Leão*.

— Isso mesmo, querido — Susan respondeu. — Ele é mau. Me promete que você nunca vai falar com ele, tá?

— Prometo. — Cookie ficou calado por um instante e prosseguiu: — Mas eu realmente gosto muito do Joshy.

Susan respondeu:

— Eu sei, benzinho. Nós todos gostamos. Mas não podemos ser amigos dele, tá, querido? Você pode ser legal com ele no ônibus escolar, mas nada de combinar para brincar um na casa do outro, tá, docinho?

E Tehmina escutou o que Susan não tinha dito: Sim, nós gostamos do Joshy. Mas não podemos salvar o mundo. Ela se virou para olhar melhor o perfil do filho, esperando em silêncio que ele falasse alguma coisa, algo bom, generoso e honrado. No entanto Sorab estava quieto. Ele mudou, pensou Tehmina, e seus olhos inexplicavelmente se encheram de lágrimas. Este país o transformou. Houve um tempo em que Sorab não teria ficado quieto vendo uma criança pequena sofrer com a violência de um homem bruto. Mas ele agora estava... acomodado. Não era mais aquele jovem de Bombaim que via injustiça em cada esquina.

Tehmina se lembrou de um incidente, há muitos anos. Foi a única vez que viu Sorab enfrentar abertamente o pai. Durante as manifestações de 1992, entre hindus e muçulmanos, que agitavam Bombaim, Sorab ficara morto de preocupação. Ele ligava diariamente dos Estados Unidos para ver se os pais estavam bem. Várias vezes ameaçara ir a Bombaim para resgatá-los e levá-los com ele. Percebendo quão preocupado o filho estava, Rustom fez Tehmina jurar que não lhe contaria que estavam abrigando uma família muçulmana em casa. A própria Tehmina tinha ficado chateada quando Rustom viera para casa uma noite contando que acabara de encontrar com Ismail Husseni, o arquiteto que morava no térreo do prédio vizinho, que estava aterrorizado com a ideia de que a multidão hinduísta invadissem sua casa.

— Eu falei que ele e a senhora Husseni deviam vir para cá até as coisas se acalmarem — Rustom disse com naturalidade. — Eles estarão aqui daqui a pouco. Esses pobres coitados não saem de casa já faz uma semana. Eu disse que podiam ficar o tempo que fosse necessário. Eles podem dormir no quarto de hóspedes, certo, querida? E, ah, Tehmi, Ismail pediu para a gente guardar as joias dele. Então esvazie o cofre, por favor, para que eles tenham espaço para suas coisas, tá?

— Rustom, você enlouqueceu? — Tehmina disse, perplexa. — Com empregados, o *dhobi* e outros entrando aqui toda hora, você acha que a gente

vai conseguir guardar segredo de que tem uma família muçulmana hospedada aqui?

— Mas quem disse que é para ser segredo? — Rustom projetou o queixo para a frente, indicação certa de que estava decidido.

— *Jann*, sei que você tem boa intenção. Mas certamente os Husseni devem ter outros parentes, né? Tantos muçulmanos já deixaram Bombaim. Você está nos pondo em risco, *jann*. E... a gente nem conhece eles assim tão bem.

Rustom olhou para ela com raiva.

— E como você acha que eles podem sair da cidade, com as hordas hinduístas rondando as ruas atrás de muçulmanos para matar? E, de qualquer modo, por que diabos eles deveriam sair de Bombaim? Aqui é o lar deles.

Como sempre, Tehmina se deu por vencida. E suas dúvidas e recriminações foram silenciadas ao ver o olhar de gratidão dos Husseni quando eles tocaram a campainha algumas horas mais tarde. Ismail Husseni sempre foi um homem grandalhão e sociável. Agora ele parecia ter encolhido, como se o medo o tivesse carcomido. Tehmina ficou horrorizada com a mudança ocorrida no homem, e esse horror a ajudou a enfrentar os resmungos sombrios dos empregados hindus e dos vizinhos parses, que reclamavam que os Sethna estavam metendo o nariz onde não eram chamados.

Dois dias depois, quando os Sethna saíram do prédio para ir ao templo de fogo, Krishna, o sem-teto que vivia do outro lado da rua, se esgueirou até eles.

— *Salaam, seth* Rustom — ele disse. — Preciso lhe dizer algo importante.

O estômago de Tehmina deu um nó sem motivo aparente. Mas a voz de Rustom era firme.

— O que foi? — ele disse com desdém.

— As pessoas estão falando, *seth*. Dizendo coisas feias a seu respeito. Há rumores de que há uma família de comedores de carne vivendo com você. Os irmãos hindus estão com raiva, *seth*. Eles dizem que vão queimar qualquer apartamento que abrigue esses cães muçulmanos. — Krishna olhou de relance para eles, e, na luz da noite, seu rosto parecia iluminado.

Rustom rugiu:

— Olhe aqui, seu traidor filho da mãe, você avisa aos seus amigos *goonda* que, se eles tiverem coragem, podem vir falar direto comigo. Eu lhes quebrarei o pescoço esquelético com as minhas próprias mãos, ah, se quebrarei. *Saala, chootia*, todo mundo é herói na calada da noite. Mas diz pra eles que, se forem machos de verdade, podem vir falar comigo em plena luz do dia. Aí vamos ver quem é guerreiro de verdade. E mais uma coisa: na minha casa, hospedo quem eu quiser, entendeu?

Um sorriso bajulador perpassou pelo rosto de Krishna.

— *Seth* Rustom, calma aí, calma aí. Abaixei a voz, por favor. Por que está se alterando à toa? Só estava dizendo que...

— Eu sei exatamente o que você está dizendo, seu merda. Você come a comida da minha família, você lava o seu maldito rabo toda manhã com a água que a minha mulher esquenta para você, e é assim que retribui? Diga a seus amigos *sena* que, se fizerem mal a uma pessoa da minha casa que esteja sob minha proteção, eles vão ter que enfrentar a minha fúria. O maldito delegado de polícia e eu brincávamos juntos quando éramos bebês, entende, *chootia*? Minhas ligações vão até Délhi. Vão achar outra família para sacanear, seus eunucos!

— *Seth* Rustom, por favor. Se acalme. — Dessa vez o pedido de Krishna parecia real. — *Tehmibai*, por favor. Leve o seu marido daqui. Tudo vai acabar bem, *bai*, eu prometo. Confie no seu Krishna. Tomarei conta de tudo.

Enquanto se afastavam, *Tehmina* apertou a mão do marido, esperando que ele pudesse sentir o orgulho que ela tinha dele. Para sua surpresa, viu que os ombros de Rustom estavam sacudindo e que ele tentava ao máximo conter o riso.

— Você viu o olhar na cara do Krishna quando inventei aquela história para boi dormir sobre conhecer o delegado de polícia? Merda, o cara é pelo menos dez anos mais novo que eu. Espero que ninguém faça as contas.

Muito mais tarde, depois que as manifestações já tinham acabado e que os *Husseni* haviam voltado para o apartamento deles, *Tehmina* contara a

história a Sorab. Ela queria se gabar da coragem do marido, mas, para sua decepção, o filho ficou furioso.

— O papai ficou maluco, mamãe? Por que toda essa bravata? Por que ele tem de ser o único que sempre se arrisca? — Mesmo através do fio do telefone ela podia sentir a indignação na voz do filho. — Me deixe falar com o papai agora mesmo.

Fora a primeira vez que Tehmina ouvira pai e filho brigar. Incapaz de escutar o desapontamento na voz de Rustom, de encarar o olhar fuzilante que lhe dirigia toda hora, ela havia deixado a sala e se ocupado com a cozinha. Mais tarde, Tehmina escutou Rustom desligar e se dirigir para o quarto deles. Ela sabia que devia ir atrás e tentar consolá-lo, mas alguma coisa a fez hesitar. Quinze minutos depois, Rustom entrou na cozinha e se encostou na bancada.

— Bom, acho que você ouviu a reação do seu filho — ele disse, e Tehmina pôde perceber que o marido se esforçava para manter a tranquilidade em seu tom de voz. — Acho que ele pensa que o velho dele está maluco.

Ela deu um passo na direção dele.

— Ele está com medo, Rustom, nada mais. Ele está muito longe e se preocupa com a gente, *janu*.

Rustom sacudiu a cabeça.

— Acho que sim. Mas ele mudou. Sorab mudou.

Agora, quase contra a sua vontade, as palavras de Rustom lhe voltavam. Tehmina pegou Sorab olhando para ela pelo retrovisor e, num segundo de culpa, pensou que o filho havia lido seus pensamentos pouco caridosos.

A voz de Susan quebrou seu devaneio.

— Bom — sua nora estava dizendo —, este é para ser um programa de família. Não vamos deixar que pessoas mesquinhas estraguem nossa noite, né?

Tehmina ouviu a risada curta e forçada que se seguiu à frase. Mas ela também ouviu algo mais — a súplica, a hesitação e a melancolia na voz de Susan, e ela reagiu a isso.

— Há pessoas tolas em toda parte. No mundo todo — ela disse. — Meu Deus, as histórias que eu podia contar sobre alguns dos meus vizinhos em Bombaim. Já lhe contei sobre Dina Master, a velhinha que vivia no andar de

cima quando eu era jovem em Calcutá? Não? Bom, ela era terrível. Ruim de verdade. Costumava convidar as crianças da redondeza para seu apartamento e nos assustar com suas histórias inventadas. Tinha uma sacola de juta grande que ficava na sala, e ela nos disse que estava cheia de ratos e cobras e tudo o mais e que, se a gente se comportasse mal ou desobedecesse a nossos pais, ela nos colocaria dentro daquela sacola junto com os bichos.

— Cruzes! — Susan ofegou. — Isso é violência. Aqui você poderia chamar a Delegacia da Infância e do Adolescente e denunciar essa mulher num piscar de olhos.

— O pior é que nossos pais sabiam disso. E é até possível que a encorajassem. Era um tipo de disciplina, veja você, para garantir que não tirássemos notas baixas e tudo o mais. E a parte engraçada é que acreditei naquela velha malvada por muitos e muitos anos. Posso lhe dizer que eu tinha um medo danado daquele saco.

— Ah, *Mamma*. — Sorab riu, e mesmo do banco traseiro Tehmina podia sentir que ele estava revirando os olhos para ela. — Você foi sempre tão ingênua! Que bom que você casou com uma pessoa tão vivida e esperta como o papai... Isso provavelmente foi a única coisa que a salvou. A maneira como seus pais a mimaram, eu não acho que...

— Mimaram? Você acha que permitir que uma criança seja aterrorizada por uma velha maluca é mimar? — Susan estava indignada. — Essa não é minha definição de *mimada*.

Sorab olhou para a mãe de relance pelo retrovisor, e Tehmina captou esse olhar. Ela sabia exatamente o que o filho queria dizer: que algumas coisas não têm tradução. Para Susan, o tratamento da velha para com as crianças que viviam à sua volta era violento, algo sério o suficiente para dar parte à polícia. Mas a verdade era mais complexa e sutil. Sim, Tehmina tinha medo de Dina Master, mas, mesmo ainda criança, sabia lá no fundo que seus pais preferiam morrer a expô-la a algum risco. Confiava cegamente, não duvidava do amor e da devoção que tinham por ela. Ela reagira à vizinha da mesma forma que faria a respeito de um livro de terror... Ficara amedrontada, mas não traumatizada. Tehmina imaginava se o pobre Josh sentia a mesma segurança que ela

experimentara na infância, se tinha aquela mesma certeza de que estava protegido e era amado incondicionalmente. Tehmina tinha suas dúvidas em relação a isso.

— Vou lhes contar algo que nunca revelei antes — disse Tehmina. — Vocês sabiam que minha mãe me deu comida na boca até o dia em que me casei? Eu era ruim para comer, e então mamãe tentava me convencer. Chegava mesmo a me dar de comer.

Sorab bufou.

— Ah, e isso não é ser mimada?

Susan balançou a cabeça.

— Que esquisito — ela disse. — Vocês parses são tão esquisitos...

E mãe e filho trocaram um sorriso pelo retrovisor.

Susan se virou no banco.

— E por que você não criou seu filho assim? Por que ensinou Sorab a cozinhar e limpar e fazer coisas que nenhum de seus amigos indianos sonharia em fazer?

— Isso foi obra do pai dele — veio a resposta de imediato. — Acho que não posso levar a fama por nada disso. Foi assim que Rustom foi educado e, você sabe, ele insistiu que o filho tivesse condições de se virar sozinho. Possivelmente essa foi a razão das únicas brigas que tivemos.

— Bom, então eu queria que você tivesse ganhado essas brigas. — Sorab riu. — Teria feito a minha vida bem mais fácil.

Susan deu um soco de leve no braço do marido.

— Ah, você não queria, não.

Eles ficaram em silêncio por um minuto enquanto o carro voava tranquilo pela rodovia. Tehmina disse, virada para a escuridão:

— Eu o vi na noite passada. Quero dizer... sonhei com ele na noite passada.

Mesmo no escuro, mesmo com o som ligado, Tehmina sentiu a tensão se instalar no carro. Ela também notou, de imediato, que Sorab não lhe pediu para prosseguir, para descrever o sonho. Foi como se Rustom tivesse sido banido de sua vida, ela pensou. Toda vez que dizia o nome dele, parecia que

havia quebrado alguma regra de etiqueta, como se fumasse um cigarro num restaurante para não fumantes. Será que tudo neste país tem data de validade?, ela pensou. Até mesmo a tristeza e o luto?

Ela achara que Cookie havia adormecido, mas ele agora se remexia ao seu lado.

— Eu quero comprar um presente de Natal para o vovô — ele anunciou.
— Para pôr debaixo da árvore.

Sorab limpou a garganta.

— Vovô está no céu, filhinho — ele disse, como se estivesse explicando isso ao filho pela primeira vez. — Ele não pode ganhar presentes.

— Bom, talvez ele possa vir pela chaminé junto com Papai Noel — Cookie respondeu. — Posso escrever para o Papai Noel e pedir que traga o vovô.

Houve uma pequena pausa, e Susan disse:

— Uma ótima ideia. Mas vamos comprar algo pequeno para que possa passar pela chaminé, tá? — Ela se virou um pouco para Tehmina. — O que acha, mãe? Você acha que vovô Rustom gostaria de ganhar balas?

Tehmina piscou rapidamente para dissipar as lágrimas que se formaram nos seus olhos ao ouvir o nome de Rustom nos lábios de Susan.

— Isso... isso seria ótimo. Rustom sempre gostou de doces. Nós todos gostamos.

— E quero comprar algo para Joshy — disse Cookie, empolgado.

Tehmina sentiu o coração cheio de orgulho. Cookie lhe lembrava tanto Sorab quando menino — generoso, sensível, rápido em perceber o sofrimento alheio. Ela passou o braço em torno do neto e lhe deu um beijo silencioso na cabeça.

— Não vamos comprar presentes para o Joshy, filho — Sorab disse, sem inflexão na voz. — Não trocamos presentes com nossos vizinhos.

— Mas ele disse que só ia ganhar um saquinho de carvão de Natal — o menino choramingou. — Você o ouviu.

— Que ótimo! — Susan resmungou baixinho.

— Isso é só uma figura de linguagem, benzinho — Sorab disse. — A mãe dele estava apenas brincando. Ninguém realmente ganha um saco de carvão de Natal.

— Ganha, sim. — disse Cavas, triunfante. — O menininho no “Conto dos dois Natais”. Ele foi mau com a família dos cachorros e ganhou uma pedra de carvão na sua meia.

Sorab entrou no estacionamento cheio e começou a procurar uma vaga.

— Isso é apenas uma história — ele disse. — De qualquer maneira, não vamos comprar um presente para Joshy.

Ele estacionou longe da entrada da Sears.

— Mas ele é meu amigo — Cavas murmurou enquanto caminhavam em direção ao shopping. — E tenho quinze dólares que economizei.

Tehmina podia ver que Sorab estava ficando desesperado. Ela pegou a mão do neto e o deteve.

— Vocês dois vão indo na frente — ela disse. — Cookie e eu estamos logo atrás. Podem ir na frente.

Susan lançou um olhar agradecido e pegou a mão do marido. Enquanto o casal se distanciava, Tehmina se abaixou para falar com o neto. Ela sabia que o que ia fazer era errado, mas não podia evitar. Antes de Cookie falar, ela mesma já tinha decidido comprar uma pequena lembrança para cada um dos meninos do vizinho. Apesar das garantias de Sorab, ela não estava nada convencida de que Tara não fosse capaz de dar a seus filhos um saquinho de carvão de Natal. Uma mulher que deixava os filhos com aquele homem monstruoso era capaz de tudo. Era uma das peças que a natureza pregava que permitia a uma mulher assim dar à luz duas crianças lindas e inocentes. Ela não sairia do shopping esta noite sem comprar algo para eles. Susan e Sorab podiam fazer algumas compras sozinhos. Ela levaria Cavas consigo e os encontraria em uma ou duas horas. Além disso, ela precisava achar um presente para o pai de Susan.

Eles saíram do frio e entraram no prédio aquecido, onde logo ouviram a musiquinha do carrossel, que competia com a música de Natal tocada no órgão que ressoava pelo shopping.

— Escutem — Tehmina disse a Susan e Sorab —, e se eu levar o Cookie para fazer umas compras comigo? Dessa maneira vocês não se atrasam por minha culpa. Estou andando devagarinho hoje.

Susan aceitou de pronto a oferta.

— Tem certeza, mãe? Então tá. Que tal a gente se encontrar na praça de alimentação em uma hora? Isso dá tempo suficiente para você?

Ela estendeu a mão para Sorab, mas ele hesitou.

— Liga pro meu celular se você se perder ou algo do gênero — ele disse, e Tehmina riu.

— Não se preocupe. Ficaremos bem. Conheço bem esse shopping. Divirtam-se, crianças.

Tehmina observou Sorab e Susan se afastarem. Então ela se virou e olhou para o neto.

— Cookie — ela disse, se inclinando para ele e abaixando a voz —, você sabe guardar segredo?

PELO AMOR DE DEUS, homem, você está se tornando uma maldita mulherzinha, Sorab se recriminou. Controle suas malditas emoções.

Desde a morte do pai, Sorab tinha reparado que, desconcertantemente, podia chorar por tudo. Agora, circundado por milhares de estranhos comprando sua própria felicidade em forma de aparelhos de DVD e iPods, ele estava mais consciente ainda de suas emoções e da crescente falta de controle sobre elas.

A razão de sua última sublevação emocional fora a visão do filho e da mãe sentados na praça de alimentação comendo uma porção de batatas fritas enquanto esperavam por Susan e por ele. Alguma coisa no ângulo das cabeças quase se encostando... uma grisalha, com o peso dos anos, a outra castanha e com o brilho de infinitas oportunidades... Alguma coisa na cena trouxe uma recordação muito familiar e lhe encheu os olhos de lágrimas. Susan estava a seu lado, carregada de presentes de última hora, como ele, e Sorab imaginava se ela teria notado algo diferente nele, nessa preocupante sensibilidade que crescia dentro dele, como um bolor numa fatia de pão branco crescendo a olhos vistos. Em Bombaim havia um nome que era dado a homens assim: *milquetoast*. É, ele está virando um maldito *milquetoast*.

— Você está bem, amor? — Susan perguntou, e como sempre ele ficou irritado e agradecido com a incrível habilidade que ela tinha de compreendê-lo, de perceber qualquer mudança de estado nele, por menor que fosse.

— Sim, estou bem — ele respondeu bruscamente, mas então, como uma maldita mulherzinha, como se não pudesse controlar os lábios, ele se ouviu dizendo: — Olhe para eles sentados ali. Como se fossem as duas únicas pessoas na Terra. Não é uma cena linda?

Linda? Nenhum homem americano de sangue quente jamais diria “linda”. Isso é como homens parses — da geração de seu pai — fariam. Que porra era essa que estava acontecendo com ele?

— É mesmo — Susan disse, e por mais que ele estivesse atento não percebeu nenhuma ironia ou sarcasmo na voz da esposa. Ela deu um suspiro

profundo. — Ter a mãe aqui tem sido tão bom para Cookie e... — ela acrescentou carinhosamente: — para você.

Ele retesou-se.

— O que quer dizer com isso?

Susan deu de ombros.

— Não sei. Não dá para explicar. É só que... acho que você precisa estar perto da sua família. E... parece... não sei, talvez esteja menos acelerado do que antes, mais mole.

Aí está, Sorab pensou. Mais mole. Expressão terrível. Até sua mulher logo, logo vai chamá-lo de molenga. Não admira que a Grace tenha dito tudo, menos que ia passá-lo para trás na fila da promoção. Ele provavelmente estava deixando transparecer suas emoções por todo lado, como uma velha com incontinência, e todos eram educados demais para fazê-lo ver isso.

De repente, Susan deu uma risada.

— Qual é a graça? — ele começou a perguntar, e ela balançou a cabeça, tentando segurar o riso. — Você. Está engraçado. Meu Deus, você devia ver a sua cara. Olhe, tenho uma novidade para você. Quando uma mulher diz que um homem é mole, é elogio. Apesar de não conhecer nenhum homem que pense assim.

— Bom — ele sussurrou, com sua voz rouca —, desde que você não esteja se referindo ao meu você-sabe-o-quê.

Susan riu novamente.

— Não. Não estou, seu idiota. Estou me referindo a isso aqui. — E ela apontou o coração dele. — E acho que provavelmente deva me referir também a isso. — E apontou para a cabeça. — Mas vocês homens ao escutarem a palavra *mole* só pensam naquilo.

Ele passou todas as sacolas para a mão direita e pegou a mão da esposa.

— Quando cheguei neste país — disse —, eu costumava sonhar. Sonhava que a campainha do meu apartamento ia tocar e que, ao abrir a porta, eu veria meus pais. E pensava comigo mesmo: "Seu imbecil, veja como é fácil vê-los, só precisa abrir a porta". Mas aí eu acordava e via que tudo não passava de um sonho, que eles estavam a milhares de quilômetros de distância, e eu

tinha uma sensação horrível e deprimente. Toda a leveza do sonho, a descontração ante a possibilidade, era levada embora no minuto em que acordava. Você me entende? Eu abominava esses sonhos, e, meu Deus, havia um milhão de variações dele. Tinha aquele em que alguém me chamava pela janela, e, quando eu me aproximava para responder, via meu pai, pedindo para entrar. — Ele parou de supetão. — Por que estou lhe contando isso agora?

— Porque é importante para você. Continue.

Eles estavam perto de Tehmina e Cavas e pararam antes de serem vistos. Susan foi até uma mesa vazia num canto da praça de alimentação e sentou. Por um segundo, Sorab hesitou, dividido entre a vontade de não deixar a mãe sozinha por mais tempo e a vontade de aproveitar a rara oportunidade de falar com Susan a sós. Ele sentou.

— Então, de qualquer maneira, por muitos e muitos anos eu me senti um homem dividido. E, por mais que tentasse, não conseguia vencer a maldita distância. E não foi de todo ruim, não estou dizendo isso. Na verdade, você sabe, acho que essa fome que eu costumava ter, esse foco em ser bem-sucedido, era tudo parte da mesma ânsia. Quero dizer, paguei um preço tão alto para vir aqui, deixando uma casa confortável, uma cidade conhecida, amigos e pais que me adoravam... Eu tinha que fazer por onde... eu tinha que fazer isso aqui valer a pena, tinha que justificar o sacrifício. Então, acho, eu era um jovem com muita pressa.

— Rapaz, e como!

Susan sorriu, e o seu olhar disse a Sorab que ela estava lembrando a maneira decidida e incansável com que ele dera em cima dela. Apesar de Susan ter sido sua colega em algumas matérias, ele não havia prestado atenção nela, até uma noite, numa festa, na casa de outro aluno. Ambos estavam ligeiramente bêbados naquela noite, e, quando o assunto mudou para política, eles se atracaram e se enfrentaram tão acaloradamente — Susan era republicana naquela época, fato que Sorab não podia entender numa moça tão inteligente e sensível como aquela diante dele — que acabaram esvaziando a sala, já que os outros se retiraram, por tédio ou exaustão. Então sobraram apenas os dois, e eles prosseguiram com a discussão, a pé, andando pelas ruas

gélidas de Ohio até as duas da manhã, enquanto Sorab levava Susan para casa e subia os dois lances de escada até o apartamento dela. Depois disso, eles deram uma trégua longa o suficiente para fazerem sexo apaixonadamente, o que de alguma forma pareceu a continuação da violenta discussão. Quando acordaram na manhã seguinte, Sorab estava fisgado por essa moça desesperadamente inteligente e bonita, mas ela declarou que estava arrependida por seu comportamento, porque, apesar de o sexo ter sido ótimo, muito obrigada, ela não sairia com um liberal cabeça-dura de jeito nenhum. Demorou quatro meses para Sorab fazer com que ela mudasse de ideia.

Susan apertou-lhe a mão.

— Aqueles foram bons tempos, hein, amor? Mas sabe de uma coisa, bem? Estou feliz que você tenha desacelerado. Gosto de imaginar que você estará comigo quando eu envelhecer.

Ele apertou a mão dela volta.

— É graças a você. Se você não tivesse se casado comigo e me dado o Cookie, não sei o que me aconteceria. De verdade. — Ele parou por um segundo. — Você sabe quando foi que, pela primeira vez na minha vida, me senti verdadeiramente em paz? Estou falando de contentamento, não de paixão e alegria. Quero dizer, eu estava empolgado quando você finalmente se casou comigo. E no dia em que Cookie nasceu e eu o segurei pela primeira vez... aquilo foi como provar do céu. Mas a velha e ultrapassada paz? Foi durante a visita que papai e mamãe fizeram depois que Cookie nasceu. Ter o meu filho recém-nascido e os meus velhos pais na mesma casa, sob o mesmo teto... não sei como descrever essa sensação para você. Sabe, foi como se eles representassem o passado e você e Cookie, o futuro. Me senti completo, como se alguém tivesse costurado as minhas duas metades. Eu costumava pensar que qualquer coisa podia acontecer agora... um tornado, uma guerra, uma bomba. Mas nós estaríamos juntos. — Ele fez uma careta. — Desculpe. Você sabe que fico sentimental nesta época do ano.

Susan olhou para ele daquele jeito envergonhado e triste que ainda fazia seu coração dar cambalhotas.

— É o que eu amo em você. Todos vocês, homens parses, e sua veia sentimental. Eu queria tanto que o Bobby aprendesse um pouco desse seu jeito. Ele é um homem adulto que ainda acredita em toda aquela besteira de homem americano.

Bobby era o irmão mais velho de Susan e o mais taciturno dos homens. Em todos esses anos em que Sorab conhecia a família da esposa, Bobby provavelmente trocou vinte palavras com ele. Esse comportamento silencioso de Bobby era uma piada na família, e Susan se referia a isso como a interpretação perpétua do papel de Clint Eastwood.

— Bom, ao menos isso é natural. Eu me lembro que, quando garoto, eu achava isso terrível. Ali estava meu pai, você sabe, aquele homem grande e musculoso, e a gente assistindo a algum dramalhão de Bollywood na televisão e ele abertamente soluçando. Até mamãe, e você sabe que ela é uma manteiga derretida, até ela se escandalizava com o choro soluçante dele durante um filme. Eu ficava tão envergonhado que nunca arrisquei chamar um amigo para ver televisão com a gente.

— Mas isso é porque ele era um homem de verdade. — Susan defendeu Rustom do que ela achou que era uma crítica de Sorab, e o marido se espantou com isso. — Ele era um homem de verdade, muito confortável dentro de sua pele.

Ele abriu a boca para discordar, para explicar que concordava com ela, que ele estava meio que brincando ao descrever sua vergonha das lágrimas fáceis do pai, e então Sorab se deu conta de que talvez isso não fosse toda a verdade. Que uma parte dele ficava desconfortável com a imagem do pai alto e poderoso se derretendo em lágrimas diante de filmes indianos baratos e toscos. Uma parte dele admirava Bobby por seu comportamento silencioso, porque isso ia ao encontro da crença adolescente de como um homem de verdade devia se comportar, apesar de sua educação de classe média indiana e sensível, na qual tios e tias estavam sempre aos beijos e abraços, ou dando apertões nas bochechas, ou dizendo como ele era um bom menino. Talvez essa tenha sido uma das razões por que trocou a Índia pelos Estados Unidos, para deixar para trás esse sentimentalismo todo da infância e se tornar um homem

mais endurecido. E o novo país tinha sido bom para ele — enrijecera-o, tornando-o competitivo, independente, ansioso para ir adiante, focado na busca do sucesso. Tinha liberado algo nele. Enquanto na Índia as pessoas estavam sempre lhe dizendo para não aparentar ser ambicioso demais, faminto demais, nos Estados Unidos essa ambição e esse apetite eram reverenciados, encorajados e recompensados. Quando chegara à faculdade, ele se sentira como se alguém o tivesse libertado de uma caixa de papelão muito grande, na qual, sem notar, havia passado a vida inteira espremido, contando o tempo. Aqui Sorab podia ser tão competitivo, agressivo, barulhento, mesquinho e expansivo quanto quisesse. Aqui ele podia almejar as estrelas, e ninguém lhe diria para ser cuidadoso, que o orgulho sempre antecede a queda, nenhum parente velho lhe contaria a história de Ícaro, de como ele havia se queimado ao chegar perto demais do sol. Aqui era o país em que o céu é o limite, das ambições desmedidas e dos sonhos avantajados, um país lendário que acredita em sonhos e que é, ele mesmo, um tipo de sonho. E servia a Sorab como uma luva. Como uma maldita luva. Era como se o país tivesse sido criado para ele, para ele e milhões de outras almas inquietas que não se ajustavam à terra em que haviam nascido e que chegavam às praias americanas carregadas de energia, estourando as costuras com sua ambição acumulada, tão inflamável que chegava a parecer violenta. E para ele (tão diferente de tantos outros) isso tudo deu certo. Estava tudo indo bem, tudo conforme o plano — a mulher esperta e bonita, o filho inteligente e maravilhoso, uma casa grande no subúrbio, dois carros importados na garagem, uma série de empregos onde sempre foi o melhor. Mas então seu pai teve que morrer, e aquele sentimentalismo que fluíra em Rustom qual um veio da seiva vazara e agora penetrara no filho.

— Terra chamando Sorab — dizia Susan, e ele se sobressaltou, tendo um sentimento de culpa.

— Desculpe. Estava perdido em meus pensamentos.

— É mesmo!? — Susan sorriu. — E aí, amor? Vamos nos juntar aos outros? Mal posso esperar para descobrir quanto a mãe andou gastando comprando ainda mais presentes para o seu precioso neto.

— Sim, claro. Estou surpreso que Cookie ainda não tenha nos localizado.
— Ele demorou-se ali de pé. — Ei, Suse. Eu apenas queria lhe agradecer, você sabe, por me amar tanto. De verdade. Sem você eu não sei o que...

— De nada — Susan respondeu com ternura. — Por falar nisso, é bem fácil amar você. — Ela se levantou, e Sorab podia ouvir o sorriso em sua voz. — Sem falar que, você sabe, tenho que manter o meu homem feliz, senão ele fica que nem o Percy, na sua quarta mulher americana.

Ele suspirou.

— Espero que o pobre infeliz permaneça casado dessa vez. Como o Percy é otimista, benza Deus. Eu não consigo me imaginar casando pela segunda vez, imagina pela quarta!

— Você disse que ele vai à festa da Perin amanhã à noite, certo? — Perguntou Susan.

— Tá brincando? Você acha que existe alguma força na Terra que possa manter o Percy afastado se houver comida parse feita em casa e de graça?

— Verdade. Que bobagem, a minha!

Ela avançou alguns passos à frente de Sorab.

— Ei, Cookie! — ela chamou. — Ei, aqui, querido.

HOMI E PERIN Jasawala viviam no campo, apesar de ser bem distinto de qualquer zona rural que Tehmina tivesse conhecido. Diferentemente da Índia, onde a zona rural era feita de algumas vacas magras, em campos secos e castanhos, e aglomerados de vilarejos miseráveis, o caminho para a casa dos Jasawala os levou a passar por centros comerciais, um Wal-Mart, uma Best Buy e uma série de fazendas sinalizadas por eventuais celeiros vermelhos e silos. De quando em vez passavam por uma casa grande e bem conservada situada em meio a hectares de terra, com muitas garagens e galpões tão grandes que Tehmina não podia deixar de pensar que, na Índia, um galpão daqueles poderia abrigar uma família de vinte pessoas. Ao se aproximarem da casa dos Jasawala, Tehmina notou que as residências ficaram maiores e o revestimento de madeira e alumínio foi substituído por alvenaria e pedra.

Mesmo assim, a casa dos Jasawala era de longe a mais pomposa. Se não fosse pelo fato de Sorab ter dito mais cedo que o casal tinha se mudado recentemente para uma casa que haviam construído, Tehmina facilmente teria imaginado que os Jasawala tinham pago para importar uma velha mansão da Inglaterra ou do País de Gales para uma fazenda em Ohio. Enquanto Sorab dirigia pela rotunda da entrada, Tehmina viu uma enorme árvore de Natal, que era mais alta que as janelas do primeiro e do segundo andar.

— Caraca! — Sorab assobiou. — O escritório de Homi deve estar indo bem.

— Bom, na versão da Perin, é ela que traz o grosso do dinheiro — disse Susan.

— Acredito nisso — disse Sorab. — Você já viu aquele enorme letreiro quando desce a Richfield Road? Acho que o escritório dela pega noventa por cento de todos os casos de imigração a noroeste de Ohio. Percy contou que topou com seu antigo chefe outro dia e que o cara estava se lamentando de como a Perin vai levar todos à falência.

— Ir trabalhar com a Perin foi a coisa mais inteligente que Percy já fez.

— Foi. Mas, para ser honesto, eu não tinha certeza. Achei que... sei lá... que não era bom misturar amizade e negócios.

— Bom, trabalhando com a Perin, ele nunca vai passar fome, isso é certo. Aquela mulher é uma máquina.

A máquina humana estava esperando por eles na porta da frente. Perin estava esplendorosa em seu sári vermelho e joias douradas, parecendo a todo mundo que estava vestida para um casamento parse em Bombaim.

— *Aavo, aavo* — ela saudou. — Bem-vindos à minha humilde casa.

Sorab assobiou.

— Uau, Perin. Não há nada de humilde nesta casa.

Perin desviou o olhar, como se tivesse sem jeito.

— Ah, não é nada, nada — ela disse. — Lá em cima está até um pouco entulhado.

— Olhe para ela. — O teto abobadado da entrada fez a voz de Homi reboar enquanto ele se aproximava deles. — Imagine a ousadia dessa mulher... mais de oitocentos e trinta metros quadrados, e ela ainda reclama do tamanho da casa. E o engraçado é que ambos crescemos em apartamentos pequeninhos na Grant Road, onde não havia lugar nem pros mosquitos, o que dizer para os seres humanos

Tehmina lembrou-se da história de uma de suas visitas anteriores aos Estados Unidos. Homi e Perin tinham sido namoradinhos de infância, cresceram em apartamentos vizinhos num prédio na Grant Road. Tehmina não se recordava qual era a razão que Perin contara para as famílias serem inimigas, mas ela lembrava de ter ficado espantada com o fato de que ambos, que se apaixonaram aos doze anos, guardaram esse segredo por dez anos. Na verdade, haviam se casado no civil secretamente quase um mês antes de Homi vir para os Estados Unidos, com a promessa de buscar a noiva tão logo estivesse estabelecido. Ninguém sabia, a não ser a melhor amiga de Perin, que também tinha sido testemunha do casamento clandestino. Passado pouco mais de um ano, Perin deixou para trás um bilhete para a família e embarcou num avião com o dinheiro que ela e Homi tinham economizado. Ela chegara em Ohio durante a pior nevasca da década e se mudou para o pequeno quarto e

sala de Homi. Sem conhecer neve, ela havia chegado ao aeroporto com uma saia e uma blusa de manga comprida de algodão. Homi tivera que emprestar seu casaco para a noiva, que batia o queixo de frio, enquanto ele fora pegar o carro que havia tomado emprestado a um amigo.

Depois de tudo isso, eles lutaram. Enquanto Homi foi para a escola de medicina, Perin arranhou um emprego de caixa de supermercado no Kmart; depois eles começaram uma lenta reconciliação com as respectivas famílias, compraram o primeiro carro e a primeira casa. Homi conseguiu seu primeiro emprego como psiquiatra no hospital estadual, e eles se desapontaram tentando e falhando em ter filhos; voltaram à Índia para ver as famílias pela primeira vez depois de anos, e Perin decidiu fazer direito e Homi a apoiou — depois que pavimentaram uma vida juntos, do nada, contando apenas com a força e a devoção que tinham um pelo outro, depois disso tudo, Homi tivera um caso. E isso ameaçou destruir tudo o que tinham construído.

Tehmina só soubera disso porque ouvira Homi falar sobre o assunto. Na televisão. Num daqueles programas de entrevistas matinais que normalmente lhe davam dor de cabeça só da brancura excessiva do sorriso falso do apresentador. Mas ali estava Homi, sério e sincero, enquanto promovia o livro de autoajuda que havia escrito. Usando palavras que nenhum indiano que se desse ao respeito usaria... palavras como *manipulador* e *codependente* e *controlador*. Diabos, na Índia temos uma palavra só para todas essas coisas, Tehmina pensara: chamamos isso de *amor*. Mas o que a impressionou mesmo foi ver a naturalidade com que Homi falava dos aspectos mais íntimos e privados de sua vida. Com que desenvoltura ele discutia, com um perfeito estranho, diante de uma plateia de milhares de estranhos, sua vida emocional, seus mais íntimos pensamentos e sentimentos. Apesar da aparente sinceridade de Homi, Tehmina se sentiu tensa, com vergonha e embaraçada. Pela milésima vez ela se admirou de como, neste estranho país que seu filho agora chamava de lar, a separação entre o público e o privado era totalmente difusa. Será que não havia pensamentos e emoções que fossem tão sagrados, tão pessoais, que eles se sentissem obrigados a preservá-los da intromissão alheia?, ela se admirava. Será que não há um comportamento sobre o qual alguém se sinta tão

envergonhado para falar? E lá estava Homi falando como o sexo tinha perdido a graça, como ele e Perin haviam reconstruído sua vida sexual depois que a esposa descobrira o caso. Era para tudo ser positivo e para ser uma reafirmação de vida, e Homi agora oferecia seminários de fim de semana para ajudar casais cujo casamento estava em crise, mas Tehmina estava mortificada. Ela não podia parar de pensar na reação embaraçada de Perin diante da exposição dos seus podres pelo marido.

Mas, agora, olhando para os Jasawala de pé abraçados, ela podia dizer que havia se enganado. Homi obviamente promovera o livro e embarcara numa nova carreira como conselheiro conjugal com a total aprovação de Perin. E por que isso seria tão surpreendente?, ela agora se perguntava. Perin claramente não era imune à insistência velada americana de se expor. Na Índia, se esperava que apenas as estrelas de cinema fizessem o papel de bobas, revelando os segredos de sua vida pessoal, superficial e enfadonha. Aqui, isso era esperado de todos. As estrelas de cinema e os cantores de rock não eram suficientes para alimentar o insaciável apetite pela fofoca e pelos detalhes sórdidos. Então até pessoas comuns como Homi e Perin tinham que dar sua contribuição para alimentar o monstro.

Eles assumiram outro hábito tipicamente americano: o de ostentar a casa nova. Homi os levava de quarto em quarto da casa nova, naquilo que chamara de *tour de um quarto de dólar*. Aparentemente todos os outros convidados que estavam na sala de jantar e na cozinha, que Tehmina achava que era maior do que a da maioria dos restaurantes, já haviam feito o tour, visto que não fizeram menção de se juntar a eles.

— Compramos esta escrivantina no Quênia — Homi dizia. — Perin se apaixonou por ela. Tive que mandar vir de navio.

Ele já tinha contado a história sobre o mármore italiano da cozinha, o tapete oriental da sala de jantar e a gravura japonesa em cima da lareira. Tehmina se sentiu como parte de um coro grego, de quem se espera um ocasional *ooh* e *arre wab*.

— É lindo, *jaar*. Vocês fizeram um trabalho e tanto — Sorab disse, e ouvindo a sinceridade na voz do filho, sem sinal da menor ironia ou inveja,

Tehmina sentiu seu coração se encher de amor.

Ela também passou a dar maior valor à casa de Sorab, cara porém mais modesta. Em comparação a esta, que ainda cheirava a tinta, a dele era mais fácil de administrar e, de alguma maneira, era mais humana. Tehmina pensou com prazer em como Cookie arrancava os sapatos sujos assim que passava pela porta e como ela às vezes achava a roupa dele empilhada no chão do banheiro. Essa casa era limpa demais, muito asséptica para seu gosto. Os Jasawala até tinham um tapete branco na sala de estar. E ela percebeu o que estava faltando — não havia um Cookie para derramar bebida no chão da cozinha, um Cookie para deixar seus trabalhos escolares espalhados pela mesa de jantar. Não havia um Cookie para humanizar essa casa, para ocupá-la, torná-la real com sua desordem, sua falta de jeito e sua bagunça. Essa casa precisava de uma criança para se tornar um lar.

Como se tivesse ensaiado, Cookie chegou junto dela e anunciou:

— Vovó, isso é chato. Posso descer para brincar com Shirin e os outros?

Homi deu sua estrondosa gargalhada.

— É, acho que isso tudo é realmente chato — ele disse. De repente, ele estreitou os olhos e se abaixou para ficar na altura do menino. — Ei, Cookie. Me conta aí. Quais são as novidades na escola?

— Não tem escola.

— Ah, é claro. Isso mesmo. — Ele pareceu desapontado. E então, como se não pudesse se conter, perguntou: — Mas ainda está fazendo seus deveres de casa? Ou é contra a sua religião?

— Homi! — Sorab e Susan falaram em uníssimo.

Os olhos de Homi brilharam.

— Epa, desculpa. Não consigo me segurar. É uma história tão boa.

Mais cedo, neste ano, Cookie tinha descoberto, por acidente, a velha coleção de Calvin e Haroldo do Sorab. Ele devorou os livros e resolveu que Calvin era o seu *alter ego*. Sorab e Susan tiveram que enfrentar semanas em que cada pergunta feita a ele era respondida com alguma frase cunhada pelos personagens do livro. Cookie tinha até saído pela casa fazendo enquete sobre a atuação de Sorab como pai, tal como Calvin fizera. Eles acharam engraçado,

até o dia em que Cookie se recusou a fazer um teste na escola, escrevendo na folha da prova: “Não posso fazer esse teste porque vai contra a minha religião”. Aí eles tiveram que confiscar os livros incendiários.

Um sorriso perverso tomou conta da expressão de Cookie. Mas, antes que ele pudesse responder a Homi com sua melhor imitação de Calvin, Susan rapidamente segurou o menino pelos ombros e o guiou até a porta do quarto.

— Tá bem, querido — ela disse. — Por que não desce e brinca com as outras crianças? Vamos descer em um minuto.

Depois que Cookie saiu, Susan se virou para Homi.

— Calvin e Haroldo são um tabu na nossa casa — ela disse. — Você tem que prometer não falar sobre isso na frente do Cookie.

Homi juntou as mãos num pedido de desculpas irônico.

— Desculpe, desculpe. Não podia deixar de falar. É tão engraçado. Ele é só... um menino criativo. — Seu rosto estava ansioso e animado. — Então, há outras histórias? Como ele deixou a professora louca ultimamente?

Sorab caiu na gargalhada.

— *Saala*, fico feliz de não morar mais perto de você. Você seria uma influência terrível para o meu filho.

— Ele sempre foi assim — disse Perin. — Era igual ao seu Cavas quando tinha a mesma idade. Transbordando de travessuras e brincadeiras.

— Certo, vou lhe contar a última escapada dele — Sorab disse. — Mas não pode lembrá-lo disso, tá? Promete?

— Prometo.

— Ele tem essa professora mais velha este ano, a senhora Marriott. Parece que tem uns oitenta, mas provavelmente tem uns cinquenta. Está o Cookie na aula dela mordendo o lápis, certo? E a senhora Marriott diz pra ele tirar o lápis da boca porque tem chumbo e pode envenená-lo. Por acaso, Cookie está lendo um livro sobre a história do lápis. Então ele se levanta e, diante da turma, diz que ela está desinformada, que os lápis não contêm chumbo, mas são feitos de grafite. Dá para imaginar? Essa pobre mulher sendo corrigida por um menino de sete anos sem noção? E, quando Cookie adota esse tom professoral, é insuperável.

Homi e Perin caíram na gargalhada.

— Ah, meu Deus, isso é uma gracinha — Perin lamentou. — Ah, eu pagava para ver a cara da professora.

— Bom, nós fizemos isso — disse Susan. — Quero dizer, vimos a cara dela. Ela nos fez uma reclamação na reunião de pais. E vou lhe contar que não é uma cara que eu queira ver de novo. Ela parecia que ia esfolá-lo vivo.

— E se a gente tivesse feito algo parecido na Índia, eles teriam arrancado nosso couro — Homi disse prontamente. — Lá, você sabe, os professores são como deuses. Você pode ter o mais incompetente bufão e ainda tem que respeitá-lo, porque ele é professor.

Tehmina captou o amargor em sua voz e se admirou. Todos os amigos de Sorab pareciam tão amargos quando falavam da Índia... O sistema de educação, a corrupção, o serviço de correio, o tráfego lento, a burocracia — eles estavam sempre criticando tudo. Será que era por estarem com tanta raiva de tudo que acabaram saindo de lá? E será que Sorab — seu menino de ouro, tão doce — será que ele se sentira assim também? Ou será que via as coisas boas, como os laços fortes das famílias, a maneira com que os vizinhos tomavam conta uns dos outros, as ruas movimentadas e cheias de vida, tão contrastante com a vida aqui, muito triste e solitária?

Eles ouviram a campainha da porta tocar novamente e a porta se abrir e a voz familiar de Percy dizer:

— Olá? Alguém em casa?

— Estamos aqui em cima com o Sorab e a Susan! — Perin gritou. — Descemos já. Fique à vontade.

Mas no segundo seguinte ouviram Percy subindo a escada. Como de costume, Tehmina sentiu o coração leve ao ver a cara feliz de Percy.

— Oi — ele cumprimentou o grupo. — E então, localizando Tehmina, ele se dirigiu a ela e a beijou no rosto. — Olá, *Mamma* — ele sorriu. — Como vai? Espero que aquele seu filho horroroso a esteja tratando bem. Se não, você pode se mudar para ficar comigo, tá? Casa e comida grátis, tudo pelo preço do seu fabuloso *dhansak*.

— Eu já lhe disse um milhão de vezes para vir jantar quando quiser, *deekra* — Tehmina respondeu. Mas, enquanto fazia o convite, ela ficou pensando se Susan ficaria ofendida com a presunção dela. — Você não precisa de convite — ela concluiu, meio sem jeito.

— *Arre, Mamma*, cuidado com o *riffraff* que está convidando para a minha casa — disse Sorab, dando um tapa nas costas do seu melhor amigo. — Esse vagabundo, se prometer comida, se muda para lá permanentemente.

— Sem chance — Percy respondeu de imediato. — Alguma hora vou pra casa. A não ser que você possa imitar os talentos da minha linda Julie na cama. — Ele lançou um olhar de desculpas para Tehmina. — Desculpe, *Mamma* — ele acrescentou.

— Falando de comida, o bufê é obra de Yasmin Shroff — disse Perin. — Servimos seu bufê em outra festa recentemente e achamos o serviço bom. — Ela cutucou Percy nas costelas. — Espero que o *palloo-daar* dela receba sua aprovação.

— Ah, tenho certeza de que será ótimo. Mas preciso lhe avisar que ninguém faz *daar* como esta senhora aqui — disse Percy, passando o braço em torno de Tehmina. — O seu *dbansak* de frango foi o que me manteve vivo quando era ainda garoto.

E, apesar da leveza de seu tom de voz, um olhar entre Percy e Tehmina capturava a proximidade vivida ao longo dos anos. A mãe de Percy tinha sido a melhor amiga de Tehmina, e, quando ela falecera de câncer de mama, Tehmina estava tão abalada quanto seu filho de doze anos, Percy. Ela teria cuidado dele de qualquer maneira, teria insistido que o menino parasse ali para tomar chá e comer um jantar leve depois da escola, mesmo que seu pai, Bomi, não fosse o bêbado gastador que era. Mas, como as coisas eram, ela e Rustom decidiram que o menino devia ser protegido dos ataques de raiva e autopiedade do pai bêbado. Se Tehmina tivesse feito o que queria, Percy teria se mudado permanentemente para a casa dela. Em vez disso, ela tentou mantê-lo o maior tempo possível na sua casa, inclusive nos finais de semana. Todos os programas e viagens incluíam um quarto membro. Para todas as peças e concertos que iam, compravam sempre uma quarta entrada. Perdido nos

vapores do álcool, Bomi estava feliz de repassar a responsabilidade pelo filho. Algumas vezes eles até pagaram a matrícula do menino quando Bomi estava cheio de dívidas e, a partir daí, passaram também a acompanhar o boletim de Percy quando iam à Catedral para as reuniões de pais em que representavam Sorab. Estavam felizes de fazer tudo de maneira discreta e silenciosa, apesar de que, cada vez que encontravam com Bomi na rua, ele falava alto e animadamente e prometia reembolsar cada *paisa* gasto com o filho. O homem estava totalmente alheio ao constrangimento que lhes causava e, o que era pior, à humilhação que impunha a seu único filho. Mesmo assim, na maioria das vezes, os cuidados que os Sethna tinham com Percy passavam despercebidos e não eram mencionados; essa era a maneira como eles gostavam que fosse. Apenas uma vez interferiram diretamente: quando Percy apareceu à sua porta numa sexta-feira, soluçando e com lanhos vermelhos no corpo magro e moreno, onde o cinto de Bomi o havia acertado. Rustom ficara lívido, jogara uma camisa por cima de sua sadrá e saíra pela porta. Tehmina, amedrontada, tentara segurá-lo, perguntara o que pretendia fazer. Mas ele a havia tirado do caminho com um olhar fechado e severo que ela nunca vira antes. Ele voltou uma hora depois e foi direto ao quarto de Percy.

— Ele nunca mais vai tocar em você, filho — ele disse com delicadeza.
— Isso, eu lhe prometo.

Quando, à noite, Tehmina perguntou o que havia acontecido entre Bomi e ele, Rustom apenas disse que tinham tido uma conversinha. A verdade é que Bomi continuou a beber e a maltratar o filho verbalmente, mas nunca mais bateu nele.

Agora, olhando o rosto bonito e rechonchudo de Percy, Tehmina se admirava de sua capacidade de recuperação. Dois anos depois que Sorab viera estudar nos Estados Unidos, Percy o seguira. Estudar direito transformou sua vida. Apesar de pagar pensão para as três esposas, Percy ainda ganhava o suficiente para mandar mensalmente um cheque para cobrir as despesas de Bomi. O pobre menino, que, para todos os efeitos, ficara órfão aos doze anos, era agora o mais risonho em qualquer sala, era a alma de todas as festas e tinha um gosto pela vida que Tehmina queria que seu próprio filho tivesse. Vendo

Percy com seu cabelo cheio e brilhante, sua camisa Ralph Lauren, seu jeans de grife, ninguém imaginaria que o pai o tratava com violência diariamente, que o xingava, nem a tristeza e a raiva que sentira quando sua amada mãe fora arrancada dele. E, pela primeira vez, Tehmina sentiu uma gratidão pelos Estados Unidos. Ela e Rustom tinham dado uma chance a Percy, mas esse novo país lhe dera sua vida. Era incrível a transformação que se operava nesses jovens todos quando vinham para cá — quase todos ganhavam peso, quase todos falavam e riam mais alto, alguns deles cresciam mais uns centímetros, por mais impossível que pareça. Mas o mais incrível é que se tornavam felizes nos Estados Unidos. Crianças que eram magras como um lápis, melancólicas, deprimidas, caladas e tímidas se tornavam confiantes, fortes, falantes e felizes. Como é que um país podia alterar a personalidade de alguém?, Tehmina se perguntava. Essa coisa na Constituição deles, que era motivo de zombaria na Índia — a busca pela felicidade ou algo assim —, ter algo tão absurdo embutido na Constituição, talvez realmente fizesse alguma coisa pelas pessoas. Talvez lhes desse a liberdade de sentir que eram merecedores da felicidade, que felicidade não era algo pelo qual tinham que se desculpar ou sentir culpa. Tehmina lembrou de todas as restrições de sua mãe: como não devia se olhar no espelho para que as pessoas não a achassem vaidosa; como não devia reclamar de nada na vida porque há milhões de pessoas em pior condição; como devia cobrir a boca ao rir para que os homens não a achassem promíscua; como devia ficar agradecida com o que Deus lhe deu porque é seu destino; como não devia jamais comer na rua para não atrair a atenção e a inveja dos famintos à sua volta; e como não devia alardear que tinha dinheiro para evitar a inveja dos vizinhos. Como Rustom tinha a mente aberta e uma atitude à altura, ela mesma se afastara de muitas dessas crenças. Mas, ainda assim, era verdade, nunca havia se sentido tão livre em Bombaim quanto se sentia nesse outro continente. O simples ato de tomar um sorvete de casquinha na rua e não ser seguida pelas centenas de olhos de crianças famintas era uma liberdade, um luxo jamais experimentado nas ruas de Bombaim. Nos Estados Unidos, ela não se sentia cobiçada pelo olhar dos homens jovens, famintos por sexo, e não ficava preocupada com seus seios,

não era miseravelmente consciente de seu corpo feminino e não precisava andar tensa e alerta como acontecia em seu país. Apesar de ser difícil, Tehmina se forçava a olhar para o espelho, quando passava os dedos pelo cabelo num banheiro público. Ficava maravilhada em ver que as mulheres americanas ficavam durante longos minutos olhando-se no espelho, ajeitando o cabelo, refazendo a maquiagem. Certa vez, num banheiro público em Hunan Village, ela vira uma jovem mandar um beijo para seu reflexo no espelho. A mãe *dela* obviamente não lhe havia ensinado sobre o pecado do orgulho e da vaidade.

Ela sentiu Percy se mexer a seu lado. Os outros estavam se deslocando para o próximo quarto, com Homi mostrando a técnica usada pelos pintores para dar textura às paredes.

— Um tostão por seus pensamentos — Percy sussurrou, e ela sorriu e sacudiu a cabeça.

— Estava pensando... nos anos que passaram — ela respondeu.

— Não, não pense no passado, *Mamma*. Você devia estar pensando no futuro.

Tehmina tentou se lembrar desde quando Percy a chamava de *Mamma*. O melhor que podia lembrar era que ele a chamava de tia durante todos os anos em que viveu na Índia. Ela gostava da nova forma, gostava da proximidade e da intimidade que sugeria, porém se perguntou por um segundo se Sorab se importaria. Quando eles trouxeram Percy para casa, ela observara o comportamento do filho com cuidado, à procura de inveja e ressentimento. Mas Sorab parecia aceitar a presença de Percy na sua vida com a mesma calma com que aceitava a presença da lua no céu de noite. Na verdade, depois de passar anos como filho único, provavelmente fora bom para ele que os pais dividissem suas energias com alguém mais.

— Você não está prestando atenção em nada do que eu disse, né?

Ela ouviu Percy reclamar e respondeu:

— Desculpe, *deekera*, desculpe. Não estava tentando ignorá-lo, não.

Percy revirou os olhos.

— *Arre, Mamma*, todas as mulheres na minha vida me ignoram. Por que você seria uma exceção à regra? — Ele segurou-a pela mão e a levou para a

beira da cama. — Senta aqui um minuto. Preciso falar com você.

Ela ficou apreensiva com a seriedade do seu tom. Tehmina sabia exatamente sobre o que Percy queria lhe falar — sobre o problema da imigração — e sentiu um pavor de ter que pensar nisso nesta noite.

— Meu Deus, *Mamma!* — Percy riu. — Pela sua cara esta cama é uma guilhotina.

Ela sorriu, sem vontade.

— Sei que você precisa saber — ela disse. — Mas é que...

— *Mamma* — Percy a interrompeu. — Se me permite perguntar, qual é o problema? Seu único filho está aqui nos Estados Unidos, seu neto também. E agora, com o tio Rustom... quero dizer, com tudo o que aconteceu no ano passado, você não tem ninguém em Bombaim. Sua família toda está aqui. Não faz sentido que fique onde estão as pessoas que a amam?

Exposto assim, Tehmina via a lógica no que ele dizia. Mas também sabia que a realidade era mais complexa que isso. *Deekra*, a vida é feita de mais do que a família imediata, ela queria lhe dizer. É feita de todas as pessoas que a cercam — seus vizinhos, até os que você não suporta; seus amigos, que você conhece há mais tempo do que seu marido; Sunil, o leiteiro que trapaceia, acrescentando água ao leite que entrega na sua porta; Krishna e Parvati, o casal sem-teto do outro lado da rua; Shiva, o pedinte pernetta que puxa o skate em que se senta freneticamente para se aproximar e saudar você com um sorriso; Rohit, o *bhaiya* que vende o *bhelpuri* mais fresco da cidade; Hansu, a empregada que trabalha em sua casa há dezessete anos. E feita de todas as suas rotinas — acordar às cinco todas as manhãs para abrir a porta para o açougueiro, o padeiro, o leiteiro, o menino jornalista; abrir a porta às sete para Krishna, para que possa encher seu balde de água quente e banhar toda a sua família na rua; encontrar Sheroo e as outras garotas a cada duas ou três semanas; ver a versão híndi de *Quem quer ser um milionário?* todas as terças à noite; ser voluntária do Shanti Center às quintas. E, sim, sem o Rustom, sua rotina foi muito prejudicada — ela não tem mais um companheiro para a acompanhá-la ao templo de fogo todos os dias ou para oferecer suas preces no poço Bhikha Behram de Flora Fountain às sextas. E ela não vai mais ao Paradise para jantar

aos domingos. Mas, mesmo assim, Bombaim era o seu lar, a cidade para onde se mudara quando era uma jovem noiva. Havia tomado milhares de seus táxis, havia vivido suas festas e suas manifestações, testemunhado milhares de trovoadas. Ela olhou para Percy, o menino que ajudara a transformar num homem, um menino que certa vez lhe tinha confidenciado seus medos e segredos mais íntimos, e imaginou o que precisaria dizer para alcançá-lo, para fazer com que entendesse a simplicidade complexa de sua vida.

— Não é tão simples assim — ela tentou dizer, e ele a interrompeu sacudindo a cabeça.

— *Mamma*. Claro, claro. Sei disso. Não precisa me dizer isso. Deus, eu ainda me lembro do meu primeiro ano neste país. Se Sorab não estivesse aqui, não sei o que teria feito. Mas, Deus, essa é a questão: sua família inteira está aqui, enquanto a minha...

Ela olhou para ele sem saber o que dizer. Percy abriu caminho pelo silêncio.

— Olhe, *Mamma*, o negócio é o seguinte: ninguém no INS vai fazer nada durante os feriados do fim de ano. Mas, depois do dia primeiro, a gente tem que agir nesta *jaldi... jaldi*. Por que você vai ter o quê? Dois ou três meses de visto de turista? E, desde o Onze de Setembro, até a mais simples rotina demora o dobro do tempo. Não que o INS fosse um paradigma de pontualidade antes disso. Mas preciso de uma decisão sua logo, tá? Isso não é algo que eu queira deixar para o último minuto.

Tehmina engoliu em seco e concordou. Então, Percy riu.

— *Arre, Mamma*, estou pedindo que considere morar no melhor país do mundo, *yaar*. E pela sua cara parece que estou pedindo que passe o resto da vida na maldita Etiópia ou algo do gênero. — Seu rosto se suavizou. — *Chalo ne, Mamma*. Por que está bancando a difícil? Me fazendo correr atrás de você como todas as outras mulheres? Precisamos de você aqui, *yaar*, Sorab e eu. Cacete, se não for por mais nada, você deve ficar para que eu possa comer sua comida pelo menos uma vez por semana. Você precisa ver o camarão ao curry anêmico que minha amada Julie prepara. Vou lhe contar, qualquer homem indiano de respeito já teria pedido o divórcio. Mas o que fazer? A pobre amada

tem tanto orgulho de estar aprendendo a culinária indiana que eu não tenho coragem de lhe falar a verdade. Mas é por isso que preciso de você aqui, *Mamma*, para não morrer de inanição com a chamada comida indiana da Julie. — Ele bateu na sua enorme barriga, e os dois caíram na gargalhada. Percy abraçou Tehmina. — Mas, brincadeiras à parte, a gente precisa de você aqui. Você é, não sei, a lembrança de algo que não deveríamos esquecer. Não sei como explicar. Tudo o que sei é que aqui nos Estados Unidos é fácil se apegar a empregos, carros, casa e dinheiro. Mas, toda vez que eu a vejo, lembro que a vida é mais do que isso. Lembra de como você e o tio Rustom me receberam depois que a minha mãe morreu? Enquanto eu viver, nunca vou me esquecer do que me disse no enterro da mamãe. Eu chorava muito, não apenas porque sentia falta dela, mas porque estava apavorado de ter que viver sozinho com meu pai. Eu nunca tinha sentido isso antes, era como se estivesse sozinho na cidade e todas as ruas estivessem desertas. E, dentre todas as pessoas ali reunidas, das velhas que batiam no peito e deixavam correr suas lágrimas de crocodilo, você foi a única que entendeu o que eu sentia. Se lembra disso? “Você nunca estará sozinho, Percy”, você me disse. “A partir de hoje, somos sua família.” Você não tem ideia do que essas palavras significaram para mim. Foi como se alguém jogasse uma lanterna numa mina escura de carvão. E eu enxergava agora uma trilha para sair da mina de carvão.

— *Deekra*, isso é coisa do passado — Tehmina murmurou sem jeito. — Você devia esquecer tudo isso agora.

— Mas é esse o problema — Percy respondeu com convicção. — Não quero esquecer disso. Na verdade, lembrar disso é a coisa mais importante. E é por isso que vai ser tão bom para todos nós tê-la aqui para sempre.

Tehmina sorriu.

— Agora estou vendo por que é um advogado tão bom. Você tem o dom da fala.

Para sua surpresa e desapontamento, Percy corou e seu nariz ficou vermelho. E, como ela conhecia bem aquele olhar, sabia que significava que seus sentimentos estavam feridos e que ele estava se esforçando para não chorar.

— Eu não estava tentando enganá-la, *Mamma* — ela o ouviu dizer. — Eu disse o que sentia.

Sôfrega, ela pegou as mãos dele entre as suas.

— Claro, claro, *deekera*. Eu não quis sugerir... — Ela parou. — Tá, me dê mais uns dias para decidir. Eu lhe aviso logo, prometo. Sei que isso não tem sido fácil para vocês, crianças. Eu sinto muito. Estou fazendo o melhor que posso, mas não é uma decisão fácil para mim, sabe? — Para sua vergonha, ela podia ouvir as suas próprias lágrimas na sua voz. Mas forçou-se a continuar. — Para abrir mão da cidade em que nasceu, de amigos com os quais cresceu, de um apartamento limpo, decorado e mobiliado por você, tudo isso é difícil, *beta*. Não sou tão estúpida a ponto de não perceber o estresse que isso provoca em Sorab e Susan, acredite. Pelo contrário. Mas eu também... eu preciso de tempo. Ou talvez precise de um sinal.

— Eu entendo. De verdade. E gostaria de... mas Sorab e Susan precisam tomar algumas decisões também. Mas você sabe, né? Se vão mudar para uma casa maior, eles precisam começar a se planejar também.

Ela olhou para ele.

— Mudar para uma casa maior?

Percy olhou para ela, surpreso.

— Eles não lhe falaram sobre isso? Se você decidir ficar, eles vão comprar uma casa maior. Para que você possa ter seu próprio banheiro e eles possam ter... um pouco mais de privacidade, essas coisas. De preferência uma casa com um quarto e um banheiro no andar de baixo.

Apesar de saber que essa não era a intenção de Percy, ela sentiu um friozinho no coração. Então as crianças sentiam necessidade de uma casa maior. O que significava que sua presença era uma imposição e um inconveniente para eles. De quem seria a ideia de mudar? De Susan, com certeza. Ela lembrava como a nora estreitara os lábios e endurecera a voz no dia em que pedira para, por favor, ela se lembrar de recolher os cabelos da banheira quando saísse do banho. Na época, Tehmina não tinha pensado muito no caso. Agora imaginava quais de seus outros hábitos e comportamentos incomodavam Susan e provavelmente criavam atrito entre a

nora e Sorab. Ela tentara morar na casa deles sem incomodar, andando na ponta dos pés quando precisava ir ao banheiro no meio da noite a fim de não acordá-los, ficando na cama mais do que de costume para lhes dar algum tempo de intimidade pela manhã, não se voluntariando para fazer nada por Cookie, a não ser se pedido pela nora. Tentara viver na casa deles como um fantasma amigo, ansiosa por ajudar com qualquer coisa, mas também pronta para desaparecer nas sombras se necessário. E tudo isso por nada. Não era o que Percy estava lhe dizendo? Que as crianças ainda sentiam que precisavam de distância e privacidade? Ela os imaginara sussurrando, e Susan falando de suas frustrações, e Sorab tentando apaziguar a mulher sem insultar a mãe. A ideia de que estava pondo o filho nessa difícil situação lhe dava náuseas.

— *Mamma*, o que há de errado? — Percy estava dizendo. — O que foi que eu disse que a fez ficar assim?

Ela olhou para ele, sem se importar em conter as lágrimas.

— Eu não sabia que as crianças estavam achando que precisavam de uma casa maior. Tentei tanto nestes últimos meses lhes dar alguma privacidade.

Percy respirou fundo.

— Meu Deus, *Mamma*. Não leve por esse lado, por favor. É diferente neste país. As pessoas não estão acostumadas a morar com seus pais, e por isso... por isso precisam de mais espaço e privacidade, entende? Não é nada contra você, honestamente. Deus, eu ouvi Susan dizer que preferia morar com você a viver com quaisquer de seus próprios parentes. E, de qualquer maneira, Sorab estava planejando comprar uma casa maior, independentemente de você se mudar para cá ou não.

Ela ouviu sua voz hesitar ao dizer a mentira óbvia. Percy não sabe mentir, ela pensou. Isso não é bom para um advogado. Tehmina se levantou da cama.

— Que tal nos juntarmos aos outros? — ela disse.

Ela tentou falar de maneira suave, mas seu coração estava frio.

— Como foi? — Sorab cochichou para Percy. Os dois estavam no bar, buscando bebidas para suas mulheres.

Percy sacudiu a cabeça.

— Eu não sei. Acho que dei um fora. — Ele se virou para o amigo com raiva. — *Saala*, por que não me avisou que não tinha falado pra ela sobre os planos de comprar uma casa maior?

Sorab o encarou.

— Você disse isso a ela?

— Bem, sim. Como é que eu ia adivinhar que você tinha guardado segredo? Achei que ia fazê-la entender que estava correndo contra o tempo.

— Ótimo. De mal a pior. Parabéns, Percy. Agora ela vai pensar que estamos cansados da presença dela ou algo pior.

— É isso mesmo que ela está pensando. Quero dizer, é o que eu acho. Sabe-se lá o que se passa na cabeça das mulheres? Não importa se tem doze ou oitenta, é tudo igual.

— Ah, me poupe de sua ladainha sobre as artimanhas femininas. Podemos voltar ao assunto da minha mãe, por favor?

— Sim, claro. Só que não sei o que lhe dizer. — Percy suspirou. — Qualquer americana de sangue quente agarraria a oportunidade de se mudar para uma casa nova. Mas não as nossas mulheres indianas, ah, não. Elas fazem tanta intriga psicológica e melodrama com uma coisa dessas que fariam o maldito Freud e o maldito Jung, ambos, se revirarem em suas covas.

Apesar de tudo, Sorab riu.

— Porra, Percy. Primeiro você faz uma merda com a minha mãe e depois tenta acobertar seu erro com um ataque generalizado a todas as mulheres indianas.

— Me declaro culpado. Olhe, vamos deixar passar as próximas semanas, *achcha?* Eu falo de novo com ela assim que virar o ano.

Eles andaram de volta até Susan e Julie. Sorab olhou ao redor para ver onde estava sua mãe e a achou sentada no sofá com outra senhora mais velha da Índia que estava passando uns dias com a filha.

— Aqui está, amor — ele disse, entregando à esposa uma taça de vinho tinto.

Julie e Percy experimentaram seus drinques.

— A-há — Julie suspirou. — Ninguém faz um gim-tônica melhor que meu marido.

Como as três mulheres anteriores de Percy, Julie também era loura e miúda. Ela fazia Sorab se lembrar de Patti Boyd, a modelo que se casou com George Harrison. Ele ficou imaginando onde Percy arranjava essas mulheres — elas pareciam ter saído todas de alguma fábrica que produzia mulheres louras e pequenas. Mas Julie tinha um traço menos doce, que ultrapassava os limites de sua pequena estatura. E, pela primeira vez, Percy mencionara que estava aberto à possibilidade de ter filhos. Com suas primeiras três mulheres, Percy tinha sido firme no seu desejo de não ser pai. Sorab muitas vezes pensara que essa era a única área em que se viam as cicatrizes de sua infância. Em todo o resto, o amigo realmente parecia ter enterrado o passado, sendo capaz até mesmo de visitar o pai uma vez por ano no pequeno apartamento que lhe comprara anos atrás. Mas essa postura inegociável em ser pai sempre soara falsa a Sorab, especialmente pela maneira como Percy mimava Cookie e o enchia de presentes. Sorab ficava triste só de pensar que seu melhor amigo fechava a porta para uma felicidade ainda maior.

Agora, relaxado com sua segunda cerveja, Sorab se virou para Julie.

— Você tem sido uma influência tão civilizadora neste bárbaro! — Ele sorriu. — Por isso lhe somos gratos.

— Ah, me dá mais alguns anos — respondeu Julie. — Você vai achar que ele fez um curso de etiqueta ou de boas maneiras.

Ela estava sorrindo, mas algo na sua voz fez Sorab acreditar nela e sentir uma pontada de pânico. Ele não queria que Percy *mudasse* em nada. Seu amigo não precisava melhorar em nada.

— Muito obrigado mesmo, *jaar* — disse Percy. — Até meu melhor amigo me apunhala pelas costas.

— E tem mais — Julie prosseguiu, e, pela sua voz, Sorab percebeu que ela também estava um pouco alta. — Já deixei bem claro a Percy que não vai rolar mais nenhum divórcio. Não faço o tipo divorciável, sabe? Eu jogo pra valer. Então vim pra ficar, amor.

Sorab de repente se deu conta de que ele não gostava muita de Julie, e seu coração se afundou com essa descoberta. Havia algo quebradiço e duro nela, como *chikki* de castanha que eles comiam quando estavam na escola. Para se consolar, procurou a mão de Susan e a apertou. Ela correspondeu, e naquele mesmo instante Sorab teve certeza de que ela tinha lido sua mente e concordava com sua avaliação. Depois de todos esses anos de casado, ele ainda se espantava com a capacidade de Susan de perceber as coisas e de estar sempre em sintonia. Isso fazia com que os demais aspectos menos glamorosos do seu casamento fossem fáceis de aceitar. Ninguém no mundo o entendia tão bem quanto Susan. Às vezes ele odiava isso nela, pois fazia com que se sentisse tão exposto quanto num raio X. Mas, nesse momento, ele estava grato pela sagacidade da mulher em pé ao seu lado.

Sorab desejava muito que Percy tivesse a mesma sorte e encontrasse, como ele, uma companheira que o apoiasse. Mas ele teve um vislumbre de que Percy nunca gozaria da mesma sorte — a constância no amor e o aconchego de uma família. A infância de Percy lhe fizera uma cratera que jamais seria fechada. Talvez, se encontrasse uma mulher tão leal e inteligente quanto Susan, ele tivesse alguma chance. Qual era a dificuldade? Percy nunca procuraria alguém como Susan, alguém que derrubasse suas defesas, ameaçasse sua fachada falsa, alguém que exigisse ser respeitado como ser humano. Em vez disso, ele passaria a vida correndo atrás de algo que não conseguia definir ou descrever, tentando matar uma fome insaciável e, depois, por pura frustração, se acomodaria com alguém como Julie ou Karen ou — como é que se chamava a segunda mulher? — Veronica. Mulheres com a cintura fina e as unhas dos pés pintadas que não o ameaçavam, que claramente não eram páreo para sua inteligência, que se sentiam mais à vontade em salões de beleza do que em bibliotecas.

Sorab nunca tinha parado para pensar nisso antes, e tomou outro gole de sua cerveja para afastar a tristeza e o pesar que estavam se instalando nele. Como seria ter um filho com uma mulher como Julie?, ele imaginou. Que tipo de vida essa criança teria com pais tão infantis, que iam a boates todos os finais de semana? Será que Percy iria mudar e amadurecer? Ou será que seria uma

reprodução desbotada da imagem do próprio pai? Certamente mais meigo, e não violento, mas mesmo assim um pai cujos ávidos desejos se sobreporiam às necessidades de uma simples criança. Quanto a Julie, até essa noite ele gostara dela, achara que era boa para Percy, ficara sensibilizado com suas tentativas de aprender a fazer pratos indianos. Agora, de repente, Sorab sentia azia e um gosto amargo na boca que sabia não ser da cerveja. Talvez estivesse projetando seu próprio descontentamento, sua própria sensação de fracasso, em Percy.

Mas do que estava se lamentando? Ele não acabara de fazer uma comparação favorável de sua mulher com outra que era pelo menos oito anos mais nova? Não era sua mãe ali sentada no sofá, parecendo, para todos, tão entrosada com os seus demais amigos, como se pertencesse a essa sala? Não fora ontem mesmo que ele se sentira todo meloso ante a cena de sua mãe com seu filho juntos no shopping?

— Meu bem — Susan cochichou. — Você já bebeu o bastante. Por que não passa para uma Coca ou outro refrigerante?

Percy deu uma gargalhada.

— Bem-mandados, isso é o que todos os homens parses são. — Ele virou-se para Susan. — Minha querida, houve um tempo em que seu marido era o que aguentava beber mais cervejas na faculdade. — Ele deu uma cutucada na barriga de Sorab. — É claro que isso foi há quase vinte anos e a barriga dele, naquela época, não era tão... como dizer... abundante.

Perin Jasawala se juntou a eles.

— Bom, Percy, você acaba de estabelecer um novo recorde mundial — ela disse com um sorriso. — Afinal, o bufê está servido na sala de jantar há dois minutos, e você ainda está nesta sala.

— É que desde que casei com Julie sou um homem satisfeito — Percy declarou e piscou para todos. — Estou, é claro, me referindo ao fato de que ela está aprendendo a cozinhar pratos parses, apesar de que podia acrescentar que estou satisfeito em outras áreas de nossa casa também, se é que me entendem. Logo, posso resistir ao aroma que vem da sua cozinha, Perin. Quero dizer, pelo menos por um ou dois minutos.

Perin riu e se afastou.

— Bom, o jantar está servido. É um autêntico menu de casamento parse. Apesar de, infelizmente, o *patra-ni-macchi* estar embrulhado em papel-vegetal, pois o pessoal do bufê não conseguiu folhas de bananeira.

— Folhas ou papéis, quem se importa? — Percy murmurou. — Estou interessado no peixe, não na embalagem. — Ele olhou em volta. — Cadê a *Mamma*? *Arre*, Sorab, vá buscá-la, *yaar*. Se ela ficar sentada naquele sofá escutando as histórias chatas daquela velha senhora por mais algum tempo, é capaz de virar algum tipo de fóssil.

Parses, Tehmina pensava. Eles podiam vir para os Estados Unidos frequentar as melhores escolas, tirar notas altas, casar com mulheres americanas, falar com sotaque americano, comprar carros chiques e casas. Mas nada conseguia alterar seus hábitos alimentares ou reduzir sua paixão pela comida bem temperada. Quando o assunto era comida, ainda eram *khadras* extremamente vorazes. Veja esse grupo de pessoas ricas e sofisticadas, ela se admirou, divertida. Eles ainda agem da mesma forma que os parses agiam em casamentos em Bombaim — obcecados pela busca por comida. Esta era uma grande festa — pelo menos cinquenta convidados, estimou Tehmina —, e Homi e Perin estavam oferecendo comida suficiente para servir o dobro de convidados. Mesmo assim, a abundância da comida apenas fazia os convidados ficar em um êxtase maior com o aroma que adoravam e de que sentiam falta — as *farchas* de frango, o peixe no vapor selado com chutney verde, o *pallav* de cordeiro lhes invadiam as narinas. Eles não estavam disputando lugar na mesa — eram sofisticados demais para isso —, mas a atmosfera estava carregada de pressa e impaciência.

Susan foi até onde Tehmina estava, encostada à parede.

— Um espetáculo à parte, hein, mãe? — ela sorriu. — Você acha que os homens vão se lembrar de fazer um prato para nós quando chegarem mais perto da comida?

Tehmina sorriu de volta.

— É, isso é a mais alta sociedade parse. Acho que eles não se comportam aqui diferente do que se comportam lá.

— Bom, graças a Deus isso é um bufê, se fosse um jantar à mesa, eles estariam atrás das cadeiras esperando os outros terminarem para pegar o lugar.

— Você se lembra disso? — perguntou Tehmina.

— Deus, mãe, como poderia esquecer? Lembra a recepção que você e Rustom nos ofereceram em Bombaim depois que nos casamos? Jesus, achei que nunca ia conseguir me sentar para comer naquela noite pela maneira como as pessoas esperavam para pegar as mesas.

— É um estranho costume, comer por turnos — Tehmina comentou.

Por mais desnecessário que fosse, Perin circulava pela enorme sala de jantar incentivando os convidados a se servirem à vontade. Tehmina sabia que isso era o resquício de um costume indiano e ficou feliz de ver que Perin o executava apesar de saber que era desnecessário. De qualquer maneira, era melhor do que ela tinha visto acontecer nos lares dos amigos americanos de Susan e Sorab. Depois de todas as suas visitas aos Estados Unidos, ainda se assombrava com a falta de insistência — ou até de esforço — para que os convidados repetissem os pratos servidos. Certa vez, foram convidados por Bob Carol, um colega de Sorab, para um bufê em sua casa, e os anfitriões praticamente guardaram a comida enquanto eles ainda estavam lá. “Que bom”, a mulher de Bob disse, “mais sobras para nós”. E, apesar de Tehmina ter notado o tom de brincadeira na voz da mulher, ela ficou assombrada. A ideia de não pressionar os convidados a se servirem de mais comida era tão estranha para ela quanto comer com as mãos era estranho para os americanos. A única exceção a essa regra aconteceu no jantar na casa de Eva, em sua última visita. Até Solomon tinha zanzado em torno deles como se estivessem em Bombaim, enchendo seus copos de vinho cada vez que davam um golinho, enquanto Eva os servia de comida sem perguntar se podia. Susan havia odiado, classificara isso como o cúmulo da falta de educação, mas Tehmina tinha identificado a calorosa acolhida por trás daquele gesto.

Enquanto ela olhava para aquela comida toda, seu pensamento voou para Josh e Jerome. O que será que estariam fazendo esta noite?, ela imaginou. Será que já teriam jantado? Será que teriam uma árvore de Natal brilhante em sua sala como os Jasawala tinham? Será que aquela mãe deles teria afinal lhes

comprado alguma coisa? E quando será que conseguiria entregar os presentes que ela e Cookie haviam escolhido para eles?

Perin, que tinha conseguido chegar até elas, interrompeu seu devaneio.

— Susan. Tehmi. Por que não estão comendo? — ela gritou.

— Sorab e Percy estão nos servindo — respondeu Susan.

— Ah, certo. Bom, bom. Escutem, como sempre, encomendamos muita comida. Meu Homi tem fobia de ver a comida acabar. Então, como de costume, pedimos demais. Portanto não se esqueçam de levar umas quentinhas, tá? Por favor.

— Vamos ver, vamos ver — Tehmina murmurou.

O tanto que adorava dar, ela odiava receber presentes dos outros.

Mas Susan se adiantou.

— Claro, Perin, isso seria ótimo. Obrigada. Assim não vou ter que me preocupar com o que preparar para o meu almoço e o de Sorab. Mas, vendo esses parses atacar a comida, acho que podemos estar sendo demasiadamente otimistas — ela acrescentou, rindo.

— Ah, não, querida. Você devia ver quanta comida tem na cozinha. — Perin olhou em volta. — O Cookie está comendo na outra sala com as crianças? Bom. Pedimos *pizza* e *milk-shakes* para as elas. Espero que ele goste de ambos.

— Você realmente pensou em tudo, Perin — disse Tehmina. — Obrigada.

Perin abriu um enorme sorriso, e o sorriso transformou seu rosto.

— Ah, que nada. Nós realmente gostamos de nos divertir com nossos amigos. — Ela repentinamente se inclinou e abraçou Tehmina. — É tão bom ter você aqui, Tehmi — ela disse. — Você é uma maravilhosa aquisição para o nosso grupo. E quando vai tomar sua decisão de nos tirar a todos dessa agonia?

Era a empresa de Perin que resolveria os papéis da imigração dela, Tehmina observou. Ela se perguntou se Percy a manteria a par de todos os desdobramentos.

— Em breve, eu espero — ela disse baixinho. — Só esperando os feriados passarem.

— Ah, os feriados... — Perin suspirou. — Acabam estressando todo mundo. Mesmo assim, é difícil acreditar que faltam apenas três dias para o Natal.

O BARULHO no banheiro recomeçou, e Sorab ficou apreensivo. Que diabos mamãe estava fazendo acordada tão cedo? Ele virou a cabeça para o outro lado, deixando os ruídos do banheiro para trás, e sentiu uma pontada de dor entre os olhos. Preciso parar de beber tanto, ele pensou, ainda grogue. Tanto Sorab quanto Susan haviam bebido demais na casa de Homi na noite anterior. E, agora, a última coisa de que precisavam era ser acordados com a pantomima da hóspede. Ele abriu os olhos com cuidado e olhou para Susan, esperando ouvi-la resmungar baixinho. Mas, por sorte, a esposa estava rindo.

Mamãe estava no banheiro, soando alto como um leão na jaula. Ela sempre fizera esses ruídos altos e assustadores quando escovava os dentes e a língua. Quando jovem, Sorab achava isso muito engraçado, a ideia de que a mãe, gentil, pequena e sempre equilibrada, tinha esse animal feroz escondido dentro de si.

— Garrrrrrrrrrrr. Gaaaarrrrrrrrrrrrrr! — ele rosnava o mais alto que podia enquanto corria pelo apartamento, imitando-a, implicando com ela, até que seu pai, se sacudindo de tanto rir, o mandava parar. — Mas, pai, por que ela faz esses barulhos absurdos? — ele perguntara uma vez, e Rustom sacudindo os ombros respondera:

— É apenas uma das suas idiossincrasias.

— O que quer dizer isso?

— Idiossincrasias? Quer dizer... é o que faz com que sejamos as pessoas que somos.

Sorab estava tão acostumado a ouvir a mãe soltar o leão escondido dentro dela no banheiro que ele quase não notou seu gargarejar furioso na primeira visita que os pais lhe fizeram depois do casamento. Mas Susan tinha sentado na cama, esfregando os olhos.

— Que m.... que diabos de barulho é esse?

Ele corou.

— Isso é só... Eu esqueci de avisá-la. Isso é minha mãe gargarejando. Ela sempre faz esses barulhos estranhos no fundo da garganta.

Susan olhou para ele com incredulidade.

— Você está brincando, né? Jesus, parece um trem de carga passando pelo meio da casa.

E como que para provar que ele falava a verdade, Tehmina emitiu um rugido particularmente alto, seguido do inconfundível ruído de alguém escarrando na pia. Susan, visivelmente amedrontada, perguntou:

— Mas que diabos ela está fazendo?

Sorab puxou a mulher para junto de si.

— Ah, vamos lá, amor. Ela é velha e tem hábitos arraigados. Apenas ignore. Apenas.... ponha na conta das diferenças culturais, tá?

E ele rezou fervorosamente para que a mãe limpasse a pia antes de sair do banheiro. Susan era neurótica por limpeza, ele sabia. Certa vez, ela o fez limpar e enxaguar a pia toda por ter deixado um resto de sabão nela.

Susan levantou as sobrancelhas.

— Diferença cultural, uma ova. Se alguma vez eu ouvir você fazendo esse concerto no banheiro, meu querido Sorab, peço divórcio no dia seguinte.

— Mas ela estava sorrindo.

Dois anos depois dessa primeira visita, eles foram visitar os pais de Sorab em Bombaim, e Rustom tinha tido a brilhante ideia de levar o filho e a nora a Goa, de trem.

— É uma boa maneira de ver o campo — ele dissera a Susan. — Sabe, é aí que vive a Índia, nas suas vilas.

E foi nessa viagem de trem que Sorab percebeu que era agora oficialmente parte da classe média americana. Apesar de o pai ter gasto muito dinheiro reservando lugares de primeira classe no carro com ar-condicionado, tudo no trem lhe causava repulsa. Ele reparou nos cobertores puídos que lhes deram para deitar nos beliches de madeira dura, nos lençóis surrados, finos, desbotados e de aspecto sujo, nas marcas *paan* cuspidas no canto do vagão de carga. Acima de tudo, notou as condições indescritíveis dos banheiros. Sorab rezou fervorosamente para que o banheiro feminino estivesse em melhores condições do que o masculino. Ele poderia sempre saltar do trem em uma de suas inúmeras paradas e se aliviar numa moita atrás das estações abandonadas.

Mas um olhar para o rosto de Susan, pálida e em choque, lhe confirmou que suas preces não foram atendidas.

— Quanto tempo leva esta viagem de trem? — ela cochichara para ele, se certificando de que os sogros não a ouvissem.

— Não sei. No mínimo doze ou treze horas.

— Vou ter que me segurar. Não há nada no mundo que me faça entrar ali novamente.

Às seis da manhã, o trem parou por meia hora numa estação rural, e eles saltaram para tomar um pouco de ar fresco.

— Você quer... você quer dar uma volta para ver se tem algum lugar a que possa ir? — Sorab perguntou à mulher, sem jeito. — Eu fico de guarda.

Ela fez uma careta.

— Não. Só faltam mais algumas horas. Estarei bem, desde que não pense nisso.

Foi então que ouviram. E viram. Muitos de seus companheiros de viagem também tinham desembarcado do trem e estavam alinhados ao lado da plataforma carregando pequenas garrafinhas de plástico cheias de água. Eles estavam escovando os dentes, cuspidando e escarrando sobre os trilhos. Todo mundo, ao que parece, gargarejava furiosamente e escarrava ferozmente. Era como se Tehmina tivesse um batalhão de seguidores.

— Caramba! — Susan exclamou, assombrada. — Não é apenas a sua mãe. É a Índia inteira.

Ele se pôs na defensiva, como sempre fazia quando ela generalizava qualquer coisa sobre a Índia.

— Susan, por favor. Não seja exagerada. Não é toda a Índia. São apenas algumas pessoas grosseiras.

Ela se afastou dele, seus olhos dançando, divertidos.

— Puta que pariu. Isso é um autêntico e genuíno hábito nacional. Não negue, amor. Dá para acreditar? Um país inteiro onde as pessoas fazem sexo silenciosamente como ratinhos, mas gargarejam e limpam sua garganta como tigres selvagens. Um país onde você não pode andar de mãos dadas, com seu

próprio marido, em público, sem escandalizar, mas pode fazer os mais íntimos rituais no meio da rua.

Ele riu, apesar de tudo.

— Você está a um passo de uma descoberta — ele disse. — É uma observação perspicaz.

— De que vocês estão rindo? — Rustom perguntou atrás deles.

— Ah, nada, pai. Eu estava apenas mostrando a Susan a vista e a sonoridade da mãe Índia. — Sorab sorriu enquanto mostrava com um gesto largo a fileira de pessoas diante dele.

— Ah, sim. Nossos amados Manibens e Pandovjis em ação.

Nesse instante, um homem numa *dhoti* branca escarrou de uma maneira particularmente ruidosa, e Rustom fez uma careta. Mas ele se recuperou quase que imediatamente.

— Olhe para aquele carinha ali. Ele se acha viril, um macho saudável com seu vigoroso gargarejar e sei lá mais o quê. *Saala*, minha Tehmi podia transformá-lo num ratinho apenas com um de seus poderosos rugidos. Só a força de uma de suas oferendas seria suficiente para fazê-lo voar todo o caminho de ida e volta até Goa.

Sorab acreditava que Susan havia aceitado o hábito pouco afortunado de sua mãe. Mas essa visita era bem diferente das anteriores. Para começar, seu pai não estava junto dessa vez. Seu pai, que sempre sabia como fazer Susan rir, implicava com ela, conquistara a nora e forjara com o filho uma solidariedade baseada em masculinidade que era uma brincadeira. E, dessa vez, mamãe estava ficando mais tempo do que as costumeiras visitas de quatro semanas. Isso, é claro, por sua insistência, o que o fez se sentir ainda mais culpado por ter gritado com ela depois do telefonema de Persis de madrugada, por tê-la culpado por uma situação pela qual ela não era responsável. Ele se lembrou do que Percy lhe dissera na noite anterior.

— *Saala*, você tem certeza de que é isso que quer? Que sua mãe viva aqui para sempre? Você sabe que não vai ser fácil. E, depois que você a fizer vender o apartamento de Bombaim e tudo o mais, não vai ter volta. Você sabe que não seria justo com ela.

— Vai ser difícil, às vezes, mas a gente dá um jeito — ele dissera, com um despreendimento que não sentia. — Susan também está convencida de que é a coisa certa a fazer.

E, agora, vendo a esposa perdoá-la com tolerância, Sorab tinha certeza de que estavam agindo acertadamente.

— É melhor ela terminar a personificação do trem de carga rápido — ele resmungou. — Preciso muito mijar.

— Então, deixe de ser preguiçoso e sai da cama e vai no banheiro lá de baixo.

Ele bocejou.

— Não quero. E, além disso, preciso entrar no chuveiro assim que ela sair. Grace marcou uma reunião às oito. Ela quer rever todas as férias marcadas, entre outras coisas.

Susan rugiu.

— Essa mulher é uma ogra. Deus, por que o Malcolm teve que se aposentar?

Ele abriu a boca para responder no instante em que Tehmina emitiu um grunhido particularmente agressivo e Sorab, por instinto, puxou o edredom por cima de suas cabeças. Por baixo das cobertas os dois deram risadinhas feito crianças.

— Eu acho que esse foi o final apoteótico — ele sussurrou, abraçando a cintura de Susan e descobrindo que ela estava se sacudindo toda ao prender o riso.

— É como a explosão dos fogos de artifício no Quatro de Julho — Susan sussurrou. — Ela constrói um clímax a cada manhã.

Sorab pensou em todas as manhãs dessa visita em que nem ele nem a esposa tinham sido tão tolerantes em relação aos hábitos higiênicos de sua mãe, quando, ao primeiro rugido de Tehmina no banheiro, Susan se virava cobrindo a cabeça com o travesseiro. Ele se fragmentara em tantos sentimentos contraditórios: humilhação diante da idiosincrasia de sua mãe, anormalmente grosseira; irritação com a resposta tão pouco caridosa de sua

mulher. Cheio de gratidão pela proximidade dos dois nessa manhã, apertou a mão de Susan.

— Eu já lhe disse que amo você?

Ela se virou para ficar de frente para ele, e Sorab notou seus olhos ainda remelentos.

— Me sinto feliz esta manhã.

Ele riu pelo simples prazer de rir e, depois, para disfarçar, disse:

— Incrível o que alguns copos de um bom vinho fazem à minha garota.

— Ei, nunca banquei a difícil. Você sabe que me contento com pouco.

— Então tá. Nesse caso, posso devolver as caixas de som potentes que acabei de instalar no seu carro?

Susan sorriu com meiguice.

— Claro que pode, amor. E então você vive sem sexo pelo resto de sua vida.

— E por falar nisso...

Ele fez um rápido cálculo enquanto puxava o corpo de Susan para si. Havia tempo para fazer amor e ainda chegar ao trabalho às oito. Suas mãos tatearam em busca da bainha de sua camisola e, depois de erguê-la até a cintura, apertaram as nádegas de Susan.

— Ei, calma, rapaz! — disse Susan, comprimindo seu corpo contra o dele.

Ele soltou o cordão do pijama com dificuldade enquanto a beijava com paixão, a língua se aninhando nas profundezas de sua boca, que tinha gosto de sono e sal. E, mesmo enquanto ficava em cima dela e se perdia nas boas-vindas de seu corpo, uma parte de Sorab se manteve alerta e distante. Estava extremamente ciente de que a mãe estava a apenas alguns metros enquanto ele fodia sua mulher. Ele sufocou a boca de Susan com beijos, sabendo que fazia isso para evitar que seus típicos murmúrios fossem ouvidos; mesmo enquanto Susan arfava e sussurrava incompreensivelmente ao seu ouvido, mesmo quando uma força cruel e inexorável invadiu seu corpo, estava atento ao ruído dos passos da mãe quando ela saiu do banheiro. Sorab a ouviu entrar em seu quarto, pôr a escova e o talco na cômoda encostada na parede que separava os

cômodos. Ele controlou o ritmo de sua arremetida de modo que evitasse que a cama rangesse ou emitisse suas inconfundíveis as batidas ritmadas. Havia um prazer difuso e quente em ser silencioso que o deixou ainda mais excitado, apesar de se ressentir de ter que ser tão furtivo. Ouviu o barulho de algo caindo no outro quarto, mas já não se importava com isso, pois ele mesmo estava desmoronando, seu corpo caindo com força como uma onda contra as pedras da beira-mar. Ele mordeu os lábios para evitar que os urros de prazer escapassem de sua boca, enquanto percebeu de imediato que Susan não teve o mesmo autocontrole e estava gemendo debaixo dele. Pôs a lateral da mão na boca de Susan, que o mordeu com tanta força que a dor o fez arquear.

— Bem — Susan disse depois de alguns minutos, apoiada um dos cotovelos, a mão sob o cabelo dourado —, esse foi um grande bom-dia!

Sorab beijou-lhe o cotovelo.

— Gostaria de dar um bom-dia assim todos os dias.

Os olhos dela eram cor de âmbar.

— Aposto que sim. — Ela lhe deu um tapinha no braço. — Se você não levantar em trinta segundos, passo à sua frente no banheiro.

— Estou indo, estou indo — ele resmungou. — Sorab jogou as cobertas para longe e pulou para fora da cama. De pé, na ponta da cama, olhou novamente para sua mulher sonolenta. — É só zás-trás, obrigado, cara. — Ele se fez de sentido. — É assim que são as mulheres, só atrás de nosso corpo. Me sinto tão usado...

Ele ouviu o riso baixinho de Susan ao sair do quarto.

Eles haviam reformado o banheiro do andar de cima fazia alguns meses, e debaixo do jato de água quente Sorab experimentou a mesma profunda satisfação de todas as manhãs, quando seus olhos viam o maravilhoso mármore da parede, os acabamentos caros das torneiras e a banheira Jacuzzi. Ele levou anos até aceitar o fato de que curti as coisas boas da vida. Nos seus primeiros tempos nos Estados Unidos, sentia-se assombrado com a riqueza repentina que o engolira. Mesmo enquanto um pobre estudante universitário, Sorab estava consciente de que tinha um padrão de vida, em muitos aspectos, superior ao de seus pais. Isso, apesar de Rustom ter sempre ganhado bem e

Sorab jamais ter vivido um dia de privação ou dificuldade. Mas o simples fato de ter uma bica com água quente — tão mais conveniente do que ter de encher um balde de plástico com água quente do boiler e jogar sobre si mesmo com uma canequinha de metal — era algo a que dava valor. No início, andava pelas ruas em torno da universidade maravilhado com o fato de que podia beber três Pepsi num mesmo dia e não se preocupar com o preço; espantado por poder comprar um Chevette usado oito meses após chegar ao país; sem sentir culpa de que encher o tanque custava uma fração do que custava a seu pai na Índia.

Por anos, visitar a Índia era algo difícil para ele. Os mendigos nas ruas, os empregados na casa, as paredes sem pintura do apartamento dos pais, a poeira persistente que cobre tudo, a despeito da limpeza diária, isso tudo o entristecia. Sorab se sentia culpado por tudo — pelo pai ainda dirigir seu carro velho sem direção hidráulica; pela mãe ficar em engarrafamentos terríveis cada vez que saía para comprar comida; pelo aspecto cada vez mais magro e envelhecido de seu antigo empregado; por ser chamado de senhor por homens três vezes mais velho do que ele quando lhe pediam dinheiro. Sorab queria pedir desculpas pela chuva incessante das monções, pela fúria cruel do sol, pelo lixo nas ruas, pelos vira-latas desnutridos que ficavam do lado de fora de seu prédio, pelo barulho das buzinas, pelo cinza-escuro do mar poluído. Porque ele havia escapado de tudo isso e eles, não. Enquanto morava num prédio de apartamentos onde não faltava luz, e tomava banhos com água limpa e quente, e respirava o ar doce e cristalino, enquanto bebia Pepsi sempre que lhe dava vontade e tirava dinheiro no caixa eletrônico sempre que precisava, milhões de pessoas — incluindo seu pai e sua mãe — viviam presas numa cidade decadente, quente, poluída, superpovoada, no limite da pobreza, onde a única coisa certa eram o caos e a imprevisibilidade. E o pior era que, como universitário, ele não tinha dinheiro suficiente para ajudar nenhum deles.

Sorab agora refletia que ele havia mudado. A busca pelo novo, o prazer da descoberta, haviam se exaurido. Todos os carros que comprara depois do Chevette tinham sido mais caros, mais cheios de acessórios. E agora ele se permitia desfrutar das coisas que a riqueza lhe propiciava. Agradecia a Susan

por isso. Seu senso americano de direito — mas talvez isso não fosse tão caritativo, talvez fosse seu otimismo americano, sua vontade pelas melhores coisas da vida — finalmente o vencera. Ele agora aproveitava as coisas que tinha. Repetia para si mesmo que havia trabalhado muito duro para comprar essas coisas — nada lhe caíra do céu. Lembrava de como chegara a esse país com seiscentos dólares no bolso. Tudo o que tinha, tudo — carro, som estéreo, sofá, pratos, casa —, ele trabalhou para conquistar.

Sorab passou os dedos de leve no azulejo de mármore. Ele adorava seu toque frio, úmido, sua suavidade sensual, tão parecido com a maciez branca entre as coxas de Susan. Você vai ter de tomar uma ducha gelada se continuar nessa linha de raciocínio, sorriu para si mesmo. Sorab aumentou a temperatura da água ainda mais e, quando estava escaldante, ligou o jato massageador para pulsar a região dolorida de sua cervical. Ensaboando-se, olhou com desprazer para o pneu que se acumulava em sua barriga. *Saala*, preciso voltar para a ginástica, disse a si mesmo. Por um momento lembrou-se com saudade do rapaz esbelto e belo que chegara aos vinte e um nos Estados Unidos. Por anos — apesar da dieta de Pepsi e Big Macs durante os primeiros dois anos da universidade —, ele combatera o curso da obesidade americana. No início de seu relacionamento com Susan, ela seguidamente comentava sobre a proeminência de seus maldores e como as bochechas magras chamavam atenção para seus olhos escuros e cheios de vida. Enquanto transavam, ela desenhava as depressões de suas costelas e passava as mãos em sua barriga firme e definida. Vou ter de fazê-lo ganhar peso, ela sussurrava, mas seu olhar de admiração negava suas palavras.

Sorab apertou o pneu de sua barriga entre os dedos. Nove quilos, disse a si mesmo, apesar de que acho que devia perder uns sete. E nada de comilanças pelo resto dos feriados. Todas essas festas e biscoitos e coisas que todos trazem para o escritório estão acabando comigo. E me matricularei imediatamente na academia em janeiro. Enquanto se comprometia, já pensava em quão difícil ia ser levar isso adiante. Ter a mãe por perto era como ter uma segunda criança para tomar conta. Toda noite, quando chegava em casa, se sentia obrigado a lhe dar atenção, sabendo que ela passara o dia sozinha,

sabendo quão pálida e monótona a vida do subúrbio lhe parecia, comparada à vida colorida e frenética, ocupada e cheia de gente que ela deixara em Bombaim. Aqui, com as janelas fechadas por causa do inverno, a casa parecia lacrada e silenciosa como uma tumba. Lá, a varanda aberta permitia a entrada dos sons da cidade, os sons da própria *vida* — e de repente pareceu a Sorab que o lamento anasalado do vendedor de frutas, o choro das crianças, o chiado seco dos ônibus, o incessante buzinaço penetravam no apartamento. Lá a campainha da entrada tocava pelo menos cinquenta vezes por dia, na chegada do menino jornalista, do açougueiro e do *doodhwalla* e dos empregados, dos vizinhos e dos amigos que estavam de passagem pela vizinhança e faziam uma visitinha. Aqui, ela podia passar uma semana inteira sem ter de atender a porta. Graças a Deus que existe Eva Metzemaum, Sorab pensou. Pelo menos ela tira a mamãe de casa umas duas vezes por semana.

Ele pensou, com súbito pavor, nos longos, frios e difíceis meses de inverno que esperavam por ela. Por enquanto havia toda a animação dos feriados, as idas constantes ao shopping, o planejamento dos cardápios e o turbilhão das festas. Até o clima estava excepcionalmente quente para o mês de dezembro. Veja que eles até tiveram uns dias de céu azul, em vez da monocromática cor de chumbo que Sorab descrevia como cinza-Ohio. Mas o que mamãe faria totalmente sozinha durante os meses de inverno? Talvez ele pudesse encorajá-la a assistir a alguns cursos no Centro Comunitário, mas então teria a questão do transporte. Porra de Rosemont Heights, Sorab pensou. Todos esses impostos, e nem sequer um sistema público de transporte decente.

Ele saiu da banheira e descobriu que estava tremendo, apesar do vapor quente no banheiro. Pegou a toalha apressadamente, pensando que devia estar com frio, quando, de repente, reconheceu a origem de sua tremedeira. Estava com medo. Medo do futuro que o esperava — que os esperava. Essa situação toda com a mamãe é uma aposta ruim, ele pensou. E se ela odiar ficar aqui? E se não suportar a falta de calor deste lugar — não apenas o frio do inverno, mas a frieza da vida sem o barulho, as cores, as multidões e a confusão? A vida dele era como uma pintura de uma paisagem rural se comparada ao tumulto

urbano da vida dela. Ele mesmo aprendeu a apreciar — e até a gostar — a solidão, a desolação da paisagem de inverno. Mas, e ela?

Sorab estava pedindo tanto dela... Para abrir mão de sua cidade, de seus amigos, de um apartamento cheio de lembranças felizes, de uma cidade cuja existência lhe fervilhava no sangue, cujo ritmo forte e louco era o de seu próprio coração. E em troca de tudo isso? Em troca, só tinha ele. E, de alguma forma, o neto. Sorab se deu conta da pretensão de sua oferta. O que ele realmente podia lhe oferecer, além do acolhimento familiar? Da proximidade da única pessoa a quem ela amava mais do que a si mesma? Seria isso suficiente? Ele se sentiu pequeno e despreparado para a tarefa. A magnitude do que estava fazendo, do que estava pedindo a ela, o perturbou muito. Ele ficou no meio do banheiro, esfregando vigorosamente a toalha no peito e nas costas, tentando inculir algo quente e cheio de energia nos seus músculos subitamente frios. Mas nada derretia a geleira que se formava na boca do estômago.

Tinha parecido tão simples nos dias que sucederam a morte de seu pai. Ele ficara seis semanas em Bombaim (graças a Deus, o velho e bom Malcolm ainda estava na companhia naquela época; Grace certamente teria exigido que retornasse após o enterro), reunindo-se com advogados e contadores, cuidando dos papéis de seu pai. Mamãe, como um zumbi, recebia suas ordens e repassava toda decisão financeira para ele, perambulando numa névoa de choque e pesar.

— Isso não é possível — ela repetia continuamente. — Rustom não pode estar morto. Deve ser um engano.

A primeira vez que Sorab sugeriu que ela se mudasse para os Estados Unidos, havia sido um simples gesto de carinho, suas palavras tecendo uma corda para puxá-la para fora das águas pantanosas da tristeza em que se afogava.

— Você não vai morar aqui sozinha, *Mamma* — ele dissera com firmeza, fazendo o papel do filho responsável, do novo chefe da família. — Você vai morar com a gente. Dá conta dos assuntos do papai e vem morar com a gente em Ohio.

Mas em vez de suas palavras a resgatarem do seu pesar, elas se transformaram na corda que o resgatava de seu próprio transtorno, desamparo e culpa. A oferta era sua saída, a sua rota de fuga para longe do luto opressivo da mãe, da enormidade da tragédia que se abatera sobre ela. Ajudou-o a sair do apartamento que se agigantava em sua lembrança, ajudou-o a reduzir seu próprio pesar pela morte do pai que ele adorava para proporções mais fáceis de lidar e lhe deu coragem para embarcar no avião que o trouxe de volta para a sua vida real.

— Seja forte. Eu a vejo nos Estados Unidos em alguns meses — ele dissera à mãe no aeroporto e fora recompensado pelo brilho de esperança que iluminou o olhar opaco dela por alguns instantes.

Sorab agora se lembrava de algo mais: o bilhete que ele lhe dera no caminho do aeroporto. Na noite anterior, sua última em Bombaim, ficara sentado na varanda, escutando “Across the Universe”, dos Beatles, no seu iPod e, num impulso, anotara um verso numa folha de papel. Ele sempre gostara dessa música, a havia até mesmo cantado no show de talentos na faculdade, e agora estava sentado na cadeira de balanço da varanda, lágrimas descendo pelo rosto. *Amor imorredouro e sem limites*, sussurrou para si mesmo, se segurando no verso como se fosse um rosário, pensando no pai, na sua saída de casa aos vinte e um anos por razões que agora já não lembrava e nos anos que passara longe, anos esses que poderia ter passado na companhia do pai, passeando com ele, rindo de suas piadas, observando o pôr do sol, um milhão de momentos triviais em companhia de Rustom que ele tinha trocado para ir aos Estados Unidos. E agora estava tudo perdido — a oportunidade, o sonho, a possibilidade, a restauração. Estava tudo acabado. Seu pai estava morto, e a porta se fechara. Mas então ele pensou: essa é a magia dos versos de John Lennon, cheios de generosidade. Esse amor imorredouro e sem limites, que não prende, que não encarcera ou segura, mas dança na sua frente como um espírito que acena e convida, até que você o siga através do Universo. Esse era um amor diferente do amor parse, do amor indiano, que acreditava em estar junto, próximo, em não deixar ir. A verdade dura de dizer era que seus pais tinham sido incríveis, não é? E só agora, que ele tinha Cookie, entendia a

possessividade do amor paterno, podia entender a imensidão do sacrifício deles, como as suas ambições deviam ter se cravado como facas em seu coração. E mesmo assim eles tinham sorrido, e mesmo assim tinham dito *sim*. Sim para ele, para seus sonhos, para seu futuro, mesmo que significasse destruir os próprios sonhos para o futuro.

Sorab limpou as lágrimas do rosto. Olhou para o verso que havia escrito, e ele refletia com tal perfeição seus pensamentos e sentimentos que, por um instante, pensou que ele mesmo o havia escrito. Isso é o que mamãe precisa fazer. E apenas ele podia lhe dar isso, agora que o marido se fora, esse amor sem limites. Dependia dele fazer com que ela ouvisse o canto da sereia nesse verso, convencê-la de que precisava segui-lo através do Universo.

Ele entregara os versos manuscritos a mãe no dia seguinte, sem nenhuma explicação.

— Venha nos ver logo — ele sussurrou para Tehmina no aeroporto, antes de se encaminhar para onde o avião o aguardava.

Sorab gastou a longa viagem de volta planejando como contar a Susan sobre sua oferta absurda. Ele esperava que a esposa oferecesse resistência, que o condenasse por sua arrogância, por seu egoísmo, por ter dado um passo tão grande, fazendo a oferta sem nem falar com ela. Mas quando, dois dias depois de chegar, ele, gaguejando, contou sobre a proposta que fizera à mãe, Susan olhara para ele com surpresa.

— Eu sei — ela disse.

— Sabe o quê?

— Que você a convidou para vir morar conosco.

Ele ficou estarrecido.

— Como você poderia saber? Eu nem sabia o que estava dizendo até que as palavras saíssem da minha boca. E, depois que as disse, me pareceu a coisa lógica, não, a única coisa a fazer.

Susan sorriu.

— Meu querido, eu o conheço melhor do que você mesmo.

— O que quer dizer com isso? — Ele parou. — Então você está muito zangada?

— Zangada? Não, de jeito nenhum. É a coisa certa a fazer. Quantos anos ela tem? Sessenta e cinco? Sessenta e seis? Não dá pra ela viver naquele apartamento sozinha. Ela provavelmente nem sabe como pagar uma conta de luz. Você sabe como papai fazia tudo. E você vai ficar maluco de preocupação cada vez que ela ficar resfriada ou com dor de barriga. Não, claro que ela vai se mudar pra cá.

Sorab ficou parado, olhando para a esposa com lágrimas nos olhos. Ele se sentiu humilde de repente.

— Eu... eu tinha tanta certeza...

— Sorab — Susan falara com carinho —, tá tudo certo, amor. Você sabe que eu amo a sua mãe também. E ela é tão tranquila de se ter por perto, graças a Deus. Vai dar tudo certo. E com certeza é o que seu pai iria gostar.

Deus, nós dois éramos tão piedosos, Sorab pensou agora. Mas o que a gente sabia na época? Não dava para imaginar como era mais fácil tê-los aqui quando papai era vivo. Quanto ele fazia para manter o astral da casa leve, como era mais fácil lidar com mamãe com ele por perto. E a diferença entre recebê-los por algumas semanas no verão e ter mamãe aqui por seis meses durante o inverno, quando o frio e a escuridão conspiravam para mantê-los dentro de casa. Ele ouvira Susan responder à mãe algumas vezes só no último mês e tivera que morder a língua, tentando entender as pressões a que sua mulher estava sendo submetida. Talvez Susan estivesse certa sobre a insistência em se mudar para uma casa maior se a mãe aceitasse se mudar. Mas a verdade era que a ideia de uma hipoteca ainda maior o deixava nervoso. A escaramuça com Grace sobre suas férias e as inúmeras insinuações sobre a qualidade de sua contribuição o faziam se sentir vulnerável a respeito de seu emprego. A mulher era tão imprevisível, tão irracional, que ele não desconsiderava a hipótese de ela o demitir. E, apesar da inabalável confiança de Susan nele, Sorab não tinha certeza se arranjaría outro emprego tão rapidamente. A economia estava bem ruim, e os jornais cheios de histórias de ex-vice-presidentes e gerentes que aceitavam empregos pela metade dos seus salários anteriores. E era preciso admitir que ele se sentia lento e desleixado ultimamente. Ele não tinha mais a mesma garra e desempenho que o tinham

consagrado como uma lenda no marketing aos vinte seis anos. Os comentários cáusticos de Grace, o olhar de descrédito, haviam destruído alguma coisa dentro dele, e a situação em casa também não estava ajudando.

Sorab puxou o fecho da calça com tanta força que, por um instante, achou que o tinha partido. E, quando pegou sua camisa branca e passada, percebeu que estava se arrastando, que estava retardando sua saída para o trabalho. Pensou em todos os anos em que tinha sido o primeiro a chegar no escritório, cheio de ideias e ambição. Desde que saíra da universidade, armado com cartas de recomendação que chegavam a ser embaraçosas pela efusividade excessiva, sua subida tinha sido constante e sem obstáculos. E, o que era melhor, tinha subido à sua maneira, desarmando seus rivais e conquistando a eterna afeição dos empregados e patrões. E, assim, aos trinta e oito anos, Sorab Sethna podia manter a cabeça erguida e dizer que não tinha um único inimigo no mundo e que não conhecia nenhum homem, mulher ou criança que lhe quisesse mal. Este fora o presente de seu pai: a habilidade de andar pelo mundo como se fosse um jardim perfumado. E tinha funcionado, tudo tinha funcionado, até que essa tola e inconsequente mulher chamada Grace Butler entrasse em sua vida.

Os olhos de Sorab se encheram de lágrimas, que rolavam fácil ultimamente. Merda, ele pensou. Você acaba de sair do chuveiro, seu idiota. O que está fazendo? Vai para a reunião com cara de quem andou chorando? E o que acha que sua mãe vai dizer se você descer para tomar café com essa cara parecendo um dos quadros de Edvard Munch?

A ideia do café da manhã o fez soltar um gemido, apesar de seu estômago estar roncando. Mamãe era uma cozinheira fabulosa, chegava a ser imoral. E fazia quase um mês ela havia resolvido que o cereal frio, que ele tomava no café da manhã, não era o bastante. Então Tehmina resolvera passar a se levantar para preparar um café da manhã quente para ele. A cada manhã, enquanto engolia os ovos *akuri* ou a omelete que ela lhe preparara, Sorab se encontrava entre o olhar atento e preocupado de Susan e o olhar indulgente e radiante da mãe.

Talvez, no final, ela se decida por voltar. Sorab estava passando as mãos rapidamente pelo cabelo quando a ideia traiçoeira o alcançou. Ele olhou para si mesmo no espelho, chocado. É isso que você quer, seu filho da mãe?, perguntou a si mesmo. Por que, se é isso, por que está obrigando mamãe, Susan e todo mundo a viver essa farsa? Olhou decepcionado para o rosto que lhe parecia repentinamente fraco e vago. Quem é você?, ele perguntou ao seu reflexo. O que quer? No que se tornou? Como não houve resposta, obrigou-se a imaginar a casa sem sua mãe e ficou grato por sentir a pontada da perda e da solidão que se seguiu. Mas, no minuto seguinte, imaginou o alívio... o alívio de não ter que fazer sexo com sua mulher em silêncio; o alívio de não ter que dar atenção à mãe ao voltar para casa, depois de um longo dia de trabalho; o alívio de não mais ter que se mudar para uma casa maior, de não ter que se enrolar numa dívida maior nem numa hipoteca maior. Mas então ele pensou na mãe sozinha no apartamento de Bombaim, nela dormindo sozinha na cama que dividira com o marido por décadas, pensou nas paredes descascadas, a imaginou doente e incapaz de tomar conta de si mesma, a imaginou envelhecendo numa cidade distante, longe do filho e do neto, solitária, pagando o preço da ambição juvenil de seu único filho, por ele ter trocado a cidade em que nascera por pastagens mais verdejantes. E, agora que ele tinha condição de partilhar essas pastagens mais verdejantes com ela, por que não o faria? Pensou no ar poluído de Bombaim, que assaltava os olhos e a garganta, pensou na bronquite que ela desenvolvia com alarmante frequência por respirar esse ar, pensou no calor pegajoso e cruel do sol inclemente e soube que podia resgatá-la de tudo isso se a mantivesse aqui. E, ainda assim, Sorab sabia que não era uma brincadeira, que isso era mortalmente sério e que, se ele estava pedindo à mãe para alterar o curso de seu destino e se mudar para uma terra estranha, era melhor ter certeza de suas próprias motivações.

O que você quer?, ele se perguntou novamente. E o que você está disposto a sacrificar para ter o que quer?

Sua única resposta foi o rosto no espelho que o encarou em silêncio. Sorab reparou que era o rosto de um homem assustado.

VÉSPERA DE NATAL. Tehmina suspirou, e ela ainda não entregara os presentes dos meninos da casa vizinha. Cada vez que passava pela sala, com a pilha de presentes tão alta que parecia uma pequena loja, sentia uma pontada de culpa pela excessiva fartura. E então sentia uma pontada de culpa por se sentir culpada, visto que a maioria dos presentes era para o seu querido Cookie, e qual avó se ressentiria do fato de que seu único neto iria receber uma avalanche de brinquedos, roupas e livros? Na Índia, ela e Rustom costumavam comprar um presente para Sorab no Natal — geralmente um par de sapatos ou um conjunto de calça e camisa. Este era o seu primeiro Natal nos Estados Unidos, e, apesar de ela ter visto centenas de filmes e cartões-postais mostrando um Natal com neve, não estava preparada para esse frenesi consumista, no qual todos andavam por aí como se estivessem delirando. Ela fora tola por ter imaginado exatamente o oposto — que um país com um índice de riqueza material tão elevado, durante o ano todo, daria de ombros coletivamente diante da ideia de comprar mais alguma coisa.

E havia este outro ponto em desacordo: onde estava o Natal com neve que Sorab havia lhe prometido quando a convidara para vir visitá-lo no outono? E o Bing Crosby com que sonhara quase toda a sua vida? Em Rosemont Heights, a grama ainda era visível, e, apesar do vento frio e cortante de hoje, não havia sinal de neve. O único vestígio de neve era a pilha de lama enegrecida que havia sido retirada da entrada do carro fazia alguns dias.

Olhando pela janela, viu o vulto de um animal pequeno passando rápido no fundo do quintal. Provavelmente o gato do vizinho. Ou talvez algum pobre animal desgarrado procurando por comida. Ela suspirou. Havia alguns meses, os esquilos andavam por aí, roubando as sementes que Susan repunha diariamente no comedior dos pássaros. Susan costumava ficar indignada com os esquilos comendo o alpiste, até o dia em que Tehmina lhe disse com doçura:

— *Beta*, de que serve ficar chateada com as coisas da natureza? A gente também fica chateada com o leão que come o cervo. E quem pode dizer se o

esquilo não precisa da comida mais do que os pássaros? Eles sempre podem voar de um lugar para o outro.

Susan rira e sacudira a cabeça de um lado para outro.

— É verdade. Desculpe. É que adoro ver esses lindos pássaros no meu jardim.

Agora Tehmina olhou para o comedor de pássaros, que estava vazio e ainda não havia sido recolhido. Estava pendurado numa árvore no fundo do quintal, perto da cerca que dividiam com a casa de Antonio. Será que ela devia enfrentar o vento frio para pôr um pouco de alpiste ali, para o caso de ter algum pobre animal morrendo de fome? Ela decidiu que sim. E, então, aproveitaria e colocaria um pires de leite para o gato ou para o animalzinho que tinha visto. Ela o poria bem distante da casa e o recolheria antes que as crianças voltassem do trabalho.

Imagine trabalhar na véspera de Natal, Tehmina pensou enquanto procurava o alpiste. E então parou, trespasada por uma suspeita: e se as crianças tivessem mentido para ela dizendo que iriam trabalhar e estivessem, na verdade, juntos, desfrutando de alguma privacidade? Antes que esse pensamento azedo se acomodasse no estômago, antes que se lembrasse do plano de Sorab de se mudar para uma casa maior, sobre o qual o Percy dera com os dentes na festa de Homi, ela se obrigou a se sentir indigna de sua própria pena. E daí se estiverem?, repreendeu-se. Você nunca foi jovem? Ou será que está tão velha que se esqueceu do que os jovens precisam? E, de qualquer maneira, você sabe como essas crianças trabalham duro. Provavelmente estão se matando de trabalhar enquanto você está aqui, pensando besteiras sobre eles. Quando foi que o Sorab mentiu para você, mulher estúpida? Que bom que Rustom não está aqui agora para ler sua mente maliciosa — ele lhe daria uma bronca bem dada. E, apesar de tudo, ela sorriu ao se lembrar de como Rustom sempre tomava as dores da nora. Mesmo quando essa lealdade cega a irritava, sabia o que o marido estava fazendo — tentando matar a serpente da discórdia antes mesmo de ela preparar o seu bote na família. E estava implícito nisso, o amor incondicional que Rustom e Tehmina tinham um pelo outro e a solidez de seu casamento. Rustom às vezes

era duro com Tehmina porque sabia que a esposa estava ciente de seu amor incondicional. Algumas mulheres não gostavam que o marido as tratasse como algo já garantido. Mas Tehmina via nisso apenas o que realmente era: uma declaração de amor. E gostava que o marido a visse como essa mulher durona, sua fiel companheira, ainda que ela mesma não se achasse tão forte assim. De alguma forma o fato de ele pensar assim tornava isso real.

Apanhando o pote de alpiste, Tehmina abriu a porta para sair para o quintal. Assim que pisou no deque, o vento a açoitou com tal força que ela perdeu o fôlego. Será que as pessoas algum dia se acostumavam com esse frio?, ela se perguntou. Será que ela seria capaz de viver aqui, ano após ano, nesta terra de céus cinzentos e árvores nuas? Ela se dirigiu para o quintal congelado onde o comedor ficava. O frio fazia seu quadril doer, e seus dedos já tinham virado estalactites. Ela devia ter pensado em calçar luvas antes de sair para o quintal, mas era tão difícil fazer as coisas de luva. Então, por que Sorab não imigrou para a Austrália ou algo assim? Ela e Rustom tinham ficado tão orgulhosos quando Sorab fora aceito nas três universidades americanas para qual tinha se candidatado. Mas é claro que naquela época eles esperavam que o único filho voltasse para casa tão logo se formasse. Havia poucos indícios que apoiassem essa expectativa otimista — a maioria das crianças parses que conheciam que haviam deixado a Índia nunca mais voltou. Porém, tal qual o fumante que acha que câncer é algo que acontece com os outros, eles tinham a certeza de que sua família seria uma exceção a essa regra. Afinal, com os contatos comerciais de Rustom, nunca faltariam oportunidades de trabalho para Sorab em Bombaim.

Mas então Sorab conheceu Susan, e o curso de sua vida se alterou. Tehmina ainda se lembrava do dia em que Sorab ligou para dizer que tinha conhecido a mulher com quem queria se casar e pedia que ela e o papai começassem a tirar o visto para que estivessem com ele e a noiva no dia do casamento. Tehmina deixara o telefone atordoada, com lágrimas nos olhos. Ela havia desejado tanto que Sorab se arrumasse com uma boa moça parse, alguém que Tehmina pudesse amar sem reservas, como a uma filha. E, agora, o que seria do seu sonho de fazer um casamento majestoso em Bombaim para

seu único filho? Nos últimos anos, cada vez que Tehmina comparecia a um casamento parse, fazia anotações mentais sobre a qualidade do bufê e dos floristas, qual a banda de que mais gostava, que salão de recepção preferia. Por anos, tinha pensado qual das joias de sua avó daria de presente à futura nora no dia do noivado, no dia do casamento, no seu primeiro aniversário de casamento. E agora Sorab estava casando com uma moça que eles não conheciam, num lugar onde nunca tinham estado. Uma moça branca e americana chamada Susan. Não sabiam nada sobre os pais dela, a família dela, sua educação; se seu sotaque seria tão forte que teriam dificuldades de entendê-la; se ela teria respeito por eles e por suas tradições; se gostaria de visitar Bombaim ou se torceria o nariz; se gostaria das joias de ouro e diamante que estavam na família havia pelo menos três gerações. No dia do telefonema inesperado de Sorab, ela havia esperado que Rustom chegasse em casa do trabalho para que pudesse lhe contar pessoalmente as calamitosas novidades.

— Que cara triste é essa, querida? — Rustom havia perguntado assim que entrara em casa.

— Sorab ligou hoje — ela respondera. — Ele vai se casar. Nos Estados Unidos. Com uma americana branca. O nome dela é Susan. Ele disse que quer que a gente vá ao casamento. — As lágrimas rolavam pelo seu rosto, e ela não fez menção de segurá-las. Houve um breve silêncio. — E então... bom, é melhor começarmos logo a tirar o visto. Você sabe como isso é demorado.

Vendo seu olhar fuzilante, Rustom fez uma careta.

— Estou interpretando suas lágrimas como lágrimas de felicidade, Tehmi. Porque isso é motivo para alegria. Nosso Sorab vai se casar.

Tehmina olhou para ele sem compreender nada.

— Você ouviu o que eu disse? Ele vai se casar nos Estados Unidos. Vai viver na América.

— Ouvi o que você disse. E eu também estou ouvindo algo que, aparentemente, não é você: as trombetas do destino de Sorab. — Sua expressão ficou suave e ele atravessou a sala para sentar ao seu lado. — Tehmina — ele disse —, não lute contra o destino, querida. Nosso filho está

apaixonado. Está feliz. Achou alguém que o faz feliz. Isso é uma coisa boa, não é uma coisa ruim.

Ela agora soluçava abertamente, a cara enfiada no peito dele.

— Mas... ele vai ficar tão longe! — Ela choramingou. — Quando concordei que ele fosse para os Estados Unidos, eu não pensei... não pensei que ele não voltaria mais. Nunca. Jamais.

Rustom suspirou.

— Nunca é muito tempo, *janu*. A vida dá muitas voltas. Ninguém sabe. E, de qualquer maneira, o importante é que nosso filho precisa de nós agora. Precisa de nossas bênçãos, nossa aprovação, nossa felicidade. E Deus nos livre se alguém resolver impedir isso, nem a minha mulherzinha boba. — Ele sorriu e puxou o cabelo dela.

Meses mais tarde, depois que viram o filho se casar numa linda cerimônia ao ar livre às margens do lago Erie, Rustom fez uma confissão: sabendo que a mãe iria reagir mal às notícias, Sorab ligara para o pai no escritório e falara com ele primeiro. Ao saber da armação, Tehmina virou para o marido, fingindo-se furiosa.

— Seu *luchcha!* Você está me dizendo que já sabia de tudo quando entrou em casa naquela noite? E ainda assim me deixou fazer aquela cena toda?

Rustom sorriu.

— Ah, algumas lágrimas nunca fizeram mal a ninguém. Foi bom para você derramar suas lágrimas de crocodilo. E, fora isso, você não ama Susan agora? Não está feliz que nosso Sorab achou uma mulher tão bonita e inteligente, em vez de alguma moça parse ignorante de um vilarejo que você ia sem dúvida achar para ele?

— *Arre nah*. Como ousa dizer isso? Como se eu fosse deixar o meu filho casar com alguém assim. Eu teria achado uma médica ou uma advogada para o meu Sorab. Muitas moças teriam entrado numa fila para ter a oportunidade de casar com ele.

Rustom lançou um olhar demorado e provocador para a mulher.

— Só uma mãe poderia achar isso. Mas, verdade seja dita, Sorab deu sorte. Susan é um achado.

Ela estava pronta para protestar quando percebeu o brilho no olhar dele.

— *Bas*, lá vai você de novo! — ela reclamou. — Não perde uma chance de implicar comigo.

— Minha querida, um homem ainda precisa ter alguma coisa que lhe dê prazer quando fica velho.

Agora, enquanto despejava o alpiste no comedior com as mãos trêmulas de emoção e de frio, Tehmina pensou que era disto que ela mais sentia falta: sem Rustom, não havia mais ninguém na sua vida que a provocasse como ele fazia.

Seus pensamentos foram interrompidos pela pancada de uma porta. No minuto seguinte, ela ouviu as vozes conhecidas dos meninos da casa ao lado.

— Puxa vida, queria que tivesse neve para a gente fazer um boneco — ela ouviu um deles dizer.

— Não quero saber — disse a outra voz. — Não quero saber quantos graus está fazendo. Só quero ficar fora de casa o máximo que puder.

— Eu sei — respondeu a voz que agora ela reconhecia como sendo de Joshua. — Cara, a mamãe tá de muuuuuito mau humor hoje.

— Hoje? — Os meninos estavam andando na direção da cerca, e Tehmina podia perceber o amargor na voz de Jerome. — Mamãe está sempre de péssimo humor.

O coração de Tehmina ficou apertado. Ela queria poder se aproximar dos meninos e dizer algo que os acalmasse, mas estava paralisada por duas forças: o desejo claro de Susan de que não queria se meter com a família de Tara e o próprio medo de ser surpreendida por Tara falando com os meninos. Ela realmente não gostava daquela mulher. E, se Tara dissesse novamente alguma coisa ruim do seu Sorab, Tehmina não saberia como reagir.

Antes que pudesse se mexer, Tehmina ouviu a porta da cozinha abrir novamente.

— Josh. Jerome. Vocês dois, entrem em casa já! — ela ouviu Tara berrar. — Juro, se eu tiver que olhar para aqueles pratos sujos por mais um segundo, vou lhes dar uma surra que vocês não vão esquecer jamais.

Do seu lado da cerca, Tehmina ficou paralisada. Tara só podia estar brincando. Entrem, ela rezou silenciosamente. Entrem e terminem suas tarefas, meninos, e tirem essa mãe *banshee* de cima de vocês. E seu coração ficou mais apertado ainda quando ouviu Jerome cochichar para o irmão:

— Fique atrás dos arbustos. Ela nunca vai achar a gente ali.

Ela podia ouvir o barulho nos arbustos, e certamente Tara também. O que eles estavam fazendo? Será que era algum tipo de jogo complicado que jogavam com a mãe? Mas a raiva que ela ouvira na voz de Tara era bem real.

Eles estavam tão perto dela que, se esticasse o dedo por entre as tábuas da cerca que separava os dois quintais, ela poderia quase tocá-los. Tehmina os ouviu se mexendo entre os arbustos; ouviu um deles dar uma risadinha nervosa. E, inconscientemente, imitou seus modos furtivos e ficou meio agachada perto da cerca, com medo de que Tara a visse e percebesse que ela testemunhara a cena toda. Tehmina sentiu uma pontada de raiva, mas não sabia se estava com raiva de si mesma por agir como uma fugitiva em seu próprio quintal ou se estava com raiva da mulher da casa ao lado por tê-la posto nessa situação.

— Olhem aqui, seus merdinhas — ela ouviu Tara dizer —, já estou atrasada, e vocês estão me atrasando ainda mais. Entrem em casa agora, se é que sabem o que é bom pra vocês!

— Ela está furiosa de verdade, Jerome — ela ouviu Josh dizer. — É melhor a gente entrar.

— Fique onde está — Jerome sussurrou, enérgico. — Ela vai matar você se achá-lo agora. De qualquer maneira, ela estará longe em mais alguns minutos.

Que tipo de mãe ameaça os filhos dessa maneira? Que tipo de mãe aterroriza os filhos de tal maneira que eles se escondem nos arbustos na fria véspera do Natal? Os olhos de Tehmina começaram a lacrimejar, e ela sabia que não era por causa do frio. Estava na dúvida se devia sair da posição agachada e ficar de pé. Certamente Tara pararia de gritar se visse alguém testemunhando seu comportamento. Tehmina sempre ouvira histórias de como, nos Estados Unidos, as pessoas tinham medo de castigar os filhos com

receio de que alguém as delatasse à polícia. Com certeza, ver Tehmina ali de pé deveria ser o suficiente para Tara se controlar.

Mas antes que pudesse se mexer, ela ouviu Tara atravessando o quintal, decidida.

— Ai, merda — ela ouviu Jerome gemer, e então a mulher já estava em cima dos dois meninos.

Tehmina ouviu o barulho no arbusto quando Tara o afastou e sons que lhe fizeram os pelos da mão ficar em pé: os baques quando Tara baixava algum misterioso objeto no corpo miúdo dos filhos, os gritos de gelar o sangue que o menino dava, a respiração entrecortada e bufante de Tara — até sua respiração é louca e raivosa, Tehmina pensou freneticamente — e os gritos de Jerome, suplicando que ela parasse, que estava realmente machucando Joshy. Tehmina olhou em volta, esperando que os vizinhos viessem correndo de todas as direções, como fariam em Bombaim, esperando que conseguisse se erguer e mandar Tara parar com essa loucura imediatamente. Mas nada aconteceu. Não havia passos apressados; nenhum homem alto e forte apareceu para arrancar-lhe das mãos o objeto de sua violência; nenhuma vizinha correu para segurar os meninos soluçantes contra o peito; nenhuma criança da redondeza olhou para Tara com os olhos grandes e acusadores. E, mais inexplicável ainda, ela, Tehmina, não fez nada, ficou escondida atrás da cerca como se fosse a responsável pela façanha vergonhosa, como se fosse a pecadora.

— Agora, entrem em casa! — ela ouviu Tara dizer aos meninos, que choravam. — E fiquem lá até eu voltar. Volto, no máximo, em duas horas. E se aqueles pratos não estiverem limpos quando eu voltar, é melhor vocês nem estarem vivos.

— Mãe — Jerome disse, apreensivo —, o lábio de Josh está sangrando.

— Bem feito por ter se escondido nas moitas. Provavelmente se cortou com alguma coisa. Agora entrem, os dois, antes que eu me irrite novamente.

Pela fresta da cerca, Tehmina viu Tara em pé na entrada da garagem com as mãos no quadril enquanto os meninos voavam para dentro de casa e fechavam a porta atrás deles. Ouviu Tara resmungar baixinho enquanto ia em direção ao carro e entrava nele. Ela a ouviu ligar o carro e sair cantando o

pneu rua abaixo. Incrédula, Tehmina ficou no seu esconderijo por um minuto. Claro que Tara estava blefando. Ela não deixaria dois meninos machucados sozinhos em casa.

Quando finalmente Tehmina se permitiu ficar de pé, suas pernas estavam trêmulas. Primeiro, ela achou que era por causa do frio e do desconforto de ficar agachada para evitar ser vista pelos vizinhos. Mas então notou que seu corpo inteiro tremia e percebeu, com alguma surpresa, que estava com raiva. Uma raiva fria e assassina. Com raiva suficiente para cuspir na cara de Tara se a visse de novo.

Ela andou devagar pelo quintal, sem saber o que fazer ou como se livrar da raiva que fazia seu corpo chacoalhar, como as folhas no chão. A ideia de entrar em sua confortável e silenciosa casa, enquanto havia duas crianças soluçantes e machucadas na casa vizinha, estava fora de questão. Mas, se ela fosse à porta da frente e tocasse a campainha deles, Susan iria descobrir. Com certeza algum vizinho abelhudo — provavelmente aquele velho sr. Henderson, que vivia do outro lado da rua e estava sempre no jardim, dia e noite, não importava o clima — diria alguma coisa a Susan na próxima vez que a visse.

Pense!, ela gritou silenciosamente para si mesma. Faça alguma coisa. Enquanto você está pastando feito uma vaca velha, aqueles dois meninos podem estar sangrando até a morte. E aquela mulher malvada vai voltar logo — você mesma a ouviu dizer isso. Em desespero, ela olhou para a cerca. Avaliou que tinha um metro e oitenta de altura. Mas o deque de madeira podia ajudar. Se ela ficasse de pé em uma das espreguiçadeiras que ficavam no deque, certamente poderia pular a cerca e entrar no quintal de Antonio. Poderia bater na porta da cozinha, sem ser vista pelo olhar de rapina do sr. Henderson ou de qualquer outro vizinho, e apenas verificar se as crianças estavam bem. Antes mesmo de terminar o plano, Tehmina, agitada, já estava puxando a cadeira para perto da cerca. Subindo com facilidade, ela ficou em pé por um instante para se equilibrar. Depois, com cuidado, esticou-se e passou a perna esquerda por cima da cerca, jogando-se para a frente, até que a outra perna já estivesse acima da cadeira. Assim, ficou na improvável posição de estar sentada com as nádegas encaixadas entre duas estacas da cerca. A extremidade arredondada da

cerca pressionava de forma incômoda a sua lombar, informando-lhe que não poderia ficar muito tempo nessa posição. Ela também receava que a cerca cedesse ao seu peso. Pela primeira vez na vida Tehmina desejou ser mais magra do que já era. Era tudo o que precisava... que uma parte da cerca quebrasse e ela tivesse que explicar por que a quebrou para a indignada Tara e para uma Susan de lábios apertados. Tehmina desejou que Cookie estivesse em casa para que ela usasse seu corpo atlético, flexível e leve para pular a cerca e servir de mensageiro para ela, levando consolo e esperança para os dois outros garotos. Mas, em vez disso, aqui estava ela, com seu estúpido corpo de meia-idade, sem jeito, preso na cerca, com uma perna pendurada de cada lado.

Uma lufada de vento entrou por debaixo do *salwar kameez* que ela estava usando, inflando-o como uma vela num barco. Ela se mexeu uma fração de segundo e, no instante seguinte, ouviu — ou talvez tenha sentido — sua calça folgada se rasgando. Ficou envergonhada. Como é que ela ia até a casa dos vizinhos agora, com a calça rasgada perto da bunda? Claro, o *salwar kameez* era provavelmente longo o suficiente para cobrir a visão pouco delicada de sua calcinha aparecendo pela *salwar* rasgado. Parada, ela olhou demoradamente para a cadeira vazia, contemplando a necessidade urgente de abandonar essa missão maluca e voltar para o calor confortável e seguro de sua casa. E se alguém a pegasse agora, uma velha de sessenta e seis anos encarapitada numa cerca que podia desabar a qualquer momento? Certamente iriam trancá-la em algum asilo americano, onde médicos mal-encarados a veriam como um espécime de algum outro planeta. Os meninos provavelmente estariam bem, talvez estivessem acostumados às surras eventuais da mãe. E ela, na verdade, não fizera nada que não pudesse ser desfeito — ela não havia gritado com Tara para que parasse a surra, não havia consolado os meninos soluçantes, ainda não batera à porta deles como pretendia. Não, tudo o que fizera até agora fora se colocar numa situação tal onde se encontrava plantada em cima da cerca como uma bandeira no topo de uma montanha.

A lembrança da voz chorosa de Jerome a fez seguir em frente. Tehmina se forçou a se mexer até que a segunda perna viesse lentamente para o outro lado da cerca. Apesar do frio intenso, seu rosto transpirava do esforço físico e

mental que estava fazendo. O que tinha lhe acontecido?, ela se perguntava. No colégio havia pistas de corrida e ela praticava corrida com obstáculos. Será que nada daquela moça atlética e forte estava mais vivo nela? Será que a moça estava enterrada sob o tempo e montes de reclamações sobre artrite e dores musculares? Será que não sobrara nada por baixo das camadas de Bálsamo de Tigre e Iodex?

Porque ela agora precisava dessa garota. Tehmina sabia disso ao avaliar a altura de quase um metro e oitenta, de cima da cerca, onde se encontrava agora, até o chão do quintal de Antonio. Ela havia se esquecido de que não havia deque do lado dele, nenhuma área construída para reduzir sua queda do outro lado da cerca. Uma rajada de vento congelou o suor de seu rosto. Seus olhos se encheram de água, porque estava com frio e tinha medo. E se torcesse o tornozelo? Ela, que estava aqui numa operação de salvamento, teria de ser salva. Passaria, num instante, de salvadora a vítima. Em vez de ver se os garotos estavam bem, os pobres Josh e Jerome teriam de cuidar de sua visita desajeitada, que teria caído em seu quintal como um pássaro pesado e desengonçado com a asa quebrada.

— Tehmina! — Rustom chamou. — Pelo amor de Deus, *janu*. Apenas dê o maldito *salto*.

Tehmina se admirou com o som da voz do marido, tão claro que podia ter vindo de alguém atrás dela. E, pelo resto de vida, acreditou que ele realmente estivera lá, atrás dela no deque, e que a tinha empurrado, sem tanta delicadeza assim, para fora da cerca. Porque a próxima coisa que viu foi que tinha perdido a sua posição, e, mesmo antes de largar a cerca, já estava posicionando os pés para uma aterrissagem correta. Tehmina caiu meio ajoelhada. O chão estava tão frio que ela imediatamente usou a palma das mãos para se pôr de pé, deixando-as com pequenos arranhões. Ficou parada e em pé por um minuto, esperando que o corpo não a deixasse na mão agora, que não a surpreendesse com alguma nova dor aguda. Mas ela estava ótima.

Rapidamente, tomou o caminho para os fundos da casa. Subiu os dois degraus que levavam à porta da cozinha e bateu. Não houve resposta. Protegendo a vista da luz do sol, encostou o rosto no vidro e olhou para

dentro. Não havia sinal dos meninos. Se não soubesse que estavam lá, ela certamente teria achado que não havia ninguém em casa. Seus olhos viram uma grande mancha castanha no piso de cerâmica clara, os pratos sujos na pia. Mas nenhum sinal dos garotos.

Ela bateu mais forte dessa vez.

— Josh. Jerome! Abram a porta. É Tehmi, a vovó do Cookie. Da casa ao lado.

Nenhuma resposta. Tehmina começou a entrar em pânico, mas procurou se conter. Tentou a maçaneta, que cedeu sem esforço. E, sentindo-se uma intrusa, entrou na cozinha desarrumada. A voz dentro de sua cabeça reboava como um alarme de incêndio. Você não deveria estar aqui, ela dizia a si mesma. Você pode ir para a cadeia por isso, invadir a casa de outra pessoa. Talvez devesse voltar, e ninguém saberá que esteve aqui.

Seus pés tinham vontade própria. E a levaram para a sala de visitas. Ali Tehmina percebeu duas coisas ao mesmo tempo: a primeira, parecia que alguém tinha lutado ali naquela sala. Havia papéis e caixas de pizza por toda parte. As quatro almofadas do sofá estavam no chão. Dois cinzeiros transbordavam seu conteúdo sobre a mesa de centro imunda; depois, notou um movimento entre o canto da parede e o móvel da TV. Josh e Jerome estavam agachados naquele canto, juntinhos um do outro e tão silenciosos quanto ratinhos. Eles eram a única coisa bonita nessa sala horrorosa, Tehmina pensou.

Tehmina olhava com uma expressão grave os meninos beberem chocolate quente devagar na sua cozinha. Começava a compreender a magnitude do que tinha feito. Ela havia convencido duas crianças assustadas a deixarem a sua casa. Na saída pegara um banco do bar, e o usaram para pular a cerca e cair na cadeira que os esperava no deque do outro lado. Em outras palavras, raptara duas crianças de sua própria casa. A mãe deles voltaria para casa a qualquer instante, e quanto tempo ela levaria para descobrir o banco perto da cerca e entender o que tinha acontecido? E agora ela estava sentada com os dois meninos que havia sequestrado numa casa que não lhe pertencia, residência de

uma mulher que dissera claramente que não queria se envolver com os vizinhos problemáticos da casa ao lado.

— A que horas sua mãe vai voltar? — ela perguntou e percebeu como a expressão de Jerome ficou fechada.

— Não sei. — Ele deu de ombros. — Ela foi para a casa do Ernie. Pode demorar duas ou três horas.

Tehmina viu os meninos olhar para ela, esperando que fizesse alguma coisa. Mas ela se sentiu pesada, preguiçosa e incapaz de pensar, como se tivesse gasto toda a sua energia na aventura maluca de há pouco.

— Como está seu lábio? — ela perguntou a Josh.

Ela já o havia limpado. E vira como seus olhos se encheram de lágrimas quando passara o antisséptico. O menino também tinha um hematoma feio acima do olho esquerdo, que Tehmina tinha lavado com água oxigenada e água quente. Olhando para isso agora, ela pensou na tintura de iodo que sempre tinha à mão no seu armário de remédios em casa. Até onde sabia, ninguém nos Estados Unidos possuía tintura de iodo em casa.

— Está bem — Josh murmurou. — Só dói quando sorrio.

Ele parecia tão subjugado que o coração de Tehmina se partiu. Aquela mulher malvada quebrara o espírito desse menino bonito, ela pensou. Como pisotear uma flor.

— Bom, se dói quando ri, não ria, burrinho — disse Jerome, e havia algo cruel e perverso em sua voz.

Já está acontecendo, pensou Tehmina. A maldade da mãe está penetrando nas veias de outra geração, gota a gota, como café na cafeteira toda manhã.

— Não fala assim com seu irmão, meu filho — ela disse automaticamente, e não esperava o olhar furioso que viu na cara de Jerome.

— Quero ir para casa — ele anunciou. — Minha mãe estará em casa logo.

Tehmina entrou em pânico. Ela pensou que não deixaria os meninos retornar àquela casa de jeito nenhum. E essa certeza a impulsionou a agir.

— Quer comer alguma coisa? — ela perguntou. — Quer uma fruta? Não? Uma tortinha de espinafre? — Ela vasculhou a geladeira e, em silêncio, amaldiçoou sua falta de sorte. Eles tinham comido fora tantas vezes devido aos feriados que a geladeira, sempre abarrotada de comida, estava totalmente vazia. Sem costeletas, bolinhos de carne ou arroz com curry. Não que os meninos fossem gostar dessas coisas. Ela teve uma inspiração súbita. — Já sei — ela disse. — Que tal um sanduíche de queijo quente? Com batatas fritas para acompanhar?

Ela deixou os meninos entretidos com seus sanduíches de queijo e foi para a sala de visitas usar o telefone. Hesitou por um instante e aí ligou para a secretária de Sorab.

— Janet? — ela disse. — O Sorab está? É a mãe dele.

— Ah, oi, Tammy — Janet respondeu. — Lamento, mas ele está em reunião a tarde toda. Mas posso interrompê-lo se for uma emergência.

Será que o fato de ter dois garotos sentados na cozinha sem a permissão ou o conhecimento da mãe deles era uma emergência? Tehmina visualizou o olhar de horror no rosto do filho quando ela lhe contasse. Nesse país, será que eles mandavam alguém para a cadeia por isso... entrar na casa de alguém e levar seus filhos embora? E como poderia contar ao filho como tinha feito isso, pulando a cerca como um ladrão de joias? Ela podia acrescentar que andou pelos telhados de todas as casas da vizinhança e desceu pelas chaminés. De repente, inexplicavelmente, sentiu vontade de soltar uma risada. Estou ficando doida, ela pensou.

— Não — ela disse a Janet ao telefone. — Não precisa. Não é nada importante. Eu queria fazer uma pergunta para ele. Bom, feliz Natal para você, querida.

A campainha da porta tocou assim que desligou, e, por um segundo, ela congelou de pavor. Com certeza era Tara. Ela devia ter voltado enquanto Tehmina estava ao telefone e devia ter imaginado que os filhos eram reféns na casa ao lado. Tehmina sentiu náuseas. Sabia que não tinha direito de segurar aqueles meninos ali. Mas também sabia, mais do que qualquer outra coisa, que Tara não tinha direito àqueles meninos também, que perdera o seu direito

natural de ser mãe com sua crueldade e sua brutalidade. E ela, Tehmina, não pretendia entregar os meninos a Tara sem briga.

— Vovó — ela ouviu a voz amada berrar. — Vem logo e abre essa porta! Está frio aqui fora.

Ela achou que ia desmaiar de alívio. Claro, era Cookie, voltando da casa de Bill Steinberg, onde fora passar o dia. A caminho da porta, ela parou, acometida por outro pensamento: sob nenhuma circunstância permitir que Mary Steinberg, que estava trazendo Cookie de volta, entrasse.

— Estou indo! — ela gritou, mas foi até a cozinha.

— Sabem brincar de estátua? — ela perguntou aos meninos, atônitos, e quando eles balançaram a cabeça, disse: — Quando eu disser “Estátua”, vocês param como estiverem e ficam congelados naquela posição. Não pode falar, nem andar, nem se mexer. Vamos fazer uma rodada de teste. Vocês não podem se mexer até eu dizer “Estátua” de novo, tá?

Tehmina viu Jerome olhar com arrependimento para o último pedaço do sanduíche, mas os dois meninos ficaram parados feito estátuas enquanto ela fechava a porta e se dirigia ao hall de entrada. Ela abriu a porta para Cookie e Mary, seus rostos corados pela espera no frio.

— Desculpe, desculpe — ela disse. — Estava no meio de alguma coisa. Há tanto por fazer, preparando coisas para o Natal. Tenho certeza de que compreende.

Mary deu um risinho.

— Bem, a gente não celebra o Natal. Mas sei o que quer dizer. — Ela fez uma leve menção de entrar na casa atrás de Cookie. — Precisa de ajuda com alguma coisa?

Tehmina não afrouxou seu controle na porta de entrada. Nem cedeu nenhum centímetro de seu território.

— Ah, Deus, não. São coisas que eu mesma tenho que fazer. — Ela segurou Cookie pelos ombros e o puxou para o seu lado, bloqueando assim a passagem de Mary. — E, agora que Cookie chegou, tenho uma preocupação a menos. Muito obrigada por trazê-lo de volta, Mary.

— Ah, claro, sem problema. — Mary estava olhando para ela com um ar estranho. — Bom, então acho que vou voltar para casa. — Ela se aproximou de Cookie. — Tchau, mocinho. Você vem outro dia para brincar de novo, tá?

Cookie acenou.

— Ah, esqueci de contar ao Billy. Você pode dizer a ele que vou ganhar um Pneumatic Power Destroyer de Natal? — Ele olhou para a avó. — Pelo menos é o que eu espero.

Eles ficaram na porta até Mary Steinberg entrar no carro e partir. Então Tehmina se virou para o neto e disse:

— *Ae*, Cookie, temos visitas.

— Visitas? — Cookie perguntou. — Quem? Quem é?

— Certo, calma, calma. Estão na cozinha. São Jerome e Josh, da casa ao lado.

— Jerome e Joshy? Obaaa! — Cookie saiu correndo para a cozinha.

— “Estátua” — Tehmina disse, e Jerome imediatamente pôs o último pedaço do sanduíche na boca.

— Ei, vocês vieram brincar? — Cookie perguntou. Então, notando o hematoma na cara de Joshua, disse: — Ei, que aconteceu, Joshy?

— Minha mamãe me bateu.

Cookie olhou para ele sem compreender.

— Você caiu, é o que quer dizer? — ele enfim perguntou.

Jerome bateu com a mão na mesa da cozinha.

— Não, ele quer dizer que nossa mãe bateu nele. Ela nos bateu por sermos maus. — Seu rosto estava vermelho e raivoso. Ele também parecia estar prestes a chorar.

— Meninos — disse Tehmina —, sem gritar, por favor. Precisamos ficar quietos. E pensar. Pensar. — Ela olhou em volta e viu três rostos jovens olhando para ela, esperando sua orientação, esperando que desse sentido à vida deles. Ela não se sentia à altura da tarefa. Queria lhes dizer que estava tão confusa quanto eles. Que ela, como eles, também não sabia o que fazer. Em vez disso, ao ver o olhar lacrimoso do neto, esbravejou: — Cookie! Quero que vá para o seu quarto e lave a cara. Você está todo sujo.

— Mas, vovó, tomei banho hoje de manhã! — ele protestou.

— Não quero saber... — ela começou, mas foi interrompida por uma risadinha. Era o Josh.

— Está todo sujo — ele repetiu, esfregando o nariz.

Cookie lançou um olhar olha-o-que-você-fez para a avó. Mas ele se dirigiu ao seu quarto marchando escada acima com bastante barulho para garantir que sua irritação fosse notada.

Tehmina se sentou abruptamente. A coisa toda estava escapando ao controle, como um novelo que cai no chão e fica rolando e emaranhando. Como foi tola ao pensar que poderia ajudar esses pobres meninos. Além de dar um sanduíche de queijo quente e uns poucos presentes no Natal, havia muito pouco que pudesse fazer. Ela não podia protegê-los da cólera e da ignorância da mãe deles. Nem podia salvá-los de seu destino. Pensou em todos os anos em que foi voluntária num orfanato em Bombaim, como ela e outras mulheres parses vendiam tortas para levantar dinheiro. Lembrou-se das crianças abandonadas que ela ninava, dos bebês que banhava e vestia durante sua visita semanal ao centro. Será que tinha alterado ou salvado uma única vida com seus esforços? Provavelmente não. Claro que havia trazido um pouco de conforto, um pouco de alegria para algumas daquelas crianças. Mas isso era tudo. Foi ela que saiu ganhando, pois, a cada visita, se sentia mais sábia e enriquecida ao sair. E essa é a questão — ao sair. Tehmina ia para casa e voltava à vida que tinha com o marido e o filho. E o mesmo aconteceria com esses meninos à sua frente, com a cara triste como uma carteira perdida. A carteira não lhe pertencia; ela teria que devolvê-la ao seu dono legítimo, que não valia nada. Estava resolvendo o que dizer aos meninos, como fazê-lo, quando Cookie reapareceu na cozinha. Um olhar para sua cara suja lhe dissera que ele não fizera o que a avó pedira.

— Você lavou o rosto como eu lhe pedi? — ela perguntou.

— Não, não lavei, vovó. Estava ocupado — Cookie disse, com ar de superioridade.

— Ocupado? Ocupado fazendo o quê?

Cookie olhou para Jerome e Josh e baixou o tom de voz.

— Acabei de ligar para a polícia.

— VOCÊ FEZ O QUÊ? — Tehmina gritou, incrédula.

— Liguei para a polícia — Cookie repetiu. — Então, olhando para a cara perplexa da avó, disse: — Isso é o que aprendemos na escola, é o que devemos fazer quando um adulto bate numa criança.

Jerome pulou da cadeira.

— Seu burro! — ele berrou. — Por que foi fazer isso? Agora a mamãe vai ficar realmente furiosa. Ela com certeza vai me dar um chute na bunda. — Ele se virou e agarrou o braço do seu irmãozinho. — Vamos, Joshy. Vamos para casa.

Joshy começou a chorar.

— Não quero ir pra casa — ele soluçou. — Quero ficar aqui com essa senhora. Ela é boa. — Ele olhou, com os olhos grandes e úmidos, para Tehmina. — Você pode me dar mais batatas?

Tehmina viu os três rostos levantados para ela, esperando sua decisão.

— Está bem — ela disse, mais alto do que pretendia. — Vamos nos acalmar. Vamos todos nos acalmar. Precisamos pensar. — Virou-se para Jerome. — Ninguém vai sair desta casa até que eu diga, entendeu? Agora quero que vocês, crianças, fiquem sentadas em silêncio enquanto eu... eu vou dar um telefonema.

Lançando um olhar perdido para o neto, Tehmina voltou para a sala de visitas. Agora ela realmente precisava falar com Sorab, agora que Cookie tinha feito essa besteira. Tehmina tirara o fone do gancho quando a campainha tocou. Ai, meu Deus, certamente eles não poderiam ter chegado tão rápido. Ficou imóvel por um instante, o telefone ainda na mão, quando viu um movimento pelo canto do olho. Era Cookie saindo da cozinha e indo direto para a porta da frente. Antes que ela pudesse pará-lo, o neto tinha aberto a porta, e três policiais, dois de farda e um à paisana, entraram.

Ela pôs o telefone no gancho.

— Lamento, mas acho que houve um engano — ela disse, forçando um sorriso. — Meu neto não entendeu o que está acontecendo e...

O policial ruivo parou de olhar em volta e focou nela.

— Boa tarde — ele disse sem inflexão. — Sou o policial Bruce, e este é meu parceiro, policial Curtis. E este é Luke Johnson, do *Daily Mirror*. Ele está nos acompanhando hoje. E você é a dona desta casa?

— Sim. Não. Quero dizer, estou visitando meu filho. Da Índia. — Tehmina sabia que estava parecendo atrapalhada e tentou controlar suas emoções.

— Entendo. E o seu nome é, senhora?

— Tehmina Sethna. Também conhecida como Tammy.

Depois de fazer com que ela soletrasse seu nome, Bruce levantou os olhos de seu caderno de anotações e a fitou com cenho franzido.

— Certo, senhora Sethna, o que temos aqui? Parece que recebemos um chamado porque havia algum problema com o vizinho. A senhora ouviu a mãe bater nas crianças?

Tehmina desejou ardentemente que Sorab e Susan estivessem em casa agora. Como é que uma pessoa nos Estados Unidos se dirigia aos policiais?, ela se perguntou.

— Bom, ela não estava exatamente... quer dizer, você sabe, não vi realmente nada...

— Eles estão aqui! — Cookie berrou. — Na cozinha. E o Joshy tem uma enorme mancha roxa onde a mãe bateu nele.

Os dois policiais se entreolharam, e Tehmina viu o terceiro homem abrir seu caderno de notas e dar um passo em sua direção.

— Eles estão aqui? — o policial Curtis perguntou. — Como eles chegaram na sua casa? Eles fugiram ou algo assim?

Tehmina engoliu em seco. Sentiu o rosto ficar vermelho. Como será que era a cadeia nos Estados Unidos?, ela se perguntou. Certamente não teria ratos, como nas cadeias da Índia. Ela morria de medo de ratos.

— Eu... fui... buscá-los — ela gaguejou. — Depois que a mãe deles saiu de carro. Eu... fiquei preocupada. Só queria ver se estavam bem. E quando vi o menorzinho sangrando, eu apenas... apenas quis trazê-los aqui e consolá-los. Você sabe, dar-lhes algo para comer e um chocolate quente.

O policial Curtis deu um ligeiro sorriso, e o ar na sala ficou visivelmente mais leve. Mas imediatamente ele voltou a ficar sério.

— A mãe já voltou para casa? Ela sabe que os filhos estão aqui?

— Eu ainda não ouvi o carro voltar. É barulhento, talvez um cano de escape furado... mas estava esperando por ele.

— Aposto que sim — o policial Bruce resmungou, mas Tehmina o ouviu e ficou pensando no que ele queria dizer com aquilo. Será que iam acusá-la de sequestro? E, se sim, como será que Susan e Sorab sobreviveriam a isso? Será que ela havia posto em risco o futuro deles com seu ato impensado? E como será que Persis e todos os outros da Índia reagiriam às notícias?

— Bem, vamos ver as crianças, sim? — disse Curtis, e todos foram para a cozinha, com Cookie todo excitado abrindo caminho.

Tehmina viu Jerome se acovardar quando os policiais entraram na cozinha. Ela reparou que Josh havia se servido de mais batatas.

— E aí, meninos? — disse Curtis, com a voz baixa e calma. Ele desarrumou os cabelos de Joshua. — Parece que tem um belo olho roxo aqui, guri. O que aconteceu?

— Minha mamãe bateu na gente. Por ter ficado no frio em vez de entrar e lavar os pratos, como devíamos ter feito. Ai! — Ele deu um berro quando Jerome o beliscou. — Por que fez isso?

Jerome olhou para ele e depois se virou para os policiais.

— Ele está mentindo — falou. — Ele apenas caiu e se machucou.

— Entendo. — Curtis mordeu o lábio inferior. — E onde está sua mãe agora, guri? Ela está em casa?

— Não — Jerome respondeu. — Ela está com o namorado.

Tehmina viu Curtis lançar um olhar de alerta para o parceiro.

— A-hã. — Sua voz era amigável e descontraída. — Ela sempre faz isso? Deixa vocês em casa, sozinhos?

— Nem sempre. Só algumas vezes, quando precisa resolver alguma coisa.

— Quando ela precisa ficar longe da gente — Josh disse com sinceridade, e a inocência em sua voz rasgou o coração de Tehmina. Ela sentiu,

mais do que viu, que as palavras do menino haviam afetado os outros adultos da mesma maneira.

O policial Curtis sorriu com brandura e pôs os braços em volta de Josh.

— Por que ela iria precisar ficar longe de você, garotão? — ele perguntou.

— Porque sou um problema. Eu a deixo louca.

Espantada, Tehmina percebeu que Josh estava se gabando e que havia algum tipo de orgulho distorcido em suas palavras.

— E o que ela faz quando você a deixa doida? — A voz de Curtis era baixa e suave como um motor bem lubrificado.

— Ela bate... — Josh mordeu a língua e olhou ansioso para a cara do irmão, procurando orientação. — Eu caí e machuquei meu lábio — ele disse.

O policial Curtis se empertigou, e Tehmina notou o brilho de seus olhos cinza.

— Bom, vamos até a sua casa dar uma olhada, hein? — ele convidou. O policial parou, como se atingido por uma ideia. — Como chegou à porta da frente, senhora? — ele perguntou. — A mãe a deixou destrancada? Ou as crianças abriram para a senhora?

Tehmina olhou para ele, abriu a boca, mas as palavras não saíram. Ela percebeu que os olhos do policial estavam se estreitando enquanto esperava por uma resposta. Ó meu Deus, ele acha que estou mentindo ou escondendo alguma coisa, ela pensou.

— Eu pulei — ela desembuchou. — Passei por cima da cerca. Isto é, no quintal. Eu... eu não quis dar a volta. Muita gente bisbilhotando, sabe?

Agora foi a vez de os policiais olharem espantados para ela.

— Pulou a cerca? Neste tempo? — o policial Bruce perguntou. Seu olhar disse o que ele, por educação, não quis dizer: *com esse corpo velho e fora de forma?*

O terceiro homem, que estivera tomando notas furiosamente, disse pela primeira vez:

— Eu gostaria de ver a cerca.

O policial Bruce deu um risinho.

— Aposto que sim. — E se virou para Tehmina. — A senhora se importaria de nos mostrar como?

Tehmina sentiu o rosto pegando fogo enquanto abria as portas de correr e saía para o deque. A cadeira ainda estava onde ela a havia deixado. Tehmina apontou para ela, com um olhar suplicante.

— Fiquei em pé naquilo — ela disse. — E aí, você sabe, passei por cima.

O oficial com o bloco de notas — que Tehmina percebeu ser apenas um homem jovem, com menos de vinte anos — caiu na gargalhada.

— Mas isso é incrível! — ele disse. — Eu queria ter uma foto disso.

Tehmina corou. Esse juvenzinho estava rindo dela? Mas o rapaz, que Tehmina presumiu que fosse um policial à paisana, tinha uma expressão aberta e ingênua, e ela notou que os olhos dele brilhavam quando a olhava.

Curtis pigarreou.

— Bom, não vou pedir para a senhora mostrar como — ele disse, dessa vez com um sorriso na voz. — Mas foi um feito o que a senhora fez. — Ele olhou por cima da cerca. — Quantos anos mesmo a senhora disse que tinha?

— Sessenta e seis — Tehmina respondeu, e pela expressão deles ela podia ter dito que tinha duzentos.

O vento de dezembro deu uma nova lufada, e Tehmina tremeu. Notando isso, o jovem rapaz ergueu os olhos do bloco de notas e disse:

— Um dia um bocado frio, ainda que sem neve. É melhor a gente entrar.

Dessa vez, não havia dúvida da simpatia que o rapaz demonstrava por ela. Tehmina ficou feliz. Os policiais Bruce e Curtis eram educados e corteses, mas havia algo distante e duro em seu jeito. Talvez os cabelos cortados rente. Talvez o corpo pétreo e a postura ereta, que fazia com que parecessem robôs. Em contraste, o rapaz, de jeans e suéter parecia pequeno, em escala humana, e acessível. Ela retribuiu o sorriso.

Uma vez dentro de casa, ela mandou Cookie para o quarto. O pequenino já vira o bastante. Ela estava buscando um argumento para convencê-lo quando o policial Curtis virou para o menino e disse que o estava recrutando para ir para o quarto e montar guarda. Para seu espanto, Cookie se virou e saiu da cozinha sem dizer uma palavra.

O rapaz com o bloco de notas sentou à bancada da cozinha com Josh e Jerome e falou com eles num tom baixo e agradável. Apesar de escrever sem parar no seu bloco de notas, ele não tirava os olhos dos meninos. Tehmina queria se juntar a eles, mas estava ciente da presença dos outros dois policiais perto das portas de vidro. E queria ter certeza de que ouviria o que quer que estivessem discutindo. Passou perto deles por alguns minutos, e o policial Bruce se virou para ela.

— Então — ele disse, como se continuasse uma conversa — vamos fazer o seguinte, dona. O Curtis vai levar as crianças para o Conselho Tutelar enquanto espero a mãe voltar.

Tehmina sentiu um baque no estômago.

— O que você quer dizer? Levar os meninos para o Conselho Tutelar? — ela sussurrou. — O que significa exatamente isso?

O policial Bruce levantou uma sobrancelha, como se estivesse surpreso com a pergunta.

— Bom, dona, vamos ter que levar a mãe para a delegacia. E obviamente esses meninos não podem ficar sozinhos. A gente precisa dar início ao processo... a senhora sabe, ver se tem parentes com quem possam ficar temporariamente. É assim que as coisas são feitas neste país — ele acrescentou.

Tehmina procurou uma cadeira, sem saber se podia confiar nas suas pernas para mantê-la de pé, e fechou os olhos. Por favor, faça com que tenham desaparecido quando voltar a abri-los, ela rezou. Por favor, faça com que isso seja um pesadelo.

— Quer um copo d'água, dona? — o policial Curtis estava perguntando quando ela reabriu os olhos.

Ela lutou para não perder a pose.

— Não, obrigada — ela respondeu. — É só que... Veja, nunca pensei em criar problemas para Tara. E esses meninos amam a mãe, então, se você levá-los, não sei o que... Eu só estou me sentindo péssima com tudo isso.

— Dona Tammy. — Era o rapaz do bloco de notas, que havia deixado os meninos e agora estava atrás dela. — A senhora não devia se sentir mal por

nada disso, dona. A senhora é... é uma heroína. Posso lhe dizer que muitos americanos não teriam feito o que a senhora fez.

E esse era exatamente o problema, pensou Tehmina, visualizando a cara de desaprovação que Susan faria. Eu agi como uma típica indiana, interferindo e metendo o nariz em coisas que não me diziam respeito. Ela se virou para os dois policiais, em desespero.

— A gente pode... esquecer tudo isso? Quero dizer, eu nem liguei para vocês, sabe? Foi o meu neto... e ele se enganou.

Curtis deu um sorriso amarelo.

— Ao contrário, dona. Ele fez exatamente o que precisava ser feito.

— Tal como a senhora — o rapaz acrescentou rapidamente.

Apesar de sua confusão, Tehmina percebeu a força na voz dele, a necessidade de acreditar em alguma coisa, e ficou lisonjeada e irritada ao mesmo tempo.

— Tá — o policial Curtis disse com sua voz de comando. — Receio que estejamos perdendo tempo aqui. Queremos tirar os meninos daqui antes que a mãe deles volte. E, como é véspera de Natal, a papelada toda vai levar o dobro do tempo normal. — Ele foi até onde Josh e Jerome estavam sentados. — Vamos lá, meninos. — Ele sorriu. — Vamos dar um passeio. Já andaram numa viatura policial antes?

— Nós?! — Josh disse, mas Jerome fitou o policial com uma expressão triste.

— Para onde nós vamos? — ele perguntou.

O policial Curtis estava começando a transpirar.

— Vamos dar uma volta de carro, filho — ele disse. — E aí vocês vão passar a noite com umas pessoas legais, tá? Vocês têm algum parente por aqui?

De repente Tehmina conseguiu falar:

— Eles podem ficar aqui.

Ela enfrentaria a ira de Susan, disse a si mesma.

O policial Curtis pareceu irritado.

— Isso não dá, senhora — ele disse laconicamente. — Há um processo a ser seguido. — Ele se voltou para os meninos. — Talvez haja algum parente

favorito com quem gostariam de passar o Natal?

— Eles têm um tio — disse Tehmina. — Ele... Essa casa é dele, a casa do lado. Ele e a mulher agora vivem em... — Ela não conseguia lembrar o nome do lugar para onde Antonio se mudara. — Peraí. Nós temos o telefone dele no caderninho. — Ela saiu correndo, evitando olhar os meninos nos olhos.

Quando voltou, Curtis estava em pé, com os dois meninos, perto da porta da frente. O que quer que tenha dito enquanto ela estava fora obviamente havia vencido a resistência de Jerome.

— Aqui está — ela disse, entregando o papel onde anotara os dados de Antonio.

Jerome disse com raiva:

— Velha escrota! — Olhou diretamente nos olhos dela, e Tehmina se encolheu como se tivesse recebido um direto no queixo.

Os olhos de Tehmina imediatamente se encheram de lágrimas, por culpa, dor e algo mais — um sentimento de empatia e pena por Jerome. Por ser responsável por aquela situação. Por não ter estado presente cedo o suficiente para evitar que se tornasse esse tipo de garoto que desrespeita os mais velhos.

— Ei, guri — disse Curtis, batendo de leve no ombro de Jerome. — Olhe essa boca.

— Espera — Tehmina disse, ao se lembrar dos presentes que comprara para os garotos. Ela se virou para Curtis. — Por favor, se não se importar. Eu comprei... quer dizer, tenho uns presentinhos para os meninos. De Natal. Estão no meu quarto. Se você puder...

Curtis sorriu.

— Vai em frente, dona. Pode ir com calma.

Os olhos de Joshy se arregalaram quando ele viu o presente embrulhado em papel colorido. Jerome, por um instante, fez de conta que não estava interessado, mas a curiosidade levou a melhor, e ele agarrou o presente que ela estava lhe entregando.

— Obrigado — ele murmurou, sem olhar para ela.

— Puxa vida! — Josh assobiou, pronto para rasgar o embrulho.

— Aqui não, parceiro — disse Curtis, segurando o pequeno pulso do menino. — Você pode abrir lá na viatura.

Ao abrir a porta da frente para deixá-los sair, Tehmina se surpreendeu ao ver um segundo carro de polícia na entrada. Em que momento eles haviam solicitado uma segunda viatura? Ela ficou na porta até os meninos embarcarem. Inexplicavelmente, Joshy se virou para acenar um adeus antes de entrar no veículo. Ela acenou de volta, apesar de sentir a boca cheia de bolas de algodão. O que foi que eu fiz?, ela pensou. Ai, Rustom, o que foi que eu fiz?

Quando entrou de volta, o policial Bruce estava no deque, olhando para ver se o carro de Tara estava chegando. Outro homem estava sentado na cozinha, escrevendo furiosamente no seu bloco de notas. Quando entrou na cozinha, ele levantou a cabeça e sorriu para ela. Tehmina sorriu de volta, agradecida por sua presença calorosa.

— Então, como está se sentindo? — ele perguntou baixinho.

Tehmina sacudiu a cabeça, sem se permitir responder. Ele estalou a língua, com simpatia, e lhe lançou um olhar que fez suas lágrimas brotar nos olhos sem cerimônia.

— Aquelas pobres crianças — ela começou.

— Elas têm sorte — ele disse, e novamente seu tom era seguro. — Pelo menos tiveram alguém que se preocupou com elas. Talvez agora tenham uma oportunidade na vida. E, não importa o que aconteça, eles sempre vão se lembrar deste dia.

Tehmina deu uma risada, que tinha o sabor de maçãs azedas.

— Sim, eles lembrarão do dia em que foram tirados da mãe.

— Não. O dia em que alguém os defendeu. O dia em que alguém disse que o que estava acontecendo com eles não era certo.

De repente, o rosto cansado e sujo de Tara apareceu diante dos olhos de Tehmina, e ela sentiu uma pontada de pena. Toda a raiva assassina que tinha contra a mulher havia desaparecido, deixando em seu lugar uma triste melancolia.

— Ela é tão nova... a mãe. E pobre. E sem muito estudo, sabe?

Ela queria que esse rapaz, tão limpo e claro em seu julgamento, em sua correção, entendesse alguma coisa da vida, sua falta de cor, seu lado escuro.

— Entendo — ele disse. — Então você sente pena dela?

Ele estava tomando nota de tudo, e, de repente, ela se tornou cuidadosa. Tehmina já ouvira falar sobre o policial bom e o policial ruim. Talvez isso fosse uma armadilha, e sua empatia e elogios fossem apenas uma representação. Talvez ele estivesse tentando fazê-la dizer que tinha pena de Tara para que pudessem também incriminá-la. Tehmina se sentiu velha, confusa e desorientada.

— Eu não sei — ela resmungou. — Tehmina deu uma olhada no jardim, onde Bruce caminhava de lá para cá no deque, esfregando as mãos contra o frio. — Seu parceiro vai pegar um resfriado. Ele pode entrar e esperar — ela disse.

O rapaz olhou espantado para ela.

— Meu parceiro? Ele não é meu parceiro, dona Tammy. Quero dizer, não sou um policial. Sou um repórter, do *Daily Mirror*. Estou apenas acompanhando os caras hoje, você sabe, fazendo uma reportagem do tipo um-dia-na-vida. Desculpe, eu... eu achei que o Bruce tinha me apresentado quando chegamos. — Ele estendeu a mão. — Me chamo Luke Johnson.

— Ah. — Tehmina estava confusa. Por que ela achara que o rapaz era um policial? De perto, podia ver como ele era jovem. E o que era uma reportagem do tipo um-dia-na-vida? Deve ser uma coisa de Natal, ela decidiu. — Nós recebemos os dois jornais — ela disse vagamente. — Meu filho... ele gosta de ler. O *New York Times* aos domingos.

Luke sorriu.

— Fico feliz que *alguém* ainda o leia — ele disse. Então ele ficou calado por um tempo e depois voltou a conversar como se estivessem numa festa. — Sim, somos o menor dos dois diários. E estou surpreso que o grande Golias ainda não nos tenha devorado completamente. Tão poucas cidades têm dois diários, sabe? Mas a gente ainda sai ganhando com as nossas matérias todos os dias.

— Sei — Tehmina disse, tentando segurar um bocejo. Ela ainda não estava entendendo o que esse jovem fazia na sua cozinha. Então, para ser educada, disse: — Em Bombaim, temos centenas de jornais. Parece que abre um novo a cada dia.

— Parece o paraíso. — O rapaz suspirou. — Bombaim. — Ele brincou com a sonoridade da palavra, como se fosse um pedaço de chocolate amargo que se revira na boca. — Eles agora chamam de Mumbai, não é? Esse é o meu objetivo, sabe? ser correspondente estrangeiro. Quero dizer, o *Mirror* é um jornalzinho bem combativo, mas quero viajar pelo mundo.

Tehmina sorriu.

— Então, por que está perdendo o seu tempo falando com uma velhinha tola, querido? — ela disse.

Educada com o sério e digno *Times of India*, Tehmina acreditava que notícias eram histórias importantes sobre política, inflação, corrupção governamental e política externa. Falar com uma mulher indiana doida, que havia pulado uma cerca para salvar dois meninos e brincado com o futuro deles, não se encaixava na sua definição de notícia.

Luke pôs a caneta na mesa para dar ênfase às suas palavras.

— Tá brincando? Isso é...

O resto da frase ficou inaudível com o ruído familiar do cano de escape do carro de Tara. Ambos ouviram, apesar de a porta de vidro estar fechada, e ficaram alertas e olharam para o policial Bruce. O homem agora estava sentado na cadeira que Tehmina puxara para perto da cerca, de modo que ele podia olhar para baixo e ver Tara estacionando sem que ela pudesse vê-lo. Bruce sinalizou para que Tehmina e Luke não saíssem da casa. Mais alguns segundos, e ouviram a porta do carro bater. Mais alguns segundos, e Bruce se levantou e veio para dentro da casa.

— Então — ele disse — a mãe está em casa. Pelo que nos contou — ele consultou o relógio —, ela ficou fora por mais de duas horas. — Ele se virou para Tehmina. — Hora de ter uma conversinha com a mãe — ele disse de maneira descontraída, mas Tehmina podia ouvir o tom metálico em sua voz. — E, dona, só queria lhe agradecer por ter feito a sua obrigação. Gostaria que

tivéssemos mais bons cidadãos como a senhora. — Ele olhou de relance para Luke. — Isso basta para você? Ou quer vir para a casa ao lado?

— Claro — disse Luke, fechando seu bloco de notas. — Se me der um minuto. — Ele tirou uma pequena câmera digital do bolso da calça e bateu uma foto de Tehmina, que ficou paralisada e cega demais com o flash para protestar. Luke lhe lançou um sorriso tão radiante quanto a luz da câmera. — Foi um prazer conhecê-la, dona Tammy. Feliz Natal.

— Feliz Natal — ela repetiu mecanicamente. A ironia se agarrou à sua garganta como o travo de uma fruta ácida.

Quinze minutos depois, ela viu da janela panorâmica da sala de visitas o policial Bruce levar Tara para a viatura policial. No sol fraco da tarde, Tara parecia pequena e encolhida. Tehmina tentou reviver a raiva que sentira por aquela mulher havia apenas algumas horas e descobriu que dela só havia a lembrança ou o sonho. Agora tudo o que sentia era uma pena sufocante por Tara, por Josh, por Jerome, por todos eles. Veja o que deu minha boa intenção, ela pensou. E se lembrou de um poema de Omar Khayyām:

*Move-se a mão que escreve e, tendo escrito,
Segue adiante: nem toda a tua Piedade ou teu Saber
A atrairão de volta, para que risque sequer metade de uma linha;
Nem todas as tuas Lágrimas lavarão uma só de suas Palavras.*

Tehmina subiu para encontrar Cookie, incerta de como estaria seu humor. Ela percebeu que teria de explicar ao neto que os acontecimentos dessa tarde deveriam também ser mantidos em segredo entre eles. Não havia razão para chatear Sorab ou Susan com isso, e também porque era Natal. Como um pano velho enfiado na garganta, esse segredo ia ser seu castigo por meter o nariz onde não era chamada.

Mas ela se viu em apuros. Não havia como manter os eventos dessa tarde em segredo para Sorab e Susan. Afinal, dois carros de polícia estacionaram diante de sua casa. Dois policiais fardados entraram em sua casa. Certamente algum dos vizinhos percebera a comoção toda. Se fosse em Bombaim, claro, pelo menos vinte vizinhos já teriam alertado Sorab. Apesar de sua cara séria,

Tehmina sorriu ao lembrar de quando sua vizinha, Mani Poonawalla, havia berrado com um Rustom indignado. Seu marido estava em casa havia alguns dias, de licença, por ter sentido dores no peito. Embora o médico tivesse decidido que era devido a uma indigestão, os exames de sangue haviam mostrado que as taxas de colesterol de Rustom estavam altas, um fato que Tehmina comentara sem pensar com Mani, sua vizinha do sexto andar, que imediatamente se autodesignou como guardiã da saúde de Rustom. No quarto dia de repouso do marido, Tehmina finalmente o deixou em casa sozinho por algumas horas para ir às compras com uma de suas amigas. Três horas depois que ela saíra de casa, o seu celular tocou. Era Mani, sem fôlego, que lhe informava que, na sua ausência, Rustom havia encomendado dois *kebajas* da Malásia da Loja Parse de Laticínios para serem entregues no apartamento. Acasos da sorte, o menino das entregas tocou na porta de Mani, em vez da de Rustom. A mulher prontamente confiscou a carne adocicada e depois ligou para Rustom a fim de repreendê-lo pela travessura. E, apesar de suas súplicas, ela agora estava ligando para Tehmina para lhe contar o que seu marido — que, de acordo com Mani, obviamente tinha vontade de morrer — havia feito. Na época, Tehmina não soubera o que dizer à fofoqueira da Mani — ela estava ao mesmo tempo agradecida e irritada com a intromissão da mulher. Mas Rustom não tivera dúvida. Por dias, ele falou e reclamou das maneiras chocantes dos vizinhos, como ninguém em Bombaim se preocupava apenas com a própria vida e o que ele ia fazer com a fofoqueira da Mani assim que estivesse bom. E que diabos a maldita mulher tinha feito com as *kebajas* dele? Ele queria saber. Muito provavelmente tinha enchido a boca grande com elas.

Sorrindo pela lembrança, Tehmina se pôs a caminho do quarto de Cookie, quando um pensamento lhe ocorreu. O velho Henderson. O vizinho da frente. A versão de Rosemont Heights de Mani Poonawalla. Com sol ou com chuva, ele, que parecia ter setenta e muitos, estava sempre no jardim varrendo folhas, tirando a neve, lavando a calçada. Durante uma visita, muitos verões atrás, Tehmina vira o velho escalar uma escada de metal alta e esfregar e lavar o telhado de sua casa. Ela concluía que era apenas mais um estranho costume americano, mas Susan assegurou que ninguém lavava o próprio

telhado e que era preciso ter uma obsessão compulsiva para fazer isso. Mesmo nos meses de inverno o velho estava sempre do lado de fora, nem que fosse apenas para andar de um lado para o outro de sua calçada. Na casa dos Sethna, Henderson se tornou o sinônimo de arrumação.

— Ei, amor, que você acha de dar uma de Henderson? — Susan perguntava a Sorab quando queria que ele fizesse algo tão impensável quanto reorganizar os temperos no armário da cozinha em ordem alfabética.

Ou Sorab dizia, em resposta a algum pedido da mulher:

— Quem você pensa que sou? O velho Henderson?

Agora Tehmina tentava se lembrar se vira o Henderson bisbilhotando esta manhã. O carro dele estava na entrada hoje? Ou será que o velhote saíra de casa e fora a algum lugar? Mas ela sabia, com o coração pesaroso, que Henderson provavelmente testemunhara toda a agitação do outro lado da rua. O que será que ele ia fazer? Será que, como Mani, telefonaria para Sorab ou para Susan? Ou será que esperaria encontrar com um dos dois na rua daqui a alguns dias; ou ainda, será que faria sinais para o carro de Sorab quando estivesse voltando do trabalho? Tehmina sentia pouca esperança nessa possibilidade. Era inevitável, ela sabia, que as crianças fossem informadas sobre os acontecimentos desta tarde, como era inevitável que ela teria de encarar Susan com os lábios apertados em desaprovação quando a nora descobrisse como flagrantemente Tehmina tinha desrespeitado seu pedido. Mas... talvez ela pudesse atrasar o inevitável, retardar o momento excruciante em que veria as reações de terror deles refletidas nos olhos. Se ao menos pudesse ganhar tempo até depois do Natal!, ela pensou, e permitiu que seu coração se animasse um tantinho com essa esperança.

Mas isso significava que teria de pedir a Cookie que guardasse mais um segredo dos pais. Mais um segredo que se somava àquele sobre terem comprado presentes para os meninos da casa ao lado. Não era justo sobrecarregar uma criança dessa maneira. É no que dá tentar ajudar os outros, ela repreendeu-se enquanto chegava no quarto de Cookie. É melhor você garantir que seu neto não se torne um mentiroso e um ladrão por causa da sua má influência.

MANHÃ DE NATAL. Como essas palavras tinham pouco significado para ele quando era apenas uma criança na escaldante Bombaim, pensou Sorab. Mas, agora, com um filho, que ele sabia que acordaria a qualquer instante e correria escada abaixo, tão leve quanto a chuva, Sorab aprendera a dar valor a essa manhã mais do que qualquer outra no ano. É difícil não ser romântico quando se é pai, ele refletiu. As crianças têm uma maneira de fazer com que você deixe a falta de graça do cotidiano tão cinzento para trás e se entregue ao vermelho-vivo e pulsante do coração do Universo.

Com um ouvido à espera do ruído dos passos de Cookie, Sorab pôs a água na chaleira para três xícaras de chá. Ele iria surpreender as duas mulheres que dormiam no andar de cima, levando-lhes chá na cama. Rasgou algumas folhas do pé de hortelã que mantinha na sala, amassou-as e as atirou na água. Em seguida, pôs açúcar nas três canecas amarelas que estavam enfileiradas na bancada da cozinha. Conhecia a rotina — uma colherinha para a mãe, duas para si mesmo e meia para Susan. Ficou tentado a pôr mais açúcar na caneca de sua mulher, afinal era manhã de Natal, mas resistiu à vontade. Para uma mulher que bebia café puro, era surpreendente que Susan pudesse sequer tolerar o chá doce e leitoso que sua mãe lhes preparava ao final de cada dia, para quando chegassem do trabalho.

A água estava quase fervendo — Sorab a olhava com atenção de maneira a acrescentar as folhas de chá-preto tão logo borbulhasse — quando o telefone tocou. Porra, ele murmurou para si mesmo. A campainha certamente incomodaria Susan e a mãe. Que idiota ligaria tão cedo? Ele deu uma olhada na água fervente, sem saber exatamente o que fazer e, então, bufando, abaixou o fogo. Ainda bem que ainda não havia adicionado o chá.

— Alô? — ele disse ao telefone, certo de que seria engano.

Ele ouviu uma respiração curta do outro lado da linha.

— Bom, fico feliz que esteja acordado — disse uma voz masculina que ele não reconheceu. — Provavelmente tramando como arruinar o Natal de mais alguém. Merda, depois de tudo o que fiz por você e por sua patroa...

Então era engano.

— Sinto muito — Sorab disse com calma. — Receio que tenha ligado para o número errado. — E desligou.

Mal se afastou, o telefone tornou a tocar. Dessa vez ele se mostrou irritado.

— Escute aqui — ele disse, mas sua voz foi soterrada por uma avalanche de palavras que vieram pela linha do telefone.

— Não me venha com esse “escute aqui”, Sorab — a voz disse. — Eu o conheço bem demais para você vir bancar o inocente. Não posso acreditar...

O homem dissera seu nome. E a voz tinha um sotaque familiar também.

— Antonio? — ele perguntou com cautela.

— Ah, bom, então você não é tão rico que tenha se esquecido dos velhos vizinhos. Eu estava pensando que a traíra da sua mãe tinha acabado com você também.

Sua *mãe*? Do que Antonio estava falando? Sorab tentou se lembrar da última vez em que vira o antigo vizinho. Antonio estava envelhecendo, ele sabia. Mas será que tinha algum tipo de demência? Mesmo assim, por que teria escolhido ligar para Sorab e ainda mais na manhã de Natal, meu Pai do céu? E onde estava a mulher dele? Por que não havia ninguém tomando conta dele?

— Antonio, posso falar com a Marita, por favor? — ele pediu.

A voz do outro lado da linha rugiu.

— Falar com a Marita? Ah, seu filho da mãe, minha patroa está tão desesperada que não para de chorar. A sua meia-irmã está na cadeia, e os sobrinhos miseráveis estão aqui conosco. Nós nem temos uma droga de presente em casa para eles. E tudo porque a sua maldita mãe não sabe cuidar da própria vida. E aqui estou eu, blasfemando contra o Senhor no dia de Natal. Que os céus me ajudem! E que Deus o livre quando... — A voz de Antonio de repente falhou. — Ah, Sorab, como você pôde? Fui eu que lhe contei sobre a sua casa, lembra? E é assim que você me retribui?

Um fio de pânico, como uma nota aguda de uma flauta, começou a se enrolar nas entranhas de Sorab. Ele lutou para não se deixar enredar nisso.

— Antonio, por favor. Acalme-se, homem. Do que você está falando? Tara está na cadeia? Por quê? O que foi que aconteceu?

A voz histérica se suavizou.

— Você está me dizendo que não sabe? — Então, com uma fúria desmedida, rugiu: — Ou está mentindo descaradamente? Porque se estiver, Sorab, juro que mato você com as minhas...

— Antonio, do que você está falando? Saber o quê? Estive no trabalho ontem o dia todo e, quando cheguei, só tive tempo de trocar de roupa para ir jantar com uns amigos. Estávamos todos fora até pelo menos onze horas...

— É, eu sei. Tentei falar com você ontem à noite, mas...

— Então como a gente ia saber o que aconteceu na casa ao lado? — Sorab continuou. Ele não tentou disfarçar a indignação em sua voz. — E, além disso, fomos vizinhos por quantos anos? Minha família não é de se meter ou interferir na vida dos outros. Não somos fofoqueiros, Antonio. Você sabe disso.

O interlocutor riu, um som seco e metálico.

— Não são fofoqueiros... não acredito... essa é boa, Sorab. Essa é muito boa mesmo. Talvez você devesse dar lições de boas maneiras à sua mãe.

Olha aqui cara, Sorab pensou. Mais uma piadinha a respeito da minha mãe, e você já era.

— Por favor, deixe a minha mãe fora disso — ele disse friamente. — Você não tem o direito de falar dela dessa maneira.

Ele ouviu o som de um engasgo.

— Não tenho direito... Sabe, agradeça à sua estrela da sorte que não moro mais aí do lado. Porque, se eu morasse, não dá nem para dizer o que faria com você. Mas é claro que, se eu morasse aí do lado, nada da rixa de ontem teria acontecido, certo?

Sorab olhou para a água fervente do outro lado da cozinha. Ele é um homem velho, disse a si mesmo. Não se irrite com ele.

— Eu vou lhe dizer pela última vez, Antonio, não tenho a menor ideia sobre...

— Vai pegar o *Daily Mirror* de hoje! — Antonio gritou. — Então a gente conversa. — E Sorab ficou segurando o telefone mudo nas mãos.

Abandonou a ideia de surpreender as duas mulheres com o chá na cama. Era um milagre que o telefone e os seus gritos não tivessem acordado ninguém, nem mesmo Cookie. Ele parou para escutar o barulho de passos no andar de cima, mas não ouviu nada. Com um suspiro, desligou o fogão e se dirigiu para a porta da frente. Melhor ver o que estava nos jornais que tanto irritara Antonio antes que os outros levantassem. Apesar de ele não ver como, mesmo que a mulher horrorosa do lado tivesse sido presa, isso pudesse estragar o Natal de sua família. Pegou um biscoito natalino da bancada ao sair da cozinha.

Sorab apanhou o jornal nos degraus da entrada, tirando com a mão a umidade do saco plástico que o embrulhava. Desdobrando-o, deu uma olhada rápida. A matéria de capa era sobre como as tropas estavam comemorando o Natal no Iraque hostil. Nada de novo ali. Então olhou a parte de baixo da primeira página e congelou. Tinha uma foto grande e colorida da mãe. Da mãe dele. Uma foto dela no jornal local. Será que era um erro de identidade? Uma manchete em negrito dizia: UM MILAGRE DE NATAL.

Ele foi andando para trás até a sala de estar, esbarrando na mesa de centro e despencando no sofá. Leu o artigo depressa, correndo pelas linhas para entender a essência da história, para compreender qual a explicação racional para o jornal ter uma foto de sua mãe. Seus olhos se estreitaram quando viu seu próprio nome impresso. Seu queixo caiu quando chegou no trecho que falava dela pulando a cerca, como se fosse algum tipo de heroína de histórias em quadrinhos. Agora tinha certeza de que o repórter a havia confundido com outra pessoa. *Mamma*, que se recusava a usar a academia do condomínio; *Mamma*, que precisava descansar se eles andassem rápido demais no parque; até parece que podia imaginar a mãe pulando a cerca! Isso era o mesmo que dizer que ela pulara por cima da lua. Mas, quando leu como a mãe tinha feito isso, seu coração começou a disparar. Mulher maluca. E pensar que ela trouxera — sequestrara — as crianças para esta casa. E se uma delas tivesse caído e quebrado o nariz? Será que ela já ouviu falar de seguro para terceiros?

Sobre ser processada? O que ela pensou, que aqui era a Índia, onde se meter na vida alheia é um passatempo nacional? E onde estava Cookie enquanto essa *tamasha* estava acontecendo? Por que ela chamara a polícia? Estava doida? Por que não disse nada sobre isso na noite passada, quando estavam jantando com os Vakil no Tanjore Palace? E o que diabos tomou conta dela para fazê-la falar com um repórter? Ele voltou à primeira página, olhou para a foto e percebeu o cabelo em desalinho e o sorriso desconfortável. Era um retrato horrível, ele concluiu. Nada parecido com a mulher sóbria e digna que ele conhecia e amava.

Mulheres, Sorab pensou, sacudindo a cabeça. Que criaturas traiçoeiras podiam ser. A imagem de Grace Butler toda arrumada surgiu diante dele. Ela provavelmente viria a saber da história. Ele se sentiu enjoado só de imaginar. Sabia o que ela iria pensar. Quem, exceto um ignorante terceiro-mundista, faria algo tão grosseiro quanto pular por cima de uma cerca para espionar o vizinho? *Mamma* tinha acabado de garantir a promoção do Gerry Frazier. Sorab sabia que a mãe de *Gerry* jamais faria uma coisa tão impulsiva e impensada.

Ele voltou à página em que a matéria continuava. Por que isso é notícia?, ele pensou. O país está em guerra, a economia, na latrina, a situação entre israelenses e palestinos, um caos, o mundo todo nos odeia, e isso é o que esses idiotas resolvem publicar no jornal? Uma velhinha desmiolada pulando a cerca é tão importante que chega à primeira página? Que país mais banal, de pessoas idiotizadas, isso se tornou, ele pensou. Sorab lembrou de ter lido em algum lugar que os dois maiores itens de exportação dos Estados Unidos eram armas e diversão e como isso lhe soara como um epitáfio, sintomas de uma civilização em declínio. Bombas e Michael Jackson, isso é o que importamos, ele pensara na época.

Mas Sorab tinha coisas mais importantes a pensar do que no lento desaparecimento do país. Olhou para o pequeno retrato em preto e branco de Tara saindo escoltada, e a sua cara feia o fez sentir um arrepio. O que aconteceria a essa mulher? Será que a mandariam para casa em poucos dias? E, se esse fosse o caso, o que ela e o namorado medonho fariam a eles? Depois

desse incidente, morar ao lado de Tara seria torturante. Agora a mulher teria razão, porque *Mamma* havia claramente ultrapassado os limites, tinha ido além. E o resultado tinha sido uma mãe que perdera o direito a seus filhos. Olhando para a feição dura e impiedosa de Tara, Sorab tinha certeza de que não era o tipo de mulher que os deixaria esquecer do fato tão cedo.

Precisava contar a Susan. O estômago de Sorab se contraiu ao pensar em como a mulher reagiria. Ele se lembrou que a esposa tinha expressamente recomendado à sua mãe que não se metesse com o pessoal da casa ao lado. E *Mamma* tinha simplesmente e totalmente ignorado o pedido. O que havia dado nela? Num momento de fraqueza, uma imagem surgiu diante dos olhos de Sorab — a imagem de seus pais recebendo Percy, perdido e miserável, na casa deles. Como ficara orgulhoso deles. Mas isso é diferente, disse a si mesmo com decisão. Aqui ela é uma estrangeira no país, seus papéis da imigração ainda não estão prontos. E, convenhamos, é uma hóspede nesta casa. Quero dizer, graças a Deus, Susan é o tipo de mulher que concorda em deixar que *Mamma* viva aqui. Não conheço muitas mulheres americanas que estariam dispostas a ter a sogra morando com elas. E Susan tem sido tão bacana com isso tudo. Do jeito que mamãe vive se lamentando pela casa...

Sorab percebeu que estava com medo de Susan. Estava com medo de sua reação, sua explosão, sua raiva, quando descobrisse como a sogra havia ignorado o seu pedido. E, depois, dar com a língua nos dentes para o jornal. Talvez isso fosse a última gota. Talvez eles tivessem que reavaliar o convite para *Mamma* morar com eles para sempre. Sorab descobriu que estava tremendo de raiva e indignação. O bom humor matinal tinha desaparecido como um barco na tempestade. As luzes piscantes na enorme árvore de Natal agora pareciam estar debochando do seu bom humor natalino. Agora temia o som dos passos impacientes de Cookie na escada. O feliz Natal já era, ele pensou, melancólico, enquanto subia a escada para o seu quarto.

Apesar de seu mau humor, a visão de Susan dormindo mexeu com ele, como sempre fazia. Sorab viu uma diminuta ruga que surgia na testa dela, e seu coração amoleceu com a visão. Susan sempre tivera uma beleza simples e brejeira que o atraía e, ao envelhecer, descobriu que, para ele, estava ficando

cada vez mais atraente. Tempo, idade e experiência estavam deixando marcas no rosto suave que ele achava irresistíveis. Havia mulheres que envelheciam feias, pensou. Graças a Deus, Susan não era uma delas. Sentou na beira da cama.

— Querida — ele disse baixinho. — É Natal. Hora de acordar. Vamos lá, tenho uma coisa para lhe contar.

Tehmina sentiu o ar gelado na sala assim que entrou. Susan e Sorab estavam sentados à mesa de jantar bebericando suas xícaras de chá. Ambos olharam para ela quando entrou no cômodo de camisola e entreolharam-se rapidamente. Cookie não estava à vista. Seu coração ficou apertado. Eles sabem, ela pensou. Henderson já contou a novidade para eles.

— Bom dia — ela disse. — Feliz Natal.

— Feliz Natal — Susan respondeu automaticamente.

Para desapontamento de Tehmina, Sorab nada disse, só mordiscou o lábio superior.

— Bom dia, *beta* — ela disse novamente, e dessa vez ele se levantou e foi até a cozinha, voltando com uma xícara para ela.

— Chá gostoso — ela disse. — Cookie ainda não levantou? — Até então ela era a única que falava.

— Vou acordá-lo já, já. Mas, antes, *Mamma*, precisamos conversar. — Sorab levantou o jornal da cadeira, vinçou-o ao meio e o pôs diante da mãe. — *Mamma*, o que significa isso?

As mãos de Tehmina tremeram tanto diante de sua foto no jornal que respingara chá na toalha vermelha e dourada. Ela escutou Susan prender a respiração antes de se levantar para pegar algumas toalhas de papel. Seu rosto ficou pálido ao ler a manchete e as primeiras linhas da matéria. *Ela é uma visitante nos Estados Unidos*, começava o texto. *Ela é uma estrangeira no país. Mas, para dois meninos amedrontados de Rosemont Heights, Tehmina Sethna, 66 anos, nascida em Bombaim, foi um anjo natalino.*

Como será que o jornal soubera da história?, ela se perguntou. E como tinham conseguido aquela foto? Então ela se lembrou: Claro, o rapaz que veio com os policiais ontem. Ele não tinha mencionado que estava acompanhando

os policiais para escrever uma história sobre a paz? Não lhe dissera que trabalhava para um jornal? Ela não havia entendido então que ele escreveria sobre ela. Tehmina tinha imaginado — o que ela tinha imaginado? Na verdade, nem havia pensado no assunto desde ontem, não é mesmo? E não era esse todo o problema — seu comportamento impulsivo — que havia resultado na separação de dois meninos de sua própria mãe? E, desde o momento em que a polícia chegara, seu pensamento como que voou, como fazem os pássaros quando ouvem um tiro. Ela ficou perturbada, assustada e em pânico diante da ideia de Sorab e Susan descobrirem tudo. E enquanto ficou extraindo promessas do pequeno Cookie para não dizer nada, enquanto estava arrumando a cozinha depois que todos se foram, enquanto desfrutava do jantar nos Vakil ontem, ela não parou de pensar em como estariam Josh e Jerome — enquanto fingia que estava tudo em ordem, o rapaz do jornal escrevia a matéria que agora todo mundo podia ler. A história sobre sua estupidez e sua falta de cuidado.

— *Mamma*, olhe para mim — Sorab estava dizendo, mas Tehmina não conseguia desviar o olhar do jornal.

Ela estava encarando o rosto no jornal, um rosto terrivelmente familiar e ao mesmo tempo uma grande estranheza. Será que ela era tão velha e feia assim? Será que seu olhar era realmente tão desvairado e confuso? Tehmina viu uma mancha de umidade crescer na foto e percebeu que estava chorando. Finalmente tomou coragem para erguer o olhar.

— Sinto muito. Me perdoe. Eu não pensei. Apenas ouvi os meninos sofrendo e não sei o que deu em mim. Fiquei louca, acho.

— Eu só queria não ter descoberto através do Antonio nem dos jornais — Sorab murmurou. — Eu teria esperado que você tivesse...

— Eu sei, eu sei, querido. Eu ia lhe contar, juro. Mas ficamos fora até tão tarde ontem à noite, e eu... eu só queria aguardar o dia de hoje para não estragar seu humor. Sinto muito mesmo.

— O que não entendo é que nós lhe falamos — disse Susan. — Nós lhe pedimos para não se meter com aquela família. E realmente me incomoda que você tenha deixado o nosso Cookie testemunhar a coisa toda. E nem sei o que

isso tudo significa... se você... nós... se nós corremos algum perigo. O que vai acontecer quando eles soltarem essa mulher?

Tehmina olhou para ela, aterrorizada. Ela nem tinha pensado nisso.

— Vou embora! — ela disse com selvageria. — Vou embora para a Índia tão logo consiga uma passagem. Assim, não estarei aqui quando Tara voltar para casa. Estou tão envergonhada, meus queridos, não posso nem...

— Certo. Chega. É manhã de Natal, chega de choro — Sorab disse com maior vigor do que ela ouvira em sua voz em muito tempo. — O que passou, passou. Não há razão para estragar o dia todo com isso. — Ele virou para a mãe. — E não quero mais ouvir sobre voltar para Bombaim, entendeu, *Mamma*? O que vier a acontecer, a gente dá um jeito. — Lançou um olhar de aviso para Susan e se esforçou para dar um sorriso amarelo. — E você não conhece este país doido? Amanhã haverá outro escândalo sobre Michael Jackson ou Tom Cruise ou outra pessoa, e todos vão voltar a atenção para a novidade. Trabalho com mídia... acredite, eu sei. E, pela primeira vez, vou dizer: dou graças a Deus pela curta duração da notícia.

Mas Susan parecia infeliz.

— Eu tentei levar minha vida tão tranquilamente... — ela começou, quando de repente todos foram distraídos pelo barulho alto e ensurdecedor de um exército em marcha. Cookie descia a escada e irrompia na sala.

— É Natal, é Natal! — ele berrava, pulando num pé e depois no outro. — Vamos ver o que Papai Noel me trouxe.

— Cookie! — Susan ralhou. — Que tal dar bom-dia pra todo mundo?

Mas o menino estava excitado demais para raciocinar.

— Vamos, vamos abrir os presentes! — ele berrou enquanto puxava o pai pela mão.

Os três adultos riram. Esse menino é como uma flor, pensou Tehmina. Sua beleza e aroma encham a sala.

— Conversaremos mais tarde — Sorab disse, deixando-se arrastar para a sala ao lado. — Mas, primeiro, vamos abrir nossos presentes.

Cookie exigiu que fosse o primeiro a abrir todos os seus presentes. O papel de presente voou à sua volta como um rodadozinho enquanto ele o

rasgava. Tehmina ficou doente com o desperdício. Se estivessem em Bombaim, ela faria com que Cookie abrisse os presentes com cuidado para que pudessem reaproveitar os papéis. Mas, aqui, os pais apreciam incentivar a destruição frenética.

— Caramba, espere até o Bryan ver isso — Cookie disse sobre um presente. — Alguns segundos depois, acrescentou: — Obrigado, vovó — e deu um beijo rápido na bochecha de Tehmina antes de voltar ao seu lugar no chão, entre pilhas de papéis e caixas que cresciam ao seu redor.

— De nada — ela murmurou, sabendo que Susan tinha posto seu nome num presente que comprara para o filho. — Obrigada. — Ela agradeceu a Susan, apenas mexendo a boca, e recebeu um sorriso discreto e um meneio de cabeça.

O telefone tocou quando Cookie estava abrindo seu nono presente.

— Vamos dar uma paradinha, filhão? — Sorab perguntou, mas, vendo a cara de desânimo do filho, ele riu. — Que diabos estou dizendo? Continua aí, volto já.

Tehmina acompanhou Sorab com o olhar enquanto ele atendia o telefone na sala ao lado.

— Sim? Ah, olá, Joe — ela o ouviu dizer. — Que surpresa boa. Sim, feliz Natal para você também. Como está Heather? — Alguma coisa na voz do filho, certa formalidade, fez com que ela prestasse mais atenção.

— Vovó, mãe, olhem isso. Um vale-presente para uma bicicleta nova do tio Bobby. E eu posso escolher! — Cookie gritou, sobrepondo-se a partes da conversa de Sorab. — Ebaaaaaaaaaaaaaa!

Tehmina conseguiu escutar de novo quando Sorab se referiu a ela.

— Isso, é a minha mãe, sim — ele estava dizendo. — Uma heroína de verdade. Ah, claro, claro. Eu transmito seus votos a ela.

Com quem será que Sorab estava falando? Ele parecia muito tenso. Mas, se não fosse um amigo, quem ligaria tão cedo numa manhã de Natal? Não eram nem oito horas ainda. Ela olhou para Susan, mas a nora estava agachada no chão, pondo pilhas em um dos novos presentes de Cookie.

— Como? — ela ouviu Sorab dizer. — Ah, Grace? Acho que ela está indo bem. Há sempre um período de ajuste, você sabe.

Então ele estava falando com alguém do trabalho. Será que os americanos nunca paravam de trabalhar? Será que não descansavam nem no dia de Natal? Houve uma pausa. E aí Sorab disse:

— Ah, Joe, eu adoraria. Jantar parece ótimo. Você só me avisa quando, tá? Se quiser esperar passar as festas, eu entenderei. Só me avisa.

Depois de desligar, Sorab ficou do lado do telefone por mais um segundo, olhando para o aparelho. Então voltou para junto dos outros com uma expressão engraçada no rosto.

— Era Joe Canfield — ele disse. — O chefão. Ele foi o fundador da agência e é agora o presidente do conselho diretor. Parece que ele viu a matéria sobre a façanha da mamãe no jornal esta manhã. Disse que quer jantar com um herói americano de verdade. — Os olhos de Sorab estavam brilhantes. — Amor, acho que vamos jantar na casa do Joe.

Tehmina olhou ansiosa para Susan, na esperança de que o telefonema a redimisse um pouquinho. Susan parecia incrédula.

— Eu não imaginava que Joe Canfield sequer soubesse nosso número de telefone. Ei, talvez a gente possa ganhar algum dinheiro explorando desavergonhadamente o nosso milagre de Natal aqui — ela acrescentou de maneira casual. Tehmina reparou que, pela primeira vez esta manhã, a nora olhou diretamente para ela.

Cookie assobiou e puxou a manga do pai impacientemente.

— Papai, você viu o que o tio Bobby me mandou? Um vale-presente para uma bicicleta nova — disse Cookie.

Sorab bateu de leve na cabeça do filho.

— Sim, meu querido; ele me contou.

Virou-se para a esposa, mas, antes que pudesse dizer qualquer coisa, o telefone tocou de novo. Dessa vez, Susan levantou de um salto.

— Eu atendo — ela disse.

Um minuto mais tarde, entregou o telefone a Tehmina, sua sobrancelha direita levantada.

— É Eva Metzemaum. Ela disse que quer falar com a heroína americana. — Susan se virou para Sorab quando Tehmina atendeu o telefone. — Talvez a gente deva começar a cobrar entrada — Tehmina a ouviu dizer. Ela não estava certa se ouvia irritação ou divertimento na voz da nora.

— Alô? — Tehmina sussurrou, consciente de que Sorab e Susan a estavam observando. — O que faz acordada tão cedo, Eva? — Tehmina sabia que Eva era reconhecidamente uma coruja que dormia durante a manhã.

— Meu Solomon me acordou depois que viu o jornal. Quase caí da cama quando vi sua fuça no jornal. — A voz de Eva parecia arfante, como se ela tivesse passado aspirador na casa a manhã toda. — Ah, Tehmina, podia explodir de tanto orgulho de você. Não fiquei nem um pouco surpresa com o que você fez. Aquelas pobres crianças. Mas por que teve que pular a cerca, amor? Você podia ter caído e quebrado o pescoço, você sabe. Mas deixa eu lhe dizer que quase caí dura quando vi a sua cara olhando para mim no jornal.

Tehmina sentiu tanta vontade de ver a amiga que seus olhos se encheram de lágrimas. E de repente se sentiu muito cansada, como se já estivesse acordada há vinte e quatro horas. Ela mal pregara o olho à noite, pensando quando seria o melhor momento para contar o que tinha acontecido às crianças. E o dia estava apenas começando. Susan e Sorab nem tinham aberto os seus presentes ainda.

— Como você está, Eva? — ela perguntou.

— Eu? Ousada como sempre. Quem se importa? A pergunta principal é: como você está, querida?

— Estou bem. Só cansada. — Tehmina podia sentir três pares de olhos seguindo sua conversa. — Ouça, Eva. Posso ligar pra você mais tarde?

Ouviu Eva respirar fundo.

— Problemas em casa, querida? Sim, aposto que sua nora não ficou feliz com essa comoção toda. Escute, me liga quando puder, tá? E lembre-se: não importa o que digam, você fez a coisa certa. Mantenha o queixo erguido, querida. Nos falamos em breve.

Tehmina segurou o telefone até ouvir o tom de discagem. Então voltou ao seu lugar no sofá. Cookie, que estava ocupado espalhando e juntando todos

os componentes do seu jogo de Lego, olhou para ela.

— Estou feliz que esteja aqui conosco, vovó — ele anunciou. E, voando do chão, saltou em seu colo e lhe abraçou o pescoço. Ela o abraçou de volta, apertando-o tão forte que o menino gritou. — Vovó, você está me machucando. Vou ficar achatado feito uma panqueca!

Susan se levantou.

— Falando em panquecas... que tal umas panquecas de mirtilo para o café da manhã?

— Oba! — Cookie gritou. — E algumas rabanadas.

— E um pouco de *rava* — Sorab acrescentou com entusiasmo. — Ele olhou para a mãe, e seus olhos disseram o que ele não podia: pediu-lhe perdão e disse que ela estava perdoada também. — Por favor, *Mamma*? Você prepara um pouco do seu *rava* de açafraão?

O coração de Tehmina ficou pesaroso. Pela primeira vez no dia de hoje ela sentia um fio de esperança dentro si. Talvez as coisas acabassem dando certo no final.

— Meu primeiro Natal nos Estados Unidos com o meu filho, e ele tem que me perguntar se vou preparar *rava* para ele? — Ela sorriu. — É claro.

— Então tá combinado — disse Susan. — Abriremos os presentes dos adultos depois do café, tá bom, amor? — ela disse a Cookie.

O menino deu de ombros de maneira exagerada.

— Tá bom. Se vocês conseguem esperar tanto tempo assim — ele disse arrastadamente. Havia algo de tão adulto e de tão cansado da vida no seu tom de voz que todos riram.

Eles já tinham tomado café, e Tehmina e Susan estavam arrumando a cozinha quando a campainha da porta soou. Elas ouviram Sorab, que estava ajudando Cookie a montar um de seus brinquedos novos, resmungar baixinho e depois gritar:

— Pode deixar, que eu atendo!

— Caramba! — ele gritou uma segunda vez. — Ei, senhoras, é melhor virem para a sala o mais rápido que puderem.

As duas mulheres se entreolharam por um segundo. O que será?, o olhar de Susan parecia dizer. Então elas secaram as mãos e correram para a sala. Sorab estava em frente à janela panorâmica, e elas se juntaram a ele. Prenderam a respiração. Parecia uma cena de filme. Todas as três emissoras de TV locais estavam ali representadas por suas vans. Homens com câmeras sobre os ombros estavam filmando a casa. Uma repórter estava diante da van do Canal 3, falando ao microfone. Outras duas pessoas, de tênis, com blocos de nota nas mãos e máquinas fotográficas penduradas ao pescoço, andavam para cima e para baixo na rua.

— Que diabos é isso? — Susan respirou.

Sorab expirou.

— *Mamma* — ele disse —, o que você provocou? — Havia perplexidade em sua voz.

A campainha tocou novamente, com maior insistência dessa vez. Xingando baixinho, Sorab foi até a porta da frente e a abriu.

— Sim? — ele disse.

O rapaz de jeans estava batendo os pés para espantar o frio.

— Olá, senhor — ele disse. — Sou Luke Johnson, do *Daily Mirror*. Estive com sua mãe ontem...

— Ah, então foi você que virou nossa vida de cabeça para baixo — Sorab interrompeu, mas não havia raiva de verdade na sua voz. — Graças a você, nós agora temos que dar conta de tudo isso. — Ele apontou para a magnífica paisagem à sua frente.

Luke sorriu.

— Desculpe. Provavelmente é um dia sem grandes acontecimentos, sendo Natal e tudo o mais. De qualquer maneira, eu estava imaginando...

Houve um súbito tumulto e uma correria na rua quando os outros repórteres viram Luke falando com alguém de dentro da casa. A repórter de cabelos longos correu pelo caminho de lajotas em direção à casa, seguida de perto por seu fotógrafo.

— Com licença — ela disse. — Podemos lhe fazer algumas perguntas?

Sorab simpatizou com o rapaz diante dele. Já não tinha certeza quanto aos outros. Eles eram muitos, de qualquer maneira.

— É melhor você entrar — ele disse, abrindo passagem para Luke.

Até a repórter subir os três degraus da entrada, ele já tinha fechado a porta. Ela tocou a campainha furiosamente, mas ele a ignorou.

— Ei! — ele a ouviu gritar do outro lado da porta. — Isso não é justo.

Luke Johnson sorriu.

— Obrigado — ele disse. E então, localizando Tehmina, disse: — Olá, dona Tammy. Feliz Natal.

— Menino levado — Tehmina ralhou. — Você não me disse que eu ia aparecer no jornal.

Luke pareceu confuso. E surpreso.

— Me desculpe, dona. Achei que tivesse sido claro. Quer dizer, eu lhe disse que era repórter de um jornal. Veja bem, nunca sei o que será uma matéria até o editor dar uma olhada.

A expressão de Tehmina suavizou ao ver que ele tinha ficado perturbado.

— Bom, o que está feito, está feito.

Susan entrou na conversa.

— Olá, sou Susan Sethna, nora de Tehmina — ela disse de maneira reservada. — O que podemos fazer por você hoje?

Luke empertigou-se todo ao ouvir o tom cortante na voz de Susan. Ele assumiu um tom distante e profissional, diferente da maneira com que se dirigira a Tehmina.

— Estou aqui para continuar a entrevista com a dona Tammy, senhora. Alguma coisa a respeito da personalidade dela, sabe?

— Sem mais entrevistas — Sorab interrompeu. — Escute, nós somos apenas pessoas comuns, sabe? Não gostamos de estar sob os refletores. E, de qualquer maneira, essa é uma história muito triste. Não queremos que pareça que estamos explorando a desgraça alheia. Não é, mamãe?

Tehmina concordou, apesar de lamentar que Sorab tivesse falado por ela. Afinal, Luke estava ali para entrevistá-la, e não a eles.

— Sim, não quero mais publicidade, por favor.

A campanha soou mais uma vez, com maior insistência.

— Escutem — Luke disse apressadamente. — Eles não vão embora. Você poderia lhes dar alguma informação. — Vendo seus rostos teimosos, tentou novamente. — Essa é uma história de interesse humano, que faz as pessoas se sentirem bem — ele disse. — Meu editor até mandou essa matéria para a agência nacional de notícias ontem à noite... isso é... isso a torna disponível para qualquer outro jornal do país usar. Você precisa entender... as pessoas precisam de algo que as faça se sentir bem. Olhem o resto do jornal de hoje... só fala de guerra e bombas e tudo o mais. E aqui temos uma mulher que nem é americana e fez o que a maioria de nós não faria. Você sabe o que isso significa? Olhem — ele continuou, desesperado. — Um bocado de coisas boas pode resultar dessa história. Você pode convencer alguém mais a fazer a coisa certa. Poderia inspirar mais alguém...

— Tá bom — Sorab interrompeu. — Vamos fazer o seguinte: preciso consultar o meu melhor amigo, que é advogado, tá? — Ele encarou Luke. — Você não entende... Não era assim que planejávamos passar o dia de Natal. Tenho que voltar ao trabalho amanhã, graças aos caprichos de minha querida chefe. Então, este é meu único dia de folga, tá? E eu não planejei passá-lo falando com a imprensa.

Por um instante Sorab parecia prestes a chorar, como se estivesse lutando com a autopiedade que ameaçava tomar conta dele. Então ele deu meia-volta para ligar para Percy.

Tehmina foi deixada a sós com Luke. Ela notou os flocos de neve nos seus cabelos castanhos e sentiu os dedos coçar para limpá-los. Lembrava de como o rapaz tinha sido delicado com ela ontem, como sua bondade e seus modos amigáveis tinham contrabalançado a polidez formal dos policiais. Agora ela olhou fundo para o rosto de Luke Johnson e decidiu que gostava dele. Havia algo aberto, sincero e confiável em seu rosto. E, também, ele conhecia a dor. Tehmina não poderia dizer como sabia disso, mas tinha certeza. Eram seus olhos.

— Por que você voltou hoje debaixo desse frio, filho? — ela perguntou. — O que mais você precisa saber sobre uma velha como eu?

— Ao que parece, os telefones da redação não pararam de tocar hoje cedo, dona — ele respondeu. — Meu editor ligou para minha casa esta manhã e me disse para vir falar com você mais um pouco. Nossos leitores estão realmente querendo ajudar esses dois meninos... e saber mais sobre você.

— Posso entender em relação aos dois garotos. Mas por que...

— *Mamma* — Sorab a interrompeu. — Me deixe falar com Percy antes de a senhora falar qualquer coisa.

Alguma coisa na voz de Sorab... a maneira como estava insinuando que não devia confiar em Luke e que ela não tinha permissão para confiar nos seus próprios instintos a deixou furiosa. Mantenha seu queixo erguido, Eva lhe dissera, e Tehmina inclinou a cabeça para trás ao olhar para o filho. Seu olhar era firme e sem hesitação quando fitou seu rosto ansioso e a maneira como segurava o telefone. Pela primeira vez neste ano, sentiu que a ordem natural das coisas tinha sido restaurada: ela era a mãe novamente, e Sorab era o filho.

— Vá em frente e ligue para Percy. Ele pode nos aconselhar sobre o que fazer com os demais lá fora. Mas vou falar com este rapaz aqui.

Ignorando o espanto e os olhares sentidos que Sorab e Susan lhe lançaram, ela levou Luke Johnson para a cozinha.

TEHMINA RESOLVEU USAR seu sári azul com a bainha bordada para ir à casa de Joe Canfield. Afinal, por tudo o que Sorab havia falado, Joe era um homem importante. Ela nunca tinha visto o filho tão animado com um jantar antes... seu comportamento lembrava a excitação de Cookie na manhã de Natal.

Natal. Apenas quatro dias tinham se passado, mas parecia uma eternidade. Que país mais doido era esse! Em vez de se preocuparem com os dois meninos que moravam com os tios, ou com Tara, que, apesar dos pecados, era mãe e com certeza sentia saudades dos filhos... em vez dessas reações apropriadas, era como se todos em Rosemont Heights estivessem ocupados venerando-a. E não apenas em Rosemont Heights. Tehmina havia recebido cartas vindas de tão longe quanto Oregon e Flórida. Deus sabe como alguém em Oregon ouvira falar dela e ainda por cima conseguira seu endereço. E o prefeito de Rosemont Heights havia ligado para ela para dar-lhe parabéns. Parabéns pelo quê?, Tehmina quase perguntou. Mas ela começava a desconfiar qual era a resposta... nos Estados Unidos, ser uma celebridade era um acontecimento; algo a parabenizar.

— Ah, *Mamma*, relaxe. — Sorab tinha rido quando ela lhe contara sobre o telefonema do prefeito. O filho estava num bom humor fora do normal desde o Natal. — Aproveita os seus quinze minutos de fama. — Tehmina ficara olhando para ele inquisidoramente, e Sorab teve que explicar o que significava a expressão e quem era Andy Warhol.

Mas mesmo Sorab ficara impressionado com o que acontecera no dia anterior. Ela e Susan tinham ido ao Kmart trocar alguns presentes. Susan estava no balcão de trocas, e Tehmina vagava sem destino pela loja. Enquanto passava as mãos por uns casacos na arara, um estranho careca e com óculos de aro de tartaruga se aproximou dela.

— Você é a mulher do jornal, não é? — ele perguntou. — O anjo natalino?

Tehmina corou, sem saber o que dizer. Mas o homem a tirou dessa situação.

— Deus a abençoe, senhora.

— Obrigada — Tehmina retrucara, pronta para seguir seu caminho. Mas o homem bloqueou a passagem.

— São pessoas como você que fazem a profecia se realizar.

Tehmina olhou espantada para ele.

— Como? — ela perguntou

— Sim, dona, o fim do mundo está chegando — o homem disse. — Você é cristã? — perguntou de repente.

— Não, sou parse. Zoroastrista. Originária da Pérsia.

— Nunca ouvi falar — ele disse. — Mas não importa. Jesus Cristo pode salvar sua alma do inferno se você Lhe permitir. Você quer rezar comigo?

E, para absoluta vergonha de Tehmina, o estranho pegou sua mão e se inclinou para rezar.

— Eu não... quer dizer, com licença — ela disse, tentando soltar sua mão enquanto procurava Susan desesperadamente. E, como se tivesse escutado seu pedido de socorro silencioso, a nora surgiu atrás dela.

— O que diabos está acontecendo?

— Susan. Que bom que você está aqui — disse Tehmina, perturbada.

Mas o homem rezando abafou sua voz.

— Se não se importa, dona. — Ele dispensou Susan. — Não está vendo que estamos ocupados com as coisas do Senhor? E não amaldiçoe diante do círculo sagrado.

— Escute, moço, não sei quem o senhor é, mas se não largar a minha mãe agora, vou chamar o segurança da loja. — E ao dizer isso Susan já estava olhando em volta.

Apesar da vergonha e do medo, as palavras de Susan penetraram em seu coração. Susan a tinha chamado de mãe. Não de sogra. Sua mãe. A felicidade que sentiu com isso lhe deu coragem para puxar a mão do jugo do homem.

— Vamos embora — ela murmurou para Susan, mas o homem as seguiu, esbarrando nos casacos e suéteres.

— É do Senhor que você está fugindo, não de mim — ele ameaçou. — Sua alma vai fritar como toucinho no inferno eterno se não acolher Cristo

como seu salvador.

— Este homem está incomodando as senhoras? — Era um afrodescendente alto e magro, de cabelos curtos da seção de suéteres. E então, sem esperar pela resposta, falou: — Escute, matador. Sou gerente da loja. Se não sair em cinco minutos, eu chamo a polícia.

O homem parecia que ia discutir, mas de repente ficou em silêncio, fazendo Tehmina pensar num balão se esvaziando. Sem uma palavra, ele saiu, resmungando para si mesmo o tempo todo.

— Muito obrigada, senhor...? — Susan procurou um crachá.

O homem riu.

— Na verdade o meu nome é Peter. E não sou o gerente, só um cliente. Mas algumas vezes é necessário mentir para os mensageiros de Deus. — Ele piscou, e as duas riram.

— Bom, assim mesmo, muito obrigada — Susan disse, e Tehmina concordou.

— Ei, não foi nada, não foi nada. — Ele se virou para Tehmina, e seu olhar era sério. — Só queria que soubesse, senhora, que não somos todos malucos neste país. Por exemplo, eu sou cristão, mas não acredito em sair convertendo as pessoas no meio do Kmart. — Eles todos riram novamente. — E se eu puder dizer isso... O que fez foi muito bonito, salvando os dois meninos pequenos. Eu... eu só queria que soubesse disso. Tenho dois meninos e não consigo imaginar... — Ele estremeceu.

Tehmina gostou tanto desse homem cor de chocolate que queria convidá-lo para jantar.

— Muito obrigada — ela disse.

Sabia que suas palavras não eram adequadas, mas queria que ele soubesse que o que dissera era para ela mais importante que o telefonema do prefeito.

— De nada — ele disse com suavidade e, então, com um cumprimento de cabeça, se afastou.

— Há tantas pessoas boas no mundo! — Tehmina suspirou, vendo-o se afastar.

— É, e outro tanto de doidos de plantão também — Susan retrucou. — Você terá de tomar muito cuidado, mãe, especialmente agora que é famosa. — E Susan riu ao dizer esta última palavra.

Como Susan conseguia fazer isso?, Tehmina ficou imaginando. Fazer com que se sentisse culpada por algo que não tinha feito? Será que era culpa sua se o homem maluco se aproximara dela no Kmart e resolvera ganhar uns pontos no céu para convertê-la? Mas, então, ela se lembrou da foto no jornal e de como havia quebrado a promessa feita a Susan. E, também, a lembrança da nora chamando-a de mãe ainda estava fresca e perfumada na memória de Tehmina.

— Desculpe — ela disse, pegando a mão de Susan. — Minha vida inteira sempre foi assim... atraindo todos os loucos. Deus sabe por quê.

Susan apertou a mão dela.

— Porque todos reconhecem uma pessoa boa quando veem uma. — Ela sorriu. E como se isso já não bastasse para Tehmina se emocionar: — Sua bondade irradia de você, *Mamma*. Todos podem ver isso.

Agora Tehmina estava mesmo sem jeito.

— Você está dizendo bobagens.

— Bobagem? Puxa, você acha que não reparo? Se eu for a uma loja sozinha ou até mesmo com Sorab, ninguém me olha uma segunda vez. Mas, se estiver numa fila com você, até a mais grosseira das caixas de repente começa a rir e a falar comigo. O mesmo aconteceu quando fomos passear no Greendale Park no outono passado, lembra? Perfeitos estranhos ficavam sorrindo para nós.

— É porque veem como você e Sorab tomam conta de mim — Tehmina disse. — As pessoas gostam de ver isso... ver uma família amorosa.

— Eu sei. E nossa família tem muito disso, graças a Deus.

Tehmina notou que Susan estava se tornando um pouco mais parecida com todos eles. Mais emocional, mais sentimental, mais... bem, mais parse. Menos americana. Menos branca. Era como se os efeitos da influência de Sorab sobre ela estivessem finalmente aparecendo. Ela suprimiu um pensamento pedante de que eram sua influência, sua devoção ao filho, suas

demonstrações de afeição para com Cookie, que estavam mudando Susan, tornando-a menos inflexível e mais maleável.

Quando será que isso começou a acontecer?, ela perguntou a si mesma. Há mais ou menos uma semana ela estava se queixando de Susan para Eva, estava extremamente ciente do seu jeito desagradável de apertar os lábios e da irritação em sua voz e em seu riso. E então ela percebeu: fora o artigo. O artigo e a sua fama haviam distensionado as coisas em casa.

Agora, arrumando-se para a festa de Joe Canfield, Tehmina ficou pensando se devia usar os brincos de diamante que Rustom lhe dera no seu aniversário de quarenta anos. Não queria aparentar ostentação. Sabia que aqui nos Estados Unidos até as mulheres ricas usavam bijuteria... e nem tentavam esconder o fato. Enquanto, na Índia, até a mais miserável das mulheres teria pelo menos alguma coisa de ouro de boa qualidade, nos Estados Unidos você nem encontrava para comprar ouro de vinte e quatro quilates. Ela se lembrava de quando Sorab lhe contara isso. A primeira coisa que lhe ocorreu foi: como eles podiam então se autoproclamar o país mais rico do mundo? Pegou os brincos de diamante e os aproximou das orelhas. Eles brilhavam como as luzes da árvore de Natal na sala. Tehmina decidiu que ia usá-los. Afinal de contas, Joe Canfield dissera que a festa era em sua homenagem. E tudo o que o homem conhecia a seu respeito era a foto horrorosa do jornal — apesar de Luke ter se redimido fazendo uma foto melhor para a matéria que escreveu no dia seguinte. Mesmo assim, Tehmina sabia que as primeiras impressões eram as que ficavam e queria garantir que impressionaria o chefe de Sorab. Faria qualquer coisa que ajudasse a carreira do filho. Joe Canfield convidara Sorab para jogar squash no início da semana — algo que fizera apenas uma vez, quando o contratara.

Ela pôs os brincos de diamante.

— Boa escolha, Tehmina — ela ouviu Rustom dizer.

Deu um giro. E lá estava ele, encostado na parede, com uma das mãos no bolso direito. Parecendo mais à vontade na casa do filho do que ela jamais se sentira.

— Querido. Há... há quanto tempo está aí parado em pé?

— *Arre wab*. Minha mulher está toda produzida feito uma atriz de cinema, e você acha que eu iria perder a chance de admirar sua beleza?

— Lembra quando você comprou estes brincos para mim? — Os olhos de Tehmina se encheram de lágrimas.

— Lembro — ele disse com suavidade. — Eu me lembro de tudo.

— Tenho tido tanta saudade sua nos últimos dias, *janu*. Tanta coisa aconteceu desde que nos falamos pela última vez...

— Eu sei — ele disse. — Tenho observado você.

— Mas eu preciso...

— *Mamma* — Sorab disse ao entrar no quarto. — Você já está pronta? Então, notando os brincos e o sári, exclamou: — Uau! Está parecendo uma rainha.

— Sorab... — Tehmina virou-se, mas Rustom tinha desaparecido; a quina da parede em que ele estivera encostado estava espantosamente vazia.

— Deus, *Mamma*, alguma coisa errada? Parece que você viu um fantasma. Tehmina se recompôs às pressas.

— Nada. Você me assustou, nada mais.

— Desculpe. Só queria lhe trazer mais algumas cartas dos seus fãs. Temos aqui umas até do Havaí e do Arizona. Provavelmente mais gente mandando cheques para os dois meninos. Todos preenchidos no seu nome, é claro. Não consigo acreditar como as pessoas podem confiar assim... E se você resolvesse receber os cheques e ficar com o dinheiro?

— Sorab. — Tehmina estava chocada. — Eu nunca faria isso.

— Ai, *Mamma*, relaxa. Eu nunca disse que você faria isso. Só disse: como é que esses estranhos podem ter certeza de que você não faria isso?

— *Beta*, tem que haver alguma confiança no mundo — ela disse. — Se não, onde estaríamos?

Sorab deu alguns passos em sua direção e inclinou-se para lhe beijar a cabeça.

— Eu sei. Você está certa, ó famosa senhora. Você já está pronta?

Joe e Heather Canfield moravam em uma casa grande e antiga no lago Eire. Tapetes orientais desbotados cobriam o chão de tábua corrida, enquanto

quadros abstratos, um tanto escuros, estavam pendurados nas paredes. Tehmina observou os móveis de couro, as estantes embutidas, a lareira antiga, as sancas, e sentiu seu corpo relaxar. Esta velha casa parecia tão mais... mais *real*... que a casa de Sorab, acarpetada e moderna, ou o palácio recém-construído dos Jasawala. Por que será que Sorab e todos os seus amigos viviam nessas casas novas e sem alma, quando havia outras casas como esta por aí?, ela se perguntou. A casa de Joe Canfield era antiga, gasta e confortável como um sapato velho. Havia algo ali que a distinguia, algo que expressava a alma do dono e o peso da história da família. Já a casa dos Jasawala, ainda que desenhada por eles mesmos, era anônima e intercambiável, assim qualquer pessoa poderia chegar e ocupá-la. Será que era uma questão entre o novo-rico e o rico tradicional?, Tehmina se perguntava. Talvez porque Joe Canfield fosse rico, ele podia não substituir um tapete que estivesse puído ou um sofá rasgado. O que dizia aquele antigo ditado gujarati? Algo mais ou menos assim: “Se um homem pobre é pego comendo amendoins, dirão que é porque não pode comprar amêndoas. Mas se pegam um rico comendo amendoins, dirão que é porque ele quer variar, porque está cansado de comer amêndoas todos os dias”. Por isso, talvez, imigrantes como os Jasawala precisavam constantemente provar ao mundo que são bem-sucedidos. Era isso que ela gostara na casa de Joe, ela notou: não tinha que provar nada a ninguém. Ela apenas ficava no mesmo lugar havia Deus sabe quantos anos, e era um pouco torta ou estava decadente — que assim fosse.

Ainda que estivesse escuro demais para ver o lago e que as janelas estivessem fechadas, Tehmina podia ouvir as ondas batendo nas pedras distantes enquanto tomava vinho na sala de Joe e Heather. O som das ondas a fez se lembrar do mar da Arábia e, isso, por sua vez, a lembrou de sua amada Bombaim. Ela sentiu uma imensa saudade de casa. Algo nesta casa, com pé-direito alto e sancas, lembrava seu apartamento em Colaba.

— Então, Tammy, quais são as novidades sobre os dois meninos? — Joe estava lhe perguntando.

Ela assustou-se e se obrigou a deixar de ouvir o marulho e prestar atenção no homem diante de si.

— Eles estão com os tios — ela disse. — Na verdade, recebi um cartão deles ontem. — Ela olhou para Sorab e Susan, pedindo perdão. — Eu... eu esqueci de lhes contar... comprei uns presentes de Natal para eles, e os meninos escreveram agradecendo. — E ela não lhes disse que Jerome havia acrescentado no rodapé do cartão: “Peço desculpas por tê-la xingado. Obrigado por ter nos ajudado”.

Os quatro caíram na gargalhada.

— E quando você lhes deu os presentes, Tammy? — Ela podia ver que Joe estava se divertindo com seu charme, querendo algum detalhe que não estivesse nos jornais.

— Quando... quando a polícia os estava levando, eu me lembrei. Queria dar algo a eles porque pareciam estar com muito medo.

Tehmina sentiu todos os olhares nela e se encolheu toda. Ela queria muito que alguém mudasse de assunto e tirasse o foco dela. E, como se tivesse detectado o embaraço de Tehmina, Heather disse:

— Chega, Joe, com o interrogatório. — Ela sorriu para Tehmina. — Desculpe a falta de modos do meu marido. É mais curioso que uma criança de dois anos.

— Sim, mas isso foi o que o fez ser tão bem-sucedido — Sorab disse.

E, mesmo para o ouvido tendencioso e afetuoso de sua mãe, suas palavras soaram um pouco bajuladoras e óbvias demais. Mas parece que Joe não reparou.

— Bom, Tammy, você certamente já viu tudo de bom e ruim deste belo país. Então eu pergunto: do que mais gosta nos Estados Unidos?

— De fazer arco-íris — ela respondeu prontamente.

Joe levantou a sobrancelha esquerda.

— De fazer arco-íris? O que é isso?

— Sabe quando no verão você rega as plantas, com o esguicho, e aí você cria um arco-íris? Adoro isso. Em Bombaim, vivemos todos em apartamento e não temos nem jardins, nem esguichos, nem nada do gênero. Então a gente nunca consegue criar nosso próprio arco-íris. Temos de esperar que a mãe natureza nos abençoe com um.

Joe Canfield suspirou.

— Caramba, que metáfora poderosa temos aí. Meio que resume o país, não é mesmo? — Ele se virou para Sorab e disse, como se fosse um menino de escola: — Você me empresta a sua mãe por alguns anos, por favor?

— Pega uma senha — Sorab respondeu, sorridente. — Tem muita gente na fila na sua frente.

Tehmina corou, e então, como se tivessem reparado em seu constrangimento, todos riram. Em seguida a campainha da porta soou, e todos olharam para Joe com curiosidade. Ele se levantou do sofá.

— Ah, Sorab, esqueci de mencionar — ele disse tranquilamente enquanto saía para atender a porta. — Também convidei a Grace e o namorado dela, o Bryan.

Sorab empalideceu. O sorriso em seus lábios desbotou, e ele lutou para recuperá-lo.

— Ah, claro — ele murmurou.

Tehmina sentiu um desânimo, e sua simpatia por Joe ficou abalada. Por que Joe não mencionara que havia convidado a chefe do Sorab para a festinha? Jogo sujo, ela disse a si mesma.

Houve um burburinho na porta da frente, e em seguida estavam todos na sala, Joe carregando um enorme buquê de flores que Grace obviamente lhe dera. Pensando na garrafa de vinho e na toalha indiana bordada que eles haviam dado mais cedo ao anfitrião, Tehmina se sentiu pequena e humilhada. Eles deviam ter trazido flores também.

Heather deu em seus convidados um beijinho rápido no rosto e saiu correndo para pegar um vaso para as flores.

Grace Butler era alta, magra, loura, e Tehmina não gostou dela de cara. Seu namorado também era alto, magro e louro, mas tinha um rosto bonito e inspirou um pouco de simpatia em Tehmina. Parada, ela se forçou a sorrir quando Grace veio até ela e a beijou no rosto.

— Meu Deus, é a heroína de Rosemont Heights! — exclamou a mulher mais nova. — Uau, você parece diferente da foto nos jornais. — Seus olhos rápidos notaram o sári e os brincos de diamante. — Foi uma aventura e tanto

que você teve, né? Não foi superdeprimente para aqueles meninos? Que falta de sorte ter uma mãe como aquela!

Será que essa mulher estava falando outra língua, algum dialeto do inglês que ela desconhecia?

— Prazer em conhecê-la, Grace — Tehmina disse com tranquilidade.

— Ah, o prazer é todo meu. É trilegal conhecer uma heroína de verdade.

— Olá, Grace. — Mesmo do outro lado da sala, Tehmina escutou a rigidez na voz do filho. — Pensei que você estava fora, esquiando esta semana. — Sorab estava de pé, tão empertigado quanto Al Gore.

Relaxe, *beta*, ela disse a si mesma. Você vale mais do que dez desta mulher superficial. Não deixe que ela o amedronte.

— Ah, oi, Sorab. Ei, Susan. Que bom ver todos novamente. Como vai seu filho? Creme, não é?

— Cookie — Susan disse calmamente. — Mas esse é seu apelido. Seu nome é Cavas.

— Isso mesmo — disse Grace alegremente. — Sabia que era algum tipo de guloseima. — Ela se virou e pegou a mão do namorado. — Ah, este é o Bryan. Bryan, estes são Sorab e sua mulher, Susan. Sorab trabalha para mim.

— Trabalha *com* você — Joe corrigiu sem severidade, sacudindo o indicador para ela. — Na Canfield, todos trabalhamos juntos.

— Como queira — Grace respondeu. Ela revirou os olhos. — Joe é um milionário, mas juro que é um socialista ou algo assim — ela explicou a Bryan.

— Não um socialista. Apenas um democrata.

Será que Tehmina estava imaginando coisas ou ela ouvira um tom mordaz na voz de Joe? Ela de repente achou que Joe não gostava muito de Grace Butler.

— Aceita um pouco de vinho, Grace? Bryan? Tinto ou branco?

— Que tipo de tinto você tem? — Grace perguntou.

— Ah, Deus, nem sei. Provavelmente algum Merlot ou Cabernet. E talvez um Pinot Noir.

— Merlot? — Grace guinchou. — Meu Deus, Joe. Você não viu *Sideways*? Ninguém mais bebe Merlot. É tão... tão...

— Eu bebo — disse Heather entrando na sala. E gosto. — Ela deu de ombros. — Desculpe. Acho que sou apenas uma caipira.

Houve um silêncio breve antes que Grace se recuperasse.

— Bem, vou lhe falar o seguinte, Joe: que tal esse Pinot Noir para mim? E o Bryan também vai beber esse, não é querido? De que safra?

— Safra? — Agora Joe riu abertamente. — Não tenho a menor ideia. Compramos nossos vinhos na Trader Joe's.

Grace pareceu sem graça. Mas apenas por um minuto.

— Ah, Joe, você precisa me deixar apresentá-lo a uma loja de vinhos fantástica aqui na vizinhança. Eles têm degustação toda primeira sexta-feira do mês. — Ela se virou para Bryan. — Querido, que tal chamarmos Joe e Heather da próxima vez? E aí podemos ir ao novo restaurante de sushi para jantar.

— Odeio sushi — disse Heather.

E, dessa vez, Tehmina tinha certeza de que havia algo mais na sua voz. Heather não gostava de Grace, ela percebeu. Tehmina pegou Joe lançando um olhar de reprovação para a esposa.

Antes que Grace pudesse responder, Sorab veio em seu socorro.

— Então, como foi a viagem para esquiar?

— A viagem para esquiar? Ah, Deus, que perda de tempo. Acabou que não tínhamos as reservas para o lugar que queríamos. Bryan fez uma trapalhada, não foi, querido? E eu me recusei a ir a qualquer outro lugar. Quero dizer, esse lugar para onde íamos ia ser incrivelmente fantástico... com uma banheira de água quente no quarto, com massagens. Muito foda. Por fim só ficamos por aqui mesmo, sabe, fazendo viagens curtas, esse tipo de coisa.

Antes que conseguisse se conter, as palavras voaram de sua boca, e Tehmina disse:

— Ah, então Sorab podia ter tirado a semana de férias. Acho que ele não podia sair porque você não ia estar na cidade. — Pelo canto do olho ela viu o filho lhe lançar um olhar horrorizado.

— Não foi nada de mais — Sorab começou, mas Heather o interrompeu.

— Não foi nada de mais?

Grace apertou os lábios.

— Ah, é só uma coisa interna do escritório — ela logo explicou.

— Bom, se é uma coisa interna do escritório, então eu acho que é da minha conta. — A voz de Joe era suave, mas não havia como não perceber a seriedade dela. — O que foi que aconteceu?

Grace suspirou.

— Bom, Sorab e eu tivemos uma divergência. Ele achou que ia tirar folga na semana depois do Natal, mas Bryan e eu já tínhamos planejado a viagem para esquiar. Então eu... nós concordamos que eu iria tirar umas férias para um merecido descanso a dois.

Joe fez uma careta.

— Você não entrou com um pedido para tirar essa semana? — ele perguntou a Sorab.

Sorab corou e olhou para a ponta dos pés. Ele parecia um menino de escola que não quer delatar um amigo, pensou Tehmina, e seu coração se enterneceu com a visão do filho.

— Pedi — ele finalmente respondeu. — Eu entrei.

— No início do ano, como sempre fazemos? — Joe estava pertinaz.

Tehmina de repente viu porque ele era bem-sucedido nos negócios. Mesmo não estando mais diretamente envolvido nas rotinas diárias, seu apego à agência que fundara havia vinte e cinco anos era evidente.

— Isso — Sorab respondeu.

Joe se virou para Grace, dizendo:

— Mas essa é a política da nossa empresa. As pessoas submetem seus pedidos de férias no início do ano.

— Bem, Joe, esse pode ser um modelo que funcionou bem no passado, mas o mundo dos negócios está mudando muito rápido. Todos temos que acompanhar, estar prontos para sermos flexíveis e para...

— Grace — Joe a interrompeu com delicadeza. — No caso de você não ter reparado... o antigo modelo sempre funcionou bem para mim.

O queixo de Grace caiu.

— Eu não estava tentando... — Ela se calou.

A sala ficou tão silenciosa que Tehmina podia novamente escutar as ondas batendo. Susan resolveu falar, para cortar o silêncio:

— Então, Bryan — ela disse, animada —, você trabalha com quê?

Bryan sobressaltou-se ao ouvir seu nome. Tehmina tinha a impressão de que, quando acompanhava Grace Butler, ele não estava acostumado que lhe dessem atenção.

— Ah, sou massagista? — ele respondeu, como se estivesse pedindo permissão para falar e não anunciando um fato. — E também sou personal trainer às vezes?

— Ah, é bom saber disso — Sorab disse, batendo na barriga. — Estou tão fora de forma que preciso fazer algo a respeito deste corpo.

— Mentira — Joe disse imediatamente. — Você me deu uma surra no squash outro dia. É claro que você é muito mais novo, mas mesmo assim...

— Vocês jogaram squash juntos? — Grace perguntou, olhando de um para outro. — Quando foi isso? Acho que não sabia que vocês eram amigos.

Joe olhou diretamente para os olhos verdes de Grace.

— Ah, Sorab e eu somos amigos há muito tempo — ele disse.

Tehmina viu a cabeça do filho balançar diante da mentira descarada. Mas, olhando em volta, reparou que tanto Susan quanto Heather tinham a mesma expressão no rosto — ambas exibiam um sorrisinho, como se estivessem curtindo o desconforto de Grace.

Bryan pigarreou.

— É... é só me ligar se precisar de um personal — ele disse, como se a última troca de frase não tivesse acontecido. Ele pescou a carteira no bolso. — Aqui está meu cartão — ele disse, inclinando-se para entregar o cartão a Sorab.

Sorab deu uma olhada e pôs o cartão no bolso.

— Obrigado. Talvez eu o chame antes do que imagina.

— Bom, estamos todos com fome? — Heather perguntou, se levantando. — Por que não me dão alguns minutos para arrumar as coisas e aí vamos todos para a sala de jantar?

Tehmina se levantou automaticamente.

— Precisa de ajuda? — ela perguntou.

Heather pareceu que ia recusar, mas então sorriu.

— Claro — disse ela, passando o braço em torno de Tehmina como se fossem velhas amigas. — A cozinha é por aqui.

Alguns minutos mais tarde, Heather disse:

— Nada de casais sentados juntinhos. É a única regra. Fora isso, escolham o lugar que quiserem. — Ela puxou Tehmina para um lugar a seu lado.

O cardápio era salmão grelhado, galinha assada com pecã, cuscuz com salsa e damascos secos, um prato de massa com manjeriço e mozzarella fresca e pão caseiro.

— Heather. — Susan prendeu o fôlego. — Você deve ter passado os últimos dois dias trancada na cozinha.

— Ah, Deus, não. Todos são pratos rápidos, acredite.

— Bom, preciso das receitas do salmão e da galinha. Você se importa de partilhar as receitas?

— Claro que não. Eu nunca entendi mulheres que guardam suas receitas como se fossem segredos de Estado. E, nos dias de hoje, com a internet e tudo o mais, parece ainda mais ridículo.

— Você gosta de comida indiana? — perguntou Tehmina.

— Nós *amamos* comida indiana — disse Heather. — Joe, conta pra eles a história de quando passou um ano na Inglaterra.

— Bom, isso foi depois que me formei. Resolvi passar um ano fora. Então passei uns quatro meses na Inglaterra, na Escócia e no País de Gales, você sabe, buscando minhas raízes e esse tipo de coisa. Só pegando carona para lugares diferentes. E adorei cada minuto, exceto a comida horrorosa. Se tivesse que comer mais uma vez o maldito pudim negro ou os salsichões com purê, juro que morreria. De qualquer maneira, eu finalmente cheguei a Londres e tropecei num lugarzinho do curry. E a cada mordida sentia que parte de minha alma estava sendo recuperada. Comi nesse lugarzinho durante o resto do tempo que passei em Londres. O dono, eu ainda me lembro que se

chamava Gautam Patel, guardava um lugar para mim todas as noites. No final de minha estada, eu tinha curry saindo pelos poros em vez de suor.

— Bom, nossa comida parse é diferente do que você encontra nos restaurantes indianos daqui, mas se quiser... eu adoraria cozinhar para vocês antes de voltar.

— Voltar? — Heather se inclinou, passou o braço em torno de Tehmina e lhe deu um abraço apertado. — Espero que você não vá a parte alguma.

Tehmina sentiu que os olhos de Susan e de Sorab estavam nela. Que diabos a havia feito dizer que estava voltando? Ela mesma ainda não se decidira. Ou será que tinha?

— Quero dizer... de qualquer maneira, nós adorariamos recebê-los para uma refeição parse caseira. Você também — ela disse a Grace, apesar de sentir um peso no estômago só de imaginar ter de receber essa mulher e o namorado lindo-mas-burro-feito-uma-porta em sua casa.

— Ah, obrigada, mas não tolero nenhum tipo de comida étnica. Tenho o estômago horrorivelmente sensível. E perversamente traiçoeiro.

— Horrorivelmente? — Joe riu. — Grace, onde aprendeu a falar inglês?
Grace riu de volta.

— Ah, é que fico muito entediada com a nossa língua. Imagine usar as mesmas palavras que se usavam na época de Shakespeare. É tão... tão...

— Renascentista? — disse Sorab.
— Isso.

A ironia na voz de Sorab lhe passou despercebida. Todos, exceto Bryan, riram internamente.

— Bom, parece que funcionou para Shakespeare — Tehmina ouviu Joe falar a si mesmo.

— Ah, senhora Sethna — disse Grace, virando seus olhos verdes para ela. — Eu queria lhe perguntar: como estão passando os dois meninos?

Tehmina ficou tocada. Talvez Grace não fosse tão superficial quanto parecia.

— Estão bem — ela disse com ternura. — Estão por enquanto com uma tia.

— A razão por que estou perguntando... é que tive uma ideia ultrabrilhante quando dirigia para cá. Bryan sempre diz que essa é a maneira com que minha cabeça funciona, nunca desliga, nem à noite, não é amor? Isso o deixa doido às vezes. Enfim, eu estava pensando que a gente podia fazer um anúncio de página inteira nos dois jornais locais com você e talvez com os meninos. Uma única inserção, dizendo: “CANFIELD & ASSOCIADOS SAÚDAM TEHMINA SETHNA, MÃE DE UM DE SEUS EMPREGADOS”. Com muito espaço em branco e bom gosto. — Ela se virou para Joe e Sorab. — O que acham?

— Bom, haveria algumas restrições legais quanto ao uso das fotos dos dois meninos. — Tehmina podia sentir que Sorab estava escolhendo as palavras com muito cuidado. — Afinal, são menores. E com a mãe na prisão...

— Eu acho uma péssima ideia — disse Joe com firmeza. — É apelativa, de mau gosto e extremamente vulgar.

— Joe — Heather sussurrou, pálida —, por favor.

Ele a ignorou.

— Para falar a verdade, preciso ser honesto com você, Grace. Isso me faz duvidar de seu julgamento. Me faz imaginar se você entende alguma coisa da cultura de nossa empresa.

Grace não podia parecer mais abalada se Joe a tivesse socado diretamente no estômago, pensou Tehmina, e sentiu uma pontinha de pena da mulher. Mas, no momento seguinte, ela estava de volta.

— Certo — ela disse. — Então você não gosta da ideia.

Mas Joe não havia terminado ainda.

— Não é apenas a ideia que é ruim. É o raciocínio por trás dela que...

— Joe! — A voz de Heather estava cortante como uma faca. — Este é um jantar festivo. Você não pode tratar de negócios com os nossos convidados a noite toda.

Com esforço evidente, Joe se segurou. Por um minuto houve um silêncio tenso e horroroso enquanto todos esperavam o anfitrião se acalmar.

— Certo, sem mais negócios — ele disse, e se virou para Tehmina. — Ah, e a propósito, entrei na internet para pesquisar sobre os parses. — E,

vendo a expressão de espanto na cara de Tehmina, ele continuou: — Ei, eu tinha que saber tudo sobre a nossa convidada de honra. De qualquer maneira, achei uma linda história sobre como os zoroastristas chegaram à Índia vindos do Irã. Como o chefe deles se acertou com o rei hindu. Você sabe a história?

Se ela sabia a história? Qualquer criança parse que tivesse sido amamentada por sua mãe conhecia a lenda de como o pequeno grupo de persas, cansados, fugira da perseguição no Irã e chegara à pequena aldeia hindu de Sanjan, procurando asilo político. O administrador hindu, não conseguindo fazer com que esse grupo de estrangeiros entendesse que ele não tinha como acomodar mais ninguém na vila, os recebeu na praia com um copo cheio de leite de cabra. O copo deveria simbolizar a impossibilidade de acrescentar mais conteúdo. Mas o sacerdote dos zoroastristas era um homem brilhante. Pegando um pouco do açúcar que tinham em seus suprimentos, ele o acrescentou ao leite, com cuidado para não deixar escorrer nem uma gota. Essa tinha sido sua resposta famosa — a resposta que se tornou fonte de orgulho e identidade para as gerações futuras: Como açúcar no leite, nossa presença vai adoçar o sabor de sua vida, sem desalojá-los ou causar qualquer problema. E então eles receberam permissão para ficar e se transformaram nos parses da Índia.

Sem se preocupar em mencionar a história a Bryan ou Grace, Joe continuou olhando para Tehmina.

— Pensei em você quando li a história — ele disse com delicadeza. — Foi o que você fez, sabe? Adoçou nossa vida com sua presença. Exatamente como seus ancestrais na Índia.

Tehmina corou.

— Obrigada — ela respondeu baixinho, ciente de que, sem ter que levantar o olhar para vê-lo, o filho do outro lado da sala estava inflado de orgulho.

Grace olhou de um para outro.

— Ei, alguém pode me contar do que se trata a história?

Joe pareceu divertir-se.

— Ah, você não precisa saber de tudo, Grace — ele disse despreocupadamente. E, notando que o copo dela estava vazio, ele se levantou. — Acho que não estou sendo um bom anfitrião. Você quer um pouco mais do vinho especial do Trader Joe's, minha querida?

— Claro.

O resto da noite transcorreu de maneira relativamente agradável. Quando a conversa se aproximava de maneira perigosa do tema de trabalho, Heather, com destreza, a levava de volta para filmes, restaurantes e livros. Sorab contou a história de quando Cookie confrontou a professora, corrigindo-a a respeito do fabricação do lápis, e todos riram.

— Bom, eu mesmo podia jurar que eram feitos de chumbo — disse Bryan, e Tehmina descobriu que simpatizava com esse homem, forte e sem cérebro como um bife.

De sobremesa, Heather serviu tortinhas de cappuccino e de frutas que ela mesmo fizera. Joe se controlou por alguns instantes, mas não aguentou.

— Ah, que diabos! O que é uma sobremesa sem chocolate? — E ele voltou com uma barra de chocolate Lindt com avelãs. Heather revirou os olhos.

Na hora de ir embora, Joe chamou Sorab para a sala ao lado.

— Você pode me ajudar com os casacos?

Eles estiveram ausentes por quase dez minutos. Tehmina podia ouvir um eventual murmúrio vindo da biblioteca, mas ambos estavam falando bem baixo, e não dava para entender o que diziam. Ela achou que Grace estava se esforçando para ouvir o que diziam, mas Heather e Susan mantiveram a conversa fluindo, sem interrupção.

Depois de saírem da casa, os Sethna ficaram na entrada da garagem se despedindo de Grace e Bryan durante alguns minutos. Então Susan começou a tremer de frio.

— Hora de levar esta mulher para casa — disse Sorab, abraçando a esposa.

Sorab esperou que Bryan tirasse o carro e aí deu ré. Ele deu uma enorme gargalhada, parte de alegria e alívio.

— Foi uma noite e tanto, né? — ele disse e, quando concordaram, Sorab riu mais um pouco. — Bom, senhoras, isso pode ser terrivelmente prematuro para dizer, me desculpem, horrorivelmente prematuro da minha parte... mas talvez venha aí uma promoção no meu futuro. — Ouvindo ambas prender a respiração, ele continuou: — Isso mesmo. Parece que os negócios não estão indo como deveriam. E Joe parece estar prestes a afundar a incrível e insubmersível Grace Butler.

Sorab assobiou durante todo o caminho para casa.

AINDA NA CAMA e olhando para o despertador, Tehmina ficou alarmada ao ver que já eram nove horas. Graças a Deus, Susan havia levado Cookie para a casa de um amiguinho hoje cedo. Ela não gostaria que o neto a visse relaxada ainda na cama, incapaz de despertar nesta manhã. Tehmina havia levantado algumas horas mais cedo para ir ao banheiro e aproveitara para se despedir de todos entre um bocejo e outro. Sorab tinha olhado para ela com curiosidade, mas, se ficou surpreso ou magoado com o fato de ela voltar para a cama, em vez de ir para a cozinha como sempre fazia, ele nada comentou.

Tehmina sabia que estava cansada. Muitas coisas aconteceram rápido demais. As cartas dos fãs, a ligação do prefeito, os sorrisos cúmplices de estranhos, as brincadeiras bem-intencionadas das mulheres do clube de cartas de Eva, a atenção solícita dispensada por Joe e Heather Canfield, até a maneira atenta e cuidadosa com que Sorab a estava tratando, tudo era demasiadamente impressionante. E, em vez de sentir alegria ou orgulho, Tehmina queria chorar. Toda essa atenção a fazia se sentir muito sozinha e aumentava ainda mais as saudades de seu Rustom. Agora, mais do que nunca, precisava de sua presença afável, sólida e descontraída. Com suas palavras certeiras feito dardos, o marido estouraria essa bolha de admiração e fama que se construía em torno dela.

E Tehmina estava preocupada com os garotos. Ela não tinha notícias deles, com exceção do cartão de Jerome. Queria saber como Joshy estava, se os hematomas em seu rosto estavam desaparecendo. Queria saber como Jerome estava, se o seu coração estava cicatrizando. Se eles sentiam falta da mãe. E como poderiam deixar de sentir? Ela ainda lembrava do olhar de Percy quando sua mãe falecera. Entretanto, claro, aquilo tinha sido diferente. Shirin era uma mãe e uma esposa maravilhosa e dedicada. Mas certamente crianças sentem falta de sua mãe, não importa que pecados tenha cometido. Estarem com Antonio lhe servia de consolo? A não ser por um eventual alô e aceno de mão, ela se lembrava muito pouco da esposa de Antonio da época em que moravam na casa ao lado dos Sethna. Apesar de toda a jovialidade e simpatia de

Antonio, eles eram bem reservados. Agora Tehmina se perguntava: e se a meia-irmã de Tara fosse igualmente violenta, cruel e autoritária? E se, Deus não permita, ela cheirar a álcool já pela manhã como Tara? E se — graças à sua interferência — os meninos tiverem saltado da panela diretamente para o fogo? Alguém estava de olho na mulher de Antonio para garantir que as crianças não recebessem maus-tratos? Será que a polícia ia ficar de olho? Decidiu ligar para Percy a fim de descobrir mais sobre isso. Percy era um advogado e deveria saber. Ela também percebera, com espanto, que ele tinha sido o único que não havia mudado o comportamento com ela desde que a matéria saíra no jornal. Quando Percy olhava para ela, não era um olhar de espanto, admiração, deslumbre ou divertimento. Seu olhar firme dizia que o que Tehmina havia feito era exatamente o que esperava dela. Dizia que ele não ficara surpreso com o que ela fizera. Pensou que em algumas coisas Percy parecia conhecê-la melhor do que Sorab.

Sim, ela ia ligar para Percy e ver se ele podia verificar como estavam os meninos. Ela se espreguiçou e pensou: mas não agora. Primeiro, ela ia dormir mais um pouquinho. Amanhã, Sorab e Susan ofereceriam sua tradicional ceia de *réveillon*, e ela sabia que passaria o dia na cozinha. Tehmina precisava deixar o sono recuperar suas forças. Ela ligaria para Percy ao se levantar.

Quando a campainha da porta soou, o som entrou no sonho que Tehmina estava tendo: ela abria caminho numa floresta verde por entre grandes folhas de bananeira que lhe bloqueavam a passagem. Primeiro achou que a campainha era o grito dos pássaros da floresta e depois, aos poucos, se livrou do sonho e com um grunhido de reconhecimento rolou para fora da cama. É o homem das entregas, ela pensou. Nas últimas semanas havia recebido presentes de Natal de parentes e amigos que moravam fora da cidade. Tehmina tinha se acostumado a assinar as entregas.

Alisando o cabelo com a mão direita, piscando os olhos para dissipar o sono, ela estava miseravelmente consciente do cheiro de seu corpo suado e de sua boca não lavada quando abriu a porta. Ela piscou. Em vez do rapaz no uniforme de entregas, ali estava Tara. Com um olhar muito zangado.

— Olhe — ela disse, antes que Tehmina pudesse dizer uma palavra sequer. — Só queria dizer que vocês entenderam tudo errado. E vocês não tinham nada que se meter na minha vida. Eles... aqueles são os meus bebês, não de vocês. Eu os carreguei na minha barriga por nove meses, não você. E você acha que pode simplesmente aparecer e... e... — Tehmina notou que Tara estava tão furiosa que tremia e seus joelhos bambeavam. Uma pequena bolha de cuspe se formou no canto de sua boca.

Tehmina agora estava totalmente alerta e com medo. Mas o medo a estava afetando agora como o sono a afetara um minuto atrás, paralisando seus braços e pernas e tornando seus movimentos lentos e sem vida.

— Eu... eu não sei o que dizer — ela começou.

Os olhos de Tara dardejavam, furiosos.

— Não, você não fale nada e me escute, sua bruxa velha! — ela disse. — Estou avisando para não se meter na minha vida. Eu vou ter meus bebês de volta, não importa o que tenha que fazer. E se vocês pensam que vou deixá-los com a santinha da minha irmã, estão muito enganados. E da próxima vez que se meterem comigo, não estarei aqui falando calmamente. Da próxima vez...

— E da próxima vez você vai fazer *o quê?* — O urro veio de dentro de Tehmina com tanta força que ela teve que se conter para não olhar para trás a fim de verificar se alguém maior e mais corajoso que ela estava ali, atrás dela. Sua boca estava quente como se tivesse febre. Que ousadia dessa mulher da cara cheia de acne. Ela a estava ameaçando, ameaçando-a como havia feito com seus pobres filhos. Ela, Tehmina Sethna, formada com as mais altas notas na melhor faculdade da Universidade de Calcutá. Ela, filha de um pai culto e digno que era o médico pessoal do prefeito de Calcutá. Ela, filha da melhor violoncelista da cidade. Ela, a mulher de um homem que nunca ousou sequer levantar uma sobrancelha para mostrar desaprovação, muito menos a voz. E aqui estava ela, sendo ameaçada por essa moça horrorosa com cara de galinha. A raiva tornou sua voz ainda mais forte. — O que vai fazer da próxima vez, Tara? Me bater? Me machucar, como fez com aqueles dois meninos inocentes? Fazer meu lábio inchar e sangrar, como fez com Joshy?

Tara parecia tão surpresa quanto a própria Tehmina com a sua reação.

— Você, você... escute aqui, abaixa essa voz, tá ouvindo? — ela guinchou.

— Por quê? Para protegê-la da vergonha? Uma mulher crescida batendo num menininho? E que também é uma mãe? — Tehmina procurava as palavras certas em sua mente acelerada para expressar sua raiva e seu desgosto pela mulher à sua frente.

Não temia mais Tara. Sua raiva a libertara, e agora temia *por* Tara, pelo que faria com essa mulher rude, estúpida e preguiçosa em pé na sua frente. Tehmina encarou Tara, procurando as palavras certas para disparar balas certeiras no coração vazio da mulher. Mas nenhuma palavra expressava, mais do que palidamente, a revolta que estava sentindo.

— Que vergonha! — ela gritou finalmente. E, com uma expressão de profundo desgosto, simulou duas cusparadas no chão. — Pfft! Pfft!

Os olhos de Tara se arregalaram.

— Que diabos você está fazendo, sua bruxa doida?

Tehmina olhou dentro dos olhos de Tara.

— Estou dizendo que você não merece ser chamada de mãe. Estou dizendo que você...

Tara desatou a chorar, seu rosto pálido vincado como uma passa.

— Você não tem ideia do que já passei. Você... é fácil pra gente como você, com seus carrões de merda e tudo o mais. Eu já vi como você mima aquele seu neto. Bom, a minha mãe nunca ligou pra mim, você entende? Estou por minha conta desde os dezesseis anos. E o meu pai, velho bêbado esquisitão, ele... ele teria me vendido para quem pagasse mais. Você não tem ideia do que já passei, dona, por isso cala a sua...

— Chega! — Tehmina tapou os ouvidos. Ela sentiu como se estivesse num daqueles programas da tarde no qual as pessoas lavam sua roupa suja em público. — O que você faz não me diz respeito, Tara.

— Essa moça a está incomodando, dona? — Um homem velho e encurvado estava subindo o caminho da casa de Tehmina. Em sua mão, carregava uma pá de tirar neve. — Porque, se estiver, posso dar um jeito nela para você. — Ele disse isso enquanto batia a pá de leve contra o pavimento.

Com surpresa, Tehmina viu que o velho era o seu vizinho Henderson. Seu coração sentiu um pesar. Outro escândalo na vizinhança envolvendo-a. Era tudo o que precisava.

Tara virou-se para encarar Henderson.

— Vai embora — ela disse. — Xô, velho gagá. Jesus, que vizinhança ruim, essa. Um monte de velhos abelhudos tomando conta da vida uns dos outros.

Henderson se manteve firme.

— Ela a está incomodando? — ele perguntou novamente, ignorando Tara.

Tehmina reparou que os olhos dele estavam lacrimejando, provavelmente devido ao frio. Ela se empertigou toda e lançou um olhar desafiador para Tara.

— Nada de que eu não possa dar conta. Mas obrigada assim mesmo, senhor Henderson.

Sem uma palavra, o homem acenou e se afastou. Tehmina quase lamentou ao vê-lo partir e ter de enfrentar sozinha o rosto magro e marcado de lágrimas à sua frente.

— Tara — ela disse calmamente —, acho que você devia ir embora antes que alguém chame a polícia. — E acrescentou, porque não conseguiu evitar: — Você ainda é jovem, minha querida. Tente dar um jeito na sua vida. Deus a abençoou com duas crianças lindas. Não vire as costas para essa dádiva.

Tara elevou a voz num lamento.

— Estou tentando. Mas é tão difícil para uma mãe sozinha! E você não sabe como esses meninos podem ser umas pestes. Você só vê...

Tehmina segurou a maçaneta da porta com força.

— Não vou ficar ouvindo-a falar mal desses meninos. Se eles não são bons, a culpa é sua. Adeus, Tara. Por favor, não volte mais aqui. — Resoluta, ela fechou a porta com firmeza. E então passou o trinco por dentro.

— Ei, dona, não bata a porta na minha cara, diabos! — ela ouviu Tara gritar do outro lado da porta.

E então a campainha soou insistentemente.

— Tara — Tehmina disse com calma, através da porta —, se você não sumir em cinco segundos, vou ligar para a polícia.

Houve um desaforo final. Então, como se uma cortina tivesse baixado, a casa caiu no silêncio. Tehmina esperou, mal acreditando que Tara tivesse ido embora. Mas, como o silêncio se prolongou, Tehmina ouviu seu coração disparado. E sentiu as pernas ficar bambas. Seu estômago ardia como se tivesse bebido leite muito velho e azedo.

Tehmina foi para a cozinha preparar uma xícara de chá para se acalmar. Distraída colhendo folhas de hortelã e abrindo a geladeira para pegar o leite, ela se surpreendeu com o barulho de panelas e colheres batendo contra a bancada da cozinha. Ficou mais surpresa ainda em perceber que era ela mesma fazendo aquele barulho todo, tentando conter uma fúria assassina. O corpo tremendo e a mente pulsando furiosamente. Seu sangue fervente como a água que ela agora virava na caneca.

Maldita Tara. Maldita. Como ousara aparecer à sua porta, cuspiendo seu veneno, falando mal das crianças, insultando o pobre do sr. Henderson e a ameaçando? Que jararaca! Tehmina lembrou que Percy tinha sugerido que solicitassem uma medida cautelar de afastamento de Tara. Mas Sorab hesitara.

— Vamos esperar para ver o que acontece, chefia — sugerira. — Existe a possibilidade de que alguns dias na cadeia sejam o suficiente para endireitar a mulher.

Mas sua passagem na cadeia só servira para deixá-la mais vingativa. Tehmina fez força para esquecer o que Tara lhe dissera sobre sua mãe e seu pai bêbado. Não queria um fiapo de pena se soltando dessa tapeçaria de raiva e violência que ela estava tecendo. Não queria sentir pena de Tara; não se permitiria isso. Uma mãe não deveria bater nos filhos. Mesmo num mundo confuso, isso era inquestionável. Sem exceções. Tehmina pensou em Krishna e Parvati, o casal sem-teto que vivia diante de seu edifício em Bombaim. Krishna ganhava a vida lavando carros e fazendo pequenos serviços para os moradores de classe média do prédio, enquanto Parvati fazia uns bicos em algumas casas. Mas toda noite os empregadores de Krishna o ouviam surrar a mulher quando voltava do boteco que frequentava. E toda manhã eles ouviam os gritos das

crianças quando Parvati as estapeava e amaldiçoava por terem nascido. Rustom e Tehmina interferiram algumas vezes, condenando-os pela violência mútua, ameaçando não usar mais de seus serviços se não mudassem o comportamento, mas em vão. Krishna chorava e culpava o álcool por torná-lo um demônio; Parvati dava palmadas na testa e culpava seu endemoniado marido por fazê-la descontar sua raiva nas crianças. E, apesar da violência diária, Tehmina ficava maravilhada com a forma íntima com que essa pequena família se reunia em torno do fogareiro para a refeição noturna; ela vira Parvati rindo enquanto escovava com carinho os cabelos compridos da filha e registrara o olhar de pânico de Krishna quando Parvati teve febre tifoide. A realidade era complexa, Tehmina sabia disso. A Índia lhe havia ensinado isso muitas vezes.

Então por que essa relutância em ver Tara em sua complexidade própria? Por que essa frieza, essa vontade justiceira de desconsiderar as raízes do problema do mau comportamento de Tara com as crianças? Será que ela não vira isso com frequência em seu trabalho voluntário, quando a violência marca gerações e as contamina com seu veneno poderoso, infiltrando-se de um recipiente vazio para outro?

Tehmina não sabia a resposta para a primeira pergunta. Talvez tenha sido a visão do lábio ferido de Joshy; ver como o menininho se encolheu quando ela limpou o corte com álcool; ver como o olhar de Jerome se tornou defensivo e sem brilho quando mentiu acerca de como o irmão tinha se machucado. Ou talvez porque aqui eram os Estados Unidos e Tara era americana, e Tehmina simplesmente esperava mais do país mais poderoso do mundo. Krishna e Parvati eram uns coitados, empobrecidos, analfabetos e meio famintos. Como ela poderia culpar Krishna por olhar para a garrafa como um antídoto para seus males? Como não compreender por que Parvati batia nos filhos quando a mulher socava o próprio peito de remorso e decepção? Mas Tara... Nascida branca nos Estados Unidos? Morando numa casa boa, de classe média, mesmo que não fosse sua. Capaz de ter um carro, mesmo que o silenciador estivesse furado. Capaz de mandar os filhos para a escola gratuita. Capaz de ir às compras e gastar com comida menos de sua

renda do que pessoas em qualquer outro país. Tudo isso não era suficiente? Se alguém como Tara não podia ser feliz, que chance tinham as pessoas no resto do mundo?

Ao terminar seu chá, Tehmina foi para a pia. Começou a lavar a xícara antes de lembrar que Susan lhe pedira para usar o lava-louça em vez de lavar tudo na mão. Como você é estúpida!, Tehmina ralhou consigo mesma. Não consegue se habituar a usar um lava-louça, não é? E está aí julgando as outras pessoas. Mas então, lembrando como Tara havia sido desrespeitosa com Henderson — “Xô”, ela dissera ao senhor de idade, como se ele fosse um corvo num piquenique —, Tehmina sentiu uma pontada de raiva novamente. Ela não aceitaria Tara vir a esta casa sujar tudo com seus perdigotos. E se Cookie estivesse em casa e assistisse a toda essa nojeira? Ele já perguntava diariamente sobre o paradeiro de Josh e Jerome. E Tehmina engolia o bolo na garganta e mentia que os meninos estavam bem.

Ela sentia uma necessidade grande de saber como os meninos estavam passando. Também um desejo de ver a meia-irmã de Tara fazer alguma coisa, de deixar claro a Tara que ela não podia vir perturbar Tehmina cada vez que não conseguisse conter sua raiva.

Andando pela sala, abriu o caderninho de telefone de Sorab na letra A. Certamente Antonio não estava mais com tanta raiva dela quanto no dia em que ligou para Sorab. De qualquer maneira, sua própria indignação com Tara certamente seria páreo para a raiva do homem. Mesmo assim, seus dedos hesitaram no telefone por uma fração de segundo antes que ela os forçasse a digitar o número de Antonio. Por favor, faça com que seja a mulher dele a atender, ela rezou.

O telefone tocou apenas uma vez antes que ela ouvisse uma voz masculina rascante dizer:

— Alô?

Tehmina engoliu em seco.

— Antonio? — ela disse. — É a Tehmi... Tammy. Mãe do Sorab. Sua esposa está em casa? — Tarde demais percebeu que não lembrava o nome da mulher dele.

Ela ouviu a respiração dele ficar suspensa, e houve um longo silêncio. Será que ele havia desligado?

— Antonio? — ela chamou novamente.

— Um minuto — ela o ouviu dizer. Ele apoiou o telefone com força. — Marita! — Ela o ouviu gritar. — Telefone para você. É a mãe do Sorab.

— Alô? — A voz no telefone era suave e aveludada. Lembrava a Tehmina do creme de chantili doce que ela usava por cima do pão de crosta dos restaurantes iranianos mais tradicionais. — Em que posso ajudar?

Tehmina percebeu que tinha prendido a respiração. E disse, enquanto exalava:

— Olá, senhora Antonio? — Qual era o sobrenome de Antonio? Por que Sorab não havia tomado nota no caderninho de telefones? — Eu sou... sou Tehmina Sethna. Não sei se lembra de mim. De qualquer maneira, estou apenas ligando para ter notícias de Josh e Jerome.

— Ah, olá, querida. Claro que me lembro de você. E estou tão envergonhada... Tenho pensado em ligar para você há dias. Mas sabe como é, com os feriados e tudo o mais. E com os dois meninos em casa... vou lhe contar, nunca tinha sentido minha idade tanto quanto nesta última semana. Mas você recebeu o cartão do Jerome, querida?

A voz de Marita era tão sedosa, tão melosa, que Tehmina achou que ela talvez estivesse de deboche. O que há de errado com essa família? Primeiro a irmã de Marita grita à sua porta, depois o marido dela é quase mal-educado. E agora ela fala comigo como se eu tivesse seis anos de idade. Apenas fale, ela queria pedir. Se estiver zangada comigo também, só precisa me dizer.

— De qualquer maneira, querida, você devia ter visto a bronca que dei no meu marido assim que soube que ele ligou para o seu pobre filho — Marita continuou. — No dia de Natal, Deus o ajude. Você pode ficar certa de que vou arrastar o Antonio até sua casa para ele pedir desculpas a seu filho assim que os feriados passarem. Você vai ver só. Até lá, querida, diga a seu filho o quanto lamento, por favor?

Tehmina sentiu o corpo relaxar. Ela começou a perceber que Marita estava na verdade lhe pedindo desculpas.

— Não tem problema — ela respondeu baixinho. — Antonio estava certo. Eu não tinha o direito de interferir...

— Não tinha direito! — A voz de seda agora tornava-se um fio de brim. — Ah, meu bem, não diga isso. Nunca diga isso. Ah, querida, só queria que alguém tivesse interferido há mais tempo. Poderia ter poupado um bocado de sofrimento a esses meninos. E quem sabe não teria também ajudado aquela minha irmã problemática. Aquela mulher precisa de muita ajuda, meu bem. Sempre foi meio perturbada, mesmo quando menina. Você sabe, tivemos a mesma mãe. Mas pais diferentes. Minha *mamma*, meu *pappa* e eu viemos da Sicília para os Estados Unidos quando eu tinha sete anos. Mas ainda me lembro da minha terra natal, Tammy. A pessoa nunca esquece seu lar, não é? Ah, que terra: Sicília. Cheia de música e sol e paixão. E assim era o meu pai também, que Deus o tenha. Um camponês pelo trabalho, mas um cavalheiro pelo caráter. Cheio de alegria e música. Tão diferente do diabo americano com quem minha pobre mãe se casou anos depois que meu pai morreu. A essa altura, eu já tinha saído de casa e estava bem casada, graças a Deus. Quase não convivi com a minha meia-irmã, sabe? E minha pobre *mamma* aguentou o que aquele animal lhe fez em silêncio. Mas Tara era um diabrete, mesmo quando pequena. Puxou ao pai mais do que à minha gentil mãe. Eu não sabia o que acontecia dentro daquela casa, juro a você, Tammy. Se soubesse...

— Senhora Antonio. — Tehmina a interrompeu. Ela estava sabendo mais sobre essa família do que desejava. — Eu apenas liguei para dizer...

— Ah, me chame de Marita, meu bem. É como todos me chamam...

— Marita. Tara esteve aqui em casa hoje. — Ela a ouviu prender a respiração do outro lado da linha. — Posso dizer que estava bem zangada. Na verdade...

— Mas que mentirosa! — Marita disse. — Nós pagamos a fiança. E a primeira coisa que eu disse a ela foi: é melhor você não incomodar as pessoas boas da casa ao lado. Porque eu sabia que ela ia aprontar alguma coisa, né? E nós a avisamos para deixá-la em paz. E ela olhou na minha cara e prometeu. Mentiu na minha cara! Ah, minha querida, estou tão... como se diz?...

arrasada. Sinto muito. Ah, espera até eu contar para o Antonio. Ele certamente vai arrastá-la para fora daquela casa pelo nariz.

— Escute — Tehmina disse, desesperada. — Não quero criar mais atrito na sua família. Afinal — ela deu uma risada amarga —, acho que já causei problemas suficientes. Mas preciso lhe dizer: não posso ter Tara ameaçando a minha família. Eu tenho um neto pequeno. Temo que... — Ela tremeu, incapaz de completar o pensamento.

Marita estalou a língua.

— Você não tem nada a temer, Tammy. Eu lhe prometo. Foi um erro estúpido deixar Tara se mudar para a nossa casa. Insisti com meu marido até que ele desistiu. Ele me disse que essa minha porcaria de irmã era encrenca na certa, mas você deu ouvidos? Não, eu estava pensando nos dois meninos morando num abrigo ou com aquele namorado monstruoso que ela tem. Mas, depois disso, lavo as minhas mãos quanto a ela. Desde que a gente fique com os meninos, não me importo aonde ela vai ou o que fará.

— Mas os meninos estão com você? A Tara não vai tê-los de volta logo?

A voz sedosa agora tinha uma bobina de aço no meio da trama.

— Nós vamos ter que convencer o velho juiz, não é mesmo, meu bem? Não vou abrir mão desses meninos sem uma briga, isso posso garantir. Eu disse a Tara que ela tem que se submeter a uma reabilitação, arranjar um emprego e um apartamento, consertar sua vida antes de pensar em pegar esses meninos de volta. E a meu pedido o pão-duro do meu marido contratará o melhor advogado se a gente precisar. Mas vou ficar com esses meninos, meu bem, até que o coração deles derreta toda essa dureza.

Tehmina sentiu que algo derretia no seu próprio coração ao ouvir essas palavras. Então Marita havia percebido também. A couraça que os meninos usavam como pele. Graças a Deus. Ela de repente se sentiu bem mais leve, quase flutuante.

— Adoraria ver Joshy e Jerome um dia desses — ela disse. — Isso, se vocês não estiverem com raiva de mim.

Ela ouviu preocupação e confusão na voz de Marita.

— Raiva? Por quê? Ouça, meu bem, se não fosse por você, eles ainda estariam vivendo com a mãe maluca, apanhando e ouvindo berros enquanto passavam fome. Você devia vê-los aqui em casa, querida. Não que eu esteja me gabando, mas, em apenas alguns dias, posso jurar que já ganharam algum peso. Eles estão engordando com comida caseira saudável. Nada daquela comida pouco nutritiva com que estão acostumados. E, nesta manhã, Jerome me abraçou depois do café e disse: “Eu amo você”. Em todos esses anos que conheço esses meninos, quase nunca vi o mais velho sorrir, muito menos dizer algo assim. — Ela parou. — Olha só, Tammy. Por que não vem almoçar conosco algum dia na semana que vem? Numa quarta-feira, quem sabe?

— Não posso — Tehmina disse tristemente. — Quer dizer, eu não dirijo.

— Ah. Bem, mas não há nada que nos impeça de ir até você. Sei que os meninos iam gostar disso. Exceto, espera. Se Tara ainda estiver aí na casa ao lado... deixe-me falar com o Antonio, meu bem, para ver quando ele a quer fora daí. E, de qualquer maneira, seria melhor para os meninos não voltarem à antiga vizinhança, você não acha?

— E se eu arranjar uma amiga que me leve até o shopping de Richwood? Você costuma ir lá?

— Richwood? Ah, claro. Era aonde eu sempre ia quando morava em Rosemont Heights. Os meninos vão gostar disso também. Talvez possamos todos comer na praça de alimentação. Aquele restaurantezinho italiano ainda existe? Mamma Santa's?

— Não tenho certeza. Mas deixe-me perguntar à minha amiga se ela pode me levar lá na terça. Teria problema se ligasse pra você no domingo, senhora Antonio?

— Marita. Problema nenhum. Será bom vê-la novamente, amor. Os meninos não param de falar de você desde que chegaram aqui.

— De mim?

— É. Como você é boa e tudo o mais. E Joshy, especialmente, fica falando sem parar de um sanduíche de queijo que você fez pra ele. Tentei uns cinco tipos diferentes, mas parece que não é nem parecido. Isso é algo que

você precisa fazer quando nos encontrarmos, querida. Me passar a receita do seu sanduíche de queijo.

Tehmina riu.

— Eu ligo pra você no domingo.

— Ótimo. Nos vemos na terça, se Deus quiser e o diabo deixar. Feliz Ano-Novo para você e para os seus, minha querida.

Tehmina saiu do telefone e atravessou a sala de estar para se sentar na poltrona reclinável. Passeou os olhos pela sala. Uma nesga de sol iluminava um quadrado do tapete cinza. Mas ela estava distraída, perdida em pensamentos. Os meninos estavam falando dela. Sobre o seu sanduíche de queijo, Deus os abençoe. Ela pediria a Eva para levá-la ao shopping na semana seguinte. Ali, ela veria Joshy e Jerome de novo. Os meninos que iria encontrar no shopping estariam gordinhos como gatinhos, não teriam mais a expressão acuada que normalmente apresentavam. Com sorte os hematomas de Joshy teriam desaparecido até lá. Com sorte Jerome sorriria para ela. Talvez ele até sussurrasse um “Eu amo você” para ela.

Você está sendo tola, ela ralhou consigo mesma. Mas não podia deixar de sorrir. Feliz Ano-Novo, Marita havia desejado. E agora, pela primeira vez, Tehmina aceitou a possibilidade de que o novo ano seria realmente feliz.

— OI, DEEKRA, espero que não seja um problema, mas convidei alguns amigos para a festa desta noite — disse Tehmina.

Sorab pareceu surpreso. Mas então ele a abraçou e sorriu.

— Seus *amigos*? Quem é, algum namorado novo?

Susan beijou Sorab de leve no braço.

— Apresse-se, amor. Quem você convidou, *Mamma*? — Sua cara era de mera curiosidade, sem nenhuma reserva de alguns dias atrás.

— Apenas a Eva e o marido dela. Apesar de... só Deus sabe se Solomon virá. Falei pra Eva que a gente deixaria a porta da garagem aberta para seu marido, se ele tivesse a necessidade de mexer em algum carro. — Tehmina sorriu da própria maldade. — E ah... sei que é um pouco em cima da hora, mas estou pensando em chamar o Luke também.

— O cara do jornal? — Sorab grunhiu. — Puxa, *Mamma*. Essa coisa de celebridade lhe subiu mesmo na cabeça, não? Você acha que toda festa agora deve ter um repórter presente?

— Eu apenas tenho pena dele, *deekra*. Ele não tem família por aqui. Os pais dele moram na Carolina do Norte, e ele só está em Ohio há seis meses.

Sorab riu.

— Pode confiar que a minha mãe sabe a biografia completa do cara — ele disse a Susan. — Ele a entrevistou por... vinte minutos, não foi? Parece que *você* acabou entrevistando-o.

— E por que ele ficaria sozinho na noite de Ano-Novo? — Susan acrescentou. — Ele não tem uma namorada ou algo assim?

— Isso, eu não sei. — E então, vendo a cara de ambos, acrescentou: — Bom, se acham que não é uma boa ideia, não preciso convidá-lo. De qualquer maneira, estou certa de que terá outros planos. Talvez eu possa convidá-lo para vir tomar chá noutro dia da semana que vem.

Sorab virou-se para Susan.

— Você se lembra daquela vez que mamãe convidou a caixa do Giant Eagle para jantar? Tudo porque a moça olhou as latas de leite de coco que ela

estava comprando e perguntou como se fazia curry?

Todos riram.

— Mas isso é o que gostamos em você, nosso querido milagre de Natal — Sorab continuou, num tom exagerado. — Então, convida seu reporterzinho abandonado se quiser. Desde que deixe claro que ele não estará aqui como um abelhudo.

— Ele não é um abelhudo — Tehmina começou a defendê-lo, e Sorab caiu na gargalhada.

— *Mamma*. Meu Deus, *Mamma*. Você precisava ver a sua cara. Será que você tem sempre que ser a defensora dos fracos e oprimidos?

Antes que Tehmina pudesse responder, eles ouviram Cookie no alto da escada.

— Pai, não estou atrasado, só um pouco mais lento, tá? — O menino gritou. — Esperem por mim.

— É melhor você descer se não quiser se atrasar para brincar, rapazinho! — Sorab berrou. — E você não vai sair sem comer alguma coisa de café da manhã.

Cookie desceu a escada resmungando. Ele carregava os sapatos numa mão e a meia na outra. A outra meia estava calçada no pé.

— Não quero nenhuma droga de café — ele disse. — E para de me chamar de rapazinho. Não sou mais pequeno.

— E como eu devia chamá-lo? Rapagão?

— Apenas me chame de Cookie, como a mamãe faz.

— Combinado, rapazinho. Epa, Cookie.

Cookie correu para o pai com um grito de indignação e fez de conta que ia socá-lo no peito.

— Certo, certo, chega. — Sorab riu, segurando os pulsos finos do menino. — Agora senta aí e toma o seu café.

— A mãe do Tim vai levar a gente pro Museu de Ciência hoje — disse Cookie com a boca cheia.

— Cookie! Por favor, não fale com a boca cheia — ralhou Susan.

O menino engoliu.

— É uma exposição sobre dinossauros. O Tim já viu uma vez. E a mãe dele disse que a gente podia almoçar no museu. Eu adoooro o chocolate quente de lá — acrescentou ele, lambendo os lábios. — Huuumm.

Tehmina sorriu. Cookie lembrava a ela um capinzal ao vento — delgado, irrequieto, esticando-se na direção do sol. Isso é paz, ela pensou, a partilha de uma refeição com a minha família. Mesmo que ela soubesse que ficaria só o resto do dia — as crianças trabalhariam na véspera do Ano-Novo —, apesar de Susan prometer chegar cedo para ajudá-la com os preparativos para a festa de hoje, dessa vez esse pensamento não a deprimiu. Tehmina sentia como se estivesse se recuperando de uma gripe — a indolência que sentira por meses depois da morte de Rustom parecia que finalmente a deixava. Vinha se sentindo melhor desde a conversa com Marita no dia anterior. Esta manhã, ela se sentira viva, forte e esperançosa. Sim, era isso — o sentimento novo que fazia sua pele tinir, seu sangue correr acelerado, fazendo seus músculos suaves e fortes. Era a esperança. Havia perdido esse sentimento por tanto tempo que achara que uma parte de seu corpo estava morta como Rustom estava e nunca voltaria à vida novamente.

— Quem você está chamando de morto, mulher? — Ela ouviu Rustom dizer e se assustou.

Ele nunca falara com ela diante de outras pessoas. Tehmina olhou furtivamente para a sala de jantar, mas felizmente Rustom não estava à vista. Ela relanceou para Sorab, para ver se ele escutara alguma coisa, mas o filho lia o jornal enquanto comia seu cereal.

A possibilidade de outra conversa com o marido e a sensação de que ele esperava que todos saíssem a deixou impaciente. Tehmina se ocupou, arrumando os pratos no lava-louça enquanto Sorab e Susan juntavam suas coisas e se preparavam para sair. Como sempre, ela ficou à porta para dar tchau.

— Tchau, vovó! — berrou Cookie. — Amo muito você.

— *Mamma*, entre — disse Sorab. — Você vai pegar um resfriado.

— Vou chegar o mais cedo que puder, tá, mãe? — Susan gritou. — Não se canse. Deixe alguma coisa para eu fazer.

Então eles partiram, Susan no seu Corolla azul, e Sorab e Cookie no Saab preto.

Tehmina entrou em casa.

— Rustom? — ela chamou baixinho. — *Janu?*

Nenhuma resposta. Sentindo-se boba, Tehmina foi até a sala à procura de Rustom. Se ao menos o prefeito de Rosemont Heights soubesse que sua heroína era uma mulher que falava com o fantasma do marido!, ela pensou e deu uma risadinha.

Não havia sinal dele. Talvez tivesse imaginado que o ouvira mais cedo. Ela lutou contra o desapontamento, dizendo a si mesma que estava na hora de trabalhar. Havia tanto que ser feito para hoje à noite... Apenas fritar os kebabs de cordeiro ia demorar horas. Para não falar no preparo do chutney para os *bhelpuris* e as *samosas* que iam servir de entrada. E ela havia prometido a Susan que ia juntar e guardar no quarto de Cookie os livros e brinquedos dele que estavam espalhados pelo chão da sala. Na verdade, ia arrumar a casa antes de começar a cozinhar.

Tehmina entrou na sala de jantar, e a primeira coisa que notou foi o livro aberto na mesinha de centro. Ela não lembrava de ter visto aquele livro na noite anterior. E, à medida que se aproximou e leu o título, seu coração começou a acelerar e as lágrimas lhe subiram aos olhos involuntariamente. Era a edição velha de Rustom com as orelhas de burro de *Rubaiyat*, de Omar Khayyam, que agora pertencia a Sorab. Ela sentira como se estivesse cortando o braço direito quando dera o livro ao filho no outono passado. Uma vida inteira de lembranças, um milhão de imagens de Rustom no folhear do livro fino estão imersos nas páginas amareladas. Mas Tehmina sabia que era apropriado que Sorab herdasse o livro do pai. Era seu legado, seu direito de possuir o livro cuja poesia lírica e generosa filosofia haviam significado tanto para seu pai. Mas, mesmo assim, suas mãos haviam tremido ao tirar o livro de sua estante para entregar ao filho.

Agora, vendo o livro sobre a mesinha de centro, suas mãos tremiam novamente. O livro não estava ali na noite anterior quando acabaram de ver o DVD e foram dormir. Ela tinha certeza disso. E a probabilidade de Sorab tê-lo

trazido para baixo, para ler esta manhã, era bem remota. O menino tinha sorte se conseguisse ler os jornais antes de sair para o trabalho, imagine ler um livro. O que significava que havia sido Rustom que tinha... agora ela tinha certeza de que ouvira a voz do marido mais cedo no café.

Firmando as mãos, ela pegou o *Khayyam*. Era a imaginação dela ou o livro estava quente, como se alguém o tivesse tocado recentemente? Seus olhos caíram sobre a página aberta. Era um dos versos favoritos de Rustom:

*Ah, enche a Taça: — de que vale repetir
Que célere passa o Tempo sob os nossos Pés?
Não nascidos no AMANHÃ e falecidos no ONTEM,
Por que nos afligirmos com eles, se HOJE pode ser Doce?*

— Rustom, *janu* — ela sussurrou. — Sei que está aqui. Por favor, querido. Não há mais ninguém em casa neste momento. Venha falar comigo.

— O que acha que estou fazendo, mulher? — Rustom respondeu.

Ele estava sentado na namoradeira, junto da janela.

— Ah, Rustom — ela disse. — Estou tão contente que esteja aqui! Há tanto que quero lhe contar... tanta coisa aconteceu nesta última semana, você não vai acreditar.

— Como estão os dois garotos?

Ela olhou para ele, espantada e boquiaberta.

— Você sabe?

— O quê, acha que não leio os jornais? — Ele sorriu. — Mas, falando sério, você não lembra do empurrão que lhe dei para desentalar da cerca, Tehmi? *Saala*, se não fosse por mim, você ainda estaria hesitando naquela cerca, congelada como um picolé a essa altura.

Ela riu.

— O que você faz, fica me vigiando?

— Sim. Não.

— Bom, fico feliz que sim. Me faz sentir menos solitária saber que está me vigiando.

— Sim, bem, é sobre isso que estou querendo falar com você. Ouça, Tehmi. Depois de hoje, não sei serei mais capaz de... quer dizer, nós não vamos mais nos encontrar assim. Você sabe, às vezes me arrependo de não tê-la forçado a tomar mais decisões enquanto eu estava por perto. Eu decidia as coisas por nós. E, então, o maldito ataque cardíaco foi tão repentino... eu tentei resistir, acredite, sabia que seria um choque para você, mas era tarde demais para mudar as coisas. De qualquer maneira, isso são águas passadas. O que importa é para onde você segue daqui em diante.

— Mas, Rustom, não vou a lugar nenhum.

— Mas você vai. Você precisa. A vida não é nada sem o movimento. Tehmina, me escute: saia de cima do muro. De uma vez por todas, saia de cima da cerca. Se você vai viver aqui, ou em Bombaim, não faz diferença para mim. Mas, onde quer que resolva viver, seja feliz. Querida, essa hesitação e esse adiamento para tomar uma decisão já se arrastaram por tempo demais. É hora de fazer sua escolha. Então faça.

Ela estava silenciosa, mil sentimentos — vergonha, esperança, confusão, dor — flutuando por seu rosto.

— Meu amor — Rustom disse, e a voz dele tinha uma urgência que ela nunca ouvira antes —, por que se preocupar com o futuro se hoje pode ser doce? É tudo o que você tem, querida, o presente. Merda, agora eu também falo por clichês. — Sua voz falhou. — Mas, falando sério, você não tem ideia de como é sortuda, Tehmi? Eu não sabia também até que deixei de existir. Você pensa que eu não queria ficar com a minha mulher, minha família, meu neto, a qualquer hora que bem entendesse? — Ele de repente soou furioso. — Tehmi, não fique calculando cada possibilidade. O futuro não é da sua conta. Você decide com base no que sabe hoje. Você. Decide. *Hoje*.

— Rustom! — ela gritou. — Eu o estou aborrecendo. Por favor, querido, não se zangue comigo. Juro que...

Ele riu, e havia algo áspero em sua risada.

— Zangado com você? Mulher, eu tinha me esquecido como você é bobinha às vezes. Querida, estou zangado comigo mesmo. Você não vê? Odeio vê-la se debatendo assim. Odeio pensar que foi o meu coração se

entregando que criou esse dilema para você. Até isso, essas visitas a você, são um sinal da minha fraqueza, você não vê? Eu não devia estar me metendo. E, uma vez que você se decida, irei embora de volta para onde é meu lugar.

— Ir embora? Rustom, você me deixou uma vez. Se me deixar de novo, eu não sei se...

Rustom deu um sorriso triste.

— Olhe para nós. Dois velhos patéticos. Ah, Tehmi, o que há neste encontro pálido e sem sangue, comparado com a paixão e o encanto que juntos aproveitamos? Por que deveríamos nos acomodar com esses encontros clandestinos? Você merece muito mais, amor. Você está viva... Assuma seu lugar entre os vivos.

Como ela conhecia bem aquele tom de voz... Uma vez que Rustom se decidisse, nada fazia com que mudasse de ideia. Tehmina fechou os olhos e segurou as lágrimas. Podia sentir os olhos de Rustom sobre ela. E o ouviu dizer:

— Você sabe qual é o meu verso favorito de Khayyam?

Ela sacudiu a cabeça, com os olhos ainda fechados, e sussurrou:

— Imagine, todos esses anos, e eu nunca lhe perguntei isso.

— É o mais óbvio, eu acho. — Ele sorriu. — Mas isso é que é surpreendente no amor, não é? Ele reduz tudo a um clichê. — A voz de Rustom era como uma pluma encostada de leve no rosto dela.

Aqui com uma Côdea de Pão sob a Ramagem,

Uma Garrafa de Vinho, um Livro de Poesias — e Você

Ao meu lado, cantando no Descampado...

E o Descampado é agora o Paraíso.

Eu não sei como vou viver o resto da minha vida sem esse homem, ela pensou.

— Blá-blá-blá, você disse isso no enterro também — Rustom respondeu. — E olhe para você... está ótima. Eu sempre lhe disse... você é forte como um touro.

— Você leu a minha mente? — A voz dela era igualmente espantada e indignada.

Rustom atravessou a sala na velocidade em que ela piscou e deu-lhe um beijo leve na testa.

— Querida, sempre li a sua mente. Eu não preciso estar morto para ser capaz de fazê-lo.

Apesar da poça de tristeza dentro dela, Tehmina sorriu. Sabia que o marido estava certo. Estendeu a mão para pegar a dele. A campainha da porta soou. Ela olhou em volta, freneticamente.

— Eu não sei quem é. Você pode me esperar até... — Notou que estava falando para a sala vazia. E que a sala não estava respondendo. Rustom havia desaparecido. — Rustom, escute — ela sussurrou rapidamente. — Não preciso atender a porta. — Mas a sala permaneceu silenciosa e quieta.

Tehmina nunca odiara tanto uma pessoa como estava odiando quem chamava na porta enquanto ela se arrastava para atender. Se for a Tara na porta, juro que ela vai sair daqui carregando a cabeça entre as mãos!, ela amaldiçoou. E se for o homem das entregas, bem, é melhor que esteja entregando o diamante Hope.

Sua raiva evaporou assim que abriu a porta. Eva estava encostada na parede, tremendo um pouco. Tehmina percebeu de imediato os olhos lacrimosos e o nariz vermelho da amiga. Deve ser o frio, pensou Tehmina. Mas então ela pensou em algo bem mais apavorante. Eva nunca viera à sua casa antes sem avisar.

— Eva. — Ela prendeu a respiração e abriu caminho para a amiga entrar. — Está tudo bem? O Solomon...

— Bem — Eva respondeu —, o Solomon está bem. — Eva se virou para encarar Tehmina. — Desculpe vir sem avisar — ela murmurou. — Você sabe que nunca apareço sem avisar. Mas o que fazer? — Ela fez uma careta. — Eu precisava de um ombro amigo hoje.

Eva chorando? Sua grande, alegre e rosada amiga chorando como outros reles mortais? Claro, Tehmina sabia que Eva era uma manteiga derretida. Mas, mesmo assim, nunca tinha visto a amiga daquele jeito antes. Ela estava

acostumada com as piadas picantes, a voltagem de seu sorriso constante, que compensava o brilho fraco do sol de Ohio. Câncer, Tehmina pensou. Deve ser câncer. Por que será que Eva não comentou que estava fazendo exames?

— Você vai ficar bem, minha amiga — ela disse, tentando abraçar a enorme Eva, sem grande sucesso. Acabou colocando a mão em seu ombro. — Estarei aqui com você e a ajudo em tudo o que for preciso.

Eva pegou um enorme lenço vermelho no bolso do vestido e lhe secou o rosto. Ela olhou Tehmina com estranhamento.

— Me ajudar em tudo o que for preciso para quê, benzinho?

Tehmina olhou para ela com a boca aberta, incapaz de dizer a temida palavra. As duas mulheres se entreolharam, e então Eva disse:

— Sei que está um pouco cedo para isso, mas que tal um pouco de vinho? Você tem algum?

Será que ela devia tomar álcool se estivesse doente? Tehmina mordeu a própria língua.

— Claro. Desde que você consiga abrir. Nunca consigo fazer o abridor de vinho funcionar direito

Eva a seguiu até a cozinha.

— O que está lendo? — ela perguntou, e Tehmina notou que ainda carregava o livro de Khayyām com ela.

— Um livro de poesias de Omar Khayyām. Você já ouviu falar dele? Meu Rustom adorava sua obra — ela disse, e sentiu a estranheza de falar de Rustom no passado, enquanto ainda podia sentir seu beijo na testa.

Eva pareceu encabulada.

— Já ouvi falar dele, acho. Me empresta? — Tehmina sentiu o coração pesado. A ideia de o livro deixar esta casa, saindo da proteção de seu olhar, a deixava ansiosa. — O livro pertenceu a meu marido, mas agora pertence a Sorab — ela disse. — Eu posso pedir a ele.

Ela sentiu os olhos de Eva, de um azul tão profundo, e ao mesmo tempo tão inocentes e perspicazes, sobre ela.

— Eu entendo — ela disse com suavidade. — De qualquer maneira, tenho certeza de que a biblioteca tem uma cópia.

Eva serviu uma quantidade generosa de vinho nos dois copos que Tehmina havia posto à sua frente, ignorando os protestos de Tehmina de “chega, chega”.

— Bem — Eva disse, depois de tomar um gole. — À família!

— À família — ecoou Tehmina.

Eva fez uma nova careta, parecia uma falésia lavada pelas ondas.

— Isso, à família. Mesmo que a família a trate feito merda. — Dessa vez ela nem tentou conter as lágrimas, deixando-as correr livremente rosto abaixo e para dentro do copo.

Talvez Eva não estivesse doente, então.

— O que aconteceu, Eva? Você brigou com o Solomon?

— Solomon? Diabos, ele é a única coisa firme na minha vida, Tehmina. Não, é o meu filho, David. Ele e a mulher não judia ligaram hoje da Flórida. Lembra que nós íamos visitá-los no dia 10, como fazemos todo ano? Bom, parece que eles não querem que a gente vá este ano. Podemos dizer que fomos desconvidados. — A voz de Eva soava rouca, como se a mágoa houvesse se alojado em sua garganta feito areia.

— Mas Eva, por quê? O que foi que aconteceu?

— Nada. Nada aconteceu. Eles só se cansaram, nada mais. Parece que os feriados foram muitos cansativos, e eles precisam de tempo para descansar. — Eva revirou os olhos. — Você pode imaginar um rapaz judeu precisando descansar do Natal? O que ele ganhou ficando tão cansado? Isso é que dá casar com uma cristã. Deixa o meu David exausto, de tanto colocar luzinhas na árvore de Natal, beber gemada e cantar cânticos e Deus sabe mais o quê.

Tehmina não reprimiu um sorriso.

— Nós fazemos essas coisas também, Eva — ela disse com cautela.

Eva exalou.

— Verdade. Mas você tem um filho que adora a mãe, meu bem. Que não tem vergonha dela. Que... — Eva se engasgou, e seus olhos vermelhos ficaram cheios d'água. — Que não vê os pais como uma carga. Que não tem de se recuperar antes que possa ver o pai e a mãe.

— Então... ele não quer recebê-los numa visita este ano?

— Quem sabe? Apenas disse que não podia fazer isso este mês. Disse que precisava de um pouco de espaço para respirar. Que respire! Como se Solomon e eu fôssemos sentar na entrada do ar. Do jeito que está, a gente vive como ladrões na casa do nosso próprio filho, andando na ponta dos pés. Bem. Talvez seja uma boa. Talvez a gente possa ir ao Caribe, como sempre sonhamos. — Seu olhar cintilou. — Se ao menos o meu Solomon não tivesse ficado tão magoado com o telefonema. Ele está tão chateado, o pobre homem! Apenas sacudiu a cabeça ao desligar e foi para o quarto sem dizer uma palavra. Já eu... — ela tentou sorrir, mas o queixo tremeu — sou uma ruína, como pode ver. Tudo o que pude pensar foi entrar no carro e vir à sua casa.

— Estou feliz que tenha vindo — disse Tehmina.

Ela queria dizer mais, algo suave e consolador, mas estava ciente de um estranho desconforto. O desconforto que os ricos e afortunados sentem na presença dos que nada têm. Eva estava certa. Ela não podia jamais imaginar Sorab e Susan tratando-a da maneira como David tratava os pais. Aqui estava ela, sendo cortejada e bajulada pelo filho para ficar com ele permanentemente. E estava bancando a difícil, era ela que os mantinha na expectativa enquanto tentava se decidir. Queria poder contar a Eva sobre o sermão de Rustom há alguns minutos, pressionando-a a retomar a vida. Mas isso ia requerer que explicasse a presença dele na sala, e, por mais que confiasse em Eva, não sabia se a amiga compreenderia isso. Sua amiga mais íntima nos Estados Unidos não precisava saber que a vizinha e colega de carteadado não batia bem.

A necessidade de confortar a mulher obviamente magoada à sua frente era grande.

— Eva — ela disse —, você já comeu alguma coisa hoje? Está com fome, meu bem?

Eva se animou.

— O que você tem aí? Já começou os preparativos para hoje à noite?

— Ainda não. Mas há muita coisa na geladeira. O que você quer?

No fim das contas, ela fez uma omelete *masala*, acompanhada de um pouco de *daal*. Tehmina reclamou dessa mistura esquisita de almoço e café da manhã, mas Eva insistiu. Vendo Eva estalar os lábios enquanto comia com

visível prazer, Tehmina sentiu aquela velha e profunda satisfação que surgia nela cada vez que alimentava alguém. Ela se lembrou da primeira refeição que Percy havia comido em sua casa após a morte da querida Shirin. Ela lhe preparara o seu prato favorito de *doodhi murumba* como um agrado especial, para estimular seu apetite. Como ele estava magrinho quando ela o recebeu! Percy, o lápis, os meninos da vizinhança o apelidaram. Mas um ano comendo de sua comida havia mudado isso. Tehmina pensou em Josh e Jerome mastigando os sanduíches de queijo grelhado na mesma cozinha onde Eva sentava agora, derramando sua mágoa e tristeza entre garfadas cheias de comida. Quão vorazes Josh e Jerome tinham sido. O que a lembrou de que tinha de pedir a Eva uma carona até o shopping na terça-feira. Talvez ela pudesse levar alguns sanduíches de galinha no estilo de Bombaim para os meninos. Sem temperos fortes para que gostassem.

— Eva, tenho uma coisa para pedir. Você está livre na terça-feira?

Eva mastigou enquanto pensava.

— Acho que sim. Por quê?

— Por nada, quer dizer, preciso de uma carona até o shopping. Acho que vou encontrar o Josh e o Jerome lá. A mulher do Antonio vai levá-los até lá.

Eva riu com vontade.

— Como conseguiu essa proeza? Você não para, não é, Tammy? — Ela ficou séria. — Seu filho e sua nora sabem disso? Eles não vão achar ruim?

— Eu ainda não contei a eles. Quero dizer, se devo considerar morar aqui para sempre, Eva, preciso tomar as minhas próprias decisões, certo? Afinal, eles já têm um filho. Não precisam me tratar como outro.

Havia algo no olhar de Eva que Tehmina não vira antes. Era respeito.

— É isso aí, Tammy — ela disse com carinho.

Eva se levantou e varreu farelos para o prato vazio. Andou até o lava-louça com os pés calçados apenas com as meias. — Isso estava uma delícia — ela disse. — Obrigada, meu bem. Nunca soube que vinho tinto e omelete eram tão bons para um coração partido.

— Ah, Eva. Acho que vai dar tudo certo com o David. Apenas... quando ligar para ele amanhã, só diga a ele quão desapontada está. Ele

provavelmente nem reparou.

— E quem disse que vou ligar amanhã?

Tehmina olhou espantada para ela.

— Será Ano-Novo. Você não vai ligar para desejar um bom ano?

— Eu acho que ele sabe o nosso número tão bem quanto sabemos o dele

— Eva resmungou.

— Ah, Eva, isso não é do seu feitio, não mesmo. David não deixa de ser seu filho só porque a magoou. Vamos lá, não seja assim.

— Não sei o que quer dizer.

Tehmina podia sentir na voz de Eva a força que estava fazendo para resistir à vontade de mandá-la não se meter mais no assunto. Mas Eva, de todas as pessoas, deveria saber que vivo me metendo na vida alheia, Tehmina riu para si mesma.

— Vou lhe explicar o que quero dizer, — Tehmina insistiu. — O que quero dizer, Eva, é que nenhum de nós está ficando mais novo. Não dá para desperdiçar tempo, meu bem, você não vê? Por isso, quem se importa se é a vez de quem ou o dever de quem ligar? Quero dizer, se fôssemos todos viver quatrocentos anos, talvez a gente pudesse respeitar essa formalidade. Mas do jeito que é... — Ela ficou sem palavras de repente, como as torneiras de Calcutá quando faltava água na sua juventude. — Eva — ela concluiu —, ligue para o David amanhã. Você precisa. Você é a mãe. Você deve aguentar.

— Ai, ai, ai. Primeiro você é o anjo de Natal, agora quer ser um *yenta* judeu? Pode parar com seus sermões. Se eu levantar amanhã e tiver vontade de ligar para o menino, ligo. Quem sabe? — Eva esticou-se para pegar a mão esguia de Tehmina entre suas mãos carnudas. — Agora, deixe eu lhe dar uma ajuda na cozinha. O que precisa ser feito?

— Ah, você não precisa ajudar. Eu dou conta do recado, de verdade. Susan está planejando chegar cedo do trabalho.

— E agora você é uma mártir cristã? Vamos lá, me põe para trabalhar. Deus sabe que um pouco de exercício não vai me matar — disse Eva, pondo a mão no quadril.

Olhando para o relógio da cozinha, Tehmina se surpreendeu com a hora, que já estava bem adiantada.

— Será que é possível que já seja meio-dia? — ela gritou. — Meu Deus, Eva, agora preciso mesmo da sua ajuda. Juro que esse vinho me fez perder a noção do tempo. Você me ajuda a descascar algumas cebolas e a picar coentro? — Ela se levantou, mas Eva segurou seu pulso e a forçou a sentar novamente. Como sempre, Tehmina ficou surpresa com a força de Eva.

— Espera. Esquecemos a coisa mais importante.

— O quê?

— Sobremesa. — Eva sorriu. — O que você vai me servir de sobremesa?

Ela havia feito quase trezentos kebabs pequenos, e eles já estavam quase no fim. Percy estava colocando mais um na boca neste momento.

— Ah, *Mamma* — ele disse a ela. — Que lembranças boas, esses kebabs trazem de volta. Você lembra do almoço de domingo que costumava fazer? Deus, eu ainda sei de cor o cardápio: *dhansak* de galinha, kebabs, *kachuber*. E claro... tio Rustom costumava comprar dois sacos de batatas prussianas do Royal Café.

Tehmina sorriu.

— Rustom sempre gostava de ter algo crocante para comer.

— Eu me lembro da primeira vez que comi na sua casa num domingo. Tinha o tio Rustom, esse importante homem de negócios, bem-sucedido, de quem eu sempre tive um pouco de medo, sabe? E ali está ele, sentado roendo as batatas como um garoto de escola. Passei a gostar dele nesse momento.

— Ele gostava muito de você também. Acho que quando você se formou em direito foi um dos dias em que mais se orgulhou na vida.

— Deus o abençoe. — Percy suspirou. — Tudo o que tenho e sou hoje, devo a ele... a vocês dois.

Sabendo que os empréstimos e as bolsas que ele tinha não eram suficientes, Rustom dera a Percy três mil dólares para ajudá-lo em seu primeiro ano nos Estados Unidos, e Percy sempre dizia que o dinheiro era a diferença

entre ser capaz de pagar uma faculdade de direito nos Estados Unidos e ficar na Índia.

— Se não fosse pela generosidade de vocês, eu ainda estaria na Índia matando moscas para ganhar a vida.

— Tudo o que conseguiu, você conseguiu sozinho, *beta* — disse Tehmina. — Nós só estávamos felizes por poder ajudá-lo a cumprir o seu destino, nada mais.

— E agora é a minha vez de ajudá-la a cumprir o seu — Percy disse imediatamente.

Tehmina riu.

— E que advogado você se tornou! Como você consegue mudar o rumo das conversas assim?

Antes que Percy pudesse responder, Tehmina foi engolfada por um par de braços que a abraçava efusivamente por trás.

— Alô, amiga — a voz de Eva explodiu em seu ouvido. — Há quanto tempo. Espero que tenham sobrado alguns daqueles kebabs de carneiro. Fiquei a elogiá-los para o Sol desde que saí daqui hoje, mais cedo.

— Como está o Solomon? — Ela olhou em volta. — Onde está o Solomon?

— O Solomon é o Solomon — Eva disse, tranquila. — Está falando com o seu Sorab, e depois vai achar um cantinho tranquilo por aí. Você sabe como ele é tímido. Mas se sua comida não o tirar de onde quer que ele esteja se escondendo, então ele será realmente um caso perdido.

Tehmina abaixou sua voz.

— Como está se sentindo, Eva?

— Bem. Muito melhor. Andei pensando sobre o que me disse mais cedo. Sobre nós, as mães, termos que tomar o caminho íngreme e tudo o mais. E eu não ia aguentar não falar com o David no Ano-Novo, de qualquer maneira.

Tehmina sorriu.

— Bom, fico feliz.

Pelo canto do olho, Tehmina viu Joe e Heather Canfield entrarem na sala, procurando o anfitrião. Onde estava Sorab?, ela se perguntou.

— Com licença, Eva — ela disse. — O chefe do Sorab chegou.

— Vai, vai — disse Eva, dando-lhe um pequeno empurrão. — Vai cumprimentar o figurão.

Joe a beijou nas duas faces. Heather simplesmente a abraçou como se fossem velhas amigas.

— Sejam bem-vindos à nossa casa — disse Tehmina. — Não sei onde Sorab está. Mas vou avisá-lo que vocês chegaram.

— Sorab? Ah, quem se importa onde ele está? — Joe disse, cheio de graça. — É a linda mãe dele que a gente veio ver. Mas, de qualquer maneira — ele continuou descontraidamente —, vou ver seu filho até demais. Tenho uma pequena reunião agendada para o dia 3 com a Grace Butler. E, depois dessa reunião, seu filho e eu vamos nos ver muito mais.

Tehmina olhou para ele com medo de acreditar no que achava que estava escutando. Sorab será tão bom gerenciando sua companhia para o senhor, ela queria dizer. Talvez eu seja um pouco parcial por ser a mãe dele, mas o menino realmente será um bom chefe — honesto, justo e esperto. Mas então sua felicidade foi açulada por outro pensamento. Por que a sorte de um era sempre o azar de outro?

— O que vai acontecer a Grace? — ela perguntou.

Joe explodiu numa gargalhada.

— Tammy, Tammy! — ele gritou. — Você não existe. Tem certeza de que não é obra de um computador? — Sua boca se torceu. — Grace é uma sobrevivente. Gente como ela sempre cai em pé. E ela provoca uma impressão inicial muito boa... acredite, eu sei, para minha eterna vergonha.

Cookie se aproximou.

— Vovó — ele disse, puxando-a pela manga —, quero sorvete.

— E quem é este? — disse Joe, agachando-se para olhar o menino. — Espera, não me diga, sei seu nome. É Chocolate... certo? Não? Ah, já sei. É Cacau. Não? Certo, deixe-me ver. Ah, claro, é Creme. Não? Bolo? Bala? Como? Ah, é verdade... Bala é nome de menina.

Cookie estava dando risadinhas e pulando de um pé para outro.

— Não, não, não. É Cookie! — ele gritou. — E é apenas um apelido. Meu nome mesmo é Cavas. — Ele olhou para Heather. — E quem é você? — ele perguntou. — Você é bonita.

Joe ficou de pé.

— Talvez eu largue o pai e traga o filho para trabalhar pra nós — ele disse a Tehmina. — Ele saberá como adular os clientes.

Tehmina se encheu de orgulho.

— Estou tão feliz que estejam aqui! — ela disse a eles. — Agora, por favor, venham se servir. — Ela olhou timidamente para Joe. — Eu até preparei um camarão ao curry para você. — Joe gemeu e pôs a cabeça no ombro de Tehmina. — Você não quer me adotar? — ele disse, imitando a voz de um menininho e fazendo-a rir.

— Ei, estou na fila e lá na frente — disse uma voz. Era Percy. Ele estendeu a mão para cumprimentar. — Me chamo Percy Soonawalla. Sou um velho amigo da família.

— Prazer em conhecê-lo. Sou Joe Canfield, e esta é minha mulher, Heather. O que você faz da vida, Percy?

Deixando Percy com seus convidados, Tehmina pediu licença. A festa estava indo bem, todos os convidados pareciam estar se divertindo, e Susan e algumas de suas amigas tinham assumido a responsabilidade de esquentar e servir a comida. Essa era uma boa hora para dar uma escapulida e descansar alguns minutos. Sua vida inteira tinha sido assim. Em cada festa a que foi ou que deu, havia sempre um momento em que se sentia triste e só, a despeito da alegria em torno dela. Tehmina decidiu subir para o seu quarto e se deitar por alguns minutos. Ela trabalhara o dia inteiro e sabia que teria de continuar acordada pelo menos até meia-noite para receber o Ano-Novo. Além disso, tinha esperança de que Rustom viesse até ela esta noite, para pelo menos vê-la uma última vez. A ideia de começar um novo ano sem ele acentuou sua solidão e melancolia.

Ela adormeceu assim que encostou no travesseiro. Mas seu sono foi agitado, perfurado pelas vozes e pelos risos que subiam da festa e penetravam feito fumaça dentro de seu quarto. Quando acordou de sua soneca, estava

escuro, e seu coração estava acelerado, como se tivesse ouvido um intruso no quarto. Esse é o problema de tirar uma soneca antes da hora de dormir, ela ralhou consigo mesma. Me faz sentir péssima quando acordo.

Tehmina decidiu jogar água no rosto antes de voltar para a festa. Acendeu a luz do banheiro, e seus olhos caíram sobre o livro aberto e emborcado que repousava sobre a caixa da descarga. Era o Omar Khayyam. Como havia chegado aqui em cima? Tinha certeza de que o deixara lá embaixo depois que Eva viera esta tarde. Tentou se lembrar se tinha posto de volta na estante da sala, sem sucesso. Talvez Susan tenha trazido para cima? Mas por que ela faria isso? Tehmina pegou o livro, curiosa para ver em que página Rustom deixara aberto para ela.

*Ab, minha Amada, enche a Taça que lava
Hoje as Lágrimas passadas e os Medos do amanhã...
Porque Amanhã eu poderei ser
Eu mesmo com os setecentos anos do Ontem.*

Tehmina riu. Rustom nunca tinha sido um homem sutil. Nem era o mais paciente dos homens. Se ela não se decidisse logo, acabaria acordando uma manhã com as paredes cobertas de versos do *Rubaiyat*. Assim como o teto e o chão. Rustom obviamente achava que um antigo poeta persa tinha algo a ensinar a uma velha mulher persa.

— Querido — ela sussurrou. — Você está aí?

Mas não houve resposta. E a textura desse silêncio era diferente. Tehmina percebeu imediatamente. Este não era um silêncio de quem escuta e respira. Esse silêncio tinha um vazio, era oco. Rustom não estava ali. Havia mantido sua palavra. Partira mesmo dessa vez, deixando-a ao sabor de suas próprias decisões. Daqui para a frente ela estava por conta própria.

Lágrimas passadas e medos do amanhã, ela pensou. Isso resumia como vivera o último ano. Ela deu alguns passos no chão de ladrilhos para pegar um novo sabonete no armário, e então congelou. No andar de baixo estavam reunidas todas as pessoas que ela amava, e perceber isso lhe provocou um arrepio. Sorab, Cookie, Susan, Percy, Eva, Solomon, até mesmo Joe e Heather

— parece que a família dela não parava de crescer. Qual era aquela expressão que ela ouvira no *Oprah* havia algumas semanas? *Família que escolhemos*.

Escolha. Tomar uma decisão. Sair de cima do muro. Em algumas horas, seria um novo ano. O que quer que decidisse agora — e Tehmina sabia que teria de tomar uma decisão agora, antes de descer de volta para a festa —, o que quer que decidisse agora, ela arcaria com as consequências no novo ano. Lar, ela pensou. Onde é meu lar? Onde é meu lugar? Ela pensou no seu apartamento em Bombaim, nas paredes gastas que precisavam de uma demão de tinta, no precioso retrato de Hussein que ficava acima do sofá, no armário de teca onde os ternos de Rustom estavam pendurados, no novo fogão Bajaj que ele lhe comprara havia apenas dois anos. A ideia de deixar o apartamento, de vender a casa na qual passara a maior parte de sua vida de casada, fazia seus olhos doer. Bombaim de repente cresceu em sua imaginação. Ela esqueceu a imundice, as favelas, a nuvem negra de poluição, o calor insuportável, as multidões atordoantes. Em vez disso, viu o céu dourado ao entardecer, o mar imenso que ficava para além dos prédios *art déco* da Marine Drive, a beleza das antigas construções coloniais ao sul de Bombaim, a escuridão e o silêncio frio de um templo de fogo. Em vez da umidade rasgada e do calor escaldante, ela lembrava do calor suave da manhã em Bombaim; em vez dos ônibus perigosamente apinhados, lembrava das ruas em festa com gente proclamando sua humanidade, num grande contraste com as ruas mortas e vazias de Rosemont Heights que a acolhiam a cada tarde. Mas então ela pensou: E quem, dentre aqueles milhões de pessoas nas ruas de Bombaim, se importa se estou viva ou morta? Sua melhor amiga, Zinobia, certamente, e alguns de seus vizinhos, como Persis, também as diretoras das instituições onde era voluntária se importariam. Mas quem mais? Enquanto aqui, apesar da falta de vida cívica, apesar dos invernos frios e das ruas desertas, apesar do fato de que os condomínios não tinham calçadas, havia pessoas que se importavam muito com o seu bem-estar. Que se preocupavam, que se afligiam, que tinham sua própria vida e destino entrelaçados com os dela. E... então ela engolia sua modéstia... Aqui havia pessoas que, apesar do que imaginara antes, precisavam dela. Podia ver isso agora. Cookie precisava dela, precisava daquilo que apenas

uma avó podia lhe dar. A mãe de Susan morava longe demais para estar sempre presente. Susan precisava dela para aparar alguma de suas arestas e para resgatar nela a suavidade que o cronograma caótico e apertado e o excesso de responsabilidades haviam soterrado. E quanto aos meninos — Percy, Sorab e agora até mesmo Joe —, Tehmina sabia que tinha amor suficiente para dar a todos eles.

Tehmina sabia algo mais também. Que ela ficaria. Aqui nos Estados Unidos. Não era tanto uma decisão, mas mais um reconhecimento de algo que ela já sabia, uma conclusão lógica de seu raciocínio. Diferentemente dos filmes, nenhum rufar de tambores ao fundo, nenhum clarinete anunciava que ela havia chegado a uma conclusão. Porque, na verdade, a decisão fora tomada alguns dias antes. Quando afrouxara seu aperto na cerca e encontrara a coragem para saltar, ela havia aterrissado em algo mais do que no jardim de Antonio. Havia aterrissado nos Estados Unidos. A cerca fora a linha divisória entre o seu passado e seu futuro, entre a Índia e a América. Tehmina ficou maravilhada com o fato de não ter entendido isso até um minuto atrás, que seu corpo e sua mente estavam agora apenas alcançando seu destino. Move-se a mão que escreve, ela pensou. O quarto estava em silêncio enquanto Tehmina lavava o rosto. Pela primeira vez em meses, aquela sensação nervosa e agitada que se instalava em seu estômago desaparecera.

Ela ia ficar. Mas nas suas próprias condições. E o mais importante é que deveria ter seu próprio apartamento. Não havia nenhuma razão para as crianças venderem esta casa para comprar uma maior. Sim, ela iria insistir nisto: que tivesse um lugar só seu. Assim, poderia ter sua independência e as crianças, sua privacidade. Tehmina nunca vivera um único dia de sua vida sozinha — deixara a casa do pai para se mudar para o apartamento com Rustom —, mas, de alguma maneira, a ideia não a preocupava. Na verdade, ela se sentia ousada e animada com a perspectiva.

Sorab certamente iria se opor a isso. Ele e Susan não entenderiam e talvez até ficassem magoados. Mas Tehmina seria firme. Enfrentaria os argumentos passionais com a pura razão. E não voltaria atrás. Afinal de contas, ela era a mulher que pulara a cerca. Que havia temporariamente sequestrado

dois meninos. Que havia rezado com um doido no meio do Kmart. Que havia recebido um telefonema do prefeito. Que recebia apertos de mão de desconhecidos. Era uma celebridade, uma estrela. Era uma heroína americana aproveitando seus quinze minutos de fama. Era insuperável, invencível.

Tehmina deu uma risadinha. Que figuraça você se tornou, ela ralhou consigo mesma. Que senhorio vai querer alugar uma casa para uma maluca? Mas ela já estava imaginando como iria decorar seu apartamento. Certamente traria o Hussein de Bombaim. E algumas das mobílias menores também. No verão, iria com Susan comprar algumas plantas. Talvez o apartamento tivesse uma varandinha onde pudesse ter flores. E fazer arco-íris.

Ela desceu a escada rapidamente, e Sorab surgiu a seu lado.

— *Mamma*, onde você estava? — ele perguntou. — Estava ficando preocupado... não a vi em parte alguma.

— Estava no meu quarto. Me refrescando.

Ele olhou para ela com atenção.

— Você está bem, *Mamma*? Você parece... não sei... um pouco corada.

— Estou ótima — ela respondeu.

Tehmina abriu a boca para lhe contar, mas se segurou. Não, ela ia esperar. Ia esperar até brindarem a virada do ano. Esperaria a contagem regressiva terminar, começando no dez, nove, oito... até que chegassem ao zero e o ambiente desmoronasse em saudações e preces silenciosas de esperança. Esperaria até que tivesse abraçado o filho e dito quanto o amava, até que tivesse sussurrado para Susan quanto era grata por ter uma nora tão maravilhosa, até que tivesse apertado Cookie e lhe contado que ele era parte de seu fígado, e até que o neto torcesse o nariz e dissesse: “Eca!”. Esperaria até que tivesse circulado nesta sala repleta de gente que ela conhecia e amava, até que tivesse desejado a cada um deles um novo ano cheio de esperança, sonhos e desejos. Não desejaria a nenhum deles sucesso ou prosperidade ou riqueza, porque a mágica estava na capacidade de sonhar. Ela sabia disso agora. Os Estados Unidos haviam lhe ensinado isso. Quanta sabedoria em falar da busca pela felicidade e não pela felicidade em si...

Ela esperaria alguns minutos depois de meia-noite e então puxaria Sorab e Susan para um canto. Talvez os levasse para a cozinha ou para a saleta, ao lado da sala de estar. E então, sozinha com seus filhos, ela lhes comunicaria sua decisão. Há quanto tempo se decidiu?, eles lhe perguntariam, e ela responderia: “Esta noite”. Como decidiu?, perguntariam, e ela sacudiria a cabeça e diria: “Não sei. Não foi exatamente uma decisão. Foi mais uma constatação”. E então, se estivesse bem-humorada, ela citaria Omar Khayyam, só para ver seu filho gemer e dizer: “Ah, não. Você também, *Mamma?*”.

— Ah, eu conheço esse seu olhar — disse Sorab, rindo. — O que você está aprontando, *Mamma?*

Ela arregalou os olhos para ele.

— O que quer dizer, *beta?*

— Nada. — Sorab baixou a voz. — *Mamma* — ele sussurrou —, guarde esse segredo para você, *achcha?* Mas Joe acabou de me dizer que vai mandar a Grace embora. Ele quer que eu assumo tudo.

— Eu apenas espero que Joe saiba quão sortudo ele é — ela disse com os olhos brilhando, úmidos. — Ele ainda vai agradecer às estrelas o dia em que tomou essa decisão.

Sorab riu.

— Boa e velha *Mamma*. Mas devo isso tudo a você. Foi você que fez com que Joe reparasse em mim.

— Querido, ouro pode ficar enterrado por cem anos. Mas, mais cedo ou mais tarde, seu brilho atrairá a atenção de alguém. Isso é resultado do seu trabalho duro.

— Sorab, amor, me faz o favor de pegar mais umas garrafas de vinho tinto no porão? — Susan disse, chegando perto deles. E, virando-se para Tehmina, perguntou: — Ele já lhe contou a novidade?

— Sim. Tenho tanto orgulho dele!

— Eu também. — Susan sorriu. — Está se divertindo, mãe? Não está cansada demais? Estou tão triste que tenha tido que cozinhar tanto sozinha...

— Não foi nada. Além disso, Eva me ajudou.

— Falando em Eva, parece que o marido dela se deu superbem com a Tanya Davar. — Susan levantou a sobrancelha ao se afastar. — Talvez Eva devesse tomar mais cuidado com o marido — ela disse, cantarolando, e Tehmina riu.

Eva. Ela precisava achar a amiga para lhe perguntar uma coisa. Entrou na sala e olhou em volta até achá-la de pé com um grupinho. Esperou com educação que Eva terminasse de contar uma piada sobre judeus e comida chinesa e então a segurou pelo cotovelo.

— Posso dar uma palavrinha com você em particular? — ela murmurou. — Eva girou e pegou no seu braço enquanto se afastavam.

— Está tudo bem? — ela perguntou, e Tehmina notou com gratidão o medo e a preocupação em sua voz.

— Está tudo bem — ela respondeu.

Quando chegaram num canto onde não havia mais ninguém, Tehmina se virou para Eva.

— Eva — ela disse com os olhos e a voz firme —, pode parecer que não é o melhor momento, mas preciso lhe pedir um grande favor.

— Tá brincando comigo? Qualquer coisa pra você. Topo até mesmo se quiser fugir com o meu Solomon para Las Vegas. — O sorriso de Eva ficou ainda maior. — Talvez eu até pague você pra fugir com ele.

Tehmina riu.

— Deixe de ser boba. Mas, falando sério, escute. Quero lhe pedir o seguinte. — Ela respirou fundo e suspirou, sabendo que a resposta selaria sua decisão de ficar. — Eva — ela disse —, você me ensina a dirigir?

Eva respondeu com um grito de felicidade. A amiga a abraçou com tanta força que Tehmina achou que seus ossos iam se quebrar sob tanta alegria.